

DUNGEONS & DRAGONS®

FORGOTTEN REALMS®

R.A. SALVATORE

CERCO
DAS
TREVAS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

DUNGEONS & DRAGONS®

FORGOTTEN REALMS™

R.A. SALVATORE

CERCO
DAS
TREVAS



Lembro como se fosse ontem a primeira vez que entrei em contato com o mundo de *Forgotten Realms* e conheci Drizzt Do'Urden. Ele sempre foi um personagem heróico, estiloso e que inspirou dezenas de aventuras que vivi jogando RPGs de mesa nos anos 2000. Ainda criança me imaginava girando suas espadas duplas e comandando sua pantera companheira Guenhwyvar, criando inúmeros perigos ali no jardim de meus pais (risos). Ver suas aventuras nas páginas de R. A. Salvatore e ainda mergulhar em toda uma cultura Drow, intrigas da corte, traições e guerras foi como sentir com meu amigo de longa data e escutar de sua própria boca as jornadas vividas por ele.

Em uma das campanhas que joguei entendi o poder de heróis como Drizzt nas mesas de RPG, meu mestre na época fez nosso grupo encontrar Drizzt e Guenhwyvar perto de Neverwinter e foi LITERALMENTE a sensação de encontrar um rockstar de quem eu era muito fã. Na época sequer sabíamos a fundo a história de Drizzt, para mim ele era um Ranger rápido e superforte que passava uma vibe de quem tinha tudo sob controle e não importava se isso era verdade ou não, eu só sabia que era o que eu queria ser também.

Espero que os que hoje iniciam a leitura de *Cervo das Trevas* sintam

toda a empolgação que eu sentia quando imaginava Drizzt saltando de cima de um muro, deslizando por baixo de obstáculos, comandando Guenhwyvar para atacar oponentes fora de seu alcance e fazendo um balé-espiral-da-morte com suas cimitarras Fulgor e Morte Gelida. Ele foi uma das mais fortes referências de personagens em um cenário de RPG para mim e tenho certeza que ainda pode ser de inúmeras outras pessoas que narram RPGs de mesa em *Forgotten Realms*.

— Felipe “Vinzaum” Alvim
(Canal *Guanx Chinchili*)



Uma das principais séries de fantasia do mundo, *A Lenda de Drizzt* mostra as aventuras do elfo negro Drizzt Do'Urden pelas terras de *Forgotten Realms*, principal cenário de *Dungeons & Dragons*. Escrita por R. A. Salvatore (autor também de romances do universo *Star Wars*), a série teve seu início nos Estados Unidos, em 1988. Hoje conta com mais de trinta títulos, diversos prêmios e múltiplas passagens pela lista de best-sellers do New York Times.

**DUNGEONS
& DRAGONS®**

R. A. Salvatore

A Lenda de Drizzt, Vol. 9

CERCO DAS TREVAS

Tradução
Carine Ribeiro

A Lenda de Drizzt, Vol. 9 — Cerco Das Trevas

©2005 Wizards of the Coast, LLC. Todos os direitos reservados. Dungeons & Dragons, D&D, Forgotten Realms, Wizards of the Coast, The Legend of Drizzt e seus respectivos logos são marcas registradas de Wizards of the Coast, LLC.



Título Original: The Legend of Drizzt, Book 9: Siege of Darkness

Tradução: Carine Ribeiro

Revisão: Emerson Xavier e Elisa Guimarães

Diagramação: Aline Haar e Vinicius Mendes

Ilustrações da Capa: Todd Lockwood

Cartografia: Todd Gamble

Ilustrações do Miolo: Dora Lauer e Walter Pax

Conversão para e-book: Cássia Bellmann

Editor-Chefe: Guilherme Dei Svaldi

Equipe da Jambô:Guilherme Dei Svaldi, Rafael Dei Svaldi, Leonel Caldela, Ana Carolina Gonçalves, André Schwertz, Andrew Frank, Cássia Bellmann, Daniel Boff, Daniel Ramos, Davide Di Benedetto, Elisa Guimarães, Freddy Mees, Glauco Lessa, J. M. Trevisan, Karen Soarele, Marcel Reis, Marcelo Cassaro, Marlon Vernes, Matheus Tietbohl, Maurício Feijó, Pietra Nuñez, Priscilla Souza, Tatiana Gomes, Thiago Rosa e Tiago Guimarães.



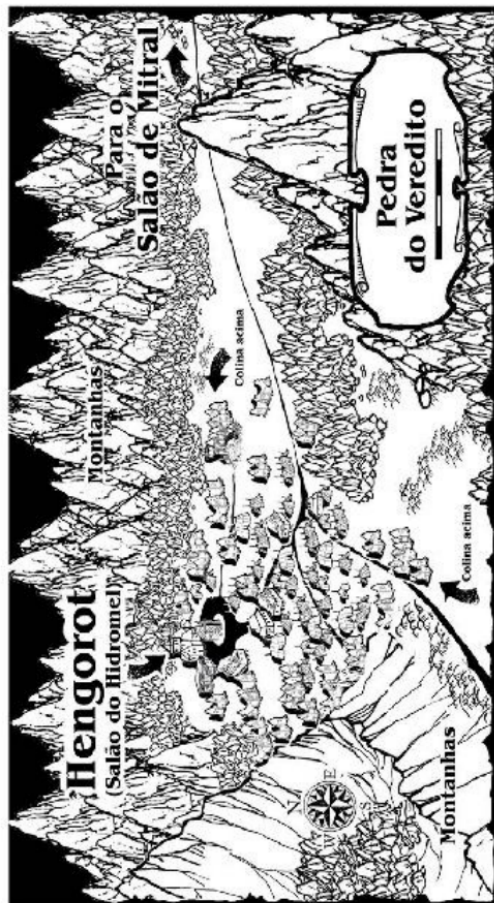
Rua Coronel Genuíno, 209 • Porto Alegre, RS • CEP 90010-350 •
contato@jamboeditora.com.br • www.jamboeditora.com.br

Todos os direitos desta edição reservados à Jambô Editora. É proibida

a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios existentes ou que venham a ser criados, sem autorização prévia, por escrito, da editora.

1^a edição: julho de 2022

Para Lucy Scaramuzzi, a mais verdadeira das professoras, aquela que me ensinou a fazer um livro, mesmo que todas as minhas ideias em suas aulas da segunda série tenham sido roubadas do desenho do Snoopy!



Prólogo

SOB QUALQUER PONTO DE VISTA, era uma criatura bonita demais para estar caminhando em meio ao lodo agitado dessa camada esfumaçada do Abismo. Bela além do comum, suas feições eram esculpidas de forma delicada, e sua pele de ébano brilhante dava-lhe a aparência de uma obra de arte animada, uma escultura de obsidiana que ganhara vida.

As coisas monstruosas ao seu redor, lesmas rastejantes e outros habitantes com pares de asas de morcego, monitoravam cada movimento dela, observavam-na com cuidado, com cautela. Mesmo os maiores e mais fortes deles, demônios gigantescos que podiam destruir uma cidade de tamanho considerável, mantinham uma distância segura, pois as aparências podiam enganar. Embora essa fêmea parecesse delicada, até mesmo frágil pelos padrões dos monstros horríveis do Abismo, ela poderia facilmente destruir qualquer um, quaisquer dez, ou mesmo cinquenta, dos demônios que agora a observavam.

Eles sabiam disso também, e sua passagem foi desimpedida. Ela era Lolth, a Rainha Aranha, deusa dos drow, os elfos negros. Ela era o caos encarnado, um instrumento de destruição, um monstro sob uma fachada delicada.

Lolth caminhou com calma até uma região de cogumelos altos e grossos aglomerados em pequenas ilhas em meio ao turbilhão imundo. Ela caminhou de ilha em ilha sem se preocupar, pisando tão levemente sobre o lodo que nem mesmo as solas de suas delicadas sapatilhas pretas estavam sujas. Ela encontrou muitos dos habitantes mais fortes deste nível, até mesmo verdadeiros demônios de tanar'ri, dormindo em meio àqueles bosques de cogumelos, e os despertou com brusquidão. Inevitavelmente, as criaturas irritáveis acordaram rosnando e prometendo tortura eterna, e inevitavelmente, ficaram muito aliviados quando Lolth exigiu deles apenas uma única resposta para uma única pergunta.

— Onde ele está? — ela perguntou a cada um deles, e embora nenhum dos monstros soubesse da localização exata do grande demônio, suas

respostas guiaram Lolth, orientando-na até que por fim ela encontrou a criatura que estava procurando, um enorme tanar'ri bípede com uma boca canina, os chifres de um touro e tremendas asas coriáceas dobradas atrás de seu enorme corpo. Parecendo bastante entediado, estava sentado em uma cadeira que havia esculpido de um dos cogumelos, com sua cabeça grotesca apoiada na palma de uma mão. Garras sujas e curvas arranhavam ritmicamente sua bochecha pálida. Em sua outra mão, a criatura segurava um chicote de muitas línguas e, de vez em quando, o agarrava, chicoteando ao lado da cadeira de cogumelos, onde se agachava a infeliz criatura menor que havia selecionado para tortura durante esse ponto da eternidade.



O habitante menor gritava e choramingava de forma digna de pena, e isso atraiu outro golpe ardente do chicote do demônio impiedoso.

A criatura sentada grunhiu de repente, com sua cabeça se tornando alerta, os olhos vermelhos olhando atentos para o véu esfumaçado girando ao redor do trono de cogumelo. Algo estava por perto, ela sabia, algo poderoso.

Lolth então se mostrou, sem desacelerar nem um pouco enquanto observava esse monstro, o maior da área.

Um grunhido gutural escapou dos lábios do tanar'ri, lábios que se curvaram em um sorriso maligno, depois se transformaram em uma carranca enquanto analisavam a bela criatura entrando em seu covil. A princípio, o demônio acreditou que Lolth era um presente, uma elfa negra perdida e errante longe do Plano Material e de sua casa. No entanto, não demorou muito para o demônio perceber a verdade.

Então, endireitou-se em sua cadeira. Em seguida, com incrível velocidade e fluidez para alguém de seu tamanho, ele se levantou, mostrando seus três metros e meio de altura e passando a olhar a intrusa de cima.

— Sente-se, Errtu — Lolth ordenou, acenando com a mão, impaciente.
— Eu não vim para destruí-lo.

Um segundo grunhido saiu do orgulhoso tanar'ri, mas Errtu não fez

nenhum movimento na direção de Lolth, entendendo que seria fácil para ela fazer o que acabara de dizer que não tinha vindo aqui para fazer. Apenas para manter um pouco de seu orgulho, Errtu permaneceu de pé.

— Sente! — Lolth disse de repente, em um tom feroz, e Errtu, antes de registrar o movimento, se viu de volta ao trono de cogumelo. Frustrado, ele pegou seu chicote e bateu na criatura que choramingava e rastejava ao seu lado.

— Por que está aqui, drow? — resmungou Errtu, com sua voz profunda quebrando em notas mais altas e crepitantes, como unhas na ardósia.

— Você ouviu os rumores do panteão? — perguntou Lolth.

Errtu refletiu sobre a pergunta por um longo momento. Claro que ele tinha ouvido falar que os deuses dos Reinos estavam brigando, pisando uns sobre os outros em buscas por poder carregadas de intrigas e usando criaturas menores inteligentes como peões em seus jogos particulares. No Abismo, isso significava que os habitantes, tanar’ri ainda maiores, como Errtu, com frequência eram apanhados por intrigas políticas indesejadas.

O que era exatamente o que Errtu imaginava, e temia, estar acontecendo aqui.

— Um momento de grande conflito está se aproximando — explicou Lolth. — Um momento em que os deuses pagarão por sua tolice.

Errtu riu, um som grave e terrível. O olhar vermelho brilhante de Lolth caiu sobre ele com desdém.

— Por que tal evento a desagradaria, Senhora do Caos? — perguntou o demônio.

— Este problema estará fora da minha alçada — explicou Lolth, mortalmente séria —, fora da alçada de todos nós. Vou gostar de ver os tolos do panteão se estapeando, despojados de seu falso orgulho, alguns talvez até mortos, mas qualquer ser adorado que não seja cauteloso se encontrará preso no problema.

— Lolth nunca foi conhecida por cautela — Errtu afirmou, seco.

— Lolth nunca foi idiota — rebateu a Rainha Aranha rapidamente.

Errtu assentiu, mas se sentou em silêncio por um momento em seu trono de cogumelo, digerindo tudo.

— O que isso tem a ver comigo? — ele por fim perguntou.

Os tanar’ri não eram adorados e, portanto, Errtu não retirava seus poderes das orações de nenhum fiel.

— Menzoberranzan — respondeu Lolth, nomeando a lendária cidade do povo drow, a maior base de seus adoradores em todos os Reinos.

Errtu inclinou sua cabeça grotesca.

— A cidade já está um caos — explicou Lolth.

— Como você gostaria — Errtu acrescentou, e então riu. — Como você garantiu que estaria.

Lolth não refutou essa afirmação.

— Mas há perigo — continuou a bela drow. — Se eu for pega nos problemas do panteão, as orações de minhas sacerdotisas ficarão sem resposta.

— E espera que eu responda a elas? — Errtu perguntou incrédulo.

— Os fiéis precisarão de proteção.

— Eu não posso ir para Menzoberranzan! — Errtu rugiu de repente, com sua indignação, a indignação de anos de banimento, transbordando. Menzoberranzan era uma cidade do Subterrâneo de Faerûn, o grande labirinto abaixo da superfície do mundo, mas embora estivesse separada da região de luz solar por quilômetros de rocha espessa, ainda era um lugar do Plano Material. Anos atrás, Errtu estivera naquele plano, atendendo ao chamado de um mago menor, e continuou por lá em busca de Crenshinibon, o Fragmento de Cristal, um artefato poderoso, uma relíquia de uma era passada e mais próspera de magia. O grande tanar’ri esteve tão perto da relíquia! Ele tinha entrado na torre que tinha criado à sua imagem, e tinha trabalhado com seu possuidor, um humano lamentável que teria morrido em breve, deixando para o demônio seu cobiçado tesouro. Mas então Errtu conheceu um elfo negro, um renegado do próprio rebanho de Lolth, de Menzoberranzan, a cidade que, ao que parecia, ela agora queria que ele protegesse!

Drizzt Do'Urden derrotou Errtu e, para um tanar'ri, uma derrota no Plano Material significava cem anos de banimento no Abismo.

Errtu tremeu visivelmente de raiva, e Lolth deu um passo para trás, preparando-se para o caso da criatura atacar antes que pudesse explicar sua oferta. — Você não pode ir —, ela concordou, — mas seus lacaios podem. Farei com que um portal seja mantido aberto, e todas as sacerdotisas do meu domínio deverão cuidar permanentemente dele.

O rugido estrondoso de Errtu abafou as palavras.

Lolth entendeu a fonte dessa agonia. O maior prazer de um demônio era andar solto no Plano Material Principal, desafiar as almas fracas e os corpos ainda mais fracos das várias raças. Lolth entendeu, mas não empatizou. Lolth nunca sentia empatia por nenhuma criatura.

— Eu não posso negar! — Errtu admitiu, seus grandes e bulbosos olhos vermelhos se estreitaram perversos.

Sua declaração era verdadeira. Lolth poderia pedir sua ajuda simplesmente oferecendo-lhe sua própria existência em troca. A Rainha Aranha era mais esperta do que isso, no entanto. Se ela escravizasse Errtu e fosse, de fato, conforme esperava, pega pela tempestade que se aproximava, Errtu poderia escapar de sua captura ou, pior, encontrar uma maneira de revidar. Lolth era maliciosa e impiedosa ao extremo, mas era, acima de tudo, inteligente. Ela tinha consigo algo para agradá-lo.

— Essa não é uma ameaça — disse com honestidade ao demônio. — É uma oferta.

Errtu não interrompeu. Ainda assim, o demônio entediado e indignado tremia à beira da catástrofe.

— Eu tenho um presente, Errtu — ela ronronou —, um presente que permitirá que você acabe com o banimento sob o qual Drizzt Do'Urden o colocou.

O tanar'ri não parecia convencido.

— Sem presente — ele resmungou. — Nenhuma magia pode quebrar os termos do banimento. Só aquele que me baniu pode acabar com ele.

Lolth assentiu com a cabeça. Nem mesmo uma deusa tinha o poder de ir contra essa regra.

— Mas é exatamente disso que estou falando! — exclamou a Rainha Aranha. — Este presente fará Drizzt Do’Urden querer você de volta em seu plano de existência, de volta ao seu alcance.

Errtu não parecia convencido.

Em resposta, Lolth levantou um braço e apertou o punho com força, e, com um sinal, uma explosão de faíscas multicoloridas e uma explosão retumbante sacudiram o lodo giratório e roubou por um momento o cinza perpétuo do nível lúgubre.

Desamparado e espancado, de cabeça baixa — pois não demorava muito para que alguém como Lolth acabasse com qualquer orgulho — ele saiu da névoa. Errtu não o conhecia, mas entendia o significado desse presente.

Lolth apertou o punho com força outra vez, outro sinal explosivo soou, e seu cativo caiu de volta no véu de fumaça.

Errtu olhou para a Rainha Aranha com desconfiança. O tanar’ri estava mais do que um pouco interessado, é claro, mas ele sabia que a maioria dos que já haviam confiado na diabólica Lolth pagou muito por sua tolice. Ainda assim, essa isca era grande demais para Errtu resistir. Sua boca canina se transformou em um sorriso grotesco e perverso.

— Cuide de Menzoberranzan — disse Lolth, e ela acenou com o braço diante do caule grosso de um cogumelo próximo. As fibras da planta ficaram vítreas, refletindo a fumaça, e um momento depois, Lolth e o demônio viram a cidade drow. — Seu papel nisso será pequeno, garanto — disse Lolth —, mas vital. Não me falhe, grande Errtu!

Era tanto uma ameaça quanto um apelo, o demônio sabia.

— O presente? — ele perguntou.

— Quando as coisas estiverem bem.

Mais uma vez, um olhar suspeito cruzou o rosto enorme de Errtu.

— Drizzt Do’Urden é uma ninharia — disse Lolth. — Daermon N’a’shezbaernon, sua família, não existe mais, então ele não significa

nada para mim. Ainda assim, me agradaria assistir o grande e maligno Errtu fazer o renegado pagar por todos os inconvenientes que ele causou.

Errtu não era estúpido, longe disso. O que Lolth estava dizendo fazia todo o sentido, mas ele não podia ignorar o fato de que era Lolth, a Rainha Aranha, a Dama do Caos, que estava fazendo essas ofertas tentadoras.

Ele também não podia ignorar o fato de que seu presente lhe prometia alívio do interminável tédio. Ele poderia bater em mil demônios menores por dia, todos os dias, torturá-los e enviá-los rastejando lamentavelmente de volta para a lama. Mas se ele fizesse isso por um milhão de dias, não seria igual ao prazer de uma única hora no Plano Material, caminhando entre os fracos, atormentando aqueles que não mereciam sua vingança.

O grande tanar'ri concordou.



Parte 1

Escombros da Discórdia

Eu observava os preparativos que se desenrolavam no Salão de Mitral, preparativos para a guerra, pois, embora nós, em especial Cattibrie, tivéssemos causado à Casa Baenre uma derrota dolorosa em Menzoberranzan, nenhum de nós duvidava que os elfos negros poderiam vir até nós mais uma vez. Acima de tudo, a Matriarca Baenre provavelmente estava com raiva e, depois de passar minha juventude em Menzoberranzan, eu sabia que não era uma coisa boa ter a primeira matriarca-mãe como inimiga.

Ainda assim, eu gostava do que estava vendo aqui na fortaleza dos anões. Acima de tudo, eu gostava do espetáculo de Bruenor Martelo de Batalha.

Bruenor, meu querido amigo. O anão com quem lutei desde meus dias em Vale do Vento Gélido — dias que pareciam muito tempo atrás — e eu, de fato, temia que o espírito de Bruenor tivesse sido quebrado para sempre quando Wulfgar caiu, que o fogo que guiava o mais teimoso dos anões através de obstáculos parecendo intransponíveis em sua busca por recuperar sua terra natal perdida tivesse sido para sempre apagado. Aparentemente não, percebi naqueles dias de preparação. As cicatrizes físicas de Bruenor eram mais profundas agora — seu olho esquerdo estava perdido, e uma linha azulada corria diagonalmente em seu rosto, da testa até a mandíbula — mas as chamas do espírito haviam sido reacesas, queimando brilhantes atrás de seu olho restante.

Bruenor dirigia as preparações, desde concordar com os projetos de fortificação sendo construídos nos túneis mais baixos até o envio de emissários para os assentamentos vizinhos em busca de aliados. Ele não pedia ajuda na tomada de decisões e não precisava de nenhuma, pois este era Bruenor, Oitavo Rei do Salão de Mitral, um veterano de tantas aventuras, um anão que havia conquistado seu título.

Seu luto havia desaparecido, e ele era rei mais uma vez, para a alegria de seus amigos e súditos.

— Deixe os malditos drow virem — Bruenor rosnava com bastante frequência, e sempre ele assentia em minha direção se eu estivesse por perto, como para me lembrar que ele não tinha a intenção de fazer nenhum insulto pessoal.

O que foi, eu me perguntei, que arrancou o anão enlutado de seu desespero? E não era só Bruenor. Ao meu redor, via uma empolgação, nos anões, em Cattibrie, até em Regis, o halfling mais conhecido por se preparar para o almoço e a sesta do que para a guerra. Eu sentia, também. Aquela antecipação formigante, aquela camaradagem que tinha a mim e a todos os outros dando tapinhas nas costas um do outro, oferecendo elogios pelos acréscimos mais simples à defesa comum e levantando nossas vozes juntos em alegria sempre que boas notícias eram anunciadas.

O que era? Era mais do que o medo compartilhado, mais do que dar graças pelo que tínhamos enquanto percebíamos que poderia em breve ser roubado. Eu não entendia então, naquele tempo de frenesi, naquela euforia de preparações frenéticas. Agora, olhando para trás, é uma coisa fácil de reconhecer.

Era esperança.

Para qualquer ser inteligente, não há emoção mais importante do que a esperança. Individual ou coletivamente, devemos esperar que o futuro seja melhor do que o passado, que nossos descendentes e os deles após eles, estejam um pouco mais perto de uma sociedade ideal, qualquer que seja a nossa percepção disso. Com certeza a esperança de um guerreiro bárbaro para o futuro pode diferir do ideal fomentado na imaginação de um fazendeiro pacífico. E um anão não se esforçaria para viver em um mundo que se assemelharia ao ideal de um elfo. Mas a esperança em si não é tão diferente. É nesses momentos em que sentimos que estamos contribuindo para esse fim, como era no Salão de Mitral, quando acreditávamos que a batalha contra Menzoberranzan viria em breve — que derrotaríamos os drow e acabaríamos, de uma vez por todas, com a ameaça da cidade Subterrânea — que sentíamos o verdadeiro júbilo.

Esperança é a chave. O futuro será melhor do que o passado ou o presente. Sem essa crença, há apenas o autoindulgente, o esforço vazio supremo do presente, como na sociedade drow, ou simples desespero, o tempo da vida desperdiçado em esperar a morte.

Bruenor havia encontrado uma causa — todos nós encontramos — e nunca estive mais vivo do que naqueles dias de preparação no Salão de Mitral.

Capítulo 1

Diplomacia

COM SEU CABELO GROSSO ARRUIVADO se sacudindo abaixo de seus ombros, Cattibrie trabalhava furiosamente para manter as cimitarras giratórias do drow afastadas.

Ela era uma mulher de estatura sólida, com cinquenta e nove quilos de músculos firmemente tonificados por viver sua vida com o clã anão de Bruenor. Cattibrie não era estranha à forja ou ao trenó.

Ou à espada, e esta nova lâmina, com seu punho de metal branco esculpido à semelhança da cabeça de um unicórnio, era de longe a arma mais equilibrada que ela já tinha empunhado. Ainda assim, Cattibrie se via com dificuldades, na verdade, superada, por seu oponente. Poucos nos Reinos poderiam se igualar no uso das lâminas com Drizzt Do'Urden, o ranger drow.

Ele não era maior do que Cattibrie, alguns quilos mais pesado talvez, com sua estrutura musculosa e esguia. Seu cabelo branco pendia tão baixo quanto a cabeleira de Cattibrie e era tão espesso quanto, e linhas de suor brilhavam em sua pele de ébano, um testemunho da proficiência da jovem. As duas cimitarras de Drizzt se cruzaram na frente dele — uma delas brilhando em um azul feroz mesmo através do estofamento protetor que a cobria — então voltaram em um movimento amplo, convidando Cattibrie a estocar direto entre elas.

Ela era esperta o bastante para saber que não devia fazer a tentativa. Drizzt era rápido demais e podia golpear sua lâmina perto de sua ponta com uma cimitarra, enquanto a outra alternadamente se abaixaria, golpeando pelo caminho oposto perto do punho. Com um único passo na diagonal para o lado, seguindo sua lâmina mais próxima em bloqueio, Drizzt venceria.

Cattibrie recuou e posicionou sua espada à sua frente em vez disso. Seus profundos olhos azuis espiaram além da lâmina, que havia sido engrossada com material pesado, e ela fixou o olhar nos olhos cor de lavanda do drow.

— Uma oportunidade perdida? — provocou Drizzt.

— Uma armadilha evitada — Cattibrie foi rápida em responder.

Drizzt avançou com pressa, suas lâminas se cruzando, se afastando e cortando na diagonal, uma alta e outra baixa. Cattibrie posicionou o pé esquerdo atrás de si e caiu em um agachamento, virando a espada para desviar a lâmina que vinha por baixo, e abaixando a cabeça para evitar a alta.

Ela não precisava ter perdido seu tempo com isso, pois a cruz veio cedo demais, antes que os pés de Drizzt acompanhassem o movimento, e ambas as cimitarras balançaram no ar, longe do alvo.

Cattibrie não perdeu a abertura e correu para a frente, com a espada a guiando.

Então, as lâminas de Drizzt retornaram, impossivelmente rápidas, atingindo a espada por ambos os lados. Mas os pés de Drizzt não estavam bem posicionados para ele seguir o movimento, ir na diagonal em frente e tirar proveito da espada virada de Cattibrie.

A jovem foi em frente e para o lado em vez disso, deslizando a arma livre por entre as lâminas que a prendiam e executando o ataque real, o golpe no quadril de Drizzt.

O retorno de uma das mãos de Drizzt a pegou de surpresa, conduzindo sua espada para uma posição inofensivamente alta.

Eles se separaram de novo, olhando um para o outro, enquanto Cattibrie exibia um sorriso malicioso. Em todos os seus meses de treinamento, ela nunca esteve tão perto de acertar o ágil e habilidoso drow.

No entanto, a expressão de Drizzt roubou sua glória, e o drow inclinou as pontas de suas cimitarras em direção ao chão, balançando a cabeça em frustração.

— As braçadeiras? — perguntou Cattibrie, referindo-se às pulseiras mágicas, pedaços largos de material preto alinhados com anéis de mitral reluzentes. Drizzt as havia retirado de Dantrag Baenre, o deposto mestre de armas da Primeira Casa de Menzoberranzan, depois de derrotar Dantrag em um combate mortal. Rumores diziam que aquelas braçadeiras maravilhosas permitiam que as mãos de Dantrag se movessem com rapidez incrível, dando-lhe vantagem em combate.

Ao lutar contra Baenre, que era veloz como um raio, Drizzt passou a acreditar nesses rumores, e depois de usar as braçadeiras em luta pelas últimas semanas, ele confirmou suas habilidades. Mas Drizzt não estava convencido de que as braçadeiras eram uma coisa boa. Na luta contra Dantrag, ele havia usado a suposta vantagem de Dantrag contra o drow, pois as mãos do mestre de armas se moviam rápido demais para Dantrag alterar qualquer movimento iniciado, rápido demais para Dantrag improvisar se seu oponente fizesse algum movimento inesperado. Agora, nesses exercícios de luta, Drizzt estava aprendendo que as braçadeiras tinham outra desvantagem.

Seus pés não conseguiam acompanhar suas mãos.

— Você vai pegar o jeito — assegurou Cattibrie.

Drizzt não tinha tanta certeza:

— Lutar é uma arte de equilíbrio e movimento — explicou ele.

— E você está mais rápido! — respondeu Cattibrie.

Drizzt balançou a cabeça.

— Minhas mãos estão mais rápidas — disse ele. — Um guerreiro não vence com as mãos. Ele vence com os pés, posicionando-se para melhor acertar as aberturas nas defesas de seu oponente.

— Eles vão acompanhar — respondeu Cattibrie. — Dantrag era o melhor que Menzoberranzan tinha a oferecer, e você mesmo disse que as braçadeiras eram o motivo.

Drizzt não podia discordar que as braçadeiras ajudaram muito Dantrag, mas ele se perguntou o quanto elas beneficiariam alguém com suas habilidades, ou com as de Zaknafein, seu pai. Podia ser, Drizzt percebeu, que as braçadeiras ajudariam um lutador menos hábil, aquele que precisava depender da velocidade de suas armas. Mas o lutador completo, o mestre que havia encontrado harmonia entre todos os seus músculos, ficaria desequilibrado. Ou talvez as braçadeiras ajudassem alguém a empunhar uma arma mais pesada, um poderoso martelo de guerra, como Presa de Égide. As cimitarras de Drizzt, lâminas delgadas de não mais do que um quilo de metal, perfeitamente equilibradas tanto pela fabricação quanto por encantamentos, fluíam sem esforço e, mesmo sem as braçadeiras, suas mãos eram mais rápidas do que seus pés.

— Vamos lá, então — repreendeu Cattibrie, balançando a espada à sua frente, com seus grandes olhos azuis se estreitando atentamente, seus quadris girando quando ela se pôs em uma postura baixa.

Ela sentiu a oportunidade, Drizzt percebeu. Ela sabia que ele estava lutando em desvantagem e enfim via sua oportunidade de retribuir um dos muitos golpes ardentes que ele lhe dera em seus treinos.

Drizzt respirou fundo e ergueu as lâminas. Ele devia isso a Cattibrie, mas pretendia fazê-la merecer!

Ele avançou devagar, se pondo na defensiva. A espada dela disparou, e ele a acertou duas vezes antes que se aproximasse, no lado esquerdo com a mão direita e no lado esquerdo novamente, trazendo sua mão esquerda bem sobre a lâmina à sua frente e atingindo-a com um bloqueio para baixo.

Cattibrie caiu com a força do bloqueio duplo, fazendo um círculo completo, girando para longe de seu adversário. Quando ela se aproximou, previsivelmente, Drizzt estava perto, com suas cimitarras dançando.

Ainda assim, o drow paciente controlou seu ataque, não veio rápido e forte demais. Suas lâminas se cruzaram e se afastaram, provocando a jovem.

Cattibrie rosnou e afastou a espada mais uma vez, determinada a acertar aquela abertura esquiva. E entraram as cimitarras, golpeando em rápida sucessão, ambas atingindo de novo o lado esquerdo da espada de Cattibrie. Como antes, Cattibrie girou para a direita, mas desta vez Drizzt veio com força.

A jovem desceu em um agachamento baixo, com sua retaguarda roçando no chão, e recuou. Ambas as lâminas de Drizzt atravessaram o ar acima e diante dela, novamente seus cortes vieram antes que seus pés pudessem responder de forma apropriada e posicioná-lo.

Drizzt ficou surpreso ao descobrir que Cattibrie não estava mais na frente dele.

Ele chamava o movimento de “Passo Fantasma” e o ensinara a Cattibrie apenas uma semana antes. O truque era usar a arma do oponente como um escudo óptico, para se mover dentro da área bloqueada pela visão com tanta perfeição e rapidez que seu oponente não saberia que você havia se movido para frente e para o lado, que

você, de fato, havia pisado atrás de seu quadril mais à frente.

Por reflexo, o drow recuou sua cimitarra principal, com a lâmina apontada para baixo, pois Cattibrie havia passado agachada. Ele golpeou o alvo com a espada, rápido demais, e o impulso de sua cimitarra a lançou futilmente antes do ataque que se aproximava.

Drizzt estremeceu quando a espada com cabo de unicórnio bateu com força contra seu quadril.

Para Cattibrie, o momento era de puro deleite. Ela sabia, é claro, que as braçadeiras estavam atrapalhando Drizzt, fazendo com que ele cometesse erros de equilíbrio que Drizzt Do'Urden não cometera desde seus primeiros dias de luta — mas mesmo com as braçadeiras desconfortáveis, o drow era um adversário poderoso e provavelmente poderia derrotar a maioria dos espadachins.

Como foi delicioso, então, quando Cattibrie fez sua espada passar desimpedida!

Sua alegria foi roubada por um momento em que desejou afundar mais a lâmina, uma raiva súbita e inexplicável focada diretamente em Drizzt.

— Toque! — falou Drizzt, o sinal de que ele havia sido atingido, e, quando Cattibrie se endireitou e observou a cena, viu o drow parado a alguns metros de distância, esfregando o quadril dolorido.

— Desculpa — disse ela, percebendo que havia acertado com muita força.

— Não se preocupe — respondeu Drizzt maliciosamente. — Com certeza seu único golpe não compensa as dores combinadas que minhas cimitarras causaram a você. — Os lábios do elfo negro se curvaram em um sorriso travesso. — Ou as dores que eu sem dúvidas vou infligir em você em troca!

— Eu acho que estou te alcançando, Drizzt Do'Urden — Cattibrie respondeu com calma e confiança. — Você vai ter seus golpes, mas você vai levar golpes também!

Ambos riram disso, e Cattibrie se moveu para o lado da sala e começou a remover seu equipamento de prática.

Drizzt deslizou o estofamento de uma de suas cimitarras e parou para

pensar nessas últimas palavras. Cattibrie estava mesmo melhorando, ele concordou. Ela tinha o coração de uma guerreira, temperado pela filosofia de uma poetisa, uma combinação mortal de fato. Cattibrie, como Drizzt, preferia evitar uma batalha com palavras do que travá-la, mas quando as avenidas da diplomacia são esgotadas, quando a luta se torna uma questão de sobrevivência, a jovem luta com consciência limpa e ardor. Todo o seu coração e toda a sua habilidade entram em jogo, e em Cattibrie, ambos os ingredientes são consideráveis.

E ela mal tinha vinte e poucos anos! Em Menzoberranzan, se ela fosse uma drow, estaria em Arach-Tinilith agora, a escola de Lolth, com sua moral forte sendo atacada todos os dias pelas mentiras das sacerdotisas da Rainha Aranha. Drizzt afastou esse pensamento. Ele nem queria pensar em Cattibrie naquele lugar horrível. Supondo que ela tivesse ido para a escola drow de guerreiros, Arena-Magthere, em vez disso, ele refletiu. Como ela se sairia contra outros jovens drow?

Bem, Drizzt decidiu que Cattibrie estaria perto do topo de sua turma, certamente entre os dez ou quinze por cento, e sua paixão e dedicação a levariam até lá. Quanto ela poderia melhorar sob a tutela dele? Drizzt se perguntou, e sua expressão azedou enquanto considerava as limitações da herança de Cattibrie. Ele estava na casa dos sessenta, pouco mais do que uma criança pelos padrões drow, pois eles podiam viver até sete séculos, mas quando Cattibrie atingisse sua tenra idade, ela estaria velha, velha demais para lutar bem.

Essa ideia era dolorosa demais para Drizzt. A menos que a lâmina de um inimigo ou as garras de um monstro encurtassem sua vida, ele veria Cattibrie envelhecer, a veria passar dessa vida.

Drizzt agora olhava para ela enquanto removia a proteção acolchoada e soltava a guarda de metal do pescoço. Sob o estofamento acima da cintura, ela usava apenas uma camisa simples de material leve. Estava molhada de suor agora e agarrada a ela.

Ela era uma guerreira, concordou Drizzt, mas também era uma bela jovem, bem torneada e forte, com o espírito de um potro aprendendo a correr pela primeira vez e um coração cheio de paixão.

O som de fornalhas distantes, o súbito e crescente zumbido do martelo no aço, deveria ter alertado Drizzt de que a porta da sala havia se aberto, mas simplesmente não foi registrado na consciência do drow distraído.

— Ei! — veio um rugido do lado da câmara, Drizzt se virou e viu Bruenor entrar na sala.

Ele meio que esperava que o anão, o pai adotivo e superprotetor de Cattibrie, exigisse saber o que nos Nove Infernos Drizzt estava olhando, e o suspiro de Drizzt era de puro alívio quando Bruenor, com sua barba vermelha ardente espumada de saliva, em vez disso, fez um gracejo sobre Pedra do Veredito, o assentamento bárbaro ao sul do Salão de Mitral.

Ainda assim, o drow percebeu que estava corando — e esperava que sua pele de cor de ébano escondesse isso — enquanto balançava a cabeça, passava os dedos pelo cabelo branco para tirá-lo do rosto, e da mesma forma começava a remover o equipamento de prática.

Cattibrie se aproximou, sacudindo sua espessa cabeleira avermelhada para tirar as gotículas.

— Berkthgar está dando trabalho? — ela supôs, se referindo a Berkthgar, o Audaz, o novo chefe de Pedra do Veredito.

Bruenor riu.

— Berkthgar não faz nada além de dar trabalho!

Drizzt olhou para a bela Cattibrie. Ele não queria imaginá-la envelhecendo, embora soubesse que ela o faria mais graciosamente do que a maioria.

— Ele é orgulhoso — respondeu Cattibrie ao pai —, e tem medo.

— Ah! — rebateu Bruenor. — Medo do quê? Tem umas centenas de homens fortes à sua volta e nenhum inimigo à vista.

— Ele tem medo de não se sair bem à sombra de seu antecessor — explicou Drizzt, e Cattibrie assentiu.

Bruenor parou no meio do rompante e pensou nas palavras do drow. Berkthgar vivia à sombra de Wulfgar, à sombra do maior herói que as tribos bárbaras do distante Vale do Vento Gélido já conheceram. O homem que havia matado Dracos Morte Gélida, o dragão branco; o homem que, com a tenra idade de vinte anos, uniu as tribos bélicas e mostrou-lhes uma maneira melhor de viver.

Bruenor não acreditava que nenhum humano pudesse brilhar através

do espetáculo da sombra de Wulfgar, e seu aceno resignado mostrou que ele concordava e, por fim, aceitava, que o elfo tinha razão. Uma grande tristeza afiou sua expressão e cercou seus olhos cor de aço também, pois Bruenor não conseguia pensar em Wulfgar, o humano que tinha sido um filho para ele, sem essa tristeza.

— Em que ele está dando trabalho? — Drizzt perguntou, tentando fazer passar o momento difícil.

— Em toda a maldita aliança — bufou Bruenor.

Drizzt e Cattibrie trocaram expressões curiosas. Não fazia sentido, é claro. Os bárbaros de Pedra do Veredito e os anões do Salão de Mitral já eram aliados, trabalhando lado a lado, com o povo de Bruenor minando o precioso mitral e moldando-o em artefatos valiosos, e os bárbaros agindo de intermediários com comerciantes de cidades próximas, como Nesmé na Charneca dos Trolls, ou Lua Argêntea ao leste. Os dois povos, o de Bruenor e o de Wulfgar, lutaram juntos para limpar o Salão de Mitral dos malignos anões cinzentos, os duergar, e os bárbaros haviam descido de suas casas no longínquo Vale do Vento Gélido e decidiram ficar apenas por causa dessa sólida amizade e aliança com o clã de Bruenor. Não fazia sentido que Berkthgar estivesse dando trabalho, não com a perspectiva de um ataque dos drow pairando sobre suas cabeças.

— Ele quer o martelo — explicou Bruenor, notando a expressão de dúvida de Drizzt e Cattibrie.

Isso explicava tudo. O martelo era o martelo de Wulfgar, o poderoso Presa de Égide, que o próprio Bruenor havia forjado como um presente para Wulfgar durante os anos em que o jovem esteve sob a tutela do anão de barba vermelha. Durante esses anos, Bruenor, Drizzt e Cattibrie ensinaram ao jovem bárbaro feroz um modo de vida melhor.

Claro que Berkthgar iria querer Presa de Égide, Drizzt percebeu. O martelo de guerra tornou-se mais do que uma arma, tornou-se um símbolo para os homens e mulheres robustos de Pedra do Veredito. Presa de Égide simbolizava a memória de Wulfgar, e se Berkthgar pudesse convencer Bruenor a deixá-lo empunhá-la, seu status entre seu povo aumentaria dez vezes.

Era perfeitamente lógico, mas Drizzt sabia que Berkthgar nunca, nunca convenceria Bruenor a dar-lhe o martelo.

O anão estava então olhando para Cattibrie, e Drizzt, ao considerá-la também, se perguntou se ela estava pensando que dar o martelo ao novo líder bárbaro poderia ser uma coisa boa. Quantas emoções deveriam estar surgindo nos pensamentos da jovem! Drizzt sabia. Ela e Wulfgar teriam se casado. Eles cresceram juntos até alcançar a idade adulta e aprenderam muitas das lições da vida lado a lado. Poderia Cattibrie agora ir além disso, além de sua própria dor, e seguir um curso lógico para selar a aliança?

— Não — disse ela por fim, resoluta. — Ele não pode ter o martelo.

Drizzt assentiu com a cabeça e ficou feliz que Cattibrie tenha decidido não deixar de lado suas memórias de Wulfgar, de seu amor pelo homem. Ele também amava Wulfgar, como um irmão, e ele não podia imaginar mais ninguém, nem Berkthgar nem o próprio deus Tempus, carregando Presa de Égide.

— Nunca pensei em dar a ele — concordou Bruenor. Ele sacudiu um punho furioso no ar, fazendo os músculos do braço se contraírem com a tensão óbvia. — Mas se aquele filho de uma rena pedir de novo, eu vou dar é outra coisa, não duvide!

Drizzt viu um sério problema se formando. Berkthgar queria o martelo, o que era compreensível, até esperado, mas o jovem e ambicioso líder bárbaro parecia não entender a profundidade de seu pedido. Esta situação poderia ficar muito pior do que uma tensão sobre os necessários aliados, Drizzt sabia. Isso poderia levar a uma luta aberta entre os povos, pois Drizzt não duvidou da afirmação de Bruenor por um momento. Se Berkthgar exigisse o martelo como resgate pelo que ele deveria dar incondicionalmente, ele teria sorte de voltar inteiro.

— Eu e Drizzt iremos para Pedra do Veredito — Cattibrie ofereceu. — Vamos conseguir a palavra de Berkthgar e não daremos nada em troca.

— O garoto é um tolo! — bufou Bruenor.

— Mas seu povo não é tolo — acrescentou Cattibrie. — Ele está querendo o martelo como se fosse torná-lo mais líder. Vamos ensiná-lo que pedir algo que ele não pode ter na verdade o tornará menos líder.

Forte, intensa e tão sábia, Drizzt refletiu, observando a jovem. Ela com certeza realizaria o que tinha dito que faria. Ele e Cattibrie iriam para Pedra do Veredito e retornariam com tudo o que Cattibrie acabara de

prometer ao pai.

O drow soltou um suspiro longo e baixo quando Bruenor e Cattibrie se afastaram, enquanto a jovem ia recuperar seus pertences do lado da sala. Ele observou o vigor renovado no passo de Bruenor, a vida retornou ao anão impetuoso. Por quantos anos o Rei Bruenor Martelo de Batalha governaria? Drizzt se perguntou. Uns cem? Duzentos?

A menos que a lâmina de um inimigo ou as garras de um monstro diminuíssem sua vida, o anão também observaria Cattibrie envelhecer e morrer.

Era uma imagem que Drizzt, observando o passo leve desse anão jovem e espirituoso, não podia suportar imaginar.



Khazid'hea, ou Mutiladora, descansava paciente no quadril de Cattibrie, com seu momento de raiva já no passado. A espada senciente estava satisfeita com o progresso da jovem como lutadora. Ela era hábil, sem dúvida, mas ainda assim Khazid'hea queria mais, queria ser empunhada pelo melhor guerreiro.

No momento, aquele guerreiro parecia ser Drizzt Do'Urden.

A espada havia ido atrás de Drizzt quando o drow renegado matou seu antigo portador, Dantrag Baenre. Khazid'hea alterou seu punho, como costumava fazer, da cabeça esculpida de um demônio — que havia atraído Dantrag — para o de um unicórnio, sabendo que era o símbolo da deusa de Drizzt Do'Urden. Ainda assim, o ranger drow havia oferecido a Cattibrie que pegasse a espada, pois ele preferia a cimitarra.

Preferia a cimitarra!

Como Khazid'hea desejava que pudesse alterar sua lâmina como alterava o punho! Se a arma pudesse curvar sua lâmina, encurtá-la e engrossá-la...

Mas Khazid'hea não podia, e Drizzt não empunharia uma espada. A mulher era boa, no entanto, e estava melhorando. Ela era humana e

era provável não vivesse o suficiente para alcançar uma proficiência tão grande quanto a de Drizzt, mas se a espada pudesse obrigá-la a matar o drow...

Havia muitas maneiras de se tornar o melhor.



Matriarca Baenre, decrépita e velha demais para estar viva, mesmo para uma drow, estava na grande capela da Primeira Casa de Menzoberranzan, sua Casa, observando o lento progresso enquanto seus escravos tentavam extrair a estalactite caída do telhado da estrutura em forma de cúpula. O lugar logo seria consertado, ela sabia. Os escombros no chão já haviam sido limpos, e as manchas de sangue da dezena de drow mortos na tragédia já haviam sido limpas há muito tempo.

Mas a dor daquele momento, do supremo constrangimento da Matriarca Baenre na frente de cada matriarca-mãe importante de Menzoberranzan, no exato momento do pináculo do poder da primeira matriarca-mãe, permanecia. A estalactite semelhante a uma lança havia perfurado o telhado, mas poderia muito bem ter rasgado o próprio coração da Matriarca Baenre. Ela havia forjado uma aliança entre as casas bélicas da cidade drow, uma união solidificada pela promessa de nova glória quando o exército drow conquistasse o Salão de Mitral.

Nova glória para a Rainha Aranha. Nova glória para a Matriarca Baenre.

Destruída pela ponta de uma estalactite, pela fuga daquele renegado Drizzt Do'Urden. Para Drizzt, ela havia perdido seu filho mais velho, Dantrag, talvez o melhor mestre de armas de Menzoberranzan. Para Drizzt, ela havia perdido sua filha, a perversa Vendes. E o mais doloroso de tudo para a velha infeliz, ela havia perdido para Drizzt e seus amigos a aliança, a promessa de glória maior. Pois quando as matriarcas, as governantes de Menzoberranzan e todas as sacerdotisas, observaram a estalactite perfurar o telhado desta capela, este lugar mais sagrado de Lolth, no momento do alto ritual, sua confiança de que a deusa havia sancionado tanto essa aliança quanto a guerra que se aproximava desmoronou. Elas deixaram a Casa Baenre com pressa,

de volta às suas próprias casas, onde selaram seus portões e tentaram discernir a vontade de Lolth.

O status da Matriarca Baenre foi muito afetado.

Mesmo com tudo o que havia acontecido, no entanto, a primeira Matriarca-Mãe e estava confiante de que poderia restaurar a aliança. Em um colar ao redor do pescoço, ela mantinha um anel esculpido do dente de um antigo rei anão, Gandalug Martelo de Batalha, patriarca do Clã Martelo de Batalha, fundador do Salão de Mitral. A Matriarca Baenre possuía o espírito de Gandalug e podia obter respostas exatas sobre os caminhos das minas dos anões. Apesar da fuga de Drizzt, os elfos negros poderiam ir ao Salão de Mitral, poderiam punir Drizzt e seus amigos.

Ela poderia restaurar a aliança, mas por algum motivo que a Matriarca Baenre não entendia, Lolth, a própria Rainha Aranha, a mantinha em cheque. As yochlol, as servas de Lolth, vieram a Baenre e a avisaram para renunciar à aliança e, em vez disso, concentrar sua atenção em sua família, para garantir as defesas de sua Casa. Era uma exigência que nenhuma sacerdotisa da Rainha Aranha ousaria desobedecer.

Ela ouviu o retinir áspero de botas duras no chão atrás dela e o tilintar de muitas joias, e não precisou se virar para saber que Jarlaxle havia entrado.

— Você fez o que eu pedi? — ela questionou, ainda olhando para o trabalho contínuo no teto abobadado.

— Saudações a você também, Primeira Matriarca-Mãe — respondeu o macho sempre sarcástico. Isso fez Baenre encará-lo, e ela franziu a testa, uma vez que ela e tantas outras mulheres dominantes de Menzoberranzan faziam cara feia quando olhavam para o mercenário.

Ele era arrogante — não havia outra palavra para descrevê-lo. Os elfos negros de Menzoberranzan, em particular os machos menores, normalmente vestiam roupas silenciosas e práticas, mantos de tons escuros adornados com aranhas ou teias, ou camisas pretas sob uma armadura de malha flexível, e quase sempre, tanto homens quanto mulheres drow, usavam piwafwis camufladas, capas escuras que podiam escondê-los dos olhos sondadores de seus muitos inimigos.

Não era assim com Jarlaxle. Sua cabeça era raspada e sempre coberta por um chapéu escandaloso de abas largas que exibia a pena gigantesca de um pássaro diatryma. Em vez de um manto ou túnica,

ele usava uma capa brilhante que cintilava em todas as cores do espectro, tanto na luz quanto sob o escrutínio de olhos capazes de enxergar na faixa infravermelha. Seu colete sem mangas tinha um corte alto para mostrar os músculos torneados de seu abdome, e ele carregava uma variedade de anéis e colares, pulseiras, até mesmo tornozeleiras, que soavam de forma estridente — mas apenas quando o mercenário queria. Assim como suas botas, que soaram alto no chão duro da capela, as joias podiam ser completamente silenciadas.

Matriarca Baenre observou que o tapa-olho habitual do mercenário estava sobre seu olho esquerdo neste dia, mas o que isso significava, se é que significava algo, ela não sabia dizer.

Pois quem sabia que magia havia naquele tapa-olho, ou naquelas joias e botas, ou nas duas varinhas que ele usava enfiadas sob o cinto, e a bela espada que mantinha ao lado delas? Metade desses itens, até mesmo uma das varinhas, acreditava a Matriarca Baenre, eram provavelmente falsos, com pouca ou nenhuma propriedade mágica além, talvez, da capacidade de ficar em silêncio. Metade de tudo o que Jarlaxle fazia era blefe, mas a outra metade era traiçoeira e, no fim das contas, mortal.

Era por isso que o mercenário arrogante era tão perigoso. Era por isso que a Matriarca Baenre odiava tanto Jarlaxle, e por isso ela precisava tanto dele. Ele era o líder de Bregan D'aerthe, uma rede de espões, ladrões e assassinos, a maioria machos renegados que perderam suas Casas quando suas famílias foram exterminadas em alguma das muitas guerras internas. Tão misteriosos quanto seu perigoso líder, os membros de Bregan D'aerthe não eram conhecidos, mas eram realmente muito poderosos — tão poderosos quanto a maioria das Casas estabelecidas da cidade — e muito eficazes.

— O que você descobriu? — Matriarca Baenre perguntou sem rodeios.

— Levaria séculos para dizer tudo — respondeu o renegado arrogante.

Os olhos vermelhos e brilhantes de Baenre se estreitaram, e Jarlaxle percebeu que ela não estava no clima para seus jogos. Ela estava assustada, ele sabia, e considerando a catástrofe no alto ritual, com razão.

— Não encontrei nenhuma conspiração — o mercenário admitiu honestamente.

Os olhos da Matriarca Baenre se arregalaram, e ela recuou, surpresa

com a resposta direta. Ela havia lançado feitiços que lhe permitiriam detectar quaisquer mentiras diretas que o mercenário falasse, é claro. E, é claro, Jarlaxle sabia disso. Esses feitiços nunca pareciam incomodar o astuto líder mercenário, que podia dançar ao redor dos perímetros de qualquer pergunta, nunca dizendo a verdade, mas nunca mentindo abertamente.

Desta vez, porém, ele respondeu sem rodeios e direto ao cerne da pergunta óbvia. E, até onde Matriarca Baenre podia dizer, ele estava dizendo a verdade.

Baenre não conseguia aceitar. Talvez seu feitiço não estivesse funcionando como pretendido. Talvez Lolth realmente a tivesse abandonado por seu fracasso, e assim a estava enganando agora sobre a sinceridade de Jarlaxle.

— Matriarca Mez'Barris Armgo — continuou Jarlaxle, referindo-se à matriarca-mãe de Barrison del'Armgo, a Segunda Casa da cidade — permanece leal a você e à sua causa, apesar da... — ele procurou a palavra certa — da perturbação no alto ritual — disse por fim. — Matriarca Mez'Barris está mesmo ordenando sua guarnição para manter-se em prontidão no caso da marcha para o Salão de Mithral ser retomada. E eles estão mais do que ansiosos para ir, posso garantir, em especial com... — O mercenário fez uma pausa e suspirou em uma falsa tristeza, e Matriarca Baenre entendeu seu raciocínio.

Logicamente, Mez'Barris estaria ansiosa para ir ao Salão de Mitral, pois, com Dantrag Baenre morto, seu próprio mestre de armas, o poderoso Uthegental, era sem dúvidas o melhor da cidade. Se Uthegental pudesse pegar o renegado Do'Urden, que glórias a Casa Barrison del'Armgo poderia ter!

No entanto, essa mesma lógica, e a alegação aparentemente honesta de Jarlaxle, contrariava os medos da Matriarca Baenre, pois sem a ajuda de Barrison del'Armgo, nenhuma combinação de Casas em Menzoberranzan poderia ameaçar a Casa Baenre.

— As brigas menores entre seus filhos sobreviventes começou, é claro — continuou Jarlaxle. — Mas eles tiveram pouco contato, e se algum deles planeja se mover contra você, será sem a ajuda de Triel, que tem estado ocupada na Academia desde a fuga do renegado.

Matriarca Baenre fez bem em esconder seu alívio com essa declaração. Se Triel, a mais poderosa de suas filhas, e com certeza a mais favorecida por Lolth, não estava planejando se levantar contra ela, um

golpe vindo de dentro parecia improvável.

— Espera-se que você em breve nomeie seu filho Berg'inion como mestre de armas, e Gromph não se oporá — destacou Jarlaxle.

Matriarca Baenre assentiu com a cabeça. Gromph era seu filho mais velho, e como Arquimago de Menzoberranzan, ele detinha mais poder do que qualquer macho na cidade — exceto, talvez, pelo astuto Jarlaxle. Gromph não desaprovava Berg'inion como mestre de armas da Casa Baenre. O status das filhas de Baenre parecia seguro também, ela tinha que admitir. Triel estava em um bom lugar como Senhora Mãe de Arach-Tinilith na Academia, e embora aquelas que permaneceram na Casa poderiam discutir sobre os deveres e poderes deixados vagos pela perda de Vendes, isso não parecia preocupá-la.

Matriarca Baenre olhou de volta para a estalactite que Drizzt e seus companheiros haviam feito atravessar o teto e não estava satisfeita. Na cruel e impiedosa Menzoberranzan, a satisfação, e a presunção que inevitavelmente a acompanhava, com demasiada frequência levava a uma morte prematura.

Capítulo 2

A brigada esmaga-tripa

— ACHA QUE VAMOS PRECISAR DAQUILO? — perguntou Cattibrie enquanto ela e Drizzt caminhavam pelos níveis mais baixos do Salão de Mitral. Eles caminhavam ao longo de um corredor que se abria para a esquerda, na grande caverna em camadas que abriga a famosa Cidade Baixa dos anões.

Drizzt fez uma pausa e olhou para ela, depois foi para a esquerda, fazendo Cattibrie seguir atrás dele. Ele atravessou a abertura, emergindo no segundo nível acima do chão da enorme caverna.

O lugar estava agitado, com anões correndo em todas as direções, gritando para serem ouvidos sobre o zumbido contínuo de grandes cantos aos berros e o retinir determinado do martelo no mitral. Este era o coração do Salão de Mitral, uma enorme caverna aberta cortada em degraus gigantescos em suas paredes leste e oeste, de modo que todo o lugar se assemelhava a uma pirâmide invertida. A área mais ampla era o nível mais baixo, entre os degraus gigantescos, abrigando as enormes fornalhas. Os anões fortes puxavam carrinhos carregados com minério ao longo de rotas estabelecidas, enquanto outros trabalhavam nas muitas alavancas dos fornos intrincados, e ainda outros puxavam carrinhos menores de metais acabados até as camadas. Lá, os vários artesãos moldavam o minério em objetos úteis. Normalmente, uma grande variedade de bens seria produzida ali — talheres luxuosos, cálices cheios de pedras preciosas e elmos ornamentados — lindos, mas de pouca utilidade prática. Agora, porém, com a guerra pairando sobre suas cabeças, os anões se concentravam em armas e armaduras realmente defensivas. A seis metros de Drizzt e Cattibrie, um anão tão coberto de fuligem que a cor de sua barba estava indistinguível inclinou outra munição de balista com ponta de mitral e eixo de ferro contra a parede. O anão não conseguia nem chegar ao topo da lança de dois metros, mas ele olhou para sua ponta farpada e de muitas bordas e riu. Sem dúvida, ele estava em uma fantasia sobre seu voo e pequenos elfos drow todos de pé enfileirados.

Em uma das pontes em arco que cobrem os níveis, talvez a quarenta e cinco metros acima dos dois amigos, uma discussão alta se iniciou. Drizzt e Cattibrie não conseguiam distinguir as palavras acima do barulho geral, mas perceberam que tinha a ver com planos para derrubar aquela ponte e a maioria das outras pontes, forçando quaisquer elfos negros invasores ao longo de certas rotas se pretendiam alcançar os níveis mais altos do complexo.

Nenhum deles, nem Drizzt, Cattibrie ou qualquer um do povo de Bruenor, esperava que chegasse a esse ponto.

Os dois amigos trocaram olhares de compreensão. Raramente na longa história do Salão de Mitral a Cidade Subterrânea tinha visto esse tipo de empolgação. Ela beirava o frenesi. Dois mil anões corriam, gritando, batendo seus martelos ou carregando cargas que uma mula não puxaria.

Tudo isso porque temiam que os drow viessem.

Cattibrie entendeu então por que Drizzt havia feito um desvio para este lugar, por que ele insistiu em encontrar o halfling Regis antes de ir para Pedra do Veredito, como Bruenor havia ordenado.

— Vamos encontrar nosso amigo sorrateiro — disse ela a Drizzt, tendo que gritar para ser ouvida.

Drizzt assentiu e a seguiu de volta para o relativo silêncio dos corredores escuros. Eles se afastaram da Cidade Subterrânea e então, em direção às câmaras remotas onde Bruenor havia dito que poderiam encontrar o halfling. Em silêncio, eles se moveram juntos — e Drizzt ficou impressionado com o quão silenciosa Cattibrie havia aprendido a se mover. Como ele, ela usava uma bela armadura de cota de malha com anéis de mitral finos, mas incrivelmente fortes, feita sob medida por Buster Bracer, o melhor armeiro do Salão de Mitral. A armadura de Cattibrie pouco fez para diminuir a reputação do anão, pois era trabalhada com tanta perfeição e tão flexível que dobrava com seus movimentos tanto quanto uma camisa grossa.

Como as de Drizzt, as botas de Cattibrie estavam finas e bem usadas, mas para os ouvidos afiados do drow, poucos humanos, mesmo vestidos assim, podiam se mover de forma tão silenciosa. Drizzt lançou um olhar sutil na direção dela na luz fraca e cintilante das tochas amplamente espaçadas. Ele notou que ela estava pisando como um drow, com a ponta de seu pé tocando primeiro, em vez do método mais comum do calcanhar dos humanos. Seu tempo no Subterrâneo,

seguindo Drizzt até Menzoberranzan, havia feito bem a ela.

O drow assentiu com aprovação, mas não fez nenhum comentário. Cattibrie já havia ganhado seus pontos de orgulho naquele dia, ele decidiu. Não adiantaria inflar mais o ego dela.

Os corredores estavam vazios e cada vez mais escuros. Drizzt não deixou isso passar despercebido. Ele até deixou sua visão se acomodar no espectro infravermelho, com o calor variável dos objetos mostrando a ele suas formas gerais. Cattibrie, sendo humana, não possuía visão com tal capacidade, é claro, mas ao redor de sua cabeça ela usava uma fina corrente de prata, com uma pedra preciosa verde marcada por uma única linha de preto: uma ágata de olho de gato, à sua frente. Fora dado a ela pela própria Lady Alustriel, encantada para que seu portador pudesse ver, mesmo nos túneis mais escuros e profundos, como se estivesse em um campo aberto sob um céu estrelado.

Os dois amigos não tinham problemas para navegar na escuridão, mas ainda assim, eles não estavam confortáveis com ela. “Por que as tochas não estavam acesas?” eles se perguntaram. Ambos tinham as mãos perto do punho de suas armas. Cattibrie desejou ter trazido Taulmaril, o Buscador de Corações, seu arco mágico, com ela.

Um tremendo estrondo soou, e o chão tremeu sob seus pés. Ambos estavam agachados, e as cimitarras de Drizzt apareceram em suas mãos tão rápido que Cattibrie nem sequer registrou o movimento. No início, a jovem pensou que a manobra incrivelmente veloz era efeito das braçadeiras mágicas, mas ao olhar para Drizzt, percebeu que ele nem sequer as usava. Ela também sacou a espada e respirou fundo, repreendendo-se em particular por pensar que estava se aproximando da habilidade de luta do ranger incrível. Cattibrie afastou o pensamento — não havia tempo para isso agora — e se concentrou no corredor sinuoso à frente. Lado a lado, ela e Drizzt avançaram lentamente, procurando sombras onde os inimigos pudessem se esconder e linhas na parede que indicassem portas secretas para passagens laterais. Tais caminhos eram comuns no complexo dos anões, pois a maioria dos anões poderia fazê-los, e a maioria dos anões, gananciosos por natureza, mantinham tesouros pessoais escondidos. Cattibrie não conhecia muito bem essa seção pouco usada do Salão de Mitral. Nem Drizzt.

Outro estrondo veio, e o chão tornou a tremer, mais do que antes, e os amigos sabiam que estavam se aproximando. Cattibrie estava feliz por estar treinando tanto, e ainda mais feliz por Drizzt Do’Urden estar ao

seu lado.

Ela parou de se mover, e Drizzt fez o mesmo, virando-se para olhá-la.

— Guenhwyvar? — ela mexeu silenciosamente os lábios, referindo-se à amiga felina de Drizzt, uma pantera leal que o drow poderia convocar do Plano Astral.

Drizzt pensou na sugestão por um momento. Ele tentava não convocar Guenhwyvar com muita frequência agora, sabendo que em breve poderia chegar um momento em que a pantera seria necessária com frequência. Havia limites na magia. Guenhwyvar só poderia permanecer no Plano Material por meio dia a cada dois.

Ainda não, Drizzt decidiu. Bruenor não indicou o que Regis poderia estar fazendo ali, mas o anão não deu nenhuma dica de que poderia haver perigo. O drow balançou a cabeça de leve, e os dois seguiram em frente, silenciosos e determinados.

Um terceiro estrondo veio, seguido por um gemido.

— Sua cabeça, seu tolo durão! — veio uma bronca aguda. — Você tem que usar sua cabeça fedorenta!

Drizzt e Cattibrie se endireitaram imediatamente e relaxaram suas mãos em suas armas.

— Pwent — disseram juntos, referindo-se a Thibbledorf Pwent, o ultrajante furioso de batalha, o anão mais detestável e malcheiroso ao sul da Espinha do Mundo, e provavelmente ao norte também.

— Logo você vai querer usar um capacete fedorento! — continuou ele.

Na próxima curva, os dois companheiros chegaram a uma bifurcação no corredor. À esquerda, Pwent continuou rugindo de indignação, e à direita havia uma porta iluminada por tochas mostrando suas muitas rachaduras. Drizzt inclinou a cabeça, percebendo uma leve e familiar risada daquela direção.

Ele fez um gesto para Cattibrie seguir e entrou pela porta sem bater. Regis estava sozinho lá dentro, apoiado em uma manivela perto da parede esquerda. O sorriso do halfling se iluminou quando viu seus amigos, e ele acenou com uma mão alta para eles — relativamente alta, pois Regis era pequeno, mesmo pelos padrões dos halfling, com seu cabelo castanho encaracolado, mal chegando à altura de noventa

centímetros. Ele tinha uma barriga ampla, embora parecesse estar encolhendo nos últimos tempos, já que até mesmo o halfling preguiçoso estava levando a sério a ameaça a esse lugar que se tornara seu lar.

Ele colocou um dedo sobre os lábios franzidos quando Drizzt e Cattibrie se aproximaram, e ele apontou para a “porta” diante dele. Não foi preciso muito tempo para nenhum dos companheiros entender o que estava acontecendo. A manivela ao lado de Regis operava uma folha de metal pesado que corria ao longo dos corredores acima e ao lado da porta. A madeira da porta mal podia ser vista agora, pois a placa estava diante dela.

— Vai! — veio um comando estrondoso do outro lado, seguido por passos de ataque e um rosnado áspero, depois uma tremenda explosão quando o anão atingiu e, é claro, quicou a partir do portal barricado.

— Treinamento de Furioso de Batalha — explicou Regis com calma.

Cattibrie deu a Drizzt um olhar azedo, lembrando-se do que seu pai lhe havia contado dos planos de Pwent. “A Brigada dos Esmaga-Tripa”, ela observou, e Drizzt assentiu, pois Bruenor também havia dito a ele que Thibbledorf Pwent pretendia treinar um grupo de anões na arte não tão sutil dos furiosos de batalha, sua Brigada dos Esmaga-Tripa pessoal, altamente motivada, habilidosa em frenesi e não muito inteligente.

Outro anão atingiu a porta barricada, provavelmente de cabeça, e Drizzt entendeu como Pwent pretendia facilitar o terceiro de seus três requisitos para seus soldados.

Cattibrie balançou a cabeça e suspirou. Ela não duvidava do valor militar da brigada — Pwent poderia derrotar qualquer um no Salão de Mitral, exceto Drizzt e talvez Bruenor, mas a noção de um bando de pequenos Thibbledorf Pwents correndo por aí com certeza fazia seu estômago revirar!

Atrás da porta, Pwent estava repreendendo completamente suas tropas, chamando-os de todos os xingamentos dos anões, alguns que Cattibrie, que viveu entre o clã por mais de vinte anos, nunca tinha ouvido falar, e outros que Pwent parecia estar criando na hora, como “beijador de mulas, farejador de pulgas, bebedor de água, que-acha-que-tem-que-espremer-a-vaca-queimada-para-ter-leite-queimado, bloco de arenito.”

— Estamos indo para Pedra do Veredito — Drizzt explicou a Regis, o drow de repente ansioso para sair de lá. — Berkthgar está dando trabalho.

Regis assentiu:

— Eu estava lá quando ele disse a Bruenor que queria o martelo. — O rosto querúbico do halfling se transformou em um de seus sorrisos melancólicos comuns. — Eu realmente achei que Bruenor o partiria no meio!

— Precisamos de Berkthgar — lembrou Cattibrie ao halfling. Regis afastou esse pensamento.

— É um blefe — ele insistiu. — Berkthgar precisa de nós, e seu povo não aceitaria gentilmente que ele virasse as costas para os anões que têm sido tão bons para eles.

— Bruenor não o mataria de verdade — disse Drizzt, de forma pouco convincente. Todos os três amigos fizeram uma pausa e se entreolharam, cada um pensando no rei anão durão, o velho e ardente Bruenor que estava de volta.

Eles pensaram em Presa de Égide, a mais bela das armas, os flancos de sua cabeça de mitral reluzente inscrita com as runas sagradas dos deuses anões. Um lado marcado com o martelo e a bigorna de Moradin, o Forjador de Almas, o outro com os machados cruzados de Clanggedon, deus anão da batalha, e ambos perfeitamente cobertos pela escultura da joia dentro da montanha, o símbolo de Dumathoin, o Guardião dos Segredos. Bruenor estava entre os melhores ferreiros anões, mas depois de Presa de Égide, aquele ápice do triunfo criativo, ele raramente perdia tempo em retornar à sua forja.

Eles pensaram em Presa de Égide, e pensaram em Wulfgar, que tinha sido como um filho para Bruenor, o jovem alto e loiro para quem Bruenor havia feito o poderoso martelo.

— Bruenor realmente o mataria — disse Cattibrie, ecoando os pensamentos de todos os três.

Drizzt começou a falar, mas Regis o parou levantando um dedo.

— ...agora abaixe a cabeça! — Pwent estava berrando no outro lado da porta. Regis assentiu, sorriu e fez sinal para que Drizzt continuasse.

— Nós imaginamos que você poderia...

Outro estrondo soou, depois outro gemido, seguido pelo bater dos lábios de anão enquanto o futuro furioso de batalha caído balançava a cabeça vigorosamente.

— Boa recuperação! — parabenizou Pwent.

— Imaginamos que você poderia nos acompanhar — disse Drizzt, ignorando o suspiro de nojo de Cattibrie.

Regis pensou por um instante. O halfling teria gostado de sair das minas e se esticar ao sol mais uma vez, embora o verão tivesse acabado e o frio do outono já começasse a cortar o ar.

— Eu tenho que ficar — observou o halfling incomumente dedicado.
— Eu tenho muito o que fazer.

Drizzt e Cattibrie assentiram. Regis mudara nos últimos meses, durante o período de crise. Quando Drizzt e Cattibrie foram a Menzoberranzan — Drizzt para acabar com a ameaça ao Salão de Mitral, Cattibrie para encontrar Drizzt — Regis assumira o comando para estimular Bruenor a se preparar para a guerra. O halfling, que passara a maior parte da vida encontrando o sofá mais macio para se deitar, impressionou mesmo os generais anões mais durões, até Thibbledorf Pwent, com seu fogo e energia. Agora, o halfling teria adorado ir, ambos sabiam, mas ele permanecia fiel à sua missão.

Drizzt olhou firme para Regis, tentando encontrar a melhor maneira de fazer seu pedido. Para sua surpresa, o halfling previu isso, e no mesmo instante as mãos de Regis foram para a corrente ao redor de seu pescoço. Ele levantou o pingente de rubi sobre a cabeça e o jogou casualmente para Drizzt.

Outro testemunho do crescimento do halfling, Drizzt sabia, enquanto olhava para o rubi cintilante afixado à corrente. Esta era a posse mais preciosa do halfling, um pingente poderoso que Regis havia roubado de seu antigo mestre da guilda na distante Porto Calim. O halfling o havia guardado, cobiçado, como uma leoa mãe com um único filhote, pelo menos até este ponto.

Drizzt continuou a olhar para o rubi, sentiu-se atraído por suas múltiplas facetas, espiralando até as profundezas que prometiam...

O drow sacudiu a cabeça e se forçou a desviar o olhar. Mesmo sem

alguém para comandá-lo, o rubi encantado o afetou! Nunca ele havia testemunhado um feitiço tão poderoso. E, no entanto, Jarlaxle, o mercenário, havia devolvido a ele, de bom grado o havia trocado quando se encontraram nos túneis fora de Menzoberranzan após a fuga de Drizzt. Era inesperado e importante que Jarlaxle o tivesse devolvido a Drizzt, mas qual poderia ser o significado, Drizzt ainda não havia descoberto.

— Você deve ter cuidado antes de usar isso em Berkthgar — disse Regis, tirando Drizzt de seus pensamentos. — Ele é orgulhoso, e se ele descobrir que feitiçaria foi usada contra ele, a aliança pode mesmo ser dissolvida.

— É verdade — concordou Cattibrie. Ela olhou para Drizzt.

— Só se precisarmos — observou o drow, pondo a corrente em volta do pescoço. O pingente assentou perto de seu peito e da cabeça de unicórnio de marfim, símbolo de sua deusa, que lá descansava.

Outro anão bateu na porta e quicou, depois se deitou gemendo no chão.

— Ah! — eles ouviram Pwent bufar. — Vocês são um bando de pixies lambedoras de elfos! Vou mostrar a vocês como se faz!

Regis assentiu — essa era sua deixa — e imediatamente começou a girar a manivela, tirando a placa de metal de trás da porta.

— Cuidado — ele avisou a seus dois companheiros, pois eles estavam mais ou menos na direção onde Pwent faria sua entrada que derrubaria a porta.

— Eu vou embora — disse Cattibrie, indo na direção da outra porta, uma normal. A jovem não tinha desejo de ver Pwent. Provavelmente ele beliscaria sua bochecha com os dedos sujos e diria para “trabalhar naquela barba” para que ela pudesse ser uma mulher bonita.

Drizzt não precisou ser muito convencido. Ele ergueu o rubi, assentiu com um agradecimento silencioso a Regis e correu para o corredor atrás de Cattibrie.

Eles não haviam dado uma dúzia de passos quando ouviram a porta de treinamento explodir, seguida pelo riso histérico de Pwent e pelos “oohs” e “aahs” de admiração da ingênua Brigada Esmaga-Tripa.

— Devíamos enviar todos eles para Menzoberranzan — disse Cattibrie, seca. — Pwent perseguiria toda a cidade até os confins do mundo!

Drizzt — que havia crescido entre as incrivelmente poderosas Casas Drow, tinha visto a ira das altas sacerdotisas e feitos mágicos além de qualquer coisa que ele havia testemunhado em seus anos na superfície — não discordou.



O conselheiro Firble passou a mão enrugada sobre sua cabeça quase careca, sentindo-se desconfortável à luz da tocha. Firble era um svirfneblin, um gnomo das profundezas, trinta e seis quilos de músculos firmes comprimidos em uma estrutura de um metro de altura. Poucas raças do Subterrâneo podiam se sair tão bem quanto os svirfneblin, e nenhuma raça, exceto talvez o raro pech, entendia tão bem os caminhos da pedra das profundezas.

Ainda assim, Firble estava mais do que um pouco assustado agora, nos corredores vazios além das fronteiras de Gruta das Pedras Preciosas, a cidade que era sua casa. Ele odiava a luz da tocha, odiava qualquer luz, mas as ordens do rei Schnicktick eram finais e indiscutíveis: nenhum gnomo deveria atravessar os corredores sem uma tocha acesa em sua mão.

Nenhum gnomo, exceto um. O companheiro de Firble neste dia não carregava tocha, pois ele não possuía mãos. Belwar Dissengulp, o Honorável Mestre de Escavações de Gruta das Pedras Preciosas, havia perdido as mãos para os drow, para o irmão de Drizzt Do'Urden, Dinin, muitos anos antes. Ao contrário de tantas outras raças do Subterrâneo, no entanto, os svirfneblin tinham compaixão, e seus artesãos haviam formado maravilhosas substituições de mitral puro e encantado: um martelo de cabeça de bloco que cobria o braço direito de Belwar e uma picareta de duas cabeças no esquerdo.

— Completamos o circuito, nós — comentou Firble. — E de volta a Gruta das Pedras Preciosas, nós vamos!

— Ainda não! — resmungou Belwar. Sua voz era mais profunda e mais forte do que a da maioria dos svirfneblin, e era adequada, considerando sua robusta constituição.

— Não há drow nos túneis — insistiu Firble. — Nenhuma luta em três semanas!

Era verdade. Depois de meses lutando contra os drow de Menzoberranzan nos túneis perto de Gruta das Pedras Preciosas, os corredores ficaram estranhamente quietos. Belwar entendeu que Drizzt Do'Urden, seu amigo, de alguma forma tinha desempenhado um papel nessa mudança, e ele temia que Drizzt tivesse sido capturado ou morto.

— Quietos, está — disse Firble com mais suavidade, como se tivesse acabado de perceber o perigo de seu próprio volume. Um arrepio percorreu a espinha do svirfneblin menor. Belwar o forçara a vir para cá, era a vez dele na rotação, mas normalmente alguém tão experiente e venerável quanto Firble teria sido dispensado de seus deveres de batedor. Belwar insistiu, porém, e por algum motivo que Firble não entendia, o rei Schnicktick concordou com o Honorável Mestre de Escavações.

Não que Firble não estivesse acostumado aos túneis. Muito pelo contrário. Ele era o único gnomo de Gruta das Pedras Preciosas com contatos reais em Menzoberranzan, e estava mais familiarizado com os túneis perto da cidade drow do que qualquer outro gnomo das profundezas. Essa distinção duvidosa estava causando ataques a Firble nos dias de hoje, em particular de Belwar. Quando uma Cattibrie disfarçada foi capturada pelos svirfneblin e, posteriormente, reconhecida como não sendo uma inimiga, Firble, correndo grande risco pessoal, mostrou seus caminhos secretos mais rápidos para Menzoberranzan.

Agora Belwar não estava preocupado com nenhum drow nos túneis, Firble sabia. Os túneis estavam silenciosos. As patrulhas dos gnomos e outros aliados secretos não podiam encontrar nenhuma pista de que qualquer drow estivesse por perto, nem mesmo ao longo das rotas normais dos elfos negros mais perto de Menzoberranzan. Algo importante havia acontecido na cidade drow, isso era óbvio, e parecia óbvio, também, que Drizzt e a problemática Cattibrie estavam de alguma forma envolvidos. Essa era a verdadeira razão pela qual Belwar havia forçado Firble a sair, Firble sabia, e ele tornou a estremeceu ao pensar que era por isso que o rei Schnicktick havia concordado tão prontamente com Belwar.

— Algo aconteceu — disse Belwar, inesperadamente jogando suas cartas, como se entendesse a linha de raciocínio silencioso de Firble.
— Algo em Menzoberranzan.

Firble olhou desconfiado para o honorável mestre de escavações. Ele sabia o que logo seria pedido a ele, sabia que em breve estaria lidando com aquele trapaceiro Jarlaxle outra vez.

— As próprias pedras estão desconfortáveis — continuou Belwar.

— Como se os drow estivessem prestes a marchar — Firble interrompeu secamente.

— Cosim camman denoctusd — concordou Belwar, em um antigo ditado svirfneblin que se traduzia de forma grosseira em “o terreno assentado antes do terremoto”, ou, como era mais conhecido pelos habitantes da superfície, “a calmaria antes da tempestade”.

— Que eu me encontre com meu informante drow, o Rei Schnicktick deseja — Firble raciocinou, não vendo sentido em conter o palpite por mais tempo. Ele sabia que não estaria sugerindo algo que Belwar não estava prestes a sugerir a ele.

— Cosim camman denoctusd — disse Belwar novamente, com maior determinação. Belwar, Schnicktick e muitos outros em Gruta das Pedras Preciosas estavam convencidos de que os drow logo marchariam com força total. Embora os túneis mais diretos para a superfície, para onde Drizzt Do’Urden chamava de lar, estivessem a leste de Gruta das Pedras Preciosas, além de Menzoberranzan, os drow primeiro teriam que partir para o oeste e chegariam desconfortavelmente perto da cidade dos gnomos. Tão perturbador era o pensamento de que o rei Schnicktick havia ordenado grupos de reconhecimento para o leste e sul, mais longe de casa e Menzoberranzan que os svirfneblin já haviam ido. Houve rumores de evacuar Gruta das Pedras Preciosas completamente, se os rumores se mostrassem prováveis e um novo local pudesse ser encontrado. Nenhum gnomos queria isso, Belwar e Firble talvez menos que todos. Ambos eram velhos, aproximando-se de seu segundo século completo, e ambos estavam ligados, de coração e alma, a esta cidade chamada Gruta das Pedras Preciosas.

Mas entre todos os svirfneblin, estes dois entendiam o poder de uma marcha drow, entendiam que se o exército de Menzoberranzan chegasse à Gruta das Pedras Preciosas, os gnomos seriam obliterados.

— Marcar a reunião, eu irei — disse Firble com um suspiro resignado.
— Ele me dirá pouco, não duvido. Nunca diz muito, e alto sempre é o preço!

Belwar não disse nada e simpatizou pouco com o custo de tal encontro com o informante drow ganancioso. O Honorável Mestre de Escavações entendia que o preço da ignorância seria muito maior. Ele também percebeu que Firble entendia, também, e que a aparente renúncia do conselheiro era apenas uma parte do alvoroço de Firble. Belwar tinha chegado a conhecer bem Firble e descobriu que gostava do gnomo que reclamava até demais.

Agora Belwar, e todos os outros svirfneblin em Gruta das Pedras Preciosas, precisavam desesperadamente de Firble e seus contatos.

Capítulo 3

Brincando

DRIZZT E CATTIBRIE SALTAVAM PELAS TRILHAS ROCHOSAS, deslizando espirituosos por entre as pedreas caídas sem esforço, como duas crianças brincando. A caminhada se tornou uma corrida improvisada à medida que cada um saltava sobre as pedras, pulava para alcançar galhos baixos, depois descia até onde as pequenas árvores da montanha pudessem os levar. Eles chegaram a um ponto baixo e nivelado juntos, onde cada um pulou uma pequena poça — embora Cattibrie não tenha pulado por completo — e se separaram quando se aproximaram de uma laje de rocha mais alta do que qualquer um deles. Cattibrie foi para a direita e Drizzt começou a ir à esquerda, depois mudou de ideia e subiu a barreira.

Cattibrie derrapou ao redor da laje, satisfeita em ver que ela seria a primeira a chegar ao outro lado.

— Estou na frente! — ela gritou, mas mesmo enquanto falava, viu a forma escura e graciosa de seu companheiro voar sobre sua cabeça.

— Ainda não! — Drizzt corrigiu, tocando o solo com tanta leveza que parecia que ele nunca tinha saído do chão. Cattibrie gemeu de frustração e correu novamente, mas parou, vendo que Drizzt havia parado.

— Um dia bonito demais — observou o elfo negro. De fato, era um dia melhor do que a maioria dos que o sul da Espinha do Mundo já havia oferecido quando os ventos de outono começavam a soprar. O ar estava aerado, a brisa fresca e nuvens brancas, fofas e parecendo bolas de neve gigantescas, corriam pelo céu azul profundo em ventos rápidos da montanha.

— Bonito demais para discutir com Berkthgar — acrescentou Cattibrie, pensando que essa era a direção da declaração do drow. Ela se curvou um pouco e colocou as mãos nas coxas em busca de apoio, depois virou a cabeça para trás e para cima, tentando recuperar o fôlego.

— Bonito demais para deixar Guenhwyvar de fora! — Drizzt esclareceu alegre.

O sorriso de Cattibrie estava aberto quando ela olhou para baixo e viu Drizzt tirar a estatueta de ônix da pantera de sua mochila. Estava entre as mais belas obras de arte que Cattibrie já tinha visto, perfeitamente detalhada para mostrar os flancos musculosos e a verdadeira e perspicaz expressão da grande gata. Por mais perfeita que fosse, a estatueta empalidecia ao lado da criatura magnífica que permitia que Drizzt convocasse.

Reverente, o drow colocou o item no chão diante dele.

— Venha a mim, Guenhwyvar — ele chamou com suavidade. Aparentemente, a pantera estava ansiosa para retornar, pois uma névoa cinzenta girou ao redor do item quase de imediato, aos poucos tomando forma e se solidificando.

Guenhwyvar chegou ao Plano Material com as orelhas erguidas, relaxada, como se entendesse pelas inflexões do chamado de Drizzt que não havia emergência, que ela estava sendo convocada apenas para fazer companhia.

— Estamos correndo para Pedra do Veredito — explicou Drizzt. — Você acha que pode acompanhar o ritmo?

A pantera entendeu. Um único salto das poderosas patas traseiras fez Guenhwyvar voar sobre a cabeça de Cattibrie, pela extensão de seis metros até o topo da laje de rocha que ela e Drizzt acabaram de atravessar. A gata atingiu o topo plano da rocha, recuou e girou para encarar a dupla. Então, por nenhum outro motivo além de elogiar o dia, Guenhwyvar se ergueu e se elevou no ar, uma visão que fez o coração de seus amigos disparar. Guenhwyvar tinha quase trezentos quilos, o dobro do tamanho de uma pantera comum, com uma cabeça quase tão larga quanto os ombros de Drizzt, uma pata que poderia cobrir o rosto de um homem e olhos verde-amarelados espetaculares e brilhantes que revelavam uma inteligência muito além do que um animal deveria possuir. Guenhwyvar era a mais leal das companheiras, uma amiga incondicional, e cada vez que Drizzt, Cattibrie, Bruenor ou Regis olhavam para a gata, suas vidas ficavam um pouco mais agradáveis.

— Acho que temos uma vantagem — Cattibrie sussurrou maliciosa.

Drizzt acenou discretamente com a cabeça, e eles se separaram,

correndo pela trilha. Segundos depois, ouviram Guenhwyvar rugir atrás deles, ainda no topo da laje de pedra. A trilha era relativamente limpa e Drizzt correu à frente de Cattibrie, embora a mulher, jovem e forte, com um coração que seria mais apropriado no peito de um anão resistente, não pudesse ser abalada.

— Você não vai me vencer! — ela gritou, e Drizzt riu. Sua alegria desapareceu quando ele fez uma curva e descobriu que Cattibrie, teimosa e ousada, tomou um atalho um tanto traiçoeiro, pulando levemente sobre pedaços de pedras quebradas e irregulares, tomando uma liderança inesperada.

De repente, isso se tornou mais do que uma competição amigável. Drizzt abaixou a cabeça e correu com todas as forças, descendo o terreno irregular de forma tão imprudente que mal conseguiu evitar bater o rosto em uma árvore. Cattibrie o acompanhou, passo a passo, e manteve a liderança.

Guenhwyvar tornou a rugir e eles sabiam que estavam sendo zombados.

Com certeza, apenas alguns segundos depois, uma faixa negra se separou de uma parede de pedra ao lado de Drizzt, na altura da cabeça do drow. Guenhwyvar cortou a trilha entre os dois companheiros e passou por Cattibrie tão veloz e silenciosa que ela mal percebeu não estar mais na frente.

Algum tempo depois, Guenhwyvar a deixou seguir em frente outra vez, então Drizzt pegou um atalho traiçoeiro e deslizou para a frente — apenas para ser passado de novo pela pantera. E assim foi, com os competitivos Drizzt e Cattibrie se esforçando, e Guenhwyvar apenas brincando.

Os três estavam exaustos — pelo menos Drizzt e Cattibrie estavam; Guenhwyvar nem estava respirando intensamente — quando pararam para almoçar em uma pequena clareira, protegidos do vento por um muro alto no norte e leste, e caindo em um penhasco ao sul. Várias pedras pontilhavam a clareira, bancos perfeitos para os companheiros cansados. Um agrupamento de pedras fora colocado no meio como uma fogueira, pois este era um acampamento comum do drow, que viajava com frequência.

Cattibrie relaxou enquanto Drizzt acendia uma pequena fogueira. Muito abaixo, ela podia ver as plumas cinzentas de fumaça subindo preguiçosamente no ar limpo das casas de Pedra do Veredito. Essa

visão fez o ar de brincadeira passar, pois lembrava a jovem, que passara a manhã em tal ritmo, da gravidade de sua missão e da situação. Quantas corridas ela, Drizzt e Guenhwyvar poderiam compartilhar se os drow viessem?

Aquelas plumas de fumaça também lembravam Cattibrie do homem que trouxera os bárbaros durões para este lugar vindos de Vale do Vento Gélido, o homem que deveria ter sido seu marido. Wulfgar morreria tentando salvá-la, morreria nas garras de uma yochlol, uma serva da maligna Lolth. Tanto Cattibrie quanto Drizzt tinham que suportar alguma responsabilidade por essa perda, mas não era a culpa que doía na jovem agora, ou que doía em Drizzt. Ele também notou a fumaça e fez uma pausa de seu cuidado da fogueira para observar e contemplar.

Os companheiros não sorriram mais, por simples perda, porque haviam feito tantas corridas como esta, exceto que Wulfgar havia corrido ao lado deles, seus longos passos compensando o fato de que ele não podia passar por espaços que seus dois companheiros menores podiam passar a toda velocidade.

— Eu gostaria... — disse Cattibrie, e as palavras ressoaram nos ouvidos do elfo negro, que desejava o mesmo.

— Nossa guerra, se vier, seria uma luta melhor se Wulfgar, filho de Beornegar, estivesse liderando os guerreiros de Pedra do Veredito — concordou Drizzt, e o que ele e Cattibrie pensaram em silêncio era que todas as suas vidas seriam melhores se Wulfgar estivesse vivo.

Pronto. Drizzt dissera abertamente, e não havia mais nada a dizer. Eles almoçaram em silêncio. Mesmo Guenhwyvar ficou muito quieta e não fez nenhum som.

A mente de Cattibrie se desviou de seus amigos, de volta ao Vale do Vento Gélido, para a montanha rochosa, o Sepulcro de Kelvin, pontilhando a tundra plana. Era tão parecido com este lugar. Mais frio, talvez, mas o ar tinha o mesmo frescor, a mesma textura clara e vital. Quão longe ela e seus amigos, Drizzt e Guenhwyvar, Bruenor e Regis e, claro, Wulfgar, tinham vindo daquele lugar! E em tão pouco tempo! Um frenesi de aventuras, uma vida de emoção, empolgação e boas ações. Juntos, eles eram uma força imbatível.

Ou era o que pensavam.

Cattibrie tinha visto as emoções de uma vida, de fato, e ela mal

passava dos vinte e poucos anos. Ela havia corrido rápido pela vida, como se corresse pelas trilhas da montanha, livre e espirituosa, pulando sem cuidado, sentindo-se imortal.

Quase.

Capítulo 4

No limite

“CONSPIRAÇÃO?”, sinalizaram os dedos do drow, usando a língua de sinais silenciosa dos elfos negros, com seus movimentos tão intrincados e variados que quase todas as conotações de cada palavra na língua falada drow poderiam ser representadas.

Jarlaxle respondeu com um leve aceno de cabeça. Ele suspirou e pareceu sinceramente perplexo — uma visão que não era vista com frequência — e fez sinal para que seu acompanhante o seguisse até uma área mais segura.

Eles atravessaram as largas e sinuosas avenidas de Menzoberranzan, áreas planas e claras entre os imponentes montes de estalagmite que serviam de lar para as várias famílias drow. Esses montes, e um bom número de longas estalactites apontando para baixo do enorme teto da caverna, foram escavados e esculpidos com varandas e passarelas. Os aglomerados dentro de cada complexo familiar eram frequentemente unidos por pontes altas, a maioria moldadas para se assemelharem a teias de aranha. E em todas as casas, em especial as das famílias mais antigas e mais estabelecidas, os projetos mais maravilhosos eram destacados por fogo feérico brilhante, em roxo e azul, às vezes delineado em vermelho e sem a mesma frequência, em verde. Menzoberranzan era a mais espetacular das cidades, de tirar o fôlego, surreal e um visitante ignorante — que não seria ignorante, ou provavelmente até vivo, por muito tempo! — nunca adivinharia que os artesãos de tal beleza estavam entre os mais maliciosos das raças de Toril.

Jarlaxle se moveu sem um sussurro pelas avenidas mais escuras e apertadas que cercavam as Casas menores. Seu foco estava à frente e para os lados, seu olho aguçado — e seu tapa-olho estava sobre o olho direito no momento — discernindo o menor dos movimentos nas sombras mais distantes.

A surpresa do líder mercenário foi completa quando ele olhou de volta para seu companheiro e encontrou, não M'tarl, o tenente de Bregan

D'aerthe com quem ele havia saído, mas outro drow, muito poderoso.

Era raro Jarlaxle não ter uma resposta rápida, mas o espectro de Gromph Baenre, o filho mais velho da Matriarca Baenre, o arquimago de Menzoberranzan, parado tão inesperadamente ao lado dele, sem dúvidas roubou sua esperteza.

— Eu confio que M'tarl será devolvido a mim quando você houver acabado — disse Jarlaxle, logo recuperando a compostura que raramente perdia.

Sem dizer uma palavra, o arquimago acenou com o braço e um globo verde cintilante apareceu no ar, a vários metros do chão. Uma corda fina de prata pendia dele, e sua extremidade visível mal roçava o chão de pedra.

Jarlaxle deu de ombros e pegou a corda, e assim que a tocou, foi puxado para cima, dentro do globo, para o espaço extradimensional além do portal cintilante.

A conjuração foi impressionante, Jarlaxle decidiu, pois encontrou dentro não o espaço vazio habitual criado por tal evocação, mas uma sala de estar mobiliada com exuberância, completa com um servo similar a um zumbi que lhe ofereceu uma taça um bom vinho antes mesmo que se sentasse. Jarlaxle levou um momento para permitir que sua visão mudasse para o espectro normal de luz, pois o lugar estava banhado por um suave brilho azul. Isso não era incomum para magos, mesmo magos drow acostumados aos caminhos sem luz do Subterrâneo, pois não se podia ler pergaminhos ou livros de magias sem luz!

— Ele será devolvido se puder sobreviver onde eu o coloquei por tempo suficiente para concluirmos nossa conversa — respondeu Gromph. O mago não parecia muito preocupado, pois ele também havia entrado no bolso extradimensional. O poderoso Baenre fechou os olhos e sussurrou uma palavra, e sua capa piwafwi e outros trajes comuns se transformaram. Agora ele parecia fazer parte de seu recinto privilegiado. Seu manto esvoaçante mostrava muitos bolsos e estava estampado com sinais e runas de poder. Assim como nas estruturas da Casa, o fogo feérico destacava essas runas, embora o arquimago pudesse escurecer as runas com um pensamento, e seu manto seria mais oculto do que a melhor das piwafwis. Dois broches, um deles uma aranha de pernas pretas e corpo vermelho, o outro uma esmeralda verde brilhante, adornavam o manto magnífico, embora Jarlaxle mal pudesse vê-los, pois os longos cabelos brancos do velho

mago pendiam na lateral de sua cabeça e na frente de seus ombros e peito.

Por seu interesse em coisas mágicas, Jarlaxle já havia visto os broches no arquimago anterior da cidade, embora Gromph tivesse mantido a posição por mais tempo do que a maioria dos drow de Menzoberranzan estava viva. O broche de aranha permitia que o arquimago lançasse o encantamento de calor persistente em Narbondel, o relógio do pilar de Menzoberranzan. O calor subiria até a ponta do relógio durante um período de doze horas, depois diminuiria de volta para a base em um período de tempo semelhante, até que a pedra ficasse fria outra vez, um relógio muito óbvio e eficaz para os olhos drow, que detectam o calor.

O outro broche dava a Gromph juventude perpétua. Pela estimativa de Jarlaxle, este tinha visto o nascimento e a morte de sete séculos, mas ele parecia tão jovem que parecia estar pronto para começar seu treinamento na Academia Drow!

Não exatamente, Jarlaxle se retratou em silêncio ao estudar o mago. Havia uma aura de poder e dignidade em Gromph, refletida muito clara em seus olhos, que mostrava a sabedoria de uma experiência longa e muitas vezes amarga. Aquele lá era astuto e desonesto, capaz de examinar qualquer situação imediatamente e, na verdade, Jarlaxle se sentia mais desconfortável e mais vulnerável diante de Gromph do que diante da própria Matriarca Baenre.

— Uma conspiração? — Gromph repetiu a pergunta, desta vez em voz alta. — As outras Casas finalmente se cansaram da minha mãe e se uniram contra a Casa Baenre?

— Eu já dei um relato completo completa para a Matriarca...

— Eu ouvi cada palavra — interrompeu Gromph, rosnando impaciente. — Agora eu quero saber a verdade.

— Um conceito interessante — disse Jarlaxle, sorrindo ironicamente ao perceber que Gromph estava nervoso de verdade. — Verdade.

— Uma coisa rara — concordou Gromph, recuperando a compostura e descansando em sua cadeira, fazendo seus dedos esguios baterem juntos diante dele. — Mas uma coisa que às vezes mantém tolos intrometidos vivos.

O sorriso de Jarlaxle desapareceu. Ele estudou Gromph com atenção,

surpreso com uma ameaça tão ousada. Gromph era poderoso — por todas as medidas de Menzoberranzan, o velho infeliz era tão poderoso quanto qualquer macho poderia se tornar. Mas Jarlaxle não operava por nenhuma das medidas de Menzoberranzan, e para o mago correr o risco de ameaçar Jarlaxle...

Jarlaxle ficou ainda mais surpreso quando percebeu que Gromph, o poderoso Gromph Baenre, estava além de nervoso. Ele estava realmente assustado.

— Nem vou me incomodar em lembrá-lo do valor desse tolo intrometido — disse Jarlaxle.

— Me poupe.

Jarlaxle riu na cara dele.

Gromph levou as mãos aos quadris, suas vestes externas se abrindo na frente com o movimento e revelando um par de varinhas colocadas sob o cinto, uma em cada lado do quadril.

— Sem conspiração — disse Jarlaxle de repente, com firmeza.

— A verdade — comentou Gromph em tom perigoso e baixo.

— A verdade — Jarlaxle respondeu mais diretamente do que já havia falado. — Investi tanto na Casa Baenre quanto você, Arquimago. Se as Casas menores estivessem se unindo contra Baenre, ou se as filhas de Baenre planejassem sua morte, Bregan D'aerthe ficaria ao lado dela, pelo menos a ponto de dar um aviso justo do próximo golpe.

A expressão de Gromph ficou muito séria. O que Jarlaxle observou mais foi que o mais velho da Casa Baenre não havia percebido seu deslize óbvio e intencional ao se referir à Matriarca Baenre apenas como “Baenre”. Erros como esse muitas vezes custam aos drow, em particular drow machos, suas vidas.

— O que é então? — Gromph perguntou, e o próprio tom da pergunta, quase um apelo absoluto, pegou Jarlaxle desprevenido. Nunca antes ele tinha visto o arquimago, ou ouvido falar do arquimago, em um estado tão desesperado.

— Você está sentindo! — explodiu Gromph. — Há algo errado com o próprio ar que respiramos!

Por séculos incontáveis, Jarlaxle acrescentou silenciosamente, uma noção que ele sabia que seria sábio manter para si mesmo. Para Gromph, ele ofereceu apenas:

— A capela foi danificada.

O arquimago assentiu, com sua expressão ficando amarga. A grande capela abobadada da Casa Baenre era o lugar mais sagrado de toda a cidade, o santuário supremo de Lolth. No que talvez tenha sido o tapa na cara mais terrível que a Rainha Aranha já havia experimentado, o renegado Do'Urden e seus amigos, ao escapar, derrubaram uma estalactite do telhado da caverna que perfurou a cúpula preciosa como uma lança gigantesca.

— A Rainha Aranha está com raiva — comentou Gromph.

— Eu ficaria — concordou Jarlaxle.

Gromph lançou um olhar furioso sobre o mercenário presunçoso. Não por qualquer insulto que ele tivesse dado a Lolth, Jarlaxle entendeu, mas simplesmente por causa de sua atitude irreverente.

Quando esse olhar não teve mais efeito do que trazer um sorriso para os lábios de Jarlaxle, Gromph saltou de sua cadeira e andou como uma fera enjaulada. O anfitrião zumbi, sem pensar e apenas programado, correu, com bebidas na mão.

Gromph rosnou e ergueu a palma da mão, e uma bola de fogo apareceu de repente no topo. Com a outra mão, Gromph colocou algo pequeno e vermelho — parecia uma balança — na chama e começou um entoar sinistro.

Jarlaxle observou paciente enquanto Gromph exibia sua frustração, o mercenário preferindo que o mago apontasse para o zumbi e não para ele.

Uma pitada de fogo saiu da mão de Gromph. Preguiçosa, determinada, como uma cobra que já havia imobilizado sua presa com veneno, a chama envolveu o zumbi, que, é claro, não se moveu nem reclamou. Em poucos segundos, o servo foi engolido pela serpente de fogo. Quando Gromph voltou a se sentar casualmente, a coisa em chamas seguiu seu curso predeterminado de volta para ficar impassível. Ele voltou a seu posto, mas logo desmoronou, com uma de suas pernas consumida.

— O cheiro... — Jarlaxle começou, colocando a mão sobre o nariz.

— É o cheiro do poder! — Gromph terminou, com seus olhos vermelhos se estreitando, e suas narinas abertas. O mago respirou fundo e se regozijou no fedor.

— Não é Lolth que promove o que quer que esteja errado no ar — disse Jarlaxle de repente, querendo roubar a vanglória do mago obviamente frustrado, encerrar a conversa e sair deste lugar fedorento.

— O que você sabe? — Gromph exigiu saber, de repente muito ansioso mais uma vez.

— Não mais do que você — respondeu Jarlaxle. — Lolth provavelmente está com raiva da fuga de Drizzt e dos danos na capela. Você, além de qualquer outro, reconhece a importância daquela capela. — O tom astuto de Jarlaxle fez com que as narinas de Gromph se expandissem mais uma vez.

O mercenário sabia que havia atingido um ponto fraco, uma fraqueza nas vestes blindadas do arquimago. Gromph havia criado a abóbada da capela Baenre, uma ilusão gigantesca e cintilante pairando sobre o altar central. Ela mudava continuamente de forma, passando de uma bela drow para uma enorme aranha e vice-versa. Não era segredo em Menzoberranzan que Gromph não era o mais devoto dos seguidores de Lolth, nem era segredo que a criação da magnífica ilusão o havia poupado da ira impiedosa de sua mãe.

— Mas há muitas coisas acontecendo para Lolth ser a única causa — Jarlaxle continuou depois de saborear a pequena vitória por um momento. — E muitas delas afetam a própria base de poder de Lolth de forma negativa.

— Uma divindade rival? — Gromph perguntou, revelando-se mais intrigado do que pretendia. — Ou uma revolta clandestina? — O mago recostou-se de repente, pensando que havia acertado algo, pensando que qualquer revolta clandestina com certeza cairia no domínio de um certo líder mercenário desonesto.

Mas Jarlaxle não estava de forma alguma encurralado, pois se qualquer uma das suspeitas de Gromph tivesse alguma base, Jarlaxle não sabia disso.

— Algo. — Foi tudo o que o mercenário respondeu. — Algo talvez perigoso demais para todos nós. Por mais de uma dezena de anos, uma

ou outra Casa, por alguma razão, superestimou o valor de capturar o renegado Do'Urden, e seu próprio zelo elevou o status dele e multiplicou os problemas que ele causou.

— Então você acredita que tudo isso está ligado à fuga de Drizzt — argumentou Gromph.

— Acredito que muitas matriarcas-mães acreditarão nisso — Jarlaxle foi rápido em responder. — E, assim, a fuga de Drizzt realmente desempenhará um papel no que está por vir. Mas eu não disse, e não acredito, que o que você sente que está errado é o resultado da fuga do renegado de sua prisão na Casa Baenre.

Gromph fechou os olhos e deixou a lógica assentar. Jarlaxle estava certo, é claro. Menzoberranzan era um lugar tão entranhado em sua própria intriga que a verdade importava menos do que a suspeita, que a suspeita muitas vezes se tornava uma profecia autorrealizável e, portanto, muitas vezes criava a verdade.

— Posso querer falar com você outra vez, mercenário — disse o arquimago em voz baixa, e Jarlaxle notou uma porta perto de onde ele havia entrado no bolso extradimensional. Ao lado dele, o zumbi ainda queimava, agora apenas uma bola amassada e enegrecida de osso quase nu.

Jarlaxle foi até a porta.

— Que pena — disse Gromph dramaticamente, e Jarlaxle fez uma pausa. — M'tarl não sobreviveu.

— Uma pena para M'tarl — acrescentou Jarlaxle, não querendo que Gromph pensasse que a perda de alguma forma feriria Bregan D'aerthe.

Jarlaxle saiu pela porta, desceu pela corda e se afastou em silêncio para as sombras da cidade, tentando digerir tudo o que havia ocorrido. Raramente ele havia falado com Gromph, e ainda mais raramente Gromph havia solicitado, à sua maneira complicada, a conversa. Esse fato era significativo, Jarlaxle percebeu. Algo muito estranho estava acontecendo ali, um leve formigamento no ar. Jarlaxle, um amante do caos — em especial porque, dentro do redemoinho do caos, ele sempre parecia sair na frente — ficou intrigado. O ainda mais intrigante era que Gromph, apesar de seus medos e tudo o que ele tinha a perder, também estava intrigado!

A menção do arquimago a uma possível segunda divindade provou isso, mostrou toda a sua mão. Pois Gromph era um velho miserável, apesar do fato de que ele havia chegado mais longe na vida do que qualquer drow macho em Menzoberranzan poderia esperar escalar.

Não, não apesar desse fato, Jarlaxle se corrigiu silenciosamente. Por causa desse fato. Gromph era amargo, e tinha sido assim por séculos, porque, em sua visão elevada de seu próprio valor, ele viu até mesmo a posição de arquimago como inútil, como um limite imposto por um acidente de gênero.

A maior fraqueza em Menzoberranzan não era a rivalidade das várias casas, Jarlaxle sabia, mas o rigoroso sistema matriarcal imposto pelos seguidores de Lolth. Metade da população drow era subjugada apenas por terem nascido como machos.

Isso era uma fraqueza.

E a subjugação inevitavelmente gerava amargura, mesmo — em especial! — em alguém que tinha ido tão longe quanto Gromph. Porque de seu alto posto, o arquimago podia ver com clareza o quão mais longe ele poderia ir se tivesse nascido diferente.

Gromph indicou que poderia querer falar com Jarlaxle de novo, e Jarlaxle teve a sensação de que ele e o mago amargo de fato se encontrariam, talvez, com bastante frequência. Ele passou os próximos vinte passos de sua caminhada de volta através de Menzoberranzan se perguntando que informação Gromph poderia extrair do pobre M'tarl, pois é claro que o tenente não estava morto — embora ele pudesse logo desejar estar.

Jarlaxle riu de sua própria tolice. Ele havia falado a verdade para Gromph, é claro, e então M'tarl não podia revelar nada incriminador. O mercenário suspirou. Ele não estava acostumado a falar a verdade, não estava acostumado a andar onde não havia teias.

Com essa ideia descartada, Jarlaxle voltou sua atenção para a cidade. Algo estava se formando. Jarlaxle, o derradeiro sobrevivente, podia sentir isso, e Gromph também. Algo importante ocorreria muito em breve, e o que o mercenário precisava fazer era descobrir como ele poderia lucrar com isso, o que quer que fosse.

Capítulo 5

O campeão de Cattibrie

DRIZZT CHAMOU GUENHWYVAR AO SEU LADO quando os companheiros desceram para as trilhas mais baixas. A pantera sentou-se em silêncio, esperando o que estava por vir.

— Você deveria levar a gata — sugeriu Cattibrie, entendendo a intenção de Drizzt. Os bárbaros, embora estivessem longe de suas casas na tundra e de seus caminhos isolados, continuavam sendo um pouco desconfiados da magia, e a visão da pantera sempre incomodava vários do povo de Berkthgar, e até mesmo o próprio Berkthgar.

— Já é muito para eles que eu entre em seu assentamento — respondeu Drizzt.

Cattibrie teve que concordar com a cabeça. A visão de Drizzt, de um drow, alguém de uma herança conhecida por magia e maldade, talvez fosse ainda mais enervante para o povo do Norte do que a pantera.

— Ainda assim, se você fizesse a gata sentar em Berkthgar por um tempo, isso daria uma lição nele — ela observou.

Drizzt riu enquanto imaginava Guenhwyvar se alongando confortavelmente nas costas do homem imenso se debatendo.

— O povo de Pedra do Veredito se acostumará com a pantera como se acostumaram com minha presença — respondeu o drow. — Pense em quantos anos Bruenor levou para se sentir confortável perto de Guenhwyvar.

A pantera deu um rosnado baixo, como se entendesse cada palavra deles.

— Não foram os anos — rebateu Cattibrie. — Foi o número de vezes que Guen puxou o traseiro de meu pai teimoso para longe da encrenca!

Quando Guenhwyvar rosnou outra vez, tanto Drizzt quanto Cattibrie riram às custas do grosseiro Bruenor. A alegria diminuiu quando Drizzt pegou a estatueta e se despediu de Guenhwyvar, prometendo chamar a pantera de volta assim que ele e Cattibrie estivessem nas trilhas mais uma vez, voltando para o Salão de Mítral.

A formidável pantera, rosnando baixo, andou em círculos ao redor da estatueta. Aos poucos, esses rosnados diminuíram quando Guenhwyvar desapareceu na névoa cinzenta, depois em nada.

Drizzt pegou a estatueta e olhou para as plumas de fumaça que subiam da, agora próxima, Pedra do Veredito.

— Você está pronta? — perguntou ele à sua companheira.

— Ele será teimoso — admitiu Cattibrie.

— Só temos que fazer Berkthgar entender a profundidade da angústia de Bruenor — ofereceu Drizzt, recomeçando a andar na direção da cidade.

— Só temos que fazer Berkthgar imaginar o machado de Bruenor varrendo a ponta de seu nariz — murmurou Cattibrie. — Bem entre os olhos.

Pedra do Veredito era um aglomerado rochoso, varrido pelo vento, de casas de pedra situadas em um vale e protegidas em três lados pelos lados quebrados das montanhas altas conhecidas como a Espinha do Mundo acessíveis apenas por uma escalada. As estruturas rochosas, assemelhando-se a casas de cartas contra o plano de fundo das montanhas gigantescas, foram construídas pelos anões do Salão de Mítral, pelos ancestrais de Bruenor, centenas de anos antes, quando o lugar era chamado de Lançanã. Tinha sido usado como um posto comercial pelo povo de Bruenor e era o único lugar para os comerciantes espiarem as maravilhas que vinham do Salão de Mítral, pois os anões não queriam entreter estrangeiros em suas minas secretas.

Mesmo alguém que não conhecia a história de Lançanã suporia que esse lugar havia sido construído pelo povo barbado. Apenas os anões poderiam ter imbuído as rochas com tanta força, pois, embora o assentamento tivesse sido desabitado por séculos, e embora o vento que varria o canal das altas paredes da montanha fosse implacável, as estruturas permaneceram. Ao preparar o lugar para seu próprio uso, o povo de Wulfgar não tinha muito mais para fazer além de apoiar uma

parede ocasional, varrer as toneladas de seixos que haviam meio enterrado algumas das casas e expulsar os animais que haviam ido morar ali.

Então, era um posto comercial novamente, parecendo muito como costumava ser no auge do Salão de Mitral, mas agora era chamado de Pedra do Veredito e usado por humanos que trabalhavam como agentes para os anões ocupados. O acordo parecia sólido e lucrativo para ambas as partes, mas Berkthgar não tinha ideia o quão hesitantes as coisas se tornaram de repente. Se ele não cedesse a sua demanda em carregar Presa de Égide, tanto Drizzt quanto Cattibrie sabiam, era provável que Bruenor expulsasse o bárbaro e seu povo.

Os bárbaros orgulhosos nunca seguiriam tal ordem, é claro. A terra tinha sido concedida, não emprestada.

A perspectiva de guerra, do povo de Bruenor descendo das montanhas e afastando os bárbaros, não era tão impossível.

Tudo por causa da Presa de Égide.

— Wulfgar não ficaria tão feliz em saber a fonte da discussão — comentou Cattibrie enquanto ela e Drizzt se aproximavam do assentamento.

— Foi ele quem reuniu todos eles. Parece uma pena, de fato, que seja sua memória o que ameaça afastá-los.

Uma pena e uma terrível ironia, Drizzt concordou silenciosamente. Seus passos se tornaram mais determinados. Vendo por esse lado, essa missão diplomática assumiu um significado ainda maior. De repente, Drizzt estava marchando para Pedra do Veredito por muito mais do que uma disputa mesquinha entre dois governantes inflexíveis. O drow estava indo pela honra de Wulfgar.

Ao descerem ao chão do vale, ouviram canções, uma recitação rítmica e solene dos feitos de um guerreiro lendário. Eles atravessaram os caminhos vazios, passando pelas portas abertas das casas que o povo saudável nunca se preocupou em fechar. Ambos sabiam de onde vinha o canto, e ambos sabiam onde encontrariam os homens, mulheres e crianças de Pedra do Veredito.

A única adição que os bárbaros tinham feito à cidade era uma grande estrutura que pudesse caber todas as quatrocentas pessoas de Pedra do Veredito e um número semelhante de visitantes. Hengorot, “o Salão

do Hidromel”, como era chamado. Era um lugar solene de adoração, de valor lembrado e, finalmente, de compartilhar comida e bebida.

O Hengorot não estava pronto. Metade de suas paredes longas e baixas eram de pedra, mas o resto era cercado por coberturas de pele de veado. Esse fato parecia adequado para Drizzt, parecia refletir o quão longe o povo de Wulfgar havia chegado e o quão longe eles tinham que ir. Quando viveram na tundra de Vale do Vento Gélido, eles foram nômades, seguindo o rebanho de renas, então todas as suas casas haviam sido de pele, que poderia ser embalada e levada com a tribo errante.

O povo não era mais nômade; sua existência não dependia mais do rebanho de renas. Era uma fonte não confiável que muitas vezes levava à guerra entre as várias tribos, ou com o povo de Dez Burgos, nos três lagos, os únicos não bárbaros em Vale do Vento Gélido.

Drizzt ficou feliz em ver o nível de paz e harmonia que o povo do norte havia alcançado, mas ainda lhe doía olhar para a parte incompleta do Hengorot, ver as peles e lembrar, também, os sacrifícios que essas pessoas tinham feito. Seu modo de vida, que havia sobrevivido por milhares de anos, não existia mais. Olhando para a construção do Hengorot, uma mera sombra das glórias que o salão de hidromel conhecera, olhando para a pedra que agora envolvia esse povo orgulhoso, o drow não pôde deixar de se perguntar se esse caminho era realmente “progresso”.

Cattibrie, que viveu a maior parte de sua jovem vida em Vale do Vento Gélido e que ouviu incontáveis histórias dos bárbaros nômades, havia entendido a perda desde o começo. Ao chegar em Pedra do Veredito, os bárbaros haviam renunciado a parte de sua liberdade e mais do que a um pouco de sua herança. Eles estavam mais ricos agora, muito mais ricos do que jamais poderiam ter sonhado, e nunca mais um inverno rigoroso ameaçaria sua própria existência. Mas eles haviam pago um preço. Como as estrelas. As estrelas eram diferentes aqui ao lado das montanhas. Elas não desciam ao horizonte plano, atraindo a alma de uma pessoa para os céus.

Com um suspiro resignado, e um pouco de sua própria saudade de casa em Vale do Vento Gélido, Cattibrie se lembrou da situação urgente. Ela sabia que Berkthgar estava sendo teimoso, mas também sabia o quão doloroso havia sido para o líder bárbaro a queda de Wulfgar, e quão doloroso deveria ser para ele imaginar que um anão estava contendo o martelo de guerra que se tornara a arma mais honrada da história de sua tribo.

Não importa que o anão tenha sido quem forjou aquela arma; não importa que o homem que a carregou e a elevou a tal glória, na verdade, tinha sido como um filho para aquele anão. Para Berkthgar, Cattibrie sabia, o herói perdido não era filho de Bruenor, mas era Wulfgar, filho de Beornegar, da Tribo do Alce. Wulfgar do Vale do Vento Gélido, não do Salão de Mitral. Wulfgar, que sintetizava tudo o que havia sido respeitado e valorizado entre o povo bárbaro. Talvez, acima de tudo, Cattibrie apreciasse a gravidade da tarefa diante deles.

Dois guardas altos e de ombros largos flanqueavam a aba de pele da entrada do Hengorot , com suas barbas e hálito cheirando forte a hidromel. Eles se assustaram no início, depois se afastaram depressa quando reconheceram os visitantes. Um correu para a parte mais próxima da longa mesa no centro do salão para anunciar Drizzt e Cattibrie, listando seus feitos conhecidos e sua herança — pelo menos a de Cattibrie, pois a herança de Drizzt não seria uma fonte de glória em Pedra do Veredito.

Drizzt e Cattibrie esperaram pacientes na porta com o outro homem, que com certeza era maior do que os dois juntos. Ambos se concentravam em Berkthgar, sentado no meio do lado direito da mesa, e ele inevitavelmente olhou além do homem que os anunciava para olhar de volta para eles.

Cattibrie achava que o homem era um tolo por sua discussão com Bruenor, mas nem ela nem Drizzt podiam deixar de ficar impressionados com o bárbaro gigante. Ele era quase tão alto quanto Wulfgar, com um e noventa e oito de altura, ombros largos e braços firmes do tamanho das coxas de um anão gordo. Seu cabelo castanho era desgrenhado, caído sobre os ombros, e ele estava começando a crescer uma barba para o inverno, os tufos grossos em seu pescoço e bochechas fazendo-o parecer ainda mais feroz e imponente. Os líderes de Pedra do Veredito eram escolhidos em disputas de força, em competições de batalha feroz, como os bárbaros haviam selecionado seus líderes ao longo de sua história. Nenhum homem em Pedra do Veredito poderia derrotar Berkthgar — Berkthgar, o Audaz, ele era chamado — e ainda assim, por causa desse fato, ele viveu, mais do que qualquer um dos outros, à sombra de um homem morto que havia se tornado lenda.

— Por favor, junte-se a nós! — Berkthgar cumprimentou calorosamente, mas sua expressão disse aos dois companheiros que ele estava esperando essa visita, e não estava tão alegre em vê-los. O chefe se concentrou em particular em Drizzt, e Cattibrie leu tanto a ansiedade quanto a trepidação nos olhos azuis do homem imenso.

Bancos foram oferecidos a Drizzt e Cattibrie — uma grande honra para Cattibrie, pois nenhuma outra mulher estava sentada à mesa, a menos que estivesse no colo de um pretendente. Em Hengorot, e em toda esta sociedade, as mulheres e as crianças, exceto para as crianças mais velhas do sexo masculino, eram servos. Eles estavam agitados agora, colocando canecas de hidromel diante dos novos convidados.

Tanto Drizzt quanto Cattibrie olharam para as bebidas com desconfiança, sabendo que tinham que manter a cabeça perfeitamente limpa, mas quando Berkthgar fez um brinde a eles e ergueu sua própria caneca, o costume exigiu que eles também saudassem. E em Hengorot, simplesmente não se bebericava hidromel!

Ambos os amigos baixaram as canecas para animar os aplausos, e ambos se entreolharam desesperados enquanto outra caneca cheia já substituía a esvaziada.

De repente, Drizzt se levantou e pulou com habilidade na longa mesa.

— Minhas saudações aos homens e mulheres de Pedra do Veredito, ao povo de Berkthgar, o Audaz! — ele começou, e um coro de aplausos ensurdecedores subiu, rugidos para Berkthgar, o foco do orgulho da cidade. O homem enorme e de cabelos desgrenhados levou um tapa nas costas cem vezes no minuto seguinte, mas nem uma vez ele piscou, e nem uma vez ele tirou o olhar suspeito do elfo negro.

Cattibrie entendeu o que estava acontecendo ali. Os bárbaros vieram a aceitar Drizzt de má vontade, mas ele ainda era um elfo magro e um drow, acima de tudo! O paradoxo era mais do que um pouco desconfortável para eles. Eles viam a Drizzt como fraco — provavelmente não mais forte do que algumas de suas mulheres saudáveis — e ainda assim eles sabiam que nenhum deles poderia derrotar o drow em combate. Berkthgar era o mais desconfortável de todos, pois sabia por que Drizzt e Cattibrie haviam vindo, e suspeitava que essa questão sobre o martelo seria resolvida entre ele e Drizzt.

— Estamos gratos de verdade, não, emocionados, pela sua hospitalidade. Ninguém em todos os Reinos pode por uma mesa mais convidativa! — Mais uma vez os aplausos. Drizzt estava jogando bem, e o fato que mais da metade deles estivesse caindo de bêbados ajudava.

— Mas não podemos ficar por muito tempo — disse Drizzt, com sua voz de repente solene. O efeito sobre aqueles sentados perto do drow foi impressionante, pois pareceram ficar sóbrios no mesmo instante,

parecendo de repente compreender o peso da visita do drow.

Cattibrie viu o brilho do pingente de rubi pendurado no pescoço de Drizzt, e entendeu que, embora Drizzt não estivesse usando ativamente a joia encantadora, sua mera presença era tão intoxicante quanto qualquer quantidade de hidromel espesso.

— A pesada espada da guerra paira sobre todos nós — Drizzt continuou gravemente. — Este é o momento de uma aliança...

Berkthgar terminou o discurso do drow de forma abrupta, batendo sua caneca na mesa de forma tão brutal que ela se quebrou, espalhando o hidromel marrom-dourado e fragmentos de vidro naqueles próximos. Ainda segurando o cabo da caneca, o líder bárbaro subiu cambaleante no topo da mesa para se erguer sobre o elfo negro.

Em um piscar de olhos, Hengorot ficou em silêncio.

— Vocês vêm aqui alegando aliança — o líder bárbaro começou devagar. — Vocês vêm pedir uma aliança. — Ele fez uma pausa e olhou em volta para seu povo ansioso para um efeito dramático. — E, no entanto, você mantém prisioneira a arma que se tornou um símbolo do meu povo, uma arma trazida à glória por Wulfgar, filho de Beornegar!

Gritos estrondosos irromperam, e Cattibrie olhou para Drizzt e deu de ombros impotente. Ela sempre odiava quando os bárbaros se referiam a Wulfgar por seu legado, como o filho de Beornegar. Para eles fazer isso era uma afirmação de orgulho, e orgulho sozinho nunca caía bem para a mulher pragmática.

Além disso, Wulfgar não precisava de nenhuma reivindicação de linhagem para aumentar as conquistas de sua curta vida. Seus filhos, se ele tivesse gerado algum, teriam sido os únicos a falar legitimamente de seu pai.

— Somos amigos do rei anão que você serve, elfo negro — continuou Berkthgar, com sua voz estrondosa ressoando nas seções de pedra das paredes de Hengorot. — E pedimos o mesmo de Bruenor Martelo de Batalha, filho de Bangor, filho de Garumn. Você terá sua aliança, mas não até que Presa de Égide seja entregue a mim.

— Eu sou Berkthgar! — gritou o líder bárbaro.

— Berkthgar, o Audaz! — vários dos conselheiros do homem logo se

juntaram, e outro coro subiu, um brinde de canecas erguidas para o poderoso chefe de Pedra do Veredito.

— Bruenor preferiria entregar seu próprio machado — respondeu Drizzt, já farto das vanglórias de Berkthgar. O drow entendeu então que ele e Cattibrie eram esperados em Pedra do Veredito, pois o pequeno discurso de Berkthgar e a reação a ele haviam sido muito bem planejados, até ensaiados.

— E eu não acho que você apreciaria a maneira como ele entregaria aquele machado — o drow terminou em silêncio, quando o rugido morreu. Outra vez veio o silêncio da expectativa, pois as palavras do drow poderiam ser tomadas como um desafio, e Berkthgar, com os olhos azuis se apertando os olhos perigosamente, parecia mais do que pronto para pegar a deixa.

— Mas Bruenor não está aqui — disse o líder bárbaro. — Drizzt Do'Urden defenderá sua causa?

Drizzt se endireitou, tentando decidir o melhor curso.

A mente de Cattibrie também estava trabalhando rápido. Ela tinha pouca dúvida de que Drizzt aceitaria o desafio e derrubaria Berkthgar imediatamente, e os homens de Pedra do Veredito sem dúvidas não tolerariam esse tipo de constrangimento.

— Wulfgar ia ser meu marido! — ela gritou, levantando-se da cadeira no momento em que Drizzt estava prestes a responder. — E eu sou a filha de Bruenor, por direito, a princesa do Salão de Mítral. Se alguém aqui vai defender a causa do meu pai...

— Você vai nomeá-lo — argumentou Berkthgar.

— Eu serei... ela — respondeu Cattibrie séria.

Os rugidos tornaram a subir, em todo o salão do hidromel, e mais do que algumas mulheres no fundo da sala soltaram risadinhas e assentiram, esperançosas.

Drizzt não parecia tão satisfeito, e o olhar que ele lançou sobre Cattibrie era puro protesto, implorando que ela acalmasse essa situação antes que as coisas saíssem do controle. Ele não queria uma briga de forma alguma. Nem Cattibrie, mas a sala estava em um frenesi então, com mais da metade das vozes gritando por Berkthgar para “Lutar contra a mulher!” como se o desafio de Cattibrie já tivesse

sido lançado.

O olhar que Berkthgar lançou sobre Cattibrie era de pura indignação.

Ela entendia e simpatizava com a situação dele. Ela pretendia continuar e explicar que seria a única campeã de Bruenor, se houvesse uma campeã, mas que não viera aqui para lutar. No entanto, os eventos a varreram para além desse ponto.

— Nunca! — Berkthgar rugiu acima do barulho, e a sala se acalmou um pouco, gritos ansiosos morrendo em sussurros. — Nunca lutei contra uma mulher!

Essa é uma atitude que Berkthgar deveria superar em breve, Drizzt pensou, pois se os elfos negros estivessem mesmo marchando para o Salão de Mitral, haveria pouco espaço para tais inibições. As mulheres eram tipicamente as mais fortes dentre os guerreiros drow, tanto com magia quanto com armas.

— Lute com ela! — gritou um homem, obviamente muito bêbado, e ele estava rindo enquanto gritava, assim como seus companheiros ao seu redor.

Berkthgar olhou do homem para Cattibrie, com seu enorme peito balançando enquanto tentava respirar fundo para acalmar sua raiva.

Ele não poderia vencer, Cattibrie percebeu. Se eles lutassem, ele não poderia vencer, mesmo que ele a espancasse. Para os homens calorosos de Pedra do Veredito, mesmo levantar uma arma contra ela seria considerado covardia.

Cattibrie subiu na mesa e deu um leve aceno de cabeça enquanto passava na frente de Drizzt. Com as mãos nos quadris — e seu quadril para o lado para acentuar sua figura feminina — ela deu um sorriso melancólico para o líder bárbaro:

— Não com armas, talvez — disse ela. — Mas há outras maneiras pelas quais um homem e uma mulher podem competir.

Toda a sala explodiu com esse comentário. As canecas foram levantadas com tanta força no brinde que pouco hidromel permaneceu nelas enquanto voltavam para as bocas ansiosas dos homens. Vários na parte de trás de Hengorot começaram uma música lasciva, batendo nas costas um do outro a cada crescendo.

Os olhos cor de lavanda de Drizzt ficaram tão arregalados que pareciam que simplesmente iriam rolar para fora de suas órbitas. Quando Cattibrie aproveitou o momento para observá-lo, ela temeu que ele sacasse suas armas e matasse todos na sala. Por um instante, ela ficou lisonjeada, mas isso passou rápido, substituído pela decepção de que o drow pensaria tão pouco dela.

Ela lançou um olhar que dizia exatamente isso quando se virou e pulou da mesa. Um homem por perto estendeu a mão para pegá-la, mas ela bateu nas mãos dele e caminhou desafiadora para a porta.

— Tem fogo nela! — ela ouviu por detrás de si.

— Ai do pobre Berkthgar! — veio outro grito barulhento.

Na mesa, o líder bárbaro atordoado virou-se para cá e para lá, evitando o olhar do elfo negro de propósito. Berkthgar estava perdido. A filha de Bruenor, embora fosse uma famosa aventureira, não era conhecida por tais travessuras. Mas Berkthgar também estava bastante intrigado. Cada homem em Pedra do Veredito considerava Cattibrie, a princesa do Salão de Mitral, o prêmio mais belo de toda a região.

— Presa de Égide será meu! — Berkthgar gritou por fim, e o rugido atrás dele, e ao seu redor, era ensurdecedor.

O líder bárbaro ficou aliviado ao ver que Drizzt não estava mais de frente para ele, não estava mais à vista, quando ele se virou. Um grande salto tirou o elfo negro da mesa, e ele caminhou ansioso para a porta.

Do lado de fora de Hengorot, em um local tranquilo perto de uma casa vazia, Drizzt pegou Cattibrie pelo braço e a virou para encará-lo. Ela esperava que ele gritasse com ela, até esperava que ele a esbofeteasse.

Ele riu dela em vez disso.

— Inteligente — Drizzt parabenizou. — Mas você pode derrotá-lo?

— Como você sabe que eu não quis dizer o que eu disse? — Cattibrie rebateu.

— Porque você tem respeito por si mesma demais para fazer isso — respondeu Drizzt sem hesitar.

Era a resposta perfeita, aquela que Cattibrie precisava ouvir de seu

amigo, e ela não insistiu mais no assunto.

— Mas você pode derrotá-lo? — o drow repetiu a pergunta, sério. Cattibrie era boa e melhorava a cada aula, mas Berkthgar era enorme e muitíssimo forte.

— Ele está bêbado — respondeu Cattibrie. — E ele é lento, como Wulfgar era antes de você mostrar a ele a melhor maneira de lutar. — Seus olhos azuis, ricos como o céu pouco antes do amanhecer, brilhavam. — Como você me mostrou.

Drizzt deu um leve tapinha no ombro dela, entendendo então que essa luta seria tão importante para ela quanto para Berkthgar. O bárbaro saiu correndo da tenda então, deixando uma horda de camaradas gaguejantes olhando para fora da aba aberta.

— Derrotá-lo não será metade do problema em relação a como descobrir como deixá-lo manter sua honra — Cattibrie sussurrou.

Drizzt assentiu e deu-lhe outro tapinha no ombro, depois se afastou, dando a volta em Berkthgar e voltando para a tenda. Cattibrie havia assumido o controle, ele decidiu, e ele lhe devia o respeito de deixá-la lidar com isso.

Os bárbaros caíram para trás quando o drow entrou na tenda e fechou a aba, dando uma última olhada em Cattibrie enquanto o fazia, para vê-la caminhando lado a lado com Berkthgar — e ele se parecia tanto com o enorme Wulfgar por trás! — pela rua varrida pelo vento.

Para Drizzt Do'Urden, a imagem não era agradável.

— Você não está surpreso? — Cattibrie perguntou enquanto retirava o enchimento de prática da sua mochila e começava a deslizá-la sobre a borda fina de sua espada. Ela sentiu uma pontada de emoção ao fazê-lo, uma repentina sensação de decepção, até raiva, que ela não entendia.

— Eu não acreditei por um momento que você me trouxe aqui pela razão que você sugeriu — Berkthgar respondeu de forma casual. — Embora se você tivesse...

— Cale a boca — interrompeu Cattibrie com rispidez.

A mandíbula de Berkthgar ficou firme. Ele não estava acostumado a falarem com ele dessa maneira, em particular não uma mulher.

— Nós de Pedra do Veredito não cobrimos nossas lâminas quando lutamos — disse ele com orgulho.

Cattibrie devolveu o olhar determinado do líder bárbaro, e enquanto o fazia, ela deslizou a espada para fora de sua bainha protetora. Uma súbita onda de exaltação tomou conta dela. Como no sentimento anterior, ela não entendeu, e então pensou que talvez sua raiva em relação a Berkthgar fosse mais profunda do que ousara admitir para si mesma.

Berkthgar foi embora então, para sua casa, e logo voltou com um sorriso presunçoso e uma bainha amarrada nas costas. Acima de seu ombro direito, Cattibrie podia ver o punho e a guarda de sua espada — uma guarda quase tão longa quanto toda a sua lâmina! — e a porção inferior da bainha surgia logo abaixo do quadril esquerdo de Berkthgar, estendendo-se quase até o chão.

Cattibrie observou, espantada, imaginando no que ela havia se metido, enquanto Berkthgar solenemente puxava a espada até a extensão de seu braço. A bainha havia sido cortada ao longo de seu lado superior após uns trinta centímetros de couro para que o bárbaro pudesse extrair a lâmina gigantesca.

E de fato gigantesca era a tarasca de Berkthgar! Sua lâmina ondulada se estendia por um metro e vinte centímetros, e depois disso vinha um ricasso de vinte centímetros entre a guarda formal e uma segunda, menor, de aço afiado.

Com um braço e os músculos contraídos firmes como aço, Berkthgar começou a girar a lâmina, criando um grande som de “zumbido” no ar acima de sua cabeça. Então ele trouxe a ponta para o chão diante dele e apoiou o braço na guarda, que estava a cerca da altura do ombro em sua estrutura de um metro e noventa e oito.

— Você quer lutar com isso ou matar vacas gordas? — perguntou Cattibrie, tentando roubar um pouco do orgulho crescente do homem.

— Eu ainda permitiria que você escolhesse a outra competição — Berkthgar respondeu com calma.

A espada de Cattibrie foi rapidamente posicionada na frente dela, em prontidão, e ela se abaixou em um agachamento baixo e defensivo.

O bárbaro gritou e entrou em uma pose semelhante, mas depois se endireitou, parecendo perplexo.

— Não posso — começou Berkthgar. — Se eu te desse mesmo um golpe de relance, o coração do Rei Martelo de Batalha se partiria tão certamente quanto seu crânio.

Cattibrie se aproximou de repente, apontando para o ombro de Berkthgar e rasgando uma linha em seu casaco de peles.

Ele olhou para o corte, então seus olhos se voltaram com lentidão para olhar Cattibrie, mas fora isso, ele não fez nenhum movimento.

— Você só está com medo porque sabe que não pode mover essa matadora de vacas rápido o suficiente — a jovem provocou.

Berkthgar piscou muito devagar, exagerou o movimento como se para mostrar o quão entediante ele achava toda essa situação.

— Eu vou te mostrar a capa onde Bankenfuere é guardada — disse ele.
— E eu vou te mostrar a roupa de cama diante da capa.

— Essa coisa serve mais para uma capa do que as mãos de um espadachim! — Cattibrie rosnou, cansada das referências sexuais juvenis dele. Ela saltou para a frente outra vez e deu um tapa forte com a parte achatada da lâmina na bochecha de Berkthgar, depois pulou para trás, ainda rosnando. — Se você está com medo, então admita!

A mão de Berkthgar foi imediatamente para sua ferida, e quando a afastou, o bárbaro viu que seus dedos estavam vermelhos de sangue. Cattibrie estremeceu com isso, pois não pretendia atingi-lo com tanta força.

Sutis eram as intrusões de Khazid'hea.

— Estou sem paciência com você, mulher tola — rosnou o bárbaro, e veio a ponta da tremenda Bankenfuere, a Fúria do Norte.

Berkthgar rosnou e saltou para a frente, ambas as mãos no punho desta vez enquanto balançava a enorme lâmina diante dele. Ele atacava com a parte achatada da lâmina, assim como Cattibrie, mas a jovem percebeu que isso pouco importaria. Ser atingida por aquela tarasca imensa faria seus ossos virarem poeira. Cattibrie não estava nem perto de Berkthgar naquele momento, a mulher recuou com rapidez — e se perguntou de novo se ela estava se superestimando — assim que a espada subiu. A tarasca fez outro arco em retorno, da esquerda para a direita, depois veio uma segunda vez, desta vez, com

esse corte se inclinando para baixo. Mais rápido do que Cattibrie esperava, Berkthgar reverteu o fluxo, a lâmina balançando outra vez na horizontal, desta vez da direita para a esquerda, depois se recostou ao lado do ombro musculoso do bárbaro.

Uma exibição impressionante, de fato, mas Cattibrie observou a rotina com cuidado, não mais de olhos atônitos, e notou vários buracos nas defesas do bárbaro.

Claro, ela tinha que agir no momento preciso. Um deslize e Bankenfuere a faria virar patê.

Veio Berkthgar, com outro corte horizontal, um ataque previsível, pois havia apenas algumas maneiras de manobrar tal arma! Cattibrie recuou um passo, depois um passo extra apenas para garantir, e correu atrás da varredura pesada da lâmina, procurando acertar o braço do bárbaro. Berkthgar era mais rápido do que isso, no entanto, e ele fez a lâmina que girava retornar tão rapidamente que Cattibrie teve que abortar o ataque e se esforçar para sair do caminho.

Ainda assim, ela havia ganho naquele golpe, ela imaginou, porque agora ela tinha uma medida melhor do alcance de Berkthgar. E, seguindo sua linha de pensamento, cada momento que passava a favorecia, pois ela viu o suor brotando na testa do bárbaro bêbado, seu grande peito se erguendo um pouco mais do que antes.

— Se você faz outras coisas tão mal quanto luta, então estou feliz por ter escolhido esta competição — disse Cattibrie, uma provocação que fez o orgulhoso Berkthgar avançar em outra investida selvagem.

Cattibrie se esquivou e se mexeu quando Bankenfuere se agitou com vários golpes titânicos e, em última análise, fúteis. E novamente a lâmina veio na horizontal, com a fúria do bárbaro longe de se esvaír, e Cattibrie saltou para trás. A lâmina veio em volta e por cima, com Berkthgar avançando, e Cattibrie foi para o lado, logo à frente quando a grande espada veio chicoteando para baixo e para o outro lado.

— Eu vou te pegar em breve! — prometeu Berkthgar, virando-se para a jovem e chicoteando sua poderosa lâmina da esquerda para a direita mais uma vez, trazendo-a em prontidão ao lado de seu ombro direito.

Cattibrie se lançou por trás do corte, dando um longo passo com o pé direito, estendendo o braço da espada em direção ao quadril exposto de Berkthgar. Ela cavou o pé esquerdo com firmeza, no entanto, e não tinha intenção de continuar o movimento. Assim que Bankenfuere

veio para interceptar, Cattibrie saltou para trás, girou em sua perna de apoio e correu por trás da lâmina, indo para o quadril direito de Berkthgar em vez disso, e marcou um golpe desagradável e ardente.

O bárbaro rosnou e girou com tanta força que quase perdeu o equilíbrio.

Cattibrie ficou a alguns metros de distância, agachada, pronta. Não havia dúvida de que balançar a arma pesada estava começando a cansar o homem, em especial depois de seus goles generosos de hidromel.

— Mais alguns golpes — Cattibrie sussurrou, forçando-se a ser paciente.

E então ela continuou brincando enquanto os minutos passavam, enquanto a respiração de Berkthgar vinha tão alto quanto o vento uivante. Através de cada ataque, Cattibrie confirmou sua rotina final, uma que tirava vantagem da lâmina imensa e os braços grossos de Berkthgar faziam uma barricada óptica perfeita.

Drizzt sofreu durante a meia hora de comentários rudes.

— Nunca ele durou tanto tempo! — ofereceu um bárbaro.

— Berkthgar, o Brauzen! — gritou outro, a palavra bárbara para resistência.

— Brauzen! — todos os homens barulhentos gritaram juntos, levantando suas canecas em alegria. Algumas das mulheres na parte de trás de Hengorot riam da exibição obscena, mas a maioria tinha expressões azedas.

— Brauzen — o drow sussurrou, e Drizzt achou a palavra perfeita para descrever sua própria paciência durante aqueles minutos insuportavelmente longos. Por mais irritado que estivesse com as piadas rudes às custas de Cattibrie, ele tinha mais medo de que

Berkthgar a machucasse, talvez a derrotasse em batalha e a tomasse de outras maneiras. Drizzt trabalhou duro para manter sua imaginação afastada. Apesar de toda a sua vanglória, apesar de toda a vanglória do seu povo, Berkthgar era um homem honrado. Mas ele estava bêbado...

Eu o matarei, Drizzt decidiu, e se algo que o drow temia viesse a acontecer, ele realmente cortaria o poderoso Berkthgar.

No entanto, nunca chegou a esse ponto, pois Berkthgar e Cattibrie voltaram para a tenda, parecendo um pouco bagunçados, com a barba recém crescida do bárbaro escurecida em uma área coberta com algum sangue seco, mas de qualquer maneira, parecendo bem.

Cattibrie piscou sutilmente enquanto passava pelo drow.

Hengorot caiu em silêncio, os homens bêbados, sem dúvida, esperando algumas histórias lascivas das façanhas de seu líder.

Berkthgar olhou para Cattibrie e ela não piscou.

— Eu não carregarei Presa de Égide — anunciou o líder bárbaro.

Gemidos e piadas irromperam, assim como a especulação sobre quem havia vencido a “competição”.

Berkthgar corou e Drizzt temeu que houvesse problemas. Cattibrie subiu na mesa.

— Não há um homem melhor em Pedra do Veredito! — ela insistiu.

Vários bárbaros correram para a beira da mesa, dispostos a aceitar esse desafio.

— Não há um homem melhor! — Cattibrie rosnou para eles, sua fúria os fazendo retornar.

— Eu não vou carregar o martelo de guerra, em honra a Wulfgar — explicou Berkthgar. — E em honra a Cattibrie.

Olhos vazios se voltaram para ele.

— Se eu devo cortejar de forma adequada a filha do Rei Bruenor, nosso amigo e aliado — continuou o líder bárbaro, e Drizzt sorriu com essa referência —, então é minha própria arma, Bankenfuere, que

deve se tornar lendária. — Ele ergueu a enorme tarasca, e a multidão rugiu de alegria.

A questão foi encerrada, a aliança selada e mais hidromel foi passado antes mesmo que Cattibrie descesse da mesa, indo até Drizzt. Ela parou ao lado do líder bárbaro enquanto caminhava e lançou um olhar astuto para ele.

— Se você alguma vez mentir abertamente — ela sussurrou, cuidando para que ninguém pudesse ouvir — ou se você sequer sugerir que me levou para a cama, então esteja sabendo que eu vou voltar para cortá-lo na frente de todo o seu povo.

A expressão de Berkthgar ficou sombria com isso, e ainda mais sombria quando ele se virou para ver Cattibrie partir, para ver seu amigo, o mortífero drow, casualmente de pé, com as mãos nos punhos das cimitarras e seus olhos cor de lavanda contando ao bárbaro em termos que não deixava sombra para dúvidas seus sentimentos por Cattibrie. Berkthgar não queria se envolver com Cattibrie outra vez, mas ele preferiria lutar contra ela cem vezes do que lutar contra o ranger drow.

— Você vai voltar para cortá-lo? — Drizzt perguntou quando eles saíram da cidade, revelando a Cattibrie que seus ouvidos aguçados a haviam pego trocando palavras com o bárbaro.

— Não é uma promessa que eu gostaria de tentar cumprir — Cattibrie respondeu, balançando a cabeça. — Lutar contra aquele lá quando ele não está tão cheio de hidromel seria quase o mesmo que entrar na caverna de um urso inquieto.

Drizzt parou de repente, e Cattibrie, depois de dar mais alguns passos, virou-se para olhar para ele.

Ele ficou apontando para ela, com um sorriso largo.

— Eu já fiz isso! — ele observou, e então Drizzt tinha mais um conto para contar enquanto os dois, e então três, pois Drizzt foi rápido em se lembrar de Guenhwyvar, seguiam seu caminho ao longo das trilhas, de volta para as montanhas.

Mais tarde, enquanto as estrelas brilhavam intensas e a fogueira queimava, Drizzt sentou-se observando a forma deitada de Cattibrie, sua respiração rítmica dizendo ao drow que ela estava dormindo profundamente.

— Você sabe que eu a amo — disse o drow a Guenhwyvar.

A pantera piscou seus olhos esverdeados brilhantes, mas de outra forma não se moveu.

— Mas como eu poderia? — perguntou Drizzt — E não pela memória de Wulfgar — ele logo acrescentou, e assentiu enquanto se ouvia falar as palavras, sabendo que Wulfgar, que amava Drizzt como Drizzt o amava, não desaprovava.

— Como eu poderia? — o drow reiterou, sua voz mal acima de um sussurro.

Guenhwyvar emitiu um rosnado longo e baixo, mas se tivesse algum significado, além de transmitir que a pantera estava interessada no que o drow estava dizendo, Drizzt não saberia.

— Ela não viverá tanto tempo — continuou Drizzt em silêncio. — E ainda vou ser um jovem drow quando ela se for. — Drizzt olhou de Cattibrie para a pantera, e uma nova visão lhe ocorreu. — Você deve entender essas coisas, minha amiga eterna — disse o drow. — Onde eu vou cair na longevidade de sua vida? Quantos mais você manteve da mesma forma que me mantém, minha Guenhwyvar, e quantos mais haverá?

Drizzt descansou de costas contra a parede da montanha e olhou para Cattibrie, depois para as estrelas. Tristes eram seus pensamentos e, no entanto, de muitas maneiras, eram reconfortantes, como uma peça eterna, como emoções compartilhadas, como memórias de Wulfgar. Drizzt enviou esses pensamentos para o céu, para o dossel celestial, deixando-os se separar no vento incessante e triste.

Seus sonhos estavam cheios de imagens de amigos, de Zaknafein, seu pai, de Belwar, o gnomos svirfneblin, do Capitão Deudermont, do bom navio Fada do Mar, de Regis e Bruenor, de Wulfgar e, acima de tudo, de Cattibrie.

Era um sono dos mais calmos e agradáveis que Drizzt Do'Urden já havia conhecido.

Guenhwyvar observou o drow por algum tempo, depois descansou sua grande cabeça felina nas patas largas e fechou os olhos. Os comentários de Drizzt estavam certos, exceto, é claro, sua insinuação de que sua memória dele seria inconsequente nos séculos à frente. Guenhwyvar tinha de fato atendido ao chamado de muitos mestres,

muitos bondosos, alguns perversos, no milênio passado, e mesmo além. De alguns a pantera se lembrava, de outros não, mas Drizzt...

Para sempre Guenhwyvar se lembraria do elfo negro renegado, cujo coração era tão forte e tão bom e cuja lealdade não era menor do que a da própria pantera.



Parte 2

A gênese do caos

Para todo o sempre, os bardos dos Reinos batizaram de Tempo das Perturbações o tempo quando os deuses foram expulsos dos céus, fazendo seus avatares caminharem entre os mortais.

O momento em que as Tábuas do Destino foram roubadas, invocando a ira de Ao, Soberano dos Deuses, quando a magia ficou confusa e, como consequência, as hierarquias sociais e religiosas, muitas vezes baseadas na força mágica, caíram no caos.

Tenho ouvido muitas histórias de sacerdotes fanáticos após encontros com seus avatares particulares, histórias frenéticas de homens e mulheres que afirmam ter olhado para suas divindades. Tantos outros vieram a converter-se a uma religião durante este tempo conturbado, também alegando que tinham visto a luz e a verdade, por mais complicada que fosse.

Fico feliz por aqueles que encontraram enriquecimento em meio ao caos; fico feliz sempre que outra pessoa encontre o contentamento da orientação espiritual.

Mas e a fé?

E a fidelidade e a lealdade? A confiança total? A fé não é concedida pela prova tangível. Vem do coração e da alma. Se uma pessoa precisa de prova da existência de um deus, então a própria noção de espiritualidade é diminuída em sensualidade e reduzimos o que é sagrado ao que é lógico.

Eu toquei o unicórnio, tão raro e tão precioso, o símbolo da deusa Mielikki, que tem meu coração e alma. Isso foi antes da gênese do Tempo das Perturbações, mas se eu tivesse uma mente parecida com a daqueles que fazem as alegações de ver avatares, eu poderia dizer o mesmo. Eu poderia dizer que eu toquei Mielikki, que ela veio até mim em uma clareira mágica nas montanhas perto do Estreito do Orc Morto.

O unicórnio não era Mielikki, e ainda assim o era, como é o nascer do sol e as estações, como são os pássaros e os esquilos, e a força de uma árvore que viveu através do aurora e da morte dos séculos. Assim como são as folhas, soprando nos ventos de outono e a neve se acumulando nas profundezas das montanhas frias. Assim como é o cheiro de uma noite fresca, o brilho do dossel estrelado e o uivo de um lobo distante.

Não, não vou argumentar abertamente contra alguém que alegou ter visto um avatar, porque essa pessoa não entenderá que a mera presença de tal ser prejudica o próprio propósito e valor da fé. Porque se os verdadeiros deuses fossem tão tangíveis e tão acessíveis, então não seríamos mais criaturas independentes estabelecidas em uma jornada para encontrar a verdade, mas apenas um rebanho de ovelhas que precisam da orientação de um pastor e de seus cães, impensados e sem a essência da fé.

A orientação está lá, eu sei. Não de uma forma tão tangível, mas no que sabemos ser bom e justo. São nossas próprias reações aos atos dos outros que nos mostram o valor de nossas próprias ações, e se caímos a ponto de precisar de um avatar, uma manifestação inegável de um deus, para nos mostrar nosso caminho, então somos criaturas lamentáveis de fato.

O Tempo das Perturbações? Sim. E ainda mais se acreditarmos na sugestão de avatares, porque a verdade é singular e não pode, por definição, sustentar tantas manifestações variadas, mesmo opostas.

O unicórnio não era Mielikki, e ainda assim o era, pois eu toquei Mielikki. Não como um avatar, ou como um unicórnio, mas como uma forma de ver o meu lugar no mundo. Mielikki é meu coração. Eu sigo seus preceitos porque, se eu escrevesse preceitos baseados em minha própria consciência, eles seriam os mesmos. Eu sigo Mielikki porque ela representa o que eu chamo de verdade.

Tal é o caso da maioria dos seguidores da maioria dos vários deuses, e se olhássemos mais de perto para o panteão dos Reinos, perceberíamos que os preceitos dos deuses “bons” não são tão diferentes. São as interpretações mundanas daqueles preceitos que variam de fé para fé.

Quanto aos outros deuses, os deuses da rixa e do caos, como Lolth, a Rainha Aranha, que possui o coração das sacerdotisas que governam Menzoberranzan...

Eles não valem a pena mencionar. Não há verdade, apenas ganho mundano, e qualquer religião baseada em tais princípios não é, de fato, mais do que uma prática de autoindulgência e de forma alguma uma medida de espiritualidade. Em termos mundanos, as sacerdotisas da

Rainha Aranha são bastante formidáveis; em termos espirituais, elas estão vazias. Assim, suas vidas são sem amor e sem alegria.

Então não me fale de avatares. Não me mostre sua prova de que o seu deus é o verdadeiro. Aceito suas crenças sem questionamento e sem julgamento, mas se aceitar o que está em meu coração, então tal evidência tangível é irrelevante.

— Drizzt Do'Urden

Capítulo 6

Quando a magia foi distorcida

BERG'INYON BAENRE, mestre de armas da Primeira Casa de Menzoberranzan, moveu suas espadas gêmeas em uma dança vertiginosa, com suas lâminas girando circuitos no ar entre ele e seu oponente, um soldado drow insubordinado comum.

Uma multidão da guarda da Casa Baenre, muitíssimo treinada, embora composta por uma maioria de machos, formou um semicírculo ao redor da dupla, enquanto outros elfos negros observavam de pontos altos, firmes nas selas dos lagartos subterrâneos, as criaturas de pés que grudavam nas paredes ao longo das encostas verticais de estalactites próximas ou montes de estalagmite imponentes.

Embora poucos o achessem um espadachim tão bom quanto seu irmão Dantrag fora, os soldados aplaudiam toda vez que Berg'inyon dava um golpe menor ou bloqueava um contra-ataque rápido.

Berg'inyon notava uma relutância em seus elogios, no entanto, e conhecia a fonte. Ele tinha sido o líder dos cavaleiros de lagarto dos Baenre, o grupo de elite dos guardas machos da Casa, por muitos anos.

Mas com Dantrag morto, ele também se tornou o mestre de armas da Casa. Berg'inyon sentia a pressão intensa de seus dois postos, sentia o olhar perspicaz de sua mãe em cada movimento e cada decisão. Ele não duvidava que suas próprias ações se intensificaram como resultado. Quantas lutas ele havia começado, quantas punições havia exigido de seus subordinados, desde a morte de Dantrag?

O drow comum avançou com um impulso fraco que quase passou pelas defesas distraídas de Berg'inyon. Uma espada apareceu e girou no último momento para afastar a lâmina do inimigo.

Berg'inyon ouviu o silêncio repentino atrás dele no quase acidente, entendeu que vários dos soldados lá atrás — talvez todos eles — esperavam que a próxima estocada de seu inimigo fosse mais rápida,

rápida demais. O mestre de armas rosnou baixo e avançou em uma enxurrada de golpes, estimulada pelo ódio daqueles ao seu redor, daqueles sob seu comando. Que o odeiem! ele decidiu. Mas enquanto o faziam, eles também deveriam respeitá-lo — não, não respeitar, Berg'inyon decidiu.

Eles deveriam temê-lo.

Ele deu um passo à frente, depois um segundo, alternando os ataques com as duas espadas, esquerda e direita, e cada uma sendo afastada de forma limpa. O toma-lá-dá-cá havia se tornado comum, com Berg'inyon avançando dois passos, depois recuando. Desta vez, porém, o Baenre não recuou. Ele avançou mais dois passos, suas espadas se mexendo quando as lâminas de seu oponente corriam para o bloqueio.

Berg'inyon tinha posto o drow menor na defensiva, então o jovem Baenre avançou de novo. Seu oponente foi rápido o suficiente com suas espadas para virar os golpes esperados, mas ele não conseguiu recuar corretamente, e Berg'inyon estava contra ele em um aperto, com suas lâminas unidas em ambos os lados, para baixo, pelo punho.

Não havia perigo real aqui — era mais como uma pausa na batalha —, mas Berg'inyon percebeu algo que seu oponente não parecia ter percebido. Com um grunhido, o jovem Baenre afastou seu oponente desequilibrado. O drow derrapou para trás alguns passos, e levantou suas espadas imediatamente para afastar qualquer investida.

Não houve nenhuma; parecia uma simples quebra do aperto.

Em seguida, o drow recuado esbarrou na cerca da Casa Baenre.

Na cidade de Menzoberranzan, talvez não houvesse nada tão espetacular quanto a cerca de seis metros de altura que tocava a Casa Baenre, ancorada nos vários montes de estalagmite que rodeavam o complexo. Seus cordões metálicos prateados, grossos como a perna de um elfo negro, estavam entrelaçados em belos desenhos simétricos, tão intrincados quanto o trabalho de uma aranha. Nenhuma arma poderia cortá-la, nenhuma magia, exceto um único item que Matriarca Baenre possuía, poderia passar por cima dela, e o toque ou esbarrão mais simples contra um desses fios encantados seguraria um titã.

O oponente de Berg'inyon bateu de costas na cerca com força. Seus olhos se arregalaram quando ele de repente percebeu as táticas do jovem Baenre, quando viu os rostos daqueles reunidos se iluminarem em aprovação do truque desonesto, enquanto viam Berg'inyon,

traíçoeiro e perverso, se aproximar com calma.

O drow se afastou da cerca e correu para encontrar o avanço do mestre de armas.

Os dois passaram por uma rápida série de ataques e bloqueios, com Berg'inyon atordoado na defensiva. Apenas devido a seus anos de treinamento superior, o nobre drow foi capaz de se livrar da desvantagem contra seu surpreendente oponente.

Surpreendente, de fato, como todo rosto drow e todos os sussurros confirmaram.

— Você esbarrou na cerca — disse Berg'inyon.

O soldado drow não discordou. As pontas de suas armas caíram quando Berg'inyon se inclinou, e ele olhou por cima do ombro para confirmar o que ele e todos os outros sabiam que não poderia ser verdade.

— Você bateu na cerca — repetiu Berg'inyon, cético, enquanto o drow se virava para encará-lo.

— De costas — ele concordou.

As espadas de Berg'inion entraram em suas respectivas bainhas e o jovem Baenre passou por seu oponente, para ficar bem diante da teia encantada. Seu oponente e todos os outros elfos negros seguiram de perto, intrigados demais para sequer pensar em continuar a luta.

Berg'yon apontou para uma mulher próxima:

— Descanse sua espada contra a cerca — ele pediu a ela.

A drow puxou sua lâmina e a colocou em um dos fios grossos. Ela olhou para Berg'inyon e ao redor para todos os outros, então levantou a lâmina da cerca sem esforço.

Outro drow mais atrás ousou colocar a mão na teia. Aqueles ao seu redor olharam para ele incrédulos, achando que ele estava sendo perigosamente ousado, mas ele não teve problemas para se afastar do metal.

O pânico correu por Berg'inyon. A cerca, dizia-se, tinha sido um presente da própria Lolth nos milênios passados. Se não estivesse mais

funcionando, poderia muito bem significar que a Casa Baenre havia perdido o favor da Rainha Aranha. Poderia muito bem significar que Lolth havia abandonado a defesa da Casa Baenre para permitir uma conspiração de casas inferiores.

— Aos seus postos, todos vocês! — o jovem Baenre gritou, e os elfos negros reunidos, compartilhando o raciocínio de Berg'inyon e seus medos, não esperaram que ele se repetisse.

Berg'inyon dirigiu-se para o grande monte central do complexo para encontrar sua mãe. Ele se cruzou com o drow com quem acabara de lutar, e os olhos do plebeu se arregalaram de medo repentino. Normalmente Berg'inyon, honrado apenas pelos baixos padrões dos elfos negros, teria arrancado sua espada e atravessado o drow, terminando o conflito. Preso na emoção do fracasso da cerca, o plebeu estava desprevenido. Ele sabia disso também, e esperava ser morto.

— Para o seu posto — disse Berg'inyon, pois se as suspeitas do jovem Baenre se mostrassem corretas, que uma conspiração havia sido lançada contra a Casa Baenre e Lolth os abandonara, ele precisaria de cada um dos dois mil e quinhentos soldados da Casa.



O Rei Bruenor Martelo de Batalha passou a manhã na capela superior do Salão de Mitral, tentando reorganizar a nova hierarquia de sacerdotes dentro do complexo. Seu querido amigo Cobble havia sido o sacerdote real, um anão de magia poderosa e profunda sabedoria.

Essa sabedoria não havia poupado o pobre Cobble de um feitiço drow desagradável, e o clérigo havia sido esmagado por uma parede de ferro que caíra sobre ele.

Havia mais de uma dezena de acólitos restantes no Salão de Mitral. Eles formaram duas linhas, uma de cada lado da cadeira de audiências de Bruenor. Cada sacerdote estava ansioso para impressionar o seu rei.

Bruenor assentiu para o anão na ponta da linha à sua esquerda. Ao fazer isso, ele levantou uma caneca de hidromel, a água benta que esse sacerdote em particular havia preparado. Bruenor tomou um gole, depois drenou o hidromel surpreendentemente refrescante em

um único gole enquanto o clérigo dava um passo à frente.

— Uma explosão de luz em homenagem ao Rei Bruenor! — exclamou o candidato a sacerdote chefe, e ele acenou com os braços e começou uma oração entoando cânticos para Moradin, o Forjador de Almas, deus dos anões.

— Limpo e fresco, e apenas um leve toque de amargor — observou Bruenor, passando um dedo ao longo da borda da caneca vazia e chupando-o, para que ele pudesse saborear a última gota. O escriba logo atrás do trono anotou cada palavra.

— Um buquê saudável, de enrolar os pelos do nariz — acrescentou Bruenor. — Sete.

Os outros onze clérigos gemeram. Sete em uma escala de dez era a nota mais alta que Bruenor havia dado a qualquer uma das cinco amostras de água benta que ele já havia provado.

Se Jerbollah, o anão agora em um frenesi de conjuração, pudesse se apresentar tão bem com magia, seria difícil derrotá-lo pela posição cobiçada.

— E a luz será vermelha! — exclamou Jerbollah, no clímax de seu feitiço.

Houve um tremendo pop, como se cem anões tivessem acabado de retirar seus dedos de suas bocas franzidas. E... nada.

— Vermelha! — Jerbollah exclamou, alegre.

— O quê? — exigiu Bruenor, que, como aqueles anões ao lado dele, não viu nada diferente na iluminação da capela.

— Vermelha! — Jerbollah repetiu, e quando ele se virou, Bruenor e os outros entenderam. O rosto de Jerbollah estava brilhando em um vermelho brilhante, literalmente, o clérigo confuso estava vendo o mundo através de um véu róseo.

Bruenor, frustrado, deixou cair a cabeça na palma da mão e gemeu.

— Faz uma boa água benta, porém... — um dos anões próximos observou, causando um coro de risos.

O pobre Jerbollah, que achava que seu feitiço tinha funcionado de

forma brilhante, não entendia o que era tão engraçado.

Metritz Rasgagarra saltou para frente, aproveitando o momento. Ela entregou sua caneca de água benta a Bruenor e correu para diante do trono.

— Eu tinha planejado algo diferente — ela explicou apressada, enquanto Bruenor provava, depois engoliu o hidromel, e o rosto do rei anão se iluminou mais uma vez quando ele declarou esse hidromel como uma nota nove. — Mas um clérigo de Moradin, de Clanggedon, que conhece melhor a batalha, deve estar pronto para improvisar!

— Diga-nos, ó Meretriz! — um dos outros anões rugiu, e até Bruenor abriu um sorriso quando a risada explodiu ao seu redor.

Metritz, que estava acostumada com o apelido e o usava como uma medalha de honra, não se ofendeu.

— Jerbollah disse vermelho — explicou ela —, então vermelho será!

— Já está vermelho — insistiu Jerbollah, que ganhou um tapa na cabeça do anão atrás dele por sua tolice.

A jovem Metritz coçou sua curta barba vermelha e entrou em uma série de movimentos tão exagerados que parecia que ela havia caído em convulsões.

— Mova-se, Meretriz — um anão perto do trono sussurrou, para a risada de todos.

Bruenor ergueu a caneca e bateu com o dedo.

— Nove — ele lembrou ao anão clérigo. Metritz estava na liderança. Se ela realizasse seu feitiço depois da falha de Jerbollah, seria quase impossível derrotá-la, o que a tornaria a anã clériga superior.

O anão atrás do humilde brincalhão deu um tapa na nuca dele.

— Vermelha! — Metritz gritou com toda a força. Não aconteceu nada.

Alguns risinhos vieram da linha, mas na verdade, os anões reunidos estavam mais curiosos do que divertidos. Metritz era uma conjuradora poderosa e deveria ter sido capaz de lançar um pouco de luz, qualquer que fosse a cor, na sala. O sentimento começou a tomar conta de todos eles — exceto Jerbollah, que insistia que seu feitiço funcionara com

perfeição — de que algo poderia estar errado.

Metritz voltou-se para o trono, confusa e envergonhada. Ela começou a dizer algo, a pedir desculpas, quando uma tremenda explosão sacudiu o chão tão violentamente que ela e metade dos outros anões na sala foram derrubados.

Metritz rolou e se virou, olhando para a área vazia da capela. Uma bola de faíscas azuis apareceu do nada, pairou no ar, depois se atirou direto em um Bruenor muito surpreso. O rei anão se abaixou e empurrou o braço para cima para bloquear, e a caneca que segurava a água benta de Metritz se estilhaçou, ficando apenas a alça. Uma tempestade azul de faíscas furiosas explodiu com o impacto, fazendo os anões saírem correndo para se proteger.

Mais explosões incandescentes pipocaram pela sala, bolas brilhantes zigzagueando para um lado e para o outro, estrondos como trovões sacudindo o chão e as paredes.

— O que nos Nove Infernos você fez? — o rei anão, uma pequena bola enrolada em sua grande cadeira, gritou com a pobre Metritz.

A anã tentou responder, tentou se isentar da responsabilidade por essa virada inesperada, mas um pequeno tubo apareceu no ar, apontou mais ou menos na direção dela e disparou bolas multicoloridas que afastaram Metritz.

Isso continuou por vários longos e assustadores minutos, anões mergulhando em todas as direções, faíscas parecendo segui-los onde quer que se escondessem, queimando suas costas e chamuscando suas barbas. Então acabou, tão de repente quanto havia começado, deixando a capela perfeitamente quieta e cheirando a enxofre.

Bruenor se endireitou aos poucos em sua cadeira e tentou recuperar um pouco de sua dignidade perdida.

— O que nos Nove Infernos você fez? — exigiu ele outra vez, para o qual a pobre Metritz apenas deu de ombros. Alguns anões conseguiram rir um pouco disso.

— Pelo menos ainda está vermelho — Jerbollah observou baixinho, mas alto o suficiente para ser ouvido. Ele recebeu mais um tapa do anão atrás dele.

Bruenor balançou a cabeça com desgosto, depois congelou quando

dois globos oculares apareceram no ar diante dele, examinando-o de forma ameaçadora.

Então eles caíram no chão e rolaram ao acaso, indo parar a vários metros de distância.

Bruenor olhou com descrença quando uma mão espectral surgiu do nada e os globos oculares se aproximaram e os viraram para que ambos estivessem de frente para o rei anão mais uma vez.

— Bem, isso nunca aconteceu antes — disse uma voz desencarnada.

Bruenor pulou de susto, depois se acomodou e gemeu mais uma vez. Ele não ouvia essa voz há muito tempo, mas nunca a esqueceria. E isso explicava muito sobre o que estava acontecendo na capela.

— Harkle Harpell — disse Bruenor, e sussurros se espalharam ao seu redor, pois a maioria dos outros anões tinha ouvido as histórias de Bruenor sobre Sela Longa, uma cidade a oeste do Salão de Mitral, lar do lendário e excêntrico clã de magos, os Harpells. Bruenor e seus companheiros passaram or Sela Longa, visitaram a Mansão de Hera, a caminho de encontrar o Salão de Mitral. Era um lugar que o anão, nem um pouco fã dessa magia de magos, jamais esqueceria e jamais se lembraria com carinho.

— Minhas saudações, Rei Bruenor — disse a voz, emanando do chão logo abaixo dos globos oculares firmes.

— Você está realmente aqui? — perguntou o rei anão.

— Hmmm — gemeu o chão. — Posso ouvir você e aqueles que estão ao meu redor no Bordão Felpudo — respondeu Harkle, referindo-se à taverna na Mansão de Hera, em sela Longa. — Só um momento, por favor.

O chão “ponderou” várias vezes mais, e os globos oculares piscaram uma ou duas vezes, talvez a visão mais curiosa que Bruenor já tinha visto, quando uma pálpebra apareceu do nada, cobriu a bola por um momento, depois desapareceu mais uma vez.

— Parece que estou nos dois lugares — Harkle tentou explicar. — Estou bem cego aqui, é claro, meus olhos estão aí. Eu me pergunto se eu poderia recuperá-los... — A mão espectral tornou a aparecer, procurando os globos oculares. Ela tentou agarrar um deles com segurança, mas só acabou virando os globos em direções opostas no

chão.

— Eita! — gritou um Harkle angustiado. — Então é assim que um lagarto vê o mundo! Devo anotar isso...

— Harkle! — Bruenor rugiu de frustração.

— Oh, sim, sim, é claro — respondeu Harkle, recuperando o pouco do bom senso que possuía. — Por favor, desculpe minha distração, Rei Bruenor. Isso nunca aconteceu antes.

— Bem, aconteceu agora — disse Bruenor, seco.

— Meus olhos estão aí — disse Harkle, como se estivesse tentando entender a situação em voz alta. — Mas, é claro, estarei aí também, muito em breve. Na verdade, eu esperava estar aí agora, mas não consegui. Curioso mesmo. Eu poderia tentar de novo, ou poderia pedir a um de meus irmãos para tentar...

— Não! — berrou Bruenor, encolhendo-se ao pensar que outras partes do corpo de Harpell poderiam em breve chover sobre ele.

— Claro — Harkle concordou depois de um momento. — É perigoso demais. Muito curioso. Tudo bem. Venho em resposta ao seu chamado, amigo rei anão!

Bruenor baixou a cabeça na palma da mão e suspirou. Ele temia essas mesmas palavras há mais de duas semanas. Ele havia enviado um emissário para Sela Longa em busca de ajuda na guerra potencial apenas porque Drizzt havia insistido.

Para Bruenor, ter os Harpells como aliados poderia eliminar a necessidade de inimigos.

— Uma semana — disse a voz desencarnada de Harkle. — Chegarei em uma semana! — Houve uma pequena pausa. — E, é... Você poderia fazer a gentileza de manter meus olhos seguros?

Bruenor assentiu para o lado, e vários anões avançaram, curiosos e não mais com medo dos itens exóticos. Eles lutaram para arrebataram os olhos e enfim os pegaram, com dois anões diferentes, cada um segurando um deles — e cada um tendo prazer óbvio em fazer caretas para os olhos.

Bruenor gritou para que parassem de brincar antes mesmo que a voz

de Harkle gritasse de horror.

— Por favor! — implorou o mago um tanto ausente. — Apenas um anão para segurar os dois olhos. — No mesmo instante, os dois anões agarraram seus prêmios com mais força.

— Deem para Metriz! — rugiu Bruenor. — Ela começou tudo isso!

Relutantes, mas não ousando ir contra uma ordem de seu rei, os anões entregaram os olhos.

— E por favor, mantenha-os úmidos — pediu Harkle, e, em resposta, Metriz imediatamente jogou uma das orbes em sua boca.

— Não assim! — gritou a voz. — Ah, assim não!

— Eu deveria pegá-los — protestou Jerbollah. — Meu feitiço funcionou! — O anão atrás de Jerbollah deu um tapa na cabeça dele.

Bruenor caiu em sua cadeira, balançando a cabeça. Levaria muito tempo para reorganizar sua ordem clerical, e ainda mais tempo levariam os preparativos para a guerra quando os Harpells chegassem.

Do outro lado da sala, Metriz, que, apesar de suas travessuras, era a mais equilibrada dos anões, não estava tão alegre. A presença inesperada de Harkle desviou os outros problemas aparentes, talvez, mas a estranha chegada do mago de Sela Longa não explicava os acontecimentos aqui. Metriz, vários outros clérigos e até mesmo o escriba perceberam que algo estava muito errado.



Guenhwyvar estava cansada quando ela, Drizzt e Cattibrie chegaram à passagem alta que levava à porta a leste do Salão de Mitral. Drizzt manteve a pantera no Plano Material por mais tempo do que o normal, e embora fosse cansativo, Guenhwyvar estava feliz pela estada. Com todos os preparativos acontecendo nos túneis profundos abaixo do complexo dos anões, Drizzt não saía muito e, consequentemente, nem Guenhwyvar.

Por muito, muito tempo, a estatueta da pantera esteve nas mãos de

vários drow em Menzoberranzan e, assim, a pantera havia passado séculos sem ver o exterior no Plano Material. Ainda assim, a parte externa era onde Guenhwyvar estava mais em casa, onde panteras naturais viviam e onde os primeiros companheiros da pantera no Plano Material haviam vivido.

Guenhwyvar gostou muito dessa brincadeira ao longo das trilhas de montanha com Drizzt e Cattibrie, mas agora era hora de ir para casa, descansar mais uma vez no Plano Astral. Por todo o seu amor pela companhia, nem o drow nem a pantera podiam se dar a esse luxo agora, com um perigo tão grande se aproximando, uma guerra iminente na qual Drizzt e Guenhwyvar provavelmente desempenhariam um papel importante, lutando lado a lado.

A pantera caminhou ao redor da estatueta, diminuiu a velocidade aos poucos e desvaneceu-se em uma névoa cinza insubstancial.



Fora do mundo material, Guenhwyvar entrou em um túnel longo, baixo e sinuoso, o caminho prateado que a levaria de volta ao Plano Astral. A pantera apenas trotava, não ansiosa para ir embora e cansada demais para correr de fato. A viagem não era tão longa de qualquer maneira, e sempre sem intercorrências.

Guenhwyvar parou quando ela contornou uma longa curva, suas orelhas ficando planas.

O túnel à frente estava em chamas.

Formas diabólicas, manifestações demoníacas que pareciam despreocupadas com a gata que se aproximava, saltavam dessas chamas. Guenhwyvar avançou alguns passos curtos. Ela podia sentir o calor intenso, podia ver os demônios ardentes e podia ouvir a risada deles enquanto continuavam a consumir as paredes do túnel circular.

Uma onda de ar disse a Guenhwyvar que o túnel havia sido rompido, em algum lugar no vazio entre os planos de existência. Demônios ardentes foram puxados em formas alongadas e depois sugados para fora. As chamas restantes dançaram descontroladas, saltando e piscando, parecendo sair completamente, depois subindo juntas em

uma onda repentina e violenta. O vento soprava forte nas costas de Guenhwyvar, forçando a pantera para seguir em frente, forçando tudo no túnel a voar através da brecha, para o nada.

Guenhwyvar sabia por instinto que se ela sucumbisse a essa força, não haveria volta, e ela se tornaria uma coisa perdida, indefesa, vagando entre os planos.

A pantera cravou em suas garras e recuou devagar, lutando contra o vento feroz a cada centímetro do caminho. Seu pelo preto se ergueu, se virando para o lado errado.

Um passo para trás.

O túnel era liso e duro, e havia pouco para as garras de pantera se cravarem. As patas de Guenhwyvar se mexeram com mais energia, mas inevitavelmente a gata começou a deslizar para frente em direção às chamas e à brecha.



— O que foi? — Cattibrie perguntou, vendo a confusão de Drizzt quando ele pegou a estatueta.

— Quente — respondeu Drizzt. — A estatueta está quente.

A expressão de Cattibrie também se enrugou de confusão. Ela sentiu puro pavor, uma sensação que ela não conseguia entender.

— Chame Guen de volta — ela pediu.

Drizzt, tão temeroso quanto ela, já estava fazendo isso. Ele colocou a estatueta no chão e chamou a pantera.

Guenhwyvar ouviu o chamado e queria desesperadamente atendê-lo, mas agora a gata já estava perto da brecha. Chamas selvagens dançavam alto, chamuscando o rosto da pantera. O vento estava mais forte do que nunca, e não havia nada, nada mesmo, para Guenhwyvar se agarrar.

A pantera conheceu o medo, e a pantera conheceu o luto. Ela nunca

mais atenderia ao chamado de Drizzt; nunca mais caçaria ao lado do ranger nas florestas perto do Salão de Mitral ou correria montanha abaixo com Drizzt e Cattibrie.

Guenhwyvar já havia conhecido o luto antes, quando alguns de seus mestres anteriores morreram. Desta vez, porém, não poderia haver substituto para Drizzt. E nenhuma para Cattibrie ou Regis, ou mesmo Bruenor, aquela criatura mais frustrante, cujo relacionamento de amor e ódio com Guenhwyvar havia proporcionado à pantera muitas horas de diversão provocadora.

Guenhwyvar lembrou-se da vez em que Drizzt lhe ordenou que se deitasse em cima de Bruenor enquanto ele dormia e tirasse uma soneca. Como o anão havia reclamado!

Chamas queimavam o rosto de Guenhwyvar. Ela podia ver através da brecha agora, ver o vazio que a esperava.

Em algum lugar distante, além da parede de vento estridente, veio o chamado de Drizzt, um chamado que a gata não poderia atender.

Capítulo 7

Culpa de Baenre

UTHEGENTAL ARMGO, patrono e mestre de armas de Barrison del'Armgo, Segunda Casa de Menzoberranzan, não era o drow favorito de Jarlaxle. Na verdade, Jarlaxle não tinha certeza de que aquele lá era sequer um drow de fato. Com quase um metro e oitenta e um tronco musculoso que pesava quase noventa quilos, Uthegental era o maior elfo negro em Menzoberranzan, um dos maiores da raça normalmente esbelta já visto no Subterrâneo. Mais do que o tamanho distinguia o mestre de armas feroz, no entanto. Enquanto Jarlaxle era considerado excêntrico, Uthegental era simplesmente assustador. Ele mantinha os cabelos brancos curtos e os espetava com o extrato espesso e gelatinoso obtido ao se ferver tetas de rothé. Um anel de mitral estava preso através do nariz angular de Uthegental, e um pino dourado se projetava através de cada bochecha.

Sua arma era um tridente, negro como a cota de malha articulada sob medida que ele usava e uma rede mágica que, pelo que diziam, estava pendurada em seu cinto, de fácil acesso.

Jarlaxle estava feliz que pelo menos Uthegental não estava usando sua pintura de guerra naquele dia, faixas pintadas com algum corante que o mercenário não conhecia que se mostrava em amarelo e vermelho tanto no espectro normal quanto no infravermelho que ziguezagueavam. Era de conhecimento geral em Menzoberranzan que Uthegental, além de ser patrono da Matriarca-Mãe Mez'Barris, era o consorte de muitas mulheres de Barrison del'Armgo. A Segunda Casa o considerava um reprodutor, e o pensamento de dezenas de pequenos Uthegentals correndo por aí trouxe uma expressão azeda ao rosto de Jarlaxle.

— A magia enlouqueceu, mas eu continuo forte! — o mestre de armas rosnou, com sua testa perpetuamente franzida o tornando ainda mais imponente. Ele levou um braço musculoso como aço para o lado e apertou os bíceps enquanto dobrava o cotovelo, os músculos duros de seu braço erguidos e orgulhosos.

Jarlaxle levou um tempo para se lembrar de onde estava, no meio de seu próprio acampamento, em seu próprio quarto e sentado atrás de sua própria mesa, em segredo cercado por uma dúzia de soldados muitíssimo qualificados e inegavelmente leais de Bregan D'aerthe. Mesmo sem os aliados escondidos, a mesa de Jarlaxle estava equipada com mais do que algumas armadilhas mortais para convidados problemáticos. E, claro, Jarlaxle não era menos guerreiro. Uma pequena parte dele — uma parte bem pequena — se perguntava como ele se sairia em uma batalha contra Uthegental.

Poucos guerreiros, drow ou não, poderiam intimidar o líder mercenário, mas ele se permitia um pouco de humildade diante daquele maníaco.

— Ultrin Sargtlin! — Uthegental continuou, o termo drow para “Guerreiro Supremo”, uma reivindicação que parecia segura dentro da cidade com Dantrag Baenre morto. Jarlaxle muitas vezes imaginava a batalha que a maioria dos elfos negros de Menzoberranzan acreditava que um dia seria travada pelos rivais amargos Uthegental e Dantrag.

Dantrag havia sido o mais rápido — mais rápido do que qualquer um — mas, com sua força e tamanho, Uthegental era quem Jarlaxle imaginava que venceria tal competição. Dizia-se que quando ele entrava em sua fúria de batalha, Uthegental possuía a força de um gigante, e esse temível mestre de armas era tão durão que, quando lutava contra criaturas menores, como escravos goblins, ele sempre permitia que seu oponente o atingisse primeiro, e nunca tentava desviar o ataque, aceitando o golpe cruel, se deleitando com a dor, antes de rasgar seu inimigo membro a membro e ter as partes do corpo escolhidas preparadas para seu jantar.

Jarlaxle estremeceu com a ideia, depois tirou a imagem de sua mente, lembrando-se de que ele e Uthegental tinham negócios mais importantes para tratar.

— Não há nenhum mestre de armas, nenhum drow, em Menzoberranzan que possa ficar contra mim — Uthegental continuou se gabando, sem nenhuma razão que Jarlaxle pudesse discernir além do senso de orgulho exacerbado do selvagem.

Ele continuou, como costumava fazer, e, embora Jarlaxle quisesse lhe perguntar se havia um motivo para tudo isso, ele permaneceu em silêncio, confiante de que o emissário da Segunda Casa acabaria por chegar a uma discussão séria.

Uthegental parou sua exibição de repente, e sua mão disparou, arrancando do topo da mesa uma joia que o mercenário usava como peso de papel. Uthegental murmurou alguma palavra que Jarlaxle não captou, mas o olhar aguçado do mercenário notou um leve lampejo no broche do enorme drow, o emblema da Casa de Barrison del'Armgo. Uthegental, em seguida, segurou a pedra no alto e apertou-a com toda a sua força. Os músculos em seu braço esculpido se esticaram e protuberaram, mas a joia se manteve firme.

— Eu deveria ser capaz de esmagar isso — rosnou Uthegental. — Esse é o poder, a magia, com a qual fui abençoado por Lolth!

— A joia não valeria tanto quando reduzida a pó — respondeu Jarlaxle, seco. Qual era o objetivo de Uthegental? ele se perguntou. Claro, algo estranho estava acontecendo com a magia por toda a cidade. Agora Jarlaxle entendeu melhor a ostentação anterior de Uthegental. O mestre de armas exóticas ainda era forte, mas não tão forte, um fato que parecia preocupar bastante Uthegental.

— A magia está falhando — disse o mestre de armas —, falhando em todos os lugares. As sacerdotisas se ajoelham em oração, sacrificam drow após drow, e, ainda assim, nada do que fazem traz Lolth ou suas servas até elas. A magia está falhando, e a culpa é de Matriarca Baenre!

Jarlaxle tomou nota da maneira como Uthegental parecia estar repetindo palavras. Provavelmente para se lembrar do que ele estava falando, o mercenário meditou e sua expressão azeda refletiu bem sua opinião sobre o intelecto de Uthegental. Claro, Uthegental nunca pegaria a indicação sutil.

— Você não tem como saber disso — respondeu o mercenário. A acusação de Uthegental sem dúvida veio da própria Matriarca Mez'Barris. Muitas coisas estavam ficando claras para o mercenário agora, em especial o fato de que Mez'Barris havia enviado Uthegental para sentir Bregan D'aerthe, para ver se era um bom momento para um golpe contra Baenre. As palavras de Uthegental com certeza poderiam ser consideradas condenatórias, mas não contra Barrison del'Armgo, pois seu mestre de armas estava sempre falando demais, e nunca era nada que elogiasse a ninguém além de si mesmo.

— Foi a Matriarca Baenre que permitiu que o Do'Urden fugisse — gritou Uthegental. — Foi ela quem presidiu o ritual que falhou! Falhou, como a magia está falhando.

Repetindo, pensou Jarlaxle, mas sabiamente manteve essa resposta irrisória em silêncio. A frustração do mercenário naquele momento não era apenas com a ignorância revelada por Uthegental. Era com o fato de que o raciocínio de Uthegental era comum em toda a cidade. Na cabeça de Jarlaxle, os elfos negros de Menzoberranzan continuavam se limitando por sua insistência cega de que tudo era sintomático de um significado mais profundo, que a Rainha Aranha tinha algum plano grandioso por trás de cada movimento. Aos olhos das sacerdotisas, se Drizzt Do'Urden negou Lolth e fugiu, foi apenas porque Lolth queria que a Casa Do'Urden caísse e queria o desafio de recapturá-lo apresentado às outras casas ambiciosas da cidade.

Era uma filosofia limitante, que negava o livre arbítrio. Certamente Lolth poderia ter um papel na caça por Drizzt. Certamente poderia estar irritada com a interrupção do alto ritual, se ela se desse ao trabalho de tomar nota do evento! Mas o raciocínio de que o que estava acontecendo agora estava completamente ligado a esse evento — em última análise um evento menor na história de cinco mil anos de Menzoberranzan — era uma visão de orgulho tolo, em que os moradores de Menzoberranzan pareciam pensar que todo o multiverso girava em torno deles.

— Por que então toda a magia está falhando em todas as Casas? — Jarlaxle perguntou a Uthegental. — Por que não apenas a Casa Baenre?

Uthegental sacudiu a cabeça com força, nem mesmo disposto a pensar no argumento:

— Nós falhamos com Lolth e estamos sendo punidos — declarou ele. — Se ao menos eu tivesse encontrado o renegado em vez do lamentável Dantrag Baenre!

Agora isso era algo que Jarlaxle gostaria de ver! Drizzt Do'Urden lutando contra Uthegental. O simples pensamento fez a espinha do mercenário formigar.

— Você não pode negar que Dantrag estava sob o favor de Lolth — argumentou Jarlaxle — enquanto Drizzt Do'Urden certamente não estava. Como, então, Drizzt ganhou?

A testa de Uthegental franziu de modo tão feroz que seus olhos vermelhos quase desapareceram por completo, e Jarlaxle logo reavaliou a prudência de forçar o bruto ao longo dessa linha de raciocínio. Uma coisa era apoiar a Matriarca Baenre; outra era abalar

a base para o mundo inteiro de um escravo cego pela religião.

— Tudo vai se resolver corretamente — assegurou Jarlaxle. — Em toda a Arach-Tinilith, em toda a Academia e em todas as capelas de cada Casa, orações estão sendo oferecidas a Lolth.

— Suas orações não estão sendo respondidas — Uthegental rebateu. — Lolth está com raiva de nós e não falará conosco até que tenhamos punido aqueles que a prejudicaram.

Suas orações não estavam sendo respondidas, ou suas orações nem sequer estavam sendo ouvidas, pensou Jarlaxle. Ao contrário da maioria dos outros drow tipicamente xenofóbicos em Menzoberranzan, o mercenário tinha contato com o mundo exterior. Ele sabia por seus contatos que os sacerdotes svirfneblin de Gruta das Pedras Preciosas estavam tendo igual dificuldade em sua comunhão, que a magia dos gnomos das profundezas também havia ficado estranha. Algo havia acontecido com o próprio panteão, Jarlaxle acreditava, e com o próprio tecido da magia.

— Não é Lolth — ele arriscou dizer, e fez os olhos de Uthegental se arregalarem. Entendendo exatamente o que estava em jogo aqui, toda a hierarquia da cidade e talvez a vida de metade dos drow de Menzoberranzan, Jarlaxle avançou. — Na verdade, não é apenas Lolth. Quando você voltar para a cidade, observe Narbondel — disse ele, referindo-se ao relógio do pilar de pedra de Menzoberranzan. — Mesmo agora, no que deveria ser o frio escuro da noite, brilha mais claro e mais quente do que nunca, tão quente que seu brilho pode até ser visto sem a visão de detecção de calor, tão quente que qualquer drow perto do pilar não pode sequer permitir que sua visão mude para o espectro de detecção de calor para que não fique cego.

— No entanto, Narbondel é encantado por um mago, e não por uma sacerdotisa — continuou Jarlaxle, esperando que o limitado Uthegental seguisse o raciocínio.

— Você duvida que Lolth possa afetar o relógio? — o mestre de armas rosnou.

— Eu duvido que ela faria! — Jarlaxle rebateu com veemência. — A magia de Narbondel é separada de Lolth, sempre foi separada de Lolth. Antes de Gromph Baenre, alguns dos arquiماغos anteriores de Menzoberranzan nem eram seguidores de Lolth! — Ele quase acrescentou que Gromph também não era tão devoto, mas decidiu manter essa informação para si mesmo. Não fazia sentido dar à

desesperada Segunda Casa razões adicionais para pensar que a Casa Baenre estava ainda mais fora do favor da Rainha Aranha.

— E considere os fogos feéricos que destacam todas as estruturas — continuou Jarlaxle. Ele podia dizer pelo ângulo da testa franzida de Uthegental que o bruto estava ficando mais curioso do que irritado, o que não era uma visão comum. — Piscando de vez em quando, ou se apagando por completo. O fogo feérico dos magos, não a magia de uma sacerdotisa; e decorando cada Casa, não apenas a Casa Baenre. Os eventos estão além de nós, eu digo, e além do alto ritual. Diga à Matriarca Mez'Barris, com todo o meu respeito, que não acredito que a Matriarca Baenre possa ser culpada por isso, e não acredito que a solução será encontrada em uma guerra contra a Primeira Casa. A menos que a própria Lolth nos envie uma diretriz clara.

A expressão de Uthegental logo voltou à sua carranca normal. Claro que ele estava frustrado, Jarlaxle percebeu. O drow mais inteligente de Menzoberranzan e o svirfneblin mais inteligente de Gruta das Pedras Preciosas, estavam frustrados, e nada que Jarlaxle pudesse dizer mudaria a mente de Uthegental, ou o desejo do selvagem amante da guerra de atacar a Casa Baenre. Mas Jarlaxle sabia que não precisava convencer Uthegental. Ele só tinha que fazer Uthegental dizer as coisas certas em seu retorno à Casa Barrison del'Armgo. O mero fato de que Mez'Barris enviou um emissário tão proeminente, seu próprio patrono e mestre de armas, disse a Jarlaxle que ela não lideraria uma conspiração contra Baenre sem a ajuda ou pelo menos a aprovação de Bregan D'aerthe.

— Eu vou — declarou Uthegental, as palavras mais bem-vindas que Jarlaxle ouvira desde que o bruto entrou em seu acampamento.

Jarlaxle tirou o chapéu de abas largas e passou as mãos sobre sua careca enquanto deslizava confortavelmente para trás em sua cadeira. Ele não podia começar a adivinhar a extensão dos eventos. Talvez dentro do caos aparente do tecido da realidade, a própria Lolth tivesse sido destruída. Não seria uma coisa tão ruim, Jarlaxle supôs.

Ainda assim, ele esperava que as coisas se resolvessem em breve, e do jeito certo, como ele havia indicado a Uthegental, pois sabia que esse pedido — e era um pedido — para ir à guerra seria repetido, e de novo depois disso, e, a cada vez, seria apoiado por um crescente desespero. Mais cedo ou mais tarde, a Casa Baenre seria atacada.

Jarlaxle pensou no encontro que testemunhara entre a Matriarca Baenre e K'yorl Odran, matriarca-mãe da Casa Oblodra, a terceira da

cidade, e talvez a mais perigosa Casa, quando Baenre começou a montar a aliança para enviar um exército conquistador para o Salão de Mitral. Baenre havia negociado de uma posição de poder, então totalmente sob o favor de Lolth. Ela havia insultado K'yorl e a Terceira Casa de forma bem clara e forçou a matriarca-mãe imprevisível a entrar em sua aliança com ameaças diretas.

K'yorl nunca esqueceria isso, Jarlaxle sabia, e ela poderia estar empurrando Mez'Barris Armgo na direção de uma guerra contra a Casa Baenre.

Jarlaxle amava o caos, prosperava em meio à confusão, mas esse cenário estava começando a preocupá-lo bastante.



Ao contrário das crenças, em geral corretas, do mercenário, K'yorl Odran não estava influenciando Matriarca Mez'Barris na direção de uma guerra contra a Casa Baenre. Muito pelo contrário, K'yorl estava trabalhando duro para evitar tal conflito, encontrando-se em segredo com as matriarcas das outras seis Casas governantes classificadas abaixo da Casa Baenre — exceto por Ghenni'tiroth Tlabbar, Matriarca da Casa Faen Tlabbar, a Quarta Casa, a quem K'yorl não podia suportar e em quem ela não confiaria. Não era que K'yorl tivesse perdoado Matriarca Baenre pelo insulto, e tampouco que tivesse medo dos eventos estranhos. Longe disso.

Se não fosse por sua extensa rede de reconhecimento além da Casa Oblodra e os sinais óbvios, como Narbondel e o fogo feérico piscando, os membros da Terceira Casa nem saberiam que algo estava errado. O motivo disse é que os poderes da Casa Oblodra não vinham da magia que vem de magos, nem das orações clericais para a Rainha Aranha. Os Oblodra eram psiônicos. Seus poderes eram formados por forças internas da mente e, até agora, o Tempo das Perturbações não os havia afetado.

K'yorl não podia deixar o resto da cidade saber disso. Ela tinha posto as vinte sacerdotisas sob seu comando para trabalhar duro, forçando o equivalente psiônico do fogo feérico que destacava sua casa a piscar, como acontecia com as outras casas. E para Mez'Barris e as outras matriarcas, ela parecia tão agitada e nervosa quanto elas.

Ela tinha que manter um sigilo sobre as coisas; ela tinha que manter a conversa da conspiração em silêncio. Para que, quando K'yorl pudesse ter certeza de que a perda de magia não era um truque desonesto, sua família atacasse — sozinha. Ela poderia ir até a Casa Faen Tlabbar primeiro, por todos os anos que passou observando todos os seus movimentos ambiciosos, ou poderia atacar diretamente os miseráveis Baenre.

De qualquer forma, a matriarca-mãe maligna pretendia atacar sozinha.



Matriarca Baenre estava rigidamente sentada em uma cadeira no estrado central elevado e aceso na grande capela de sua casa. Sua filha Sos'Unptu, que servia como zeladora deste santíssimo lugar dos drow, sentava-se à sua esquerda, e Triel, a filha Baenre mais velha e Matriarca Senhora da Academia drow, estava à sua direita. Todas as três olhavam para cima, para a imagem ilusória que Gromph havia colocado ali, e parecia estranhamente adequado que a imagem não continuasse sua mudança de forma, de drow para aracnídeo e de volta a drow, mas sim, tivesse sido capturada em algum lugar no meio da transformação e suspensa ali, como os poderes que elevaram a Casa Baenre à sua posição proeminente.

Não muito longe, escravos goblins e minotauros continuavam seu trabalho na reparação da cúpula, mas a Matriarca Baenre perdera toda a esperança de que montar sua capela de volta corrigiria os eventos estranhos e terríveis em Menzoberranzan. Ela passou a acreditar no raciocínio de Jarlaxle de que algo maior do que um ritual falho e a fuga de um único renegado estava envolvido ali. Ela passou a acreditar que o que estava acontecendo em Menzoberranzan poderia ser sintoma de todo o mundo, de todo o multiverso, e que estava muito além de sua compreensão ou de seu controle.

Isso não facilitava as coisas para Matriarca Baenre. Se as outras Casas não compartilhassem dessas crenças, tentariam usá-la como um sacrifício para colocar as coisas em ordem. Ela olhou por um instante para as duas filhas. Sos'Unptu estava entre as mulheres drow menos ambiciosas que ela já conheceu, e Baenre não temia muito vindo dela. Triel, por outro lado, poderia ser mais perigosa. Embora ela sempre parecesse satisfeita com sua vida como matriarca senhora da

Academia, uma posição que não era pouco importante, era bem aceito que Triel, a filha mais velha, um dia governaria a Primeira Casa.

Triel era paciente, como sua mãe, mas como sua mãe, ela também estava calculando. Se ela se convencesse de que era necessário remover sua mãe do trono da Casa Baenre, que tal ato restauraria o nome e a reputação dos Baenre, então ela o faria sem piedade.

É por isso que a Matriarca Baenre a chamou da Academia para uma reunião e localizou essa reunião dentro da capela. Esta era a casa de Sos'Unptu, a casa de Lolth, e Triel não ousaria atacar sua mãe aqui.

— Planejo emitir um chamado da Academia para que nenhuma Casa use esse tempo conturbado para guerrear contra outra — ofereceu Triel, quebrando o suposto silêncio, pois nenhuma das Baenres estava prestando atenção no martelar e gemer dos escravos que trabalhavam no telhado curvo a meros trinta metros de distância. Nenhuma delas prestou atenção, mesmo quando um minotauro jogou um goblin para sua morte, sem nenhum motivo melhor do que por diversão.

Matriarca Baenre respirou fundo e pesou as palavras e o significado por trás das palavras. É claro que a Triel faria tal declaração. A Academia era talvez a força mais estabilizadora em Menzoberranzan. Mas por que Triel escolheu esse momento para contar à mãe? Por que não esperar até que o apelo fosse apresentado de modo claro e a todos?

Triel estava tentando tranquilizá-la? Matriarca Baenre se perguntou. Ou ela estava apenas tentando fazê-la baixar a guarda?

Os pensamentos circulavam na mente da Matriarca Baenre, corriam e colidiam um contra o outro, deixando-a em um tremor paranoico. Racionalmente, ela entendia a natureza autodestrutiva de tentar ler as coisas em cada palavra, de tentar superar aqueles que poderiam ser menos do que inimigos, que poderiam até ser aliados. Mas a Matriarca Baenre estava ficando desesperada. Algumas semanas antes, ela estava no auge de seu poder, havia reunido a cidade abaixo dela em prontidão para um ataque maciço ao complexo anão do Salão de Mitral, perto da superfície.

Quão rápido isso foi tirado, tão rápido quanto a queda de uma estalactite do teto da caverna acima de sua preciosa capela.

Ela ainda não estava destruída, porém. Matriarca Baenre não havia vivido mais de dois mil anos para desistir agora. Dane-se Triel, se ela

estava tramando para assumir o trono. Danem-se todos eles!

A matriarca-mãe bateu palmas com força, e ambas as filhas ofegaram com o susto quando uma monstruosidade bípede do tamanho de um homem apareceu à vista, parada bem diante delas, envolta em tremendas vestes vermelhas esvoaçantes. A cabeça arroxeadada da criatura se assemelhava a de um polvo, exceto que apenas quatro tentáculos magros ondulavam do perímetro de seu orifício redondo e repleto de dentes, e seus olhos não tinham pupila, eram brancos leitosos.

O illithid, ou devorador de mentes, não era desconhecido das filhas de Baenre. Longe disso, El-Viddenvelp, ou Methil, como era mais conhecido, era o conselheiro da Matriarca Baenre e estava ao lado dela há muitos anos. Recuperadas de seu susto, Sos'Unptu e Triel voltaram olhares curiosos para sua mãe surpreendente.

— “Minhas saudações a você, Triel”, — o illithid transmitiu telepaticamente. — “e claro, a você, Sos'Unptu, aqui, em seu lugar.”

Ambas as filhas assentiram e conjuraram respostas mentais semelhantes, sabendo que Methil capturaria os pensamentos de forma tão clara quanto se os tivessem falado em voz alta.

— Tolas! — Matriarca Baenre gritou com as duas. Ela saltou da cadeira e se virou, com suas feições decrépitas em uma careta feroz. — Como vamos sobreviver desta vez se duas das minhas principais comandantes e conselheiras mais próximas são tão tolas?

Sos'Unptu estava envergonhada e confusa. Ela chegou ao ponto de cobrir o rosto com a manga larga de seu grosso manto roxo e preto.

Triel, mais mundana do que sua irmã mais nova, de primeira sentiu o mesmo choque, mas logo entendeu o ponto de vista de sua mãe.

— O illithid não perdeu seus poderes — afirmou ela, e Sos'Unptu espiou curiosa por cima de seu braço.

— Não mesmo — Matriarca Baenre concordou, e seu tom não era feliz.

— Mas então temos uma vantagem — Sos'Unptu ousou falar. — Pois Methil é leal o suficiente — disse ela sem rodeios. Não adiantava mascarar seus verdadeiros sentimentos por trás de meias-palavras, pois o illithid leria sua mente de qualquer maneira. — E ele é o único

de sua espécie em Menzoberranzan.

— Mas não é o único que usa esses poderes! — Matriarca Baenre rugiu para ela, fazendo-a recuar na cadeira mais uma vez.

— K'yorl — ofegou Triel. — Se Methil mantém seus poderes...

— Então os Oblodra também — Baenre terminou em um tom sombrio.

— “Eles continuam exercendo seus poderes” — Methil confirmou às três. — “As luzes da Casa Oblodra não estariam piscando se não fosse pelos comandos mentais de K'yorl.”

— Podemos ter certeza disso? — perguntou Triel, pois não parecia haver padrões definidos no fracasso da magia, apenas uma bagunça caótica. Talvez Methil ainda não tivesse sido afetado, ou nem sabia que ele havia sido afetado. E talvez os destaques de fogo feérico de Oblodra, embora diferentes na criação do que o fogo feérico brilhando em torno das outras casas, foram pegos no mesmo caos.

— “Os poderes psiônicos podem ser sentidos por criaturas psiônicas” — assegurou Methil. — “A Terceira Casa está repleta de energia.”

— E K'yorl dá a impressão de que não é bem assim — Matriarca Baenre acrescentou em um tom desagradável.

— Ela deseja atacar de surpresa — argumentou Triel. Matriarca Baenre assentiu séria.

— E quanto a Methil? — Sos'Unptu ofereceu, esperançosa. — Seus poderes são grandes.

— Methil é um adversário que superaria K'yorl — Matriarca Baenre assegurou à filha, embora Methil estivesse fazendo a mesma coisa em silêncio, transmitindo uma sensação de confiança inegável. — Mas K'yorl não está sozinha entre os Oblodra com seus poderes psiônicos.

— Quantos? — Triel queria saber. Matriarca Baenre apenas deu de ombros em resposta.

— “Muitos” — os pensamentos de Methil responderam.

Triel estava pensando nisso, então ela sabia que Methil estava ouvindo, e então ela disse em voz alta, desconfiada.

— E se os Oblodra vierem contra nós, de que lado Methil ficará?

Matriarca Baenre ficou, por um instante, chocada com a ousadia de sua filha, mas entendeu que Triel tinha pouca escolha quanto a divulgar suas suspeitas.

— E ele trará seus aliados da caverna illithid não muito longe? — pressionou Triel. — Sem dúvidas, se uma centena de illithids estiver ao nosso lado neste tempo de necessidade...

Não havia nada de Methil, nem uma pitada de comunicação telepática, e isso era resposta suficiente para as Baenres.

— Nossos problemas não são os problemas dos devoradores de mentes — disse Matriarca Baenre. Era verdade, e ela sabia disso. Ela tentou alistar os illithids no ataque ao Salão de Mitral, prometendo-lhes riquezas e uma aliança segura, mas as motivações das criaturas de outro mundo e cabeça de polvo não eram as mesmas dos elfos negros, ou de qualquer raça em todo o Subterrâneo. Essas motivações permaneciam além do entendimento de Matriarca Baenre, apesar de seus anos lidando com Methil. O máximo que ela pôde obter dos illithids para seu importante ataque foi Methil e dois outros concordando em ir junto em troca de cem kobolds e vários drow machos para serem usados como escravos pela comunidade illithid em sua pequena cidade-caverna.

Não havia mais nada a dizer. Os guardas da Casa foram posicionados em plena prontidão. Todos os drow sobressalentes estavam em oração clamando pela ajuda ajuda da Rainha Aranha. A Casa Baenre estava fazendo tudo o que podia para evitar o desastre, e ainda assim, a Matriarca Baenre não acreditava que eles teriam sucesso. K'yorl veio até ela sem aviso prévio em várias ocasiões, passado por sua cerca mágica e pelas muitas proteções mágicas situadas ao redor do complexo. A matriarca-mãe da Casa Oblodra tinha feito isso apenas para provocar Baenre, e na verdade, tinha pouco poder restante para fazer mais do que isso no momento em que sua imagem era revelada a Baenre. Mas o que K'yorl poderia conseguir com essas proteções mágicas caídas? Baenre tinha que se perguntar. Como Matriarca Baenre poderia resistir à psionista sem contra-atacar com sua própria magia?

Sua única defesa parecia ser Methil, uma criatura em que ela não confiava nem entendia.

Ela não gostava das chances que tinha.

Capítulo 8

Manifestações mágicas

GUENHWYVAR CONHECEU A DOR, conheceu a agonia além de qualquer coisa que a pantera já havia sentido. Mas mais do que isso, a pantera conheceu o desespero, o verdadeiro desespero. Guenhwyvar era uma criatura formada de magia, a manifestação da força vital do animal conhecido em Toril como a pantera. A própria centelha de existência dentro da grande pantera dependia de magia, assim como o conduíte que permitia que Drizzt e os outros antes dele trouxessem Guenhwyvar para o Plano Material.

Magia que se desfiou; o tecido que tecia a Trama universal em um padrão místico e previsível foi rasgado.

A pantera conheceu o desespero.

Guenhwyvar ouvia Drizzt continuando a chamar, implorando. O drow sabia que a gata estava em apuros, e sua voz refletia esse desespero. Em seu coração, tão conectado com sua companheira pantera, Drizzt Do'Urden entendeu que Guenhwyvar logo estaria perdida para sempre.

O pensamento arrepiante deu à pantera um momento de esperança e determinação renovadas. Guenhwyvar se concentrou em Drizzt, conjurou uma imagem da dor que sentiria se nunca mais pudesse voltar para seu amado mestre. Rosnando baixo em puro desafio, a pantera raspou suas pernas traseiras com tanta força que mais de uma garra ficou presa na superfície lisa e dura e foi arrancada em seguida.

A dor não parou a pantera, não quando Guenhwyvar a comparou com a realidade de deslizar para frente naquelas chamas, de cair do túnel, a única conexão com o mundo material e Drizzt Do'Urden.

A luta durou mais tempo do que qualquer criatura deveria ter resistido. Mas, embora Guenhwyvar não tivesse deslizado para mais perto da brecha, nem a pantera ganhou de volta qualquer terreno em direção ao seu mestre suplicante.

Finalmente, exausta, Guenhwyvar lançou um olhar desamparado e indefeso por cima do ombro. Seus músculos tremeram e depois cederam.

A pantera foi varrida para a brecha ardente.



Matriarca Baenre andava nervosa pela pequena sala, esperando que um guarda corresse a qualquer momento com a notícia de que o complexo havia sido invadido, e toda a cidade havia se levantado contra sua casa, culpando-a pelos problemas que lhes aconteceram.

Não muito tempo atrás, Baenre sonhara com a conquista, aspirara ao ápice do poder. O Salão de Mitral estava ao seu alcance, e ainda mais do que isso, a cidade parecia pronta para seguir sua liderança.

Agora ela acreditava que não podia se agarrar nem mesmo à sua própria casa, ao império Baenre que havia se mantido por cinco mil anos.

— Salão de Mitral — a drow perversa rosnou em uma maldição condenatória, como se aquele lugar distante tivesse sido a causa de tudo isso. Com seu peito frágil arfando em suspiros forçados de ar, Baenre levou as duas mãos ao pescoço e soltou a corrente que estava ali.

— Salão de Mitral! — ela gritou para o pingente em forma de anel, formado a partir do dente de Gandalug Martelo de Batalha, o patriarca do clã de Bruenor, o verdadeiro elo com aquele mundo da superfície. Todos os drow, mesmo aqueles mais próximos de Matriarca Baenre, pensavam que Drizzt Do'Urden era o catalisador da invasão, a desculpa que permitia a Lolth dar sua bênção à perigosa tentativa de conquista tão perto da superfície.

Drizzt era apenas uma parte do quebra-cabeça, e uma pequena parte, pois esse pequeno anel era o verdadeiro motivo. Selado dentro dele estava o espírito atormentado de Gandalug, que conhecia os caminhos do Salão de Mitral e os caminhos do Clã Martelo de Batalha. Matriarca Baenre havia levado o próprio rei anão séculos antes, e foi apenas o destino que levou um renegado de Menzoberranzan ao contato com o

clã de Bruenor, o destino que forneceu uma desculpa para a conquista que Matriarca Baenre desejara por muitas, muitas décadas.

Com um grito de indignação, Baenre arremessou o dente pela sala, depois caiu em choque quando o item explodiu.

Baenre olhou fixamente para o canto da sala quando a fumaça desapareceu, para o anão nu ajoelhado ali. A matriarca-mãe se levantou, balançando a cabeça em descrença, pois este não era um espírito convocado, mas o corpo físico de Gandalug!

— Você se atreve a sair? — Baenre gritou, mas sua raiva mascarava seu medo. Nas ocasiões em que havia chamado a forma física de Gandalug da prisão extradimensional, ele nunca saiu verdadeiramente inteiro, nunca corpóreo, e nunca nu. Olhando para ele agora, Baenre sabia que a prisão de Gandalug havia desaparecido, que Gandalug foi devolvido da exata forma que estava quando Baenre o capturara, exceto por suas roupas.

O velho anão maltratado olhou para sua captora, sua atormentadora. Baenre tinha falado na língua drow, e, claro, Gandalug não tinha entendido uma palavra. Isso pouco importava, pois o velho anão não estava ouvindo. Ele estava, na verdade, além das palavras.

Lutando, rosnando, a cada movimento dolorido, Gandalug forçou as costas a se endireitar, depois colocou uma, depois a outra, perna sob si e se levantou com determinação. Ele entendeu que algo estava diferente. Depois de séculos de tormento e vazio, um estado de fuga em um vazio cinza, Gandalug Martelo de Batalha sentiu-se de alguma forma diferente, se sentiu inteiro e real. Desde sua captura, o velho anão vivia uma existência surreal, vivia um sonho, cercado por imagens vívidas e assustadoras sempre que essa velha miserável o chamava, englobado por períodos intermináveis de nada, onde lugar, tempo e pensamento eram um longo vazio.

Mas agora... agora Gandalug se sentia diferente, sentia até os rangidos e dores de seus velhos ossos. E como essas sensações eram maravilhosas!

— Volte! — Baenre ordenou, desta vez na língua da superfície, a linguagem que ela sempre usava para se comunicar com o velho anão. — Volte para sua prisão até que eu o chame!

Gandalug olhou em volta, para a corrente caída no chão, o anel de dente em nenhum lugar à vista.

— Eu acho que não — o velho anão observou em seu pesado e antigo dialeto, e ele avançou um passo.

Os olhos de Baenre se estreitaram ameaçadores:

— Como ousa? — ela sussurrou, puxando uma varinha fina. Ela sabia o quão perigoso ele poderia ser, e assim não perdeu tempo em apontar o item e recitar uma frase arcana, na intenção de invocar um fluxo de teia que engoliria o anão e o seguraria com força.

Nada aconteceu.

Gandalug deu outro passo, rosnando como um animal faminto a cada centímetro.

O olhar de aço de Baenre se afastou, revelando seu medo repentino. Ela era uma criatura criada com magia, que dependia de magia para protegê-la e para derrotar seus inimigos. Com os itens que ela possuía — que carregava consigo o tempo todo — e seu poderoso repertório de feitiços, ela poderia afastar quase qualquer inimigo, provavelmente poderia esmagar um batalhão de combatentes anões endurecidos. Mas sem esses itens, e sem feitiços chegando ao seu apelo, Matriarca Baenre era uma coisa lamentável, murcha e frágil e que só poderia blefar.

Não teria importado para Gandalug se um titã estivesse diante dele. Por alguma razão que não conseguia entender, ele estava livre da prisão, livre e em seu próprio corpo, uma sensação que ele não sentia há dois mil anos.

Baenre tinha outros truques para tentar, e na verdade, alguns deles, como a bolsa que carregava uma horda de aranhas que correria ao seu chamado, ainda não haviam caído na teia caótica e mágica que era o Tempo das Perturbações. Mas ela não podia arriscar. Não agora, não quando ela estava tão vulnerável.

Ela se virou e correu até a porta.

Os músculos firmes das poderosas pernas de Gandalug se contraíram, e o anão saltou, passando pelos quatro metros e meio para chegar à porta diante de seu algoz.

Um punho bateu no peito de Baenre, roubando sua respiração, e antes que pudesse responder, ela estava no ar, girando sobre a cabeça do anão enfurecido.

Então ela estava voando até bater contra a parede do outro lado da sala.

— Vou arrancar sua cabeça — prometeu Gandalug enquanto avançava sem parar.

A porta se abriu e Berg'inyon correu para dentro. Gandalug girou para encará-lo enquanto Berg'inyon sacava suas lâminas gêmeas. Assustado com a visão — como um anão entrara em Menzoberranzan, nos aposentos privados de sua própria mãe? — Berg'inyon levantou as lâminas assim que Gandalug as agarrou, uma em cada mão.

Se o encantamento ainda estivesse sobre as belas lâminas do mestre de armas, elas teriam imediatamente cortado a carne dura do anão. Mesmo sem o encantamento, com a magia perdida no redemoinho do caos, as espadas cavaram profundamente.

Gandalug mal se importava. Ele abriu os braços de Berg'inyon, e o drow esguio não era páreo para sua força pura. O anão lançou sua cabeça para frente, colidindo com a armadura flexível de Berg'inyon, anéis finos que também dependiam de encantamento para sua força.

Gandalug repetiu o movimento de novo e de novo, e os grunhidos de Berg'inyon rapidamente se tornaram suspiros ofegantes. Logo o jovem Baenre mal estava de pé, quase inconsciente quando Gandalug puxou as espadas de suas mãos. A cabeça do anão bateu mais uma vez, e Berg'inyon, não mais preso ao anão, e sim apoiado nele, caiu.

Ainda ignorando os cortes profundos em suas mãos, Gandalug jogou uma das espadas de Berg'inyon para o lado da sala, pegou a outra na mão e se virou contra Matriarca Baenre, que ainda estava sentada contra a parede, tentando clarear a mente.

— Onde está seu sorriso? — o anão provocou, se aproximando. — Eu quero um sorriso em seu rosto fedorento quando eu segurar sua cabeça na minha mão para todos verem!

O próximo passo foi o último do rei anão, quando uma monstruosidade de cabeça de polvo se materializou diante dele, com seus tentáculos grotescos balançando em sua direção.

Uma explosão impressionante de energia mental rolou sobre Gandalug, e ele quase largou a espada. Ele balançou a cabeça com ferocidade para manter seu juízo.

Ele continuou a rosnar, a balançar a cabeça peluda, à medida que uma segunda explosão, depois uma terceira, o atingiram. Se ele tivesse mantido aquela muralha de pura fúria, Gandalug poderia ter resistido até mesmo a esses, e até mesmo aos dois ataques subsequentes de Methil. Mas essa raiva derreteu em confusão, que não era um sentimento poderoso o suficiente para derrotar as intrusões do poderoso illithid.

Gandalug não ouviu a espada feita por drow cair na pedra, não ouviu Matriarca Baenre gritar por Methil e por Berg'inyon, que se recuperava, enquanto instruía o par a não matar o anão.

Baenre estava assustada, assustada por essas mudanças na magia que ela não conseguia entender. Mas esse medo não a impediu de se lembrar de seu eu perverso. Por alguma razão inexplicável, Gandalug tornou-se vivo outra vez, em seu próprio corpo e livre do anel que parecia ter se desintegrado.

Esse mistério não impediria Baenre de fazê-lo pagar pelo ataque e pelo insulto. Baenre era um mestre em torturar um espírito, mas mesmo sua proeza naquela bela arte empalidecia ao lado de suas habilidades de torturar uma criatura viva.



“Guenhwyvar!” A estatueta estava quentíssima agora, mas Drizzt segurou com obstinação, pressionando-a perto de seu peito, seu coração, embora feixes de fumaça estivessem subindo da borda de sua capa e a carne de suas mãos estivesse começando a borbulhar.

Ele sabia, e não soltaria. Ele sabia que Guenhwyvar se afastaria dele para sempre, e como um amigo abraçando um camarada moribundo, Drizzt não soltaria, estaria lá até o fim.

Seus apelos desesperados começaram a diminuir, não por resignação, mas simplesmente porque sua voz não conseguia passar pelo nó de pesar em sua garganta. Agora, seus dedos também estavam queimando, mas ele não soltou.

Cattibrie fez isso por ele. Em um impulso repentino e desesperado, a jovem, dilacerada pela dor do pesar, agarrou bruscamente o braço de

Drizzt e bateu com força na estatueta, derrubando-a no chão.

A expressão assustada de Drizzt se transformou em uma de indignação e negação, como a explosão final de raiva de uma mãe enquanto observava o caixão de seu filho abaixado na sepultura. No momento em que a estatueta caiu no chão, Cattibrie tirou Khazid'ae de sua bainha e saltou na direção do objeto. Subiu a espada sobre sua cabeça, sua borda fina ainda mostrando a linha vermelha de seu encantamento.

— Não! — Drizzt gritou, avançando até ela.

Mas já era tarde demais. Com lágrimas correndo de seus olhos azuis e pensamentos confusos, Cattibrie encontrou coragem para uma última tentativa desesperada, e ela usou a poderosa lâmina para isso. Khazid'hea poderia cortar a pedra, e assim o fez agora, no exato instante em que Guenhwyvar passou pela brecha.

Houve um clarão, e uma dor latejante, uma magia pulsante, disparou no braço de Cattibrie, arremessando-a para trás e para o chão. Drizzt derrapou, girou e abaixou-se, protegendo a cabeça quando a cabeça da estatueta voou livre, lançando uma linha de fogo furioso no ar.

As chamas se apagaram um momento depois e uma fumaça cinza espessa saiu do corpo da estatueta quebrada. Devagar, Drizzt se endireitou de seu agachamento defensivo e Cattibrie voltou a si, ambos dando de cara com uma Guenhwyvar de aparência abatida, o pelo grosso da pantera ainda fumegando, parada diante deles.

Drizzt mergulhou de joelhos e caiu sobre a pantera, envolvendo Guenhwyvar em um grande abraço. Ambos rastejaram até Cattibrie, que ainda estava sentada no chão, rindo e soluçando, embora estivesse fraca pelo impacto da magia.

— O que você fez? — perguntou Drizzt.

Ela não tinha respostas imediatas. Ela não sabia como explicar o que havia acontecido quando Khazid'hea atingiu a estatueta encantada. Ela olhou para a lâmina agora, deitada quieta ao seu lado, sua borda não brilhando mais e mostrando uma rebarba ao longo de seu comprimento anteriormente imaculado.

— Acho que arruinei minha espada — respondeu Cattibrie com suavidade.



Mais tarde naquele mesmo dia, Drizzt descansava na cama de seu quarto nos níveis superiores do Salão de Mitral, olhando preocupado para sua companheira pantera. Guenhwyvar estava de volta, e isso era uma coisa melhor, ele supôs, do que o que seus instintos lhe disseram que teria acontecido se Cattibrie não tivesse cortado a estatueta.

Uma coisa melhor, mas não uma coisa boa. A pantera estava cansada, descansando na lareira do outro lado da pequena sala, com a cabeça baixa e os olhos fechados. Aquele cochilo não seria suficiente, Drizzt sabia. Guenhwyvar era uma criatura do Plano Astral e só poderia rejuvenescer de verdade entre as estrelas. Em várias ocasiões, a necessidade levou Drizzt a manter Guenhwyvar no Plano Material por longos períodos, mas mesmo um único dia além da metade que a gata geralmente ficava deixava Guen exausta.

Mesmo agora, os artesãos do Salão de Mitral, anões particularmente hábeis, estavam inspecionando a estatueta cortada, e Bruenor havia enviado um emissário para Lua Argêntea, procurando ajuda de Lady Alustriel, mais habilidosa do que qualquer um deste lado do grande deserto de Anauroch nos caminhos da magia.

Quanto tempo levaria? Drizzt se perguntou, sem saber se algum deles poderia reparar a estatueta. Quanto tempo Guenhwyvar poderia sobreviver?

Sem aviso prévio, Cattibrie entrou pela porta. Um olhar para seu rosto marcado pelas lágrimas disse a Drizzt que algo estava errado. Ele rolou da cama para se levantar e caminhou em direção ao manto, onde suas cimitarras gêmeas estavam penduradas.

Cattibrie o interceptou antes que ele completasse o passo e o envolveu em um poderoso abraço que derrubou os dois na cama.

— Tudo o que eu queria — disse ela em tom urgente, apertando com força.

Drizzt também se segurou, confuso e sobrecarregado. Ele conseguiu virar a cabeça para que pudesse olhar nos olhos da jovem, tentando ler algumas pistas.

— Eu fui feita para você, Drizzt Do'Urden — disse Cattibrie entre soluços. — Você é tudo o que está em meus pensamentos desde o dia em que nos conhecemos.

Tudo estava estranho demais. Drizzt tentou se soltar, mas ele não queria machucar Cattibrie e seu abraço era forte e desesperado demais.

— Olhe para mim — ela soluçou. — Diga-me que você sente o mesmo!

Drizzt olhou para Cattibrie, mais profundamente do que já havia estudado a bela jovem. Ele se importava com ela, é claro que se importava. Ele a amava, e até se permitiu uma ou duas fantasias sobre essa mesma situação.

Mas agora parecia tudo muito estranho, muito inesperado e sem apresentação. Ele teve a nítida sensação de que algo estava fora do lugar na mulher, algo louco, como a magia ao seu redor.

— E quanto a Wulfgar? — Drizzt conseguiu dizer, embora o nome tenha sido abafado quando Cattibrie o pressionou com força, apertando seus cabelos grossos contra o rosto de Drizzt. O pobre drow não podia negar o fascínio da mulher, o cheiro doce dos cabelos de Cattibrie, o calor de seu corpo tonificado.

A cabeça de Cattibrie se sacudiu como se ele tivesse batido nela.

— Quem? — Era a vez de Drizzt se sentir como se tivesse sido esbofeteado. — Me possua — implorou Cattibrie.

Os olhos de Drizzt não poderiam ficar mais arregalados sem cair de suas órbitas.

— Me empunhe! — ela gritou.

— Empunhar? — Drizzt ecoou baixinho.

— Faça de mim o instrumento da sua dança — continuou ela. — Ah, eu imploro! É tudo para o que fui feita, tudo o que desejo — Ela parou de repente e empurrou-se afastou para trás, olhando de olhos arregalados para Drizzt como se alguma nova ideia tivesse acabado de aparecer em sua cabeça. — Eu sou melhor do que as outras — ela prometeu maliciosamente.

“Que outras?” Drizzt queria gritar, mas a essa altura, o drow não conseguia tirar nenhuma palavra de sua boca frouxa.

— Assim como você — continuou Cattibrie. — Melhor do que aquela mulher, agora eu sei!

Drizzt tinha quase encontrado seu centro novamente, tinha quase recuperado o controle suficiente para responder, quando o peso da última declaração o enterrou. “Que se dane a sutileza!” o drow determinou, e ele se torceu e se soltou, rolando da cama e se levantando.

Cattibrie mergulhou logo atrás, envolveu-se em torno de uma de suas pernas e segurou com toda a sua força.

— Oh, não me negue, meu amor! — ela gritou, tão desesperada que Guenhwyvar levantou a cabeça da lareira e deu um grunhido baixo. — Me empunhe, estou implorando! Somente em suas mãos eu posso ser completa!

Drizzt estendeu as duas mãos, pretendendo extrair a perna do aperto. Ele notou algo então, no quadril de Cattibrie, que lhe fez pausar, que o atordoou e explicou tudo de uma vez.

Ele notou a espada que Cattibrie pegara no Subterrâneo, a espada que tinha um cabo em forma de cabeça de unicórnio. Só que não era mais um unicórnio.

Era o rosto de Cattibrie.

Em um movimento rápido, Drizzt puxou a espada de sua bainha e se soltou, pulando dois passos para trás. A linha vermelha de Khazid'hea, aquela borda encantada, retornou cheia e brilhava agora mais intensa do que nunca. Drizzt deslizou para trás mais um passo, esperando ser atacado outra vez.

Não houve perseguição. A jovem permaneceu no lugar, meio sentada, meio ajoelhada no chão. Ela jogou a cabeça para trás como se estivesse em êxtase.

— Ah, sim! — ela gritou.

Drizzt olhou para o pomo, observando com espanto enquanto ele mudava da imagem do rosto de Cattibrie de volta para um unicórnio. Ele sentiu um calor esmagador da arma, uma conexão tão íntima

quanto a de um amante.

Sem fôlego, o drow olhou para Cattibrie, que estava sentada mais reta agora, olhando em volta com curiosidade.

— O que você está fazendo com minha espada? — ela perguntou em voz baixa. Mais uma vez, ela olhou ao redor do quarto de Drizzt, parecendo totalmente confusa. Ela teria perguntado: “E o que estou fazendo aqui?” Drizzt percebeu, exceto que a pergunta já era óbvia pela expressão em seu belo rosto.

— Temos que conversar — disse Drizzt a ela.

Capítulo 9

Sugestões

ERA RARO QUE TANTO GROMPH quanto Triel Baenre estivessem em audiência com a mãe ao mesmo tempo, ainda mais raro que eles se juntassem a Berg'inyon, Sos'Unptu e as outras duas notáveis filhas de Baenre, Bladen'Kerst e Quenthel. Seis dos sete estavam sentados em cadeiras confortáveis ao redor do estrado na capela. Mas não Bladen'Kerst. Sempre parecendo um animal enjaulado, a drow mais sádica da Primeira Casa andava em círculos, com sua testa e seus lábios finos franzidos. Ela era a segunda filha mais velha atrás de Triel e deveria ter saído de casa a essa altura, talvez como uma matriarca na Academia, ou ainda mais provável, como matriarca-mãe de sua própria Casa menor. Matriarca Baenre não havia permitido isso, porém, temendo que a simples falta de civilidade de sua filha, mesmo pelos padrões drow, desonrasse a Casa Baenre.

Triel olhava para cima e balançava a cabeça com desdém para Bladen'Kerst toda vez que ela passava. Ela raras vezes pensava em Bladen'Kerst. Como Vendes Baenre, sua irmã mais nova que havia sido morta por Drizzt Do'Urden durante a fuga, Bladen'Kerst era um instrumento da tortura de sua mãe e nada mais. Ela era uma palhaça, uma peça de exibição, e nenhuma ameaça real a ninguém na Casa Baenre acima do nível de soldado comum.

Quenthel era um caso bem diferente, e nos longos interlúdios entre a passagem de Bladen'Kerst, o olhar severo e perspicaz de Triel nunca deixou aquela lá.

E Quenthel devolvia o olhar com hostilidade aberta. Ela havia subido ao posto de alta sacerdotisa em tempo recorde e tinha a reputação de estar no mais alto favor de Lolth. Quenthel não tinha ilusões sobre sua posição provisória. Se não fosse por estar sob o favor de Lolth, Triel a teria destruído há muito tempo. Pois Quenthel não havia escondido suas ambições, que incluíam um degrau como matriarca senhora de Arach-Tinilith, uma posição que Triel não tinha intenção de abandonar.

— Sente-se! — Matriarca Baenre enfim gritou para a irritante Bladen'Kerst. Um dos olhos de Baenre estava inchado e o lado do rosto ainda mostrava a mancha onde ela havia colidido contra a parede. Ela não estava acostumada a carregar tais cicatrizes, nem os outros estavam acostumados a vê-la dessa maneira. Normalmente, um feitiço de cura teria limpado seu rosto, mas esses não eram tempos normais.

Bladen'Kerst parou e olhou fixo para a mãe, concentrando-se nessas feridas. Eles carregavam um sinal de dois gumes. Primeiro, eles mostravam que os poderes de Baenre não estavam como deveriam estar, que a Matriarca-Mãe, que todos eles poderiam estar muito vulneráveis. Em segundo lugar, junto com a carranca que mantinha sempre obscurecidas as feições da matriarca-mãe preocupada, essas feridas refletiam raiva.

A raiva superou a vulnerabilidade percebida e provavelmente temporária, Bladen'Kerst decidiu pela sensatez e sentou-se em sua cadeira designada. Sua bota dura, incomum para os drow, mas eficaz para chutar machos, batia forte e rápido no chão.

Mas ninguém prestou atenção nela. Todos eles seguiram o olhar previsível e perigoso da Matriarca Baenre para Quenthel.

— Agora não é a hora para ambições pessoais — disse Matriarca Baenre séria e com calma.

Os olhos de Quenthel se arregalaram como se ela tivesse sido pega completamente desprevenida.

— Estou avisando — pressionou a Matriarca Baenre, nem um pouco dissuadida pela expressão inocente.

— Eu também — Triel interrompeu rápida e determinada. Ela em geral não interrompia a mãe, era inteligente demais para isso, mas imaginou que esse assunto tinha que ser resolvido de uma vez por todas, e que Baenre apreciaria a assistência. — Você confiou no favor de Lolth para protegê-la nesses anos. Mas Lolth está longe de nós agora, por alguma razão que não entendemos. Você está vulnerável, minha irmã, mais vulnerável do que qualquer um de nós.

Quenthel se aproximou em seu assento, até conseguiu um sorriso.

— Você arriscaria Lolth voltar para nós, como sabemos que ela voltará? — a Baenre mais jovem sibilou. — E o que poderia ter afastado a Rainha Aranha de nós? — Quando ela fez a última

pergunta, seu olhar caiu sobre sua mãe, mais ousada do que qualquer um jamais havia sido diante da Matriarca Baenre.

— Não é o que você supõe! — rebateu Triel. Ela esperava que Quenthel tentasse colocar a culpa no colo da Matriarca Baenre. A remoção da matriarca-mãe só poderia beneficiar a ambiciosa Quenthel e poderia, de fato, restaurar algum prestígio à casa em rápida queda. Na verdade, até Triel considerou esse curso, mas ela o rejeitou subsequentemente, não acreditando mais que os fracassos recentes da Matriarca Baenre tivessem algo a ver com a estranheza que acontecia ao seu redor. — Lolth fugiu de todas as Casas.

— Isso vai além de Lolth — acrescentou Gromph, o mago cuja magia não vinha de nenhum deus ou deusa.

— Chega — disse Baenre, olhando em volta alternadamente, com seu olhar acalmando seus filhos. — Não podemos saber o que causou os eventos. O que devemos considerar é como esses eventos afetarão nossa posição.

— A cidade deseja um pera'dene — argumentou Quenthel, a palavra drow para bode expiatório. Seu olhar sem piscar para Baenre disse à matriarca-mãe quem ela tinha em mente.

— Tola — Baenre rebateu em resposta àquele olhar. — Você acha que eles parariam com o meu coração?

Essa declaração direta pegou Quenthel de surpresa.

— Para algumas das Casas menores, nunca houve e nunca haverá uma oportunidade melhor para destituir esta Casa — Matriarca Baenre continuou, falando com todos eles. — Se você pensa em me destituir, então faça isso, mas saiba que fará pouco para mudar a rebelião que está se levantando contra nós — ela bufou e ergueu os braços impotente. — Na verdade, você só estaria ajudando nossos inimigos. Eu sou sua ligação com Bregan D'aerthe, e sei que nossos inimigos também cortejaram Jarlaxle. E eu sou Baenre! Não Triel, nem Quenthel. Sem mim, todos vocês cairiam no caos, lutando pelo controle, cada um com suas próprias facções dentro da guarda da Casa. Onde vocês estarão quando K'yorl Oblodra entrar no complexo?

Foi um balde de água fria. Matriarca Baenre havia transmitido a cada um deles que os Oblodra não haviam perdido seus poderes, e todos os Baenres conheciam o ódio que a Terceira Casa tinha por eles.

— Agora não é a hora para ambições pessoais — reiterou Matriarca Baenre. — Agora é a hora de nos mantermos juntos e mantermos nossa posição.

Os acenos de cabeça ao redor dela eram sinceros, Baenre sabia, embora Quenthel não estivesse acenando com a cabeça.

— Você tem esperança de que Lolth não volte para mim antes que retorne para você — disse com coragem a irmã ambiciosa, apontando a observação diretamente para Triel.

Triel não parecia impressionada.

— Você deve ter esperança de que Lolth volte — ela respondeu casualmente. — Caso contrário, vou arrancar sua cabeça e mandar Gromph colocá-la no topo de Narbondel, para que seus olhos brilhem quando o dia estiver em seu ápice.

Quentel foi responder, mas Gromph falou primeiro.

— Um prazer, minha querida irmã — disse ele a Triel. Não havia amor entre os dois, mas enquanto Gromph era ambivalente em relação a Triel, ele odiava Quenthel e suas ambições perigosas. Se a Casa Baenre caísse, Gromph também cairia.

A aliança implícita entre os dois filhos Baenre mais velhos fez maravilhas para acalmar a irmã mais nova, e Quenthel não disse mais nenhuma palavra pelo resto da reunião.

— Podemos falar agora de K'yorl e do perigo para todos nós? — Matriarca Baenre perguntou sem rodeios.

Quando não surgiram vozes discordantes — e se houvesse, é provável que Baenre teria ficado sem paciência e o orador teria morrido bem devagar — a matriarca-mãe assumiu a questão da defesa da Casa. Ela explicou que Jarlaxle e seu bando ainda podiam ser confiáveis, mas advertiu que o mercenário estaria pronto para mudar de lado se a batalha estivesse indo mal para a Casa Baenre. Triel assegurou a todos que a Academia permanecia leal, e o relatório de Berg'inion sobre a prontidão da guarda da Casa estava impecável.

Apesar das notícias promissoras e da merecida reputação da guarnição de Baenre, a conversa finalmente se resumiu à única maneira aparente de afastar por completo K'yorl e sua família psiônica. Berg'inion, que havia participado da luta contra o anão Gandalug, se expressou

primeiro.

— E quanto a Methil? — ele perguntou. — E os cem illithids que ele representa? Se eles ficarem conosco, a ameaça da Casa Oblodra parece menor.

Os outros concordaram com a avaliação, mas a Matriarca Baenre sabia que não se poderia contar com amigos como devoradores de mentes.

— Methil permanece ao nosso lado porque ele e seu povo sabem que somos o alicerce da segurança para o seu povo. Os illithids não são um centésimo dos drow em Menzoberranzan. Essa é a extensão de sua lealdade. Se Methil acreditar que a Casa Oblodra é mais forte, ele não ficará ao nosso lado. — Baenre deu uma risada irônica, parecendo impotente.

— Os outros illithids podem até ficar do lado de K'yorl — ela raciocinou. — A infeliz é similar a eles com seus poderes mentais. Talvez eles se entendam.

— Devemos falar de forma tão franca? — Sos'Unptu perguntou. Ela olhou em volta do estrado, preocupada, e os outros entenderam que ela temia que Methil pudesse até estar entre eles, invisível, ouvindo cada palavra, lendo cada pensamento deles.

— Não importa — respondeu Matriarca Baenre sem se alterar. — Methil já conhece meus medos. Não se pode se esconder de um illithid.

— Então o que faremos? — perguntou Triel.

— Devemos reunir nossas forças — respondeu Baenre com determinação. — Não devemos mostrar medo nem fraqueza. E não devemos fazer nada que possa afastar Lolth de nós. — Ela apontou essa última observação para as rivais, Quenthel e Triel, em particular para Triel, que parecia mais do que pronta para usar esse tempo em que Lolth estava ausente para se livrar de sua irmã problemática.

— Devemos mostrar aos illithids que continuamos sendo o poder em Menzoberranzan — continuou Baenre. — Se eles estiverem cientes disso, então ficarão do nosso lado, e não vão querer que a Casa Baenre seja enfraquecida pelos avanços de K'yorl.

— Eu vou para Magace — disse Gromph, o arquimago.

— E eu, para Arach-Tinilith — acrescentou uma Triel determinada.

— Não faço ilusões sobre amizade entre meus rivais — acrescentou Gromph. — Mas algumas promessas de reembolso quando os problemas se resolverem ajudarão muito para encontrar aliados.

— Os alunos não podem entrar em contato com ninguém fora da escola — disse Triel. — Eles sabem dos problemas em geral, é claro, mas não sabem nada sobre a ameaça à Casa Baenre. Em sua ignorância, eles permanecem leais.

Matriarca Baenre assentiu para os dois.

— E você se encontrará com as Casas inferiores que estabelecemos — disse ela a Quenthel, uma tarefa muito importante. Uma grande parte do poder da Casa Baenre estava nas dezenas de Casas menores que as antigas nobres Baenre tinham vindo a liderar. Então, era óbvio que uma favorita de Lolth, Quenthel, fosse a escolha perfeita para tal tarefa.

Sua expressão revelou que ela havia sido conquistada — mais pelas ameaças de Triel e Gromph, sem dúvida, do que pela tarefa que lhe foi apresentada.

O ingrediente mais importante para esmagar as rivalidades, Baenre sabia, era permitir que Triel e Quenthel mantivessem as aparências e se sentissem importantes. Assim, esta reunião tinha sido um sucesso e todo o poder da Casa Baenre seria coordenado em uma única força defensiva.

O sorriso de Baenre permaneceu escasso, no entanto. Ela sabia o que Methil podia fazer e suspeitava que K'yorl não era muito mais fraca. Toda a Casa Baenre estaria pronta, mas sem a magia clerical dada por Lolth e as proezas mágicas de Gromph, será que seria o suficiente?



Logo ao lado da sala de audiências de Bruenor, no nível superior do Salão de Mitral, havia uma pequena sala que o rei anão havia reservado para os artesãos que trabalhavam no reparo da estatueta da pantera. Dentro havia uma pequena forja e ferramentas delicadas,

junto com dezenas de béqueres e frascos contendo vários ingredientes e unguentos.

Drizzt estava realmente ansioso quando foi convocado para aquela sala. Ele tinha ido lá uma dezena de vezes por dia, é claro, mas sem convite, e todas as vezes para encontrar anões amontoados sobre o artefato ainda quebrado e balançando suas cabeças barbudas. Uma semana se passou desde o incidente, e Guenhwyvar estava tão exausta que ela não conseguia mais ficar de pé, mal conseguia levantar a cabeça das patas enquanto se deitava na frente da lareira no quarto de Drizzt.

A espera era a pior parte.

Agora, porém, Drizzt havia sido chamado para a sala. Ele sabia que um emissário havia chegado naquela manhã de Lua Argêntea. Ele só podia esperar que Alustriel tivesse algumas soluções positivas para oferecer.

Bruenor estava observando sua aproximação pela porta aberta da sala de audiências. O anão de barba vermelha assentiu e apontou a cabeça para o lado, e Drizzt virou a esquina, abrindo a porta sem se preocupar em bater.

Era uma das vistas mais curiosas que Drizzt Do'Urden já havia testemunhado. A estatueta — ainda quebrada — estava em uma pequena mesa redonda. Regis estava ao lado dela, trabalhando furiosamente com um almofariz e pilão, moendo alguma substância enegrecida.

Do outro lado da mesa de Drizzt estava um anão baixo e robusto, Buster Bracer, o armeiro notável, aquele, de fato, que havia forjado a própria cota de malha flexível de Drizzt, lá em Vale do Vento Gélido. Drizzt não se atreveu a cumprimentar o anão naquele momento, temendo perturbar sua concentração óbvia. Buster estava de pé com os pés afastados. De vez em quando, ele respirava de um jeito exagerado, depois se mantinha perfeitamente firme, pois em suas mãos, envolto em um pano molhado do melhor material, ele segurava... globos oculares.

Drizzt não tinha ideia do que estava acontecendo até que uma voz, uma voz familiar e alegre, o assustou com seu choque.

— Saudações, Ó Aquele da Pele da Meia-Noite! — o mago desencarnado disse com alegria.

— Harkle Harpell? — perguntou Drizzt.

— Poderia ser outra pessoa? — Regis observou, seco.

Drizzt concordou.

— O que... está acontecendo? — ele perguntou apontando para o halfling, pois ele sabia que qualquer resposta de Harkle provavelmente o deixaria ainda mais confuso.

Regis levantou um pouco a tigela de mistura.

— Um cataplasma de Lua Argêntea — explicou ele, esperançoso. — Harkle supervisionou sua mistura.

— Supervisionei — brincou o mago ausente —, o que significa que eles mantiveram meus olhos sobre a tigela!

Drizzt não conseguiu sorrir, não com a cabeça da estatueta tão importante ainda deitada aos pés do corpo esculpido.

Regis riu, mais por desdém do que por humor.

— Deve estar pronto — explicou ele. — Mas eu queria que você aplicasse.

— Dedos drow são tão hábeis! — Harkle se meteu.

— Onde você está? — Drizzt exigiu saber, impaciente e enervado pelo arranjo absurdo.

Harkle piscou, aquelas pálpebras aparecendo do nada.

— Em Nesmé — respondeu ele. — Estaremos passando pelo norte da Charneca dos Trolls em breve.

— E está vindo para o Salão de Mitral, onde você estará reunido com seus olhos — disse Drizzt.

— Estou de olho nisso! — Harkle rugiu, mas outra vez ele riu sozinho.

— Se ele continuar com isso eu vou jogar os malditos olhos em minha forja — Buster Bracer rosnou.

Regis colocou a tigela na mesa e recuperou uma pequena ferramenta de metal.

— Você não precisará de muito do cataplasma — disse o halfling enquanto entregava o delicado instrumento a Drizzt. — E Harkle nos avisou para tentar manter a mistura do lado de fora das peças unidas.

— É apenas uma cola — acrescentou a voz do mago. — A magia da estatueta será a força que de fato torna o item inteiro. O cataplasma terá que ser raspado dentro de alguns dias. Se funcionar como planejado, a estatueta estará... — ele fez uma pausa, procurando a palavra — estará curada — ele terminou.

— Se funcionar — Drizzt ecoou. Ele levou um momento para sentir o instrumento delicado em suas mãos, certificando-se de que as queimaduras que recebera quando a magia da estatueta havia dado errado estavam curadas, garantindo que pudesse sentir o item perfeitamente.

— Vai funcionar — assegurou Regis.

Drizzt respirou fundo e segurou a cabeça da pantera. Ele olhou para os olhos esculpidos, tão parecidos com os orbes sábios de Guenhwyvar. Com todo o cuidado de um pai cuidando de seu filho, Drizzt colocou a cabeça contra o corpo e começou a meticulosa tarefa de espalhar o cataplasma semelhante a uma cola ao redor de seu perímetro.

Mais de duas horas se passaram antes que Drizzt e Regis saíssem da sala, indo até a sala de audiências onde Bruenor ainda estava se encontrando com o emissário de Lady Alustriel e vários outros anões.

Bruenor não parecia feliz, mas Drizzt notou que ele parecia mais à vontade do que desde o início desse momento estranho.

— Não é um truque dos drow — disse o rei anão assim que Drizzt e Regis se aproximaram. — Ou os malditos drow são mais poderosos do que qualquer um jamais pensou! É em todo o mundo, assim diz Alustriel.

— Lady Alustriel — corrigiu o emissário, um anão de aparência muito arrumada de vestes brancas esvoaçantes e com uma barba curta e bem aparada.

— Meus cumprimentos, Fredegar — disse Drizzt, reconhecendo Fredegar Esmaga-Pedra, mais conhecido como Fret, o bardo e conselheiro favorito de Lady Alustriel. — Então, enfim você encontrou a oportunidade de ver as maravilhas do Salão de Mitral.

— Gostaria que os tempos fossem melhores — Fret respondeu melancólico. — Por favor, diga-me, como está Cattibrie?

— Ela está bem — respondeu Drizzt. Ele sorriu ao pensar na jovem, que havia retornado a Pedra do Veredito para transmitir algumas informações de Bruenor.

— Não é um truque dos drow — repetiu Bruenor, com mais ênfase, deixando claro que ele não considerava este o momento e o lugar adequados para uma conversa tão leve e sem sentido.

Drizzt assentiu com a cabeça — ele esteve assegurando a Bruenor que seu povo não estava envolvido o tempo todo.

— O que quer que tenha acontecido, tornou o rubi de Regis inútil — disse o drow. Ele estendeu a mão e levantou o pingente do peito do halfling. — Agora é apenas uma pedra simples, embora inegavelmente bonita. E a força desconhecida afetou Guenhwyvar, e chegou até os Harpells. Nenhuma magia dos drow é tão poderosa, senão eles teriam conquistado o mundo da superfície há muito tempo.

— Algo novo? — perguntou Bruenor.

— Os efeitos foram sentidos por várias semanas agora — Fret interrompeu. — Embora apenas nas últimas duas semanas a magia tenha se tornado tão imprevisível e perigosa.

Bruenor, que nunca se importou muito com magia, bufou alto.

— É uma coisa boa, então! — ele decidiu. — Os malditos drow precisam mais de magia do que meu próprio povo, ou o povo de Pedra do Veredito! Deixe toda a magia desaparecer, e deixe os drow virem pra brincadeira!

Thibbledorf Pwent quase pulou das botas com esse pensamento. Ele saltou para ficar de pé diante de Bruenor e Fret, e deu um tapa com uma de suas mãos sujas e fedorentas nas costas do anão arrumado. Poucas coisas poderiam acalmar um furioso de batalha animado, mas o olhar horrorizado, depois indignado de Fret fez justamente isso, surpreendendo Pwent por completo.

— O quê? — o furioso de batalha quis saber.

— Se você me tocar de novo, vou esmagar seu crânio — Fret, que não tinha metade do tamanho do poderoso Pwent, prometeu em um tom

de quem afirma um fato e, por alguma razão inexplicável, Pwent acreditou nele e recuou um passo.

Drizzt, que conhecia o engomadinho Fret muito bem de suas muitas visitas a Lua Argêntea, entendeu que Fret não aguentaria dez segundos em uma luta contra Pwent — a menos que o confronto tivesse alguma relação com sujeira. Nesse caso, com Pwent estragando o cuidado meticuloso de Fret, Drizzt colocaria todas as suas moedas em Fret, a aposta mais certa que o drow jamais faria.

Não era um problema, no entanto, para Pwent, por mais barulhento que fosse, nunca faria nada contra Bruenor, e Bruenor obviamente não queria problemas com um emissário, em particular um emissário anão da amigável Lua Argêntea. De fato, todos na sala riram do confronto, e todos pareciam mais relaxados ao perceber que esses eventos estranhos não estavam conectados aos misteriosos elfos negros.

Todos, exceto Drizzt Do'Urden. Drizzt não relaxaria até que a estatueta fosse reparada, sua magia restaurada e a pobre Guenhwyvar pudesse voltar para sua casa no Plano Astral.

Capítulo 10

A terceira casa

NÃO ERA QUE JARLAXLE, que sempre pensava antes dos outros, não estivesse esperando a visita, mas sim a facilidade com que K'yorl Odran entrou em seu acampamento, passou por seus guardas e atravessou a parede de seus aposentos privados que o enervava tanto. Ele viu seu contorno fantasmagórico entrar e lutou muito para se recompor à medida que ela se tornava mais substancial e mais ameaçadora.

— Eu esperava que você viesse há muitos dias — disse Jarlaxle com calma.

— Esta é a saudação adequada para uma matriarca-mãe? — perguntou K'yorl.

Jarlaxle quase riu, até considerar a postura da fêmea. Muito à vontade, ele decidiu, pronta demais para punir, até mesmo para matar. Ao que parecia, K'yorl não entendia o valor de Bregan D'aerthe, e isso deixava Jarlaxle, o mestre do blefe e o jogador da intriga, em certa desvantagem.

Ele saiu da cadeira confortável, saiu de trás da mesa e fez uma reverência baixa, puxando o chapéu de abas largas e cheio de plumas escandalosas da cabeça e varrendo-o pelo chão.

— Minhas Saudações, K'yorl Odran, Matriarca Mãe da Casa Oblodra, Terceira Casa de Menzoberranzan. Poucas vezes minha humilde casa foi tão gratificada...

— Chega — cuspiu K'yorl, e Jarlaxle subiu e recolocou o chapéu. Nunca tirando o olhar da mulher, nunca piscando, o mercenário voltou para sua cadeira e sentou confortavelmente, colocando as duas botas em cima de sua mesa com um estrondo retumbante.

Foi então que Jarlaxle sentiu a intrusão em sua mente, uma sonda muitíssimo perturbadora em seus pensamentos. Ele logo descartou

suas muitas maldições com o fracasso da magia convencional — em uma situação normal seu tapa-olho encantado o teria protegido de tal intrusão mental — e usou sua inteligência em vez disso. Ele focou o olhar em K'yorl, imaginou-a sem roupas e encheu sua mente com pensamentos tão básicos que a matriarca-mãe, no meio de negócios sérios, perdeu toda a paciência.

— Eu poderia ter sua pele arrancada de seus ossos por tais pensamentos — K'yorl o informou.

— Tais pensamentos? — Jarlaxle disse como se tivesse sido ferido. — Tenho certeza de que você não está se intrometendo na minha mente, Matriarca K'yorl! Embora eu seja apenas um macho, tais práticas sem dúvidas são desaprovadas. Lolth não ficaria satisfeita.

— Maldita Lolth — rosnou K'yorl, e Jarlaxle ficou atordoado por ter dito isso de forma tão clara e sem rodeios. Claro que todos sabiam que a Casa Oblodra não era a mais religiosa das Casas drow, mas os Oblodra sempre mantiveram pelo menos a farsa da beatitude.

K'yorl bateu em sua têmpora, com suas feições severas.

— Se Lolth fosse digna de meu louvor, então ela teria reconhecido a verdade do poder — explicou a matriarca-mãe. — É a mente que nos separa de nossos menores, a mente que deve determinar a ordem.

Jarlaxle não ofereceu resposta. Ele não tinha desejo de entrar nessa discussão com uma inimiga tão perigosa e imprevisível.

K'yorl não pressionou o argumento, apenas acenou com a mão como se estivesse jogando tudo fora. Ela estava frustrada, Jarlaxle podia ver, e ela frustrada significava perigo.

— Está além da Rainha Aranha agora — disse K'yorl. — Estou além de Lolth. E isso começa hoje.

Jarlaxle permitiu que um olhar de surpresa cruzasse seus traços.

— Você esperava por isso — disse K'yorl em tom de acusação.

Isso era verdade — Jarlaxle se perguntou por que os Oblodra esperaram tanto tempo com todas as outras Casas tão vulneráveis — mas ele não admitiria o ponto.

— Onde fica Bregan D'aerthe nisso? — K'yorl exigiu saber.

Jarlaxle teve a sensação de que qualquer resposta que ele desse seria discutível, já que K'yorl provavelmente lhe diria com precisão onde Bregan D'aerthe ficaria nisso.

— Com os vencedores — disse ele de forma enigmática e casual.

K'yorl sorriu em saudação à sua esperteza.

— Eu serei a vencedora — ela assegurou a ele. — Vai acabar rápido, hoje mesmo, e com poucos drow mortos.

Jarlaxle duvidava disso. A Casa Oblodra nunca mostrou qualquer respeito pela vida, seja drow ou não. Os números de drow dentro da Terceira Casa eram pequenos, em especial porque os membros do clã selvagem matavam tanto quanto se reproduziam. Eles eram famosos por um jogo que jogavam, um desafio das maiores apostas chamado Khaless — ironicamente, a palavra drow para confiança. Um globo de escuridão e silêncio mágico seria pendurado no ar acima do ponto mais profundo do abismo chamado Fosso das Garras. Os elfos negros competidores então levitariam para o globo e lá, incapazes de ver ou ouvir, se tornaria um desafio de coragem simples e pura.

O primeiro a sair do globo e voltar para a base segura era o perdedor, então o truque era permanecer no globo até o último segundo do encantamento da levitação.

Na maioria das vezes, ambos os concorrentes teimosos esperavam tempo demais e caíam no fosso.

Agora K'yorl, impiedosa e perversa, estava tentando garantir a Jarlaxle que as perdas dos drow seriam mantidas no mínimo. Pelo padrão de quem? o mercenário se perguntou, e se a resposta fosse o de K'yorl, era provável que metade da cidade estaria morta antes do final do dia.

Havia pouco que Jarlaxle poderia fazer sobre isso, ele percebeu. Ele e Bregan D'aerthe eram tão dependentes da magia quanto quaisquer outros grupos de elfos negros, e, sem ela, ele não conseguia nem manter K'yorl fora de seu quarto particular — nem mesmo de seus pensamentos particulares!

— Hoje — repetiu K'yorl, em tom sombrio. — E quando terminar, chamarei por você, e você virá.

Jarlaxle não assentiu, nem respondeu. Ele não precisava. Ele podia

sentir a intrusão mental outra vez e sabia que K'yorl o entendia. Ele a odiava e odiava o que ela estava prestes a fazer, mas Jarlaxle sempre foi pragmático, e se as coisas fossem como K'yorl previu, então ele iria mesmo ao seu chamado.

Ela sorriu de novo e desapareceu. Então, como um fantasma, apenas atravessou o muro de pedra de Jarlaxle.

Jarlaxle descansou na cadeira, com seus dedos batendo com ansiedade. Ele nunca se sentiu tão vulnerável, ou tão preso no meio de uma situação incontrollável. Ele poderia falar com a Matriarca Baenre, é claro, mas com que proveito? Mesmo a Casa Baenre, tão vasta e orgulhosa, não podia ficar contra K'yorl quando sua magia funcionava e a deles não. Era provável que Matriarca Baenre fosse morta em breve, e toda a sua família com ela, e onde o mercenário se esconderia?

Ele não se esconderia, é claro. Ele iria atender ao chamado de K'yorl. Jarlaxle entendeu porque K'yorl o havia visitado e o porquê de ser importante para ela, que parecia ter tudo a seu favor, alistá-lo em sua corte. Ele e seu bando eram os únicos drow em Menzoberranzan com quaisquer laços verdadeiros fora da cidade, um fator crucial para qualquer um que aspirasse à posição de primeira matriarca-mãe — não que alguém além de Matriarca Baenre tivesse aspirado a essa posição cobiçada em quase mil anos.

Os dedos de Jarlaxle continuaram batendo. Talvez fosse hora de uma mudança, ele pensou. Ele rapidamente descartou essa noção esperançosa, pois mesmo que estivesse certo, essa mudança não parecia para melhor. Porém, ao que parecia, K'yorl acreditava que a situação com a magia convencional era uma coisa temporária, caso contrário, ela não estaria tão interessada em alistar Bregan D'aerthe.

Jarlaxle tinha que acreditar, tinha que orar, que ela estivesse certa, em especial se seu golpe fosse bem-sucedido — e o mercenário não tinha motivos para acreditar que não seria. Ele não sobreviveria por muito tempo, ele percebeu, se a Primeira Matriarca Mãe K'yorl, uma drow que ele odiava acima de todos os outros, pudesse entrar em seus pensamentos à vontade.



Ela era bonita demais para ser drow, parecia a perfeição dos traços drow para qualquer um, homem ou mulher, que olhasse para ela. Foi essa beleza sozinha que segurou as lanças e bestas mortais da guarda da Casa Baenre e fez Berg'yinon Baenre, depois de um olhar para ela, convidá-la a entrar no complexo.

A cerca mágica não estava funcionando e não havia portões convencionais no perímetro da casa Baenre. Normalmente, a teia de aranha da cerca saíria em espiral, abrindo um amplo buraco sob comando, mas agora Berg'yinon tinha que pedir à drow para escalar. Ela não disse uma palavra, apenas se aproximou da cerca. Ela se espiralou, em um último suspiro de magia diante desta criatura, o avatar da deusa que a criou.

Berg'inyon liderou o caminho, embora soubesse sem dúvida que ela não precisava de orientação. Ele entendeu que ela estava indo para a capela — é claro que ela estaria indo para a capela! — então ele instruiu alguns de seus soldados a encontrar a matriarca-mãe.

Sos'Unptu os encontrou na porta da capela, o lugar que estava sob seus cuidados. Ela protestou por um instante, mas apenas por um instante.

Berg'inyon nunca tinha visto sua irmã tão perturbada, nunca tinha visto sua mandíbula afrouxar por falta de força. Ela caiu diante deles, de joelhos.

A bela drow passou por ela sem dizer uma palavra. Ela se virou de repente — Sos'Unptu ofegou — e lançou seu olhar sobre Berg'inyon enquanto ele continuava a segui-la.

— Você é apenas um macho — sussurrou Sos'Unptu em explicação. — Vá embora deste lugar sagrado.

Berg'inyon estava abalado demais para responder, para até mesmo entender como se sentia naquele momento. Ele nunca virou as costas, apenas se curvou uma série de vezes de forma ridícula e, na verdade, caiu pela porta da capela, de volta ao pátio.

Tanto Bladen'Kerst quanto Quenthel estavam lá fora, mas o resto do grupo que havia se reunido em resposta aos rumores sussurrados havia sido sabiamente dispersado pelas irmãs.

— Volte para o seu posto — Bladen'Kerst rosnou para Berg'inyon. — Não aconteceu nada! — Não foi tanto uma declaração, mas um

comando.

— Nada aconteceu — Berg'inyon ecoou, e isso se tornou a ordem do dia, e uma sábia, Berg'inyon percebeu no mesmo instante. Aquela era a própria Lolth, ou alguma serva próxima. Ele sabia disso em seu coração.

Ele sabia disso, e os soldados sussurrariam, mas seus inimigos não deveriam saber disso!

Berg'inyon correu pelo pátio, passou a palavra, a ordem de que “nada havia acontecido”. Ele assumiu um posto que lhe permitia uma visão geral da capela e ficou surpreso ao ver que suas irmãs ambiciosas não ousavam entrar, mas andavam ansiosas ao redor da entrada principal.

Sos'Unptu também saiu e se juntou ao desfile. Nenhuma palavra foi trocada — Berg'inyon não notou nenhuma comunicação sequer da língua silenciosa de sinais — enquanto a Matriarca Baenre atravessava o pátio. Ela passou por suas filhas e correu para a capela, e o andar de um lado para o outro do lado de fora começou de novo.

Para Matriarca Baenre era a resposta às suas orações e a realização de seus pesadelos de uma só vez. Ela soube imediatamente quem e o que estava sentada diante dela no estrado central. Ela sabia e acreditava.

— Se eu sou a pessoa que a ofendeu, então eu me ofereço... — ela começou a cair de joelhos enquanto falava.

—Wael! — o avatar gritou para ela, a palavra drow para tola, e Baenre escondeu seu rosto em suas mãos com vergonha.

— Usstan 'sargh wael! — continuou a bela drow, chamando Matriarca Baenre de tola arrogante. Baenre tremia com o ataque verbal, pensou por um momento que ela havia afundado mais baixo do que seus piores medos, que sua deusa tinha vindo em pessoa por nenhuma razão melhor do que envergonhá-la até a morte. Imagens de seu corpo torturado sendo arrastado pelas avenidas sinuosas de Menzoberranzan brilharam em sua mente, pensamentos de si mesma como o epítome de uma líder drow caída.

No entanto, pensamentos como esse eram exatamente sobre o que essa criatura que era mais do que um drow acabara de repreendê-la, Matriarca Baenre de repente percebeu. Ela ousou olhar para cima.

— Não dê tanta importância a si mesma — disse o avatar com calma.

Matriarca Baenre permitiu-se respirar um suspiro de alívio. Então entendeu que isso não era sobre ela. Tudo isso, o fracasso da magia e da oração, estava além dela, além de todos os reinos mortais.

— K'yorl errou — continuou o avatar, lembrando Baenre de que, embora esses eventos catastróficos possam estar acima dela, suas ramificações com certeza não estavam.

— Ela ousou acreditar que pode ganhar sem o seu favor — argumentou Matriarca Baenre, e sua surpresa foi total quando o avatar zombou da ideia.

— Ela poderia destruí-la com um pensamento.

Matriarca Baenre estremeceu e abaixou a cabeça mais uma vez.

— Mas ela errou por precaução — continuou o avatar.

— Ela atrasou seu ataque e agora, quando determinou que a vantagem era mesmo dela, permitiu que uma rixa pessoal atrasasse ainda mais seu ataque mais importante.

— Então os poderes voltaram! — Baenre ofegou. — Você voltou.

—Wael! — o avatar frustrado gritou. — Você achou que eu não voltaria? — Matriarca Baenre caiu no chão e rastejou com todo o coração.

— O Tempo das Perturbações terminará — disse o avatar um momento depois, acalmando-se mais uma vez. — E você saberá o que deve fazer quando tudo estiver como deve ser.

Baenre ergueu os olhos apenas o suficiente para ver o olhar estreito do avatar sobre ela.

— Você acha que eu sou tão sem recursos? — perguntou a bela drow.

Uma expressão horrorizada, de pura sinceridade, cruzou o rosto de Baenre, e ela começou a balançar a cabeça de um lado para o outro, negando que já tivesse perdido a fé.

Mais uma vez, ela estava deitada, rastejando e parou suas orações apenas quando algo duro atingiu o chão ao lado de sua cabeça. Ela ousou olhar para cima, para encontrar um pedaço de pedra amarela, enxofre, ao lado dela.

— Você deve se defender de K'yorl por um curto período — explicou o avatar. — Vá se juntar às matriarcas-mães e à sua filha mais velha e filho na sala de reuniões. Acenda as chamas e permita que aqueles que eu alistei passem para o seu lado. Juntos, ensinaremos a K'yorl o que é poder de verdade!

Um sorriso brilhante irrompeu no rosto de Baenre com a percepção de que ela não estava sem a bênção de Lolth, que sua deusa a havia chamado para desempenhar um papel crucial nesta hora crítica. O fato de Lolth ter admitido que ela ainda era bastante impotente não importava. A Rainha Aranha voltaria, e Baenre brilharia mais uma vez em seus olhos tortuosos.

Quando a Matriarca Baenre reuniu coragem para sair do chão, a bela drow já havia saído da capela. Ela atravessou o complexo sem interferência, atravessou a cerca como havia feito na chegada e desapareceu nas sombras da cidade.



Assim que ouviu o terrível rumor de que os estranhos poderes psiônicos da Casa Oblodra não haviam sido muito afetados pelo que estava acontecendo com outras magias, Ghenni'tiroth Tlabbar, a matriarca-mãe de Faen Tlabbar, a Quarta Casa de Menzoberranzan, sabia que estava em apuros. K'yorl Odran odiava a alta e esbelta Ghenni'tiroth acima de todas as outras, pois Ghenni'tiroth não havia feito segredo do fato de que ela acreditava que Faen Tlabbar, e não Oblodra, deveria se classificar como a Terceira Casa de Menzoberranzan.

Com quase oitocentos soldados drow, os números de Faen Tlabbar eram quase o dobro da Casa Oblodra, e apenas os poderes pouco compreendidos de K'yorl e seus asseclas mantiveram Faen Tlabbar afastada.

Quão maiores eram esses poderes agora, com toda a magia convencional tornada imprevisível na melhor das hipóteses!

Durante todo esse período, Ghenni'tiroth permaneceu na capela da Casa, uma sala relativamente pequena perto do cume do monte de estalagmite central do seu complexo. Uma única vela queimava no

altar, derramando luz mínima pelos padrões da superfície, mas servindo como um farol para os elfos negros cujos olhos estavam mais acostumados à escuridão. Uma segunda fonte de iluminação vinha da janela voltada para oeste da sala, pois mesmo do outro lado da cidade, o brilho selvagem de Narbondel podia ser visto com clareza.

Ghenni'tiroth mostrara pouca preocupação com o relógio do pilar, além do significado que agora tinha como um indicador de seus problemas. Ela estava entre as sacerdotisas mais fanáticas de Lolth, uma drow que sobreviveu a mais de seis séculos em inquestionável servidão à Rainha Aranha. Mas ela estava em apuros agora, e Lolth, por algum motivo que ela não conseguia entender, não atendia seu chamado.

Ela lembrava-se constantemente de manter sua fé enquanto se ajoelhava e se amontoava sobre uma bandeja de platina, o famoso Prato Comunal de Faen Tlabbar. O coração do último sacrifício, um drow macho não tão insignificante, estava nele, uma oferta à deusa que não respondia às orações desesperadas de Ghenni'tiroth.

Ghenni'tiroth endireitou-se de repente quando o coração se levantou da bandeja sangrenta, subiu vários centímetros e pairou no ar.

— O sacrifício não é suficiente — veio uma voz atrás dela, uma voz que ela temia ouvir desde o advento do Tempo das Perturbações.

Ela não se virou para encarar K'yorl Odran.

— Há guerra no complexo — Ghenni'tiroth afirmou mais do que perguntou.

K'yorl zombou da ideia. Uma onda de sua mão fez o órgão do sacrifício voar pela sala.

Ghenni'tiroth girou, os olhos arregalados de indignação. Ela começou a gritar a palavra drow para sacrilégio, mas parou com o som preso em sua garganta, quando outro coração flutuou no ar, vindo de K'yorl em sua direção.

— O sacrifício não foi suficiente — disse K'yorl com calma. — Use este coração, o coração de Fini'tey.

Ghenni'tiroth recuou com a menção da sacerdotisa obviamente morta, sua segunda na Casa. Ghenni'tiroth tomara Fini'they como sua própria filha quando a família de Fini'they, uma casa de baixo escalão e

insignificante, fora destruída por uma casa rival. A Casa de Fini'they de fato não era importante — Ghenni'tiroth nem conseguia se lembrar de seu nome —, mas Fini'tey não era assim. Ela era uma sacerdotisa poderosa, e, em última instância, leal, até mesmo amorosa, para com sua mãe adotiva.

Ghenni'tiroth recostou-se ainda mais, horrorizada, enquanto o coração de sua filha flutuava e se acomodava com um som molhado e repugnante na bandeja de platina.

— Reze para Lolth — ordenou K'yorl.

Ghenni'tiroth fez exatamente isso. Talvez K'yorl tenha errado, ela pensou. Talvez na morte, Fini'they se provaria muito útil, se provaria um sacrifício adequado para trazer a Rainha Aranha em auxílio da Casa Faen Tlabbar.

Depois de um longo momento sem nada acontecer, Ghenni'tiroth notou o riso de K'yorl.

— Talvez precisemos de um sacrifício maior — disse a perversa matriarca-mãe da Casa Oblodra cheia de malícia.

Não foi difícil para Ghenni'tiroth, a única figura na Casa Faen Tlabbar maior do que Fini'they, descobrir de quem K'yorl estava falando.

Furtivamente, mal movendo os dedos, Ghenni'tiroth tirou sua adaga mortal e envenenada de sua bainha sob as dobras ocultas de sua túnica estampada com aranhas. “Enforca-Dente”, como a adaga era chamada, e havia tirado uma Ghenni'tiroth mais jovem de muitas situações muito parecidas com essa.

Claro, nessas ocasiões, a magia era previsível, confiável, e esses oponentes não eram tão formidáveis quanto K'yorl.

Mas enquanto Ghenni'tiroth sustentava o olhar da Oblodra, mantendo K'yorl distraída enquanto ela sutilmente movia a mão, K'yorl lia seus pensamentos e esperava o ataque.

Ghenni'tiroth gritou uma palavra de comando, e a magia da adaga funcionou, fazendo o míssil disparar de debaixo de suas vestes direto para o coração de sua adversária.

A magia funcionou! Ghenni'tiroth comemorou em silêncio. Mas sua exaltação desapareceu assim que a lâmina passou através do espectro

de K'yorl Odran para se fincar sem utilidade no tecido de uma tapeçaria que adornava a parede oposta da sala.

— Espero que o veneno não arruíne o padrão — observou K'yorl, de pé à esquerda de sua imagem.

Ghenni'tiroth se mexeu e virou um olhar gelado para a criatura provocadora.

— Você não pode lutar contra mim, você não pode pensar melhor do que eu — disse K'yorl com frieza. — Você nem consegue esconder seus pensamentos de mim. A guerra acabou antes mesmo de começar.

Ghenni'tiroth queria gritar uma negação, mas se viu tão silenciosa quanto Fini'tey, cujo coração jazia na travessa diante dela.

— Quanta matança precisa haver? — K'yorl perguntou, quebrando a guarda de Ghenni'tiroth. A Matriarca de Faen Tlabbar fez uma expressão suspeita, mas curiosa, em direção à sua adversária. — Minha casa é pequena — observou K'yorl, e isso era verdade, a menos que se contasse os milhares de escravos kobold que se dizia estarem correndo pelos túneis ao longo das bordas do Fosso das Garras, logo abaixo da Casa Oblodra. — E eu vou precisar de aliados se eu quiser depor aquela Baenre decrépita e sua família mimada.

Ghenni'tiroth nem estava consciente do movimento quando sua língua saiu e lambeu seus lábios finos. Havia um lampejo de esperança.

— Você não pode me vencer — disse K'yorl com toda a confiança. — Talvez eu aceite uma rendição.

Essa palavra não caia bem com a orgulhosa líder da Quarta Casa.

— Uma aliança, então, se é assim que você deve chamá-la — K'yorl esclareceu, reconhecendo o olhar. — Não é segredo que não estou nos melhores termos com a Rainha Aranha.

Ghenni'tiroth balançou as pernas, considerando as implicações. Se ela ajudasse K'yorl, que não estava a favor de Lolth, a superar Baenre, quais seriam as implicações para sua Casa se e quando tudo estivesse resolvido?

— Tudo isso é culpa de Baenre — observou K'yorl, lendo todos os pensamentos de Ghenni'tiroth. — Baenre provocou o abandono da Rainha Aranha — zombou K'yorl. — Ela não conseguiu manter um

único prisioneiro, nem mesmo realizar um alto ritual adequado.

As palavras soaram verdadeiras, dolorosamente verdadeiras, para Ghenni'tiroth, que preferia Matriarca Baenre a K'yorl Odran. Ela queria negá-los, e ainda assim, isso sem dúvidas significava sua morte e a morte de sua casa, já que K'yorl tinha uma vantagem tão óbvia.

— Talvez eu aceite uma rendi... — K'yorl riu perversamente e se pegou no meio da frase. — Talvez uma aliança nos beneficie a ambas — disse ela em vez disso.

Ghenni'tiroth lambeu os lábios outra vez, sem saber para onde se virar. Um olhar para o coração de Fini'tey fez muito para convencê-la, no entanto.

— Talvez sim — disse ela.

K'yorl assentiu e de novo sorriu aquele sorriso desonesto e infame que era conhecido em toda Menzoberranzan como uma indicação de que K'yorl estava mentindo.

Ghenni'tiroth devolveu o sorriso — até que se lembrou com quem estava lidando, até que se forçou, através da tentação da isca provocadora que K'yorl havia oferecido, a se lembrar da reputação dessa drow das mais perversas.

— Talvez não — disse K'yorl calma, e Ghenni'tiroth foi derrubada de repente por uma força não vista, uma manifestação física, embora invisível, da poderosa vontade de K'yorl.

A matriarca de Faen Tlabbar sacudiu e se contorceu, ouvindo o estalo de uma de suas costelas. Ela tentou gritar contra K'yorl, gritar para Lolth em uma última oração desesperada, mas encontrou suas palavras distorcidas quando uma mão invisível agarrou firme sua garganta, cortando seu ar.

Ghenni'tiroth se sacudiu de novo, violentamente, e então outra vez, e mais sons de algo se quebrando vieram de seu peito, de intensa pressão dentro de seu torso. Ela balançou para trás e teria caído no chão, exceto que a vontade de K'yorl segurou sua forma esbelta rapidamente.

— Sinto muito que Fini'they não tenha sido suficiente para trazer sua impotente Rainha Aranha — provocou K'yorl, blasfemando sem pudor.

Os olhos de Ghenni'tiroth se arregalaram e pareciam que estourariam de suas órbitas. Suas costas se arquearam de forma estranha, agonizante, e sons gorgolejantes continuaram a fluir de sua garganta. Ela rasgou a carne de seu próprio pescoço, tentando agarrar a mão invisível, mas apenas arrancou linhas de seu próprio sangue brilhante.

Então veio um estalo final, um estalo alto, e Ghenni'tiroth não resistiu mais. A pressão tinha desaparecido de sua garganta, se é que isso ajudava. A mão invisível de K'yorl agarrou seu cabelo e puxou a cabeça para frente, de modo que ela olhou para a protuberância incomum em seu peito, ao lado de seu seio esquerdo.

Os olhos de Ghenni'tiroth se arregalaram de horror quando suas vestes se separaram e sua pele irrompeu. Uma grande quantidade de sangue jorrou da ferida, e Ghenni'tiroth caiu com o corpo mole, deitada ao lado do prato de platina.

Ela assistiu a última batida de seu próprio coração naquela bandeja de sacrifício.

— Talvez Lolth ouça esse chamado — observou K'yorl, mas Ghenni'tiroth não conseguia mais entender as palavras.

K'yorl foi até o corpo e recuperou o frasco de poção que Ghenni'tiroth carregava, que todas as mulheres da Casa Faen Tlabbar carregavam. A mistura, uma mistura que forçava a servidão apaixonada de machos drow, era forte — ou seria, se a magia convencional voltasse. Era provável que garrafa fosse a mais potente, e K'yorl a marcou bem para um certo líder mercenário.

K'yorl foi até a parede e reivindicou Enforca-Dente como sua. À vencedora, os espólios.

Com um olhar final para a matriarca-mãe morta, K'yorl invocou seus poderes psiônicos e se tornou menos do que substancial, tornou-se um fantasma que poderia atravessar as paredes e passar pelos guardas do complexo bem defendido. Seu sorriso era supremo, assim como sua confiança, mas, como o avatar de Lolth havia dito a Baenre, Odran realmente havia errado. Ela seguiu uma vingança pessoal, atacou primeiro um inimigo menor.

Mesmo quando K'yorl passou pelas estruturas da Casa Faen Tlabbar, regozijando-se com a morte de sua inimiga mais odiada, as Matriarcas Baenre e Mez'Barris Armgo, junto com Triel e Gromph Baenre e as matriarcas da quinta a oitava casas de Menzoberranzan, estavam

reunidas em uma câmara privada na parte de trás do Qu'elarz'orl, o planalto elevado dentro da enorme caverna que abrigava algumas das mais importantes casas drow, incluindo a Casa Baenre. Os oito se sentaram, cada um com uma perna, em torno do braseiro em forma de aranha colocado na mesa individual da pequena sala. Cada um havia trazido seus itens inflamáveis mais valiosos, e Matriarca Baenre carregava o pedaço de enxofre que o avatar lhe dera.

Nenhum deles mencionou, mas todos sabiam, que esta poderia ser sua única chance.

Capítulo 11

Trunfo

NORMALMENTE, agradava a Jarlaxle estar no meio de tal conflito, ser objeto de táticas de atração vindas de ambos os lados em uma disputa. Desta vez, porém, Jarlaxle estava desconfortável com a posição. Ele não gostava de lidar com K'yorl Odran de forma alguma, como amigos, e em especial não como inimigos, e ele estava desconfortável com a Casa Baenre estando envolvida de forma tão desesperada em qualquer luta. Jarlaxle já havia investido demais em Matriarca Baenre. O líder mercenário cauteloso em geral não contava com nada, mas tinha plena expectativa de que a Casa Baenre governasse Menzoberranzan até pelo menos o fim de sua vida, como havia feito desde o início de sua vida e por milênios antes disso.

Não que Jarlaxle tivesse sentimentos especiais em relação à Primeira Casa da cidade. Era apenas que Baenre lhe oferecia um ponto de ancoragem, uma medida de permanência nas contínuas mudanças de poder de Menzoberranzan.

Duraria para sempre, então ele pensou, mas depois de conversar com K'yorl — como ele odiava aquela lá! — Jarlaxle não tinha tanta certeza.

K'yorl queria alistá-lo, provavelmente queria Bregan D'aerthe para servir como sua conexão com o mundo além de Menzoberranzan. Eles poderiam fazer isso e fazê-lo bem, mas Jarlaxle duvidava que ele, que sempre tinha objetivos particulares, pudesse permanecer sob o favor de K'yorl por muito tempo. Em algum momento, mais cedo ou mais tarde, ela leria a verdade em sua mente, e o despacharia e substituiria.

Esse era o caminho dos drow.



O demônio era imenso, uma criatura gigantesca, bípede e canina com quatro braços musculosos, dois dos quais terminavam em poderosas pinças. Como ele havia entrado na caverna particular de Jarlaxle, ao longo da frente do Fosso das Garras, cerca de cem metros abaixo e atrás do complexo da Casa Oblodra, nenhum dos guardas drow sabia.

— Tanar’ri! — a palavra de advertência, o nome de uma das maiores criações do Abismo, conhecida em todas as línguas dos Reinos, foi passada em sussurros e sinais silenciosos por todo o complexo, e a reação a ela foi de horror por todo o caminho.

Ai dos dois guardas drow que encontraram pela primeira vez o monstro imponente de quatro metros e meio de altura! Leais a Bregan D’aerthe, corajosos na crença de que outros apoiariam suas ações, eles ordenaram que a grande criatura parasse e, quando isso não aconteceu, os guardas drow atacaram.

Se suas armas tivessem mantido seus encantamentos anteriores, eles poderiam ter machucado a criatura de alguma forma. Mas a magia não havia retornado ao Plano Material de nenhuma maneira previsível ou confiável. Assim, o tanar’ri também havia sido privado de seu considerável repertório de magias, mas a criatura, com quase dois mil quilos de músculos e armas naturais, pouco precisava de assistência mágica.

Os dois drow foram sumariamente desmembrados, e o tanar’ri seguiu em frente, procurando Jarlaxle, como Errtu havia ordenado.

A criatura encontrou o líder mercenário, junto com uma dezena de seus melhores soldados, na primeira curva. Vários drow avançaram para a defesa, mas Jarlaxle, entendendo melhor o poder do ser diante dele, os manteve afastados. Ele não estava tão disposto a jogar fora vidas drow.

— Glabrezu — disse ele com todo o respeito, reconhecendo a criatura. A bochecha canina do glabrezu se enrolou em um rosnado, e seus olhos se estreitaram enquanto examinava Jarlaxle, confirmando que havia encontrado o elfo negro correto.

— Baenre cok diemrey nochtero — disse o tanar’ri em um rosnado, e sem esperar por uma resposta, a fera gigantesca se virou, derrubando algumas coisas no caminho e saiu, se abaixando o bastante para que sua cabeça não raspasse no teto alto do corredor.

Mais uma vez, vários drow corajosos e estúpidos se moveram como se

fossem persegui-lo, e mais uma vez Jarlaxle, com o sorriso mais amplo que já havia aberto em semanas, os segurou. O tanar'ri tinha falado na língua dos planos inferiores, uma língua que Jarlaxle entendia perfeitamente, e tinha falado as palavras que Jarlaxle ansiava ouvir.

A pergunta estava clara nas expressões de todos os drow nervosos ao lado dele. Eles não entendiam a língua e estavam desesperados para saber o que o tanar'ri havia dito.

— Baenre cok diemrey nochtero — explicou Jarlaxle a eles. — A Casa Baenre prevalecerá.

Seu sorriso irônico, cheio de esperança, e a maneira ansiosa como ele cerrou os punhos, disseram a seus soldados que tal previsão era uma coisa boa.



Zeerith Q'Xorlarrin, Matriarca-Mãe da Quinta Casa, compreendia o significado da composição da reunião. Triel e Gromph Baenre compareceram apenas para preencher os dois lugares vagos no braseiro em forma de aranha. Um desses lugares pertencia legitimamente a K'yorl, e como eles estavam reunidos para afastar K'yorl, como o avatar da Rainha Aranha havia ordenado, ela não havia sido convidada.

O outro lugar vago, o preenchido por Gromph, em tempos normais era reservado para a amiga drow mais próxima de Zeerith, a Matriarca-Mãe Ghenni'tiroth Tlabbar. Ninguém havia dito isso em voz alta, mas Zeerith entendeu o significado da presença do filho Baenre e do fracasso da Matriarca-Mãe em aparecer.

K'yorl odiava Ghenni'tiroth — isso não era segredo — e então Ghenni'tiroth fora deixada à vista como um sacrifício para atrasar as intrusões da Casa Oblodra. Esses outros supostos aliados e a deusa que todos serviram permitiram que a melhor amiga de Zeerith perecesse.

Esse pensamento incomodou a matriarca-mãe por um curto período de tempo, até que ela percebeu que era a terceira drow de mais alto escalão na câmara de reuniões. Se a convocação fosse bem-sucedida, se K'yorl e a Casa Oblodra fossem derrotadas, então a hierarquia das

Casas governantes com certeza mudaria. Oblodra cairia, deixando vago o terceiro lugar, e como Faen Tlabbar de repente ficou sem uma matriarca mãe adequada, era viável que a Casa Xorlarrin pudesse pular para aquela posição cobiçada.

Ghenni'tiroth tinha sido dada como um sacrifício. Zeerith Q'Xorlarrin deu um sorriso largo.

Esse era o caminho dos drow.

Dentro do braseiro estava a valiosa máscara de aranha de Gromph, um item muito mágico, o único em toda a Menzoberranzan que poderia fazer alguém passar pela cerca da Casa Baenre. As chamas dispararam no ar, em laranja e verde.

Mez'Barris assentiu para Baenre, e a velha matriarca-mãe decrépita jogou o pedaço de enxofre que o avatar lhe dera.

Se cem anões empolgados tivessem bombeado um enorme fole, seu fogo não teria sido mais furioso. As chamas subiram direto para cima, em uma coluna multicolorida que mantinha os oito observadores firmes em sua glória profana.

— O que é isso? — veio uma pergunta da frente da sala, perto da única porta. — Você se atreve a realizar uma reunião do conselho sem informar a Casa Oblodra?

Matriarca Baenre, à cabeceira da mesa e, assim, de costas diretamente para K'yorl, ergueu a mão para acalmar os outros reunidos ao redor do braseiro de aranha. Bem devagar, ela se virou para encarar a drow mais odiada, e, de imediato, as duas trocaram olhares cruéis.

— O carrasco não convida sua vítima para a execução — disse Baenre sem vacilar. — Ela a leva até lá. Ou a atrai.

As palavras contundentes de Baenre deixaram várias das drow reunidas inquietas. Se K'yorl tivesse sido tratada com mais tato, algumas delas poderiam ter escapado com vida.

Matriarca Baenre tinha mais em mente, no entanto. A única esperança deles, a única esperança dela, era confiar na Rainha Aranha, acreditar de todo o coração que o avatar não os havia guiado ao erro.

Quando a primeira onda de energia mental de K'yorl foi na direção de Baenre, ela também começou a ter algumas dúvidas. Ela se manteve

firme por alguns segundos, uma demonstração notável de vontade, mas então K'yorl a dominou e a empurrou de volta contra a mesa. Baenre sentiu seus pés saindo do chão, sentiu como se uma mão gigantesca e invisível a tivesse estendido e agarrado e agora a estava empurrando em direção às chamas.

— Quão maior será o chamado por Lolth — gritou K'yorl alegre —, quando Matriarca Baenre for adicionada às chamas!

Os outros na sala, em particular as outras cinco matriarcas-mães, não sabiam como reagir. Mez'Barris baixou a cabeça e de forma discreta começou a murmurar as palavras de um feitiço, rezando para que Lolth a ouvisse e lhe concedesse a magia.

Zeerith e os outros observaram as chamas. O avatar havia dito a eles para fazerem isso, mas por que um aliado, um tanar'ri ou algum outro demônio ainda não havia passado?



No Abismo cheio de lodo, empoleirado no topo de seu trono de cogumelos, Errtu se divertia bastante com a cena caótica. Mesmo através do dispositivo de clarividência que Lolth havia preparado para ele, o grande tanar'ri podia sentir os medos dos adoradores reunidos e podia sentir o amargo ódio nos lábios de K'yorl Odran.

Ele gostava de K'yorl, decidiu Errtu. Lá estava alguém como ele, pura e deliciosamente perversa, uma assassina que matava por prazer, uma jogadora de intriga por nenhuma razão melhor do que a diversão do jogo. O grande tanar'ri queria ver K'yorl empurrar sua adversária para o pilar de chamas.

Mas as instruções de Lolth foram explícitas, e seus bens trocados eram tentadores demais para o demônio deixar passar. De forma surpreendente, dado o estado de magia no momento, o portal estava se abrindo e bastante.

Errtu já havia enviado um tanar'ri, um glabrezu gigante, através de um portal menor para atuar como mensageiro, mas esse portal, provocado pelo próprio avatar, tinha sido tênue e aberto por apenas uma fração de momento. Errtu não acreditava que o feito pudesse ser

duplicado, não agora.

A noção de caos mágico deu ao demônio uma inspiração repentina. Talvez as velhas regras de banimento não se aplicassem mais. Talvez ele mesmo pudesse atravessar este portal que se abria, para o Plano Material mais uma vez. Então ele não precisaria servir como laçao de Lolth; então ele poderia encontrar o renegado Do'Urden por conta própria, e depois de punir o drow, ele poderia voltar para a congelada Terra do Norte, onde o precioso Crenshinibon, o lendário Fragmento de Cristal, estava enterrado!

O portal se abriu. Errtu pisou nele.

E foi rejeitado no mesmo instante, empurrado de volta para o Abismo, o lugar de seu banimento de cem anos.

Vários demônios próximos ao grande tanar'ri, sentindo a abertura, dirigiram-se para o portal, mas Errtu, rosnando e enfurecido com a derrota, os segurou.

Deixe esta drow perversa, K'yorl, empurrar a favorita de Lolth para as chamas, o miserável Errtu decidiu. O portal permaneceria aberto com o sacrifício, poderia até se abrir mais.

Errtu não gostava do banimento, não gostava de ser laçao de nenhum ser. Deixe Lolth sofrer; deixe Baenre ser consumida, e só então ele faria o que a Rainha Aranha havia pedido!



A única coisa que salvou Baenre desse exato destino foi a intervenção inesperada de Methil, o illithid. O glabrezu fora até Methil depois de visitar Jarlaxle, trazendo a mesma previsão de que a Casa Baenre prevaleceria, e Methil, servindo como embaixador de seu povo, fez questão de permanecer do lado vencedor.

As ondas psiônicas do illithid interromperam o ataque telepático de K'yorl, e a Matriarca Baenre caiu de volta ao lado da mesa.

Os olhos de K'yorl se arregalaram, surpresos com a derrota — até Methil, que estava de pé invisível e em segredo ao lado da Matriarca

Baenre, aparecer.

“Espere que isso termine”, os pensamentos de K’yorl gritaram para a criatura de cabeça de polvo. “Veja quem ganha e decida onde estão suas alianças.”

A garantia de Methil de que ele já sabia o resultado não perturbou K’yorl nem metade do que a visão da asa gigantesca e semelhante a um morcego que de repente se estendeu do pilar da chama: um tanar’ri — um tanar’ri de verdade!

Outro glabrezu pulou do fogo para pousar no chão entre Baenre e sua adversária. K’yorl o atingiu com uma barreira psiônica, mas ela não era páreo para tal criatura, e ela sabia disso.

Ela notou que o pilar ainda estava dançando sem controle, que outro demônio estava se formando dentro das chamas. Lolth estava contra ela! ela percebeu de repente. Todo o Abismo parecia estar chegando ao chamado de Matriarca Baenre!

K’yorl fez a única coisa que podia, tornou-se insubstancial mais uma vez e fugiu pela cidade, de volta para sua casa.

Demônios correram pelo portão aberto, uma centena deles e ainda mais. Isso continuou por mais de uma hora, com os asseclas de Errtu e, assim, os asseclas de Lolth, chegando ao chamado das matriarcas-mães desesperadas, atravessando a cidade em alegria frenética para cercar a Casa Oblodra.

Sorrisos de satisfação, até mesmo aplausos abertos, foram trocados na sala de reuniões na parte de trás do Qu’hellarz’orl. O avatar tinha feito como prometido, e o futuro dos fiéis de Lolth parecia deliciosamente sombrio mais uma vez.

Dos oito reunidos, apenas Gromph tinha um sorriso que não era muito sincero. Não que ele quisesse que a Casa Oblodra ganhasse, é claro, mas o macho não se alegrou com o pensamento de que as coisas poderiam em breve ser como sempre foram, que ele, apesar de todo o seu poder e devoção aos caminhos da magia, seria, acima de tudo, um mero macho mais uma vez.

Ele sentiu algum consolo, à medida que as chamas desapareciam e as outros começaram a sair, ao notar que vários dos itens oferecidos, incluindo sua valiosa máscara de aranha, não haviam sido consumidos pelas chamas mágicas. Gromph olhou para a porta, para as matriarcas-

mães e Triel, e eles estavam tão obcecados com o espetáculo dos demônios que não o notaram.

Silencioso e furtivo, o cobiçoso mago drow recolocou seu item precioso sob as dobras de seu manto, depois adicionou à sua coleção alguns dos artefatos mais valiosos das maiores Casas de Menzoberranzan.



Parte 3

Consequências

Como eu queria ir até Cattibrie depois que percebi o quão perigosa era sua espada.

Como eu queria ficar ao lado dela e protegê-la. O item a havia possuído, afinal, e estava imbuída com uma magia poderosa e obviamente senciente.

Cattibrie me queria ao seu lado — quem não iria querer o ombro solidário de um amigo com tal luta iminente? — e ainda assim ela não me queria lá, não poderia ter a mim lá, pois sabia que essa batalha deveria lutar sozinha.

Eu tinha que respeitar a conclusão dela, e naqueles dias quando o Tempo das Perturbações chegava ao fim e as magias do mundo voltaram à ordem, eu aprendi que às vezes as batalhas mais difíceis são as que somos forçados a não lutar.

Eu aprendi então porque raros são as mães e os pais que têm unhas compridas e com frequência têm uma expressão de resignação infeliz. Que agonia deve ser para um genitor em Lua Argêntea ser informado por sua prole, não mais uma criança, que ela decidiu ir para o oeste, para Waterdeep, para navegar em busca de aventura ao longo da Costa da Espada. Tudo dentro desse genitor quer gritar “Fique!” Todo instinto dentro desse genitor quer apertar a criança em um abraço, proteger essa criança para sempre. E, no entanto, no fim das contas, esses instintos estão errados.

No coração, não há dor maior do que assistir às lutas de alguém que você ama, sabendo que somente através de tal conflito essa pessoa crescerá e reconhecerá o potencial de sua existência. Muitos ladrões nos Reinos acreditam que a fórmula para a felicidade está em um tesouro desprotegido. Muitos magos procuram contornar os anos de estudo necessários para o verdadeiro poder. Eles encontram um feitiço em um pergaminho ou um item encantado que está muito além de sua compreensão, e tentam usá-los de qualquer maneira, apenas para serem consumidos pelo poder da magia. Muitos sacerdotes nos Reinos, e muitas seitas religiosas em geral, pedem de si mesmos e de suas congregações apenas humilde servidão.

Todos eles estão condenados a falhar no verdadeiro teste da felicidade.

Falta um ingrediente ao tropeçar em um tesouro desprotegido; há um elemento ausente quando um mago menor põe as mãos no cajado de um arquimago; há um item esquecido na humilde e inquestionável servidão.

O senso de realização.

É o ingrediente mais importante na fórmula da felicidade de qualquer ser racional. É o elemento que constrói confiança e nos permite prosseguir para outras tarefas maiores. É o item que promove um senso de valor próprio, que permite que qualquer pessoa acredite que há valor na própria vida, que dá um senso de propósito para nos reforçar à medida que enfrentamos as perguntas irrespondíveis da vida.

Assim foi com Cattibrie e sua espada. Esta batalha a encontrou, e ela estava determinada a travá-la. Se eu tivesse seguido meus instintos protetores, eu teria me recusado a ajudá-la nessa missão. Meus instintos protetores me disseram para ir até Bruenor, que certamente ordenaria a destruição da espada senciente. Ao fazer isso, ou tomar qualquer outro rumo para evitar a batalha de Cattibrie, eu teria, de fato, falhado em confiar nela, falhado em respeitar suas necessidades individuais e seu destino escolhido, e assim, eu teria roubado um pouco da liberdade dela. Esse foi o único fracasso de Wulfgar. Em seus medos pela mulher que tanto amava, o bárbaro corajoso e orgulhoso tentou sufocá-la em seu abraço protetor.

Eu acho que ele viu a verdade de seu erro nos momentos antes de sua morte. Acho que ele se lembrou então das razões pelas quais amava Cattibrie: sua força e independência. Quão irônico é que nossos instintos muitas vezes tomem o exato caminho oposto do que de fato desejamos para aqueles que amamos.

Na situação que eu mencionei antes, os pais teriam que deixar sua criança ir para Waterdeep e a Costa da Espada. E o mesmo vale para Cattibrie. Ela escolheu pegar sua espada, escolheu explorar seu lado senciente, talvez com grande risco pessoal. A decisão era dela, e uma vez que ela a tomasse, eu tinha que respeitar essa decisão, tinha que respeitar Cattibrie. Eu não a vi muito nas próximas semanas, enquanto ela travava sua batalha particular.

Mas eu pensava nela e me preocupava com ela a cada momento, até nos meus sonhos.

— Drizzt Do'Urden

Capítulo 12

Valeu a pena

— EU ENGANEI VÁRIOS TANAR'RI para ir à sua cidade, Menzoberranzan, e logo devo forçá-los a voltar — rugiu o grande Errtu. — E eu não posso nem ir a este lugar e me juntar ao caos deles, ou mesmo ir buscá-los! — o balor estava sentado em seu trono de cogumelos, observando o dispositivo de clarividência que lhe mostrava a cidade dos drow.

Mais cedo, ele estava recebendo apenas imagens fugazes, pois essa magia também lutava contra os efeitos do estranho período. As imagens vinham cada vez mais fortes, porém, e agora a superfície espelhada não estava nublada, mostrando uma cena clara da Casa Oblodra, presa entre os dedos do Fosso das Garras. Demônios grandes e menores caminhavam e contornavam o lago murado, batendo punhos fortes contra a pedra, lançando ameaças e mísseis de rocha. Os Oblodra haviam selado o lugar com força, pois mesmo com seus poderes psiônicos, e o fato de que a magia dos demônios não se saía melhor do que a de ninguém, as criaturas do outro mundo eram muito fortes fisicamente, e suas mentes, distorcidas demais pelo mal para serem muito afetadas por barragens telepáticas. E eles estavam sendo apoiados por um exército unido de drow, à espreita atrás das linhas diabólicas. Centenas de bestas e dardos foram apontados para a Casa Oblodra. Dezenas de drow cavalcando lagartos subterrâneos de pés pegajosos espreitavam as paredes e o teto perto da casa condenada. Qualquer Oblodra que mostrasse seu rosto seria atingido por ataques de todos os lados.

— Esses mesmos demônios estão impedindo que a Terceira Casa seja atacada — Errtu rosnou para Lolth, lembrando a Rainha Aranha cujo exército estava no controle ali. — Seus lacaios temem meus lacaios, e com razão!

A bela drow, de volta ao Abismo, entendeu que a explosão de Errtu era um pouco de ultraje, mas muita bravata. Nenhum tanar'ri jamais teve que ser “enganado” para ir ao Plano Material, onde poderia causar caos. Essa era sua própria natureza, a alegria mais profunda em

sua existência miserável.

— Você pede muito, Senhora das Aranhas — resmungou Errtu.

— Eu dou muito em troca — Lolth lembrou a ele.

— Veremos.

Os olhos vermelhos brilhantes de Lolth se estreitaram com o sarcasmo contínuo do tanar'ri. O pagamento que ela havia oferecido a Errtu, um presente que talvez pudesse libertar o demônio de quase um século a mais de banimento, não era pouca coisa.

— Os quatro glabrezu serão difíceis de recuperar — continuou Errtu, fingindo frustração, levando esse jogo ao extremo. — Eles são sempre difíceis!

— Não mais do que um balor — disse Lolth em resposta contundente.

Errtu se virou contra ela, com o rosto transfigurado em uma máscara de ódio.

— O Tempo das Perturbações se aproxima do fim — disse Lolth com calma para aquele rosto perigoso.

— Foi tempo demais! — rugiu Errtu.

Lolth ignorou o tom do comentário, entendendo que Errtu precisava agir com indignação e sobrecarga para impedi-la de concluir que o tanar'ri lhe devia algo mais.

— Já faz mais tempo para os meus olhos do que para os seus, demônio — respondeu a Rainha Aranha.

Errtu murmurou um palavrão sob seu hálito fedorento.

— Mas está perto do fim — continuou Lolth, baixinho, calmamente.

Tanto ela quanto Errtu olharam para a imagem na superfície de clarividência assim que um grande tanar'ri alado subiu do Fosso das Garras, segurando uma pequena criatura se contorcendo em um de seus grandes punhos. A captura lamentável não poderia ter mais de um metro de altura e parecia menos do que isso nas garras do demônio maciço. Ele usava um colete esfarrapado que não escondia suas escamas cor de ferrugem, um colete que foi ainda mais

esfarrapado com o rasgo das garras do tanar'ri.

— Um kobold — comentou Errtu.

— Aliados conhecidos da Casa Oblodra — explicou Lolth. — Milhares de infelizes correm pelos túneis ao longo das paredes do abismo.

O tanar'ri voador deu um piado, agarrou o kobold com a outra mão com garras e rasgou a coisa que guinchava ao meio.

— Um aliado a menos da Casa Oblodra — Errtu sussurrou, e pelo olhar satisfeito no rosto do balor, Lolth entendeu os verdadeiros sentimentos de Errtu sobre todo o evento. O grande tanar'ri vivia indiretamente através de seus asseclas, observava suas travessuras destrutivas e se alimentava da cena.

Passou pela cabeça de Lolth reconsiderar seu presente oferecido. Por que ela deveria retribuir ao demônio por fazer algo que ele obviamente queria tanto fazer?

A Rainha Aranha, nunca sendo tola, afastou os pensamentos de sua mente. Ela não tinha nada a perder em dar a Errtu o que ela havia prometido. Seus olhos estavam voltados para a conquista do Salão de Mitral, forçando a Matriarca Baenre a estender seu alcance para que a cidade dos drow fosse menos segura e mais caótica, mais propensa a ver a guerra entre as casas. O renegado Do'Urden não era nada para ela, embora com certeza ela o quisesse morto.

Quem melhor para fazer isso do que Errtu? Lolth se perguntou. Mesmo que o renegado sobrevivesse à guerra vindoura — e Lolth não acreditava que ele sobreviveria — Errtu poderia usar seu presente para forçar Drizzt a chamá-lo de seu banimento, para permitir que ele voltasse ao Plano Material. Uma vez lá, o primeiro objetivo do poderoso balor seria, sem dúvida, se vingar do renegado. Drizzt derrotou Errtu uma vez, mas ninguém jamais derrotou um balor duas vezes.

Lolth conhecia Errtu bem o suficiente para entender que Drizzt Do'Urden seria muito mais sortudo se morresse rapidamente na guerra vindoura.

Ela não disse mais nada sobre o pagamento pela ajuda do demônio, entendendo que, ao dá-lo a Errtu, ela estava, de fato, dando a si mesma um presente.

— Quando o Tempo das Perturbações passar, minhas sacerdotisas o ajudarão a forçar os tanar’ri de volta ao Abismo — disse Lolth.

Errtu não escondeu bem sua surpresa. Ele sabia que Lolth estava planejando algum tipo de ataque, e presumiu que seus asseclas monstruosos seriam enviados ao lado do exército drow. Agora que Lolth havia declarado de vez suas intenções, no entanto, o demônio reconheceu sua linha de raciocínio. Se uma horda de tanar’ri marchasse ao lado dos drow, todos os Reinos se levantariam contra eles, incluindo criaturas bondosas de grande poder dos planos superiores.

Além disso, tanto Lolth quanto Errtu sabiam bem que as sacerdotisas drow, por mais poderosas que fossem, não seriam capazes de controlar tal horda uma vez que a fúria da guerra tivesse começado.

— Todos menos um — corrigiu Errtu. Lolth olhou curiosa para ele.

— Vou precisar de um emissário para ir a Drizzt Do’Urden — explicou o demônio. — Para dizer ao tolo o que tenho e o que exijo em troca.

Lolth parou para pensar nas palavras por um momento. Ela tinha que tratar disso com cuidado. Ela precisava segurar Errtu, ela sabia, ou então se arriscaria a complicar o que deveria ser uma conquista relativamente direta dos salões dos anões, mas não podia deixar o demônio saber o destino de seu exército. Se Errtu percebesse que os lacaios de Lolth logo colocariam Drizzt Do’Urden, a única chance do grande demônio de voltar ao Plano Material em breve, em perigo, ele se oporia a ela em segredo.

— Ainda não — disse a Rainha Aranha. — Drizzt Do’Urden está fora do caminho, e lá ele ficará até que minha cidade retorne à ordem.

— Menzoberranzan nunca está em ordem — respondeu Errtu, astuto.

— Em ordem relativa — corrigiu Lolth. — Você terá seu presente quando eu o der, e só então você enviará seu emissário.

— Senhora das Aranhas... — O balor rosnou em ameaça.

— O Tempo das Perturbações se aproxima do fim — Lolth retrucou direto na cara feia de Errtu. — Meus poderes retornarão por completo. Cuidado com suas ameaças, balor, senão você se encontrará em um lugar mais miserável do que este!

Com suas vestes pretas arroxeadas voando furiosamente atrás dela, a Rainha Aranha girou de supetão e se afastou, logo desaparecendo na névoa turbulenta. Ela sorriu ante o final adequado da reunião. A diplomacia só funcionava até certo ponto com demônios caóticos. Então, chegava a inevitável hora das ameaças abertas.

Errtu recostou-se em seu trono de cogumelos percebendo que Lolth estava no comando total dessa situação. Ela tinha a ligação de seus lacaios com o Plano Material, e tinha o presente que poderia permitir que Errtu se livrasse de seu banimento. Além de tudo isso, Errtu não duvidou das alegações da Rainha Aranha de que o panteão estava enfim se ajustando. E se o Tempo das Perturbações fosse de fato um período passageiro, e os poderes de Lolth retornassem por completo, ela estava muito além do balor.

Resignado, Errtu olhou de volta para a imagem na superfície de clarividência. Mais cinco kobolds foram retirados do Fosso das Garras.

Eles se amontoaram em um grupo apertado enquanto uma série de demônios circulava ao redor deles, provocando-os, atormentando-os. O grande balor podia sentir o cheiro de seu medo, podia saborear essa morte torturante de forma tão doce quanto stivesse entre aqueles demônios que os circulavam.

O humor de Errtu melhorou imediatamente.

Belwar Dissengulp e vários guerreiros svirfneblin estavam sentados em uma borda, com vista para uma grande câmara cheia de pedras e estalactites. Cada um segurava uma corda — a de Belwar estava presa através de um laço em seu cinto e uma alça de couro de cogumelo colocada sobre sua mão de picareta — para que pudessem se aproximar rapidamente do chão. Pois lá embaixo os sacerdotes gnomos estavam trabalhando, traçando runas de poder no chão com corantes aquecidos e discutindo as falhas anteriores e as maneiras mais eficazes de combinar seus poderes, tanto para a convocação quanto para o caso de a convocação, como já havia acontecido duas vezes, dar errado.

Os sacerdotes gnomos ouviram o chamado de seu deus, Segojan,

sentiram o retorno da magia sacerdotal. Para os svirfneblin, nenhum ato poderia significar mais o fim desse período estranho, nenhum ato poderia garantir melhor que tudo estivesse certo mais uma vez, do que a convocação de um gigante elemental da terra. Esta era sua esfera, sua vida e seu amor. Eles estavam sintonizados com a rocha, em um com a pedra e a terra que cercavam suas habitações. Convocar um elemental, compartilhar sua amizade, satisfaria os sacerdotes de que seu deus estava bem. Qualquer coisa menor não seria suficiente.

Eles tentaram várias vezes. A primeira convocação não trouxera nada, nem mesmo um tremor no chão. A segunda, terceira e quarta levantaram altos pilares de pedra, mas não mostraram sinais de animação. Três dos montes de estalagmite nesta mesma câmara eram evidências dessas falhas.

Na quinta tentativa, um elemental apareceu, e os sacerdotes gnomos se alegraram — até que o monstro se virou contra eles com raiva, matando uma dezena de gnomos antes que Belwar e seu grupo conseguissem derrotá-lo. Esse fracasso talvez fosse a pior coisa que poderia acontecer aos gnomos, pois eles passaram a acreditar não apenas que Segojan estava fora de seu alcance, mas que, talvez, ele estivesse com raiva deles. Eles tentaram outra vez — e mais uma vez o elemental saiu apenas para atacá-los.

As defesas de Belwar estavam mais ajustadas naquela sexta vez, como estavam agora, e o monstro de pedra foi derrotado rapidamente, sem mortes de svirfneblin.

Depois desse segundo desastre, Belwar pediu que os sacerdotes esperassem um pouco antes de tentar novamente, mas eles se recusaram, desesperados para encontrar o favor de Segojan, desesperados para saber que seu deus estava com eles. Belwar não era alguém com pouca influência, no entanto, e ele fora até o rei Schnicktick e forçou um meio-termo.

Cinco dias se passaram desde aquela sexta convocação, cinco dias em que os sacerdotes gnomos e toda Gruta das Pedras Preciosas oraram a Segojan, imploraram que ele não se voltasse mais contra eles.

Sem os svirfneblin saberem, nesses cinco dias também foram tempo o bastante para o fim do Tempo das Perturbações, o realinhamento e a correção do panteão.

Belwar observou agora enquanto os sacerdotes vestidos começavam a dançar ao redor do círculo emoldurado de runas que haviam

desenhado no chão. Cada um carregava uma pedra, uma pequena joia verde encantada de antemão. Um por um, eles colocaram uma joia no perímetro do círculo e a esmagaram com um enorme martelo. Quando isso foi concluído, o sumo sacerdote entrou no círculo, até o centro, colocou sua joia no chão e, gritando uma palavra de conclusão, esmagou-a sob seu martelo de mitral.

Por um momento houve apenas silêncio, então um ligeiro tremor no chão começou. O sumo sacerdote correu para fora do círculo para se juntar a seus companheiros.

O tremor aumentou, se multiplicou. Uma grande rachadura percorreu a circunferência da área encantada, separando esse círculo do resto da câmara. Dentro do círculo, a rocha se separou e se dividiu novamente, rolando e se agitando em uma lama maleável.

As bolhas cresceram e explodiram com grandes sons de estouro, e toda a câmara se aqueceu.

Uma grande cabeça — uma enorme cabeça! — levantou-se do chão.

Na borda, Belwar e seus companheiros gemeram. Nunca tinham visto um elemental tão tremendo! De repente, todos estavam planejando rotas de fuga em vez de rotas de ataque.

Os ombros saíram do chão, um braço de cada lado — um braço que poderia varrer todos os sacerdotes para o nada com um único movimento. Olhares curiosos estavam misturados com medo nos rostos de sacerdotes e guerreiros. Esta criatura não era como nenhum elemental que eles já tinham visto. Embora sua pedra fosse mais lisa, sem rachaduras aparecendo, parecia mais inacabada, menos à imagem de uma criatura bípede. No entanto, ao mesmo tempo, exalava uma aura de puro poder e conclusão além de qualquer coisa que os gnomos já haviam conhecido.

— Estamos testemunhando a glória de Segojan! — um gnomo perto de Belwar guinchou de alegria.

— Ou o fim do nosso povo — Belwar acrescentou baixinho para que ninguém ouvisse.

Pela circunferência da cabeça e dos ombros, os gnomos esperavam que o monstro subisse seis metros ou mais, mas quando o tremor parou e tudo ficou quieto novamente, a criatura mal alcançou três metros — não tão alto quanto muitos dos elementais que mesmo os sacerdotes

svirfneblin sozinhos haviam convocado anteriormente. Ainda assim, os gnomos não tinham dúvida de que essa era uma conquista maior, que essa criatura era mais poderosa do que qualquer outra coisa que eles já haviam convocado. Os sacerdotes tinham suas suspeitas — assim como Belwar, que havia vivido muito tempo e ouvido atentamente as lendas que deram ao seu povo sua identidade e sua força.

— Entemoch! — o honorável mestre de escavações ofegou de seu assento, e o nome, o nome do Príncipe dos Elementais da Terra, ecoou de gnomo para gnomo.

Outro nome previsivelmente seguiu-se, o nome de Ogremoch, gêmeo maligno de Entemoch, e foi falado em tom agudo e cheio de medo. Se este era Ogremoch e não Entemoch, então todos eles estavam condenados.

Os sacerdotes caíram de joelhos, tremendo, prestando homenagem, esperando acima de tudo que este fosse de fato Entemoch, que sempre fora seu amigo.

Belwar foi o primeiro a descer da borda, atingindo o chão com um grunhido e correndo para ficar diante da criatura convocada.

Ela olhou-o do alto, não fez nenhum movimento, e não ofereceu nenhum sinal que mostrasse suas intenções.

— Entemoch! — gritou Belwar. Atrás dele, os sacerdotes ergueram os rostos. Alguns encontraram a coragem de ficar de pé e caminhar até parar ao lado do corajoso mestre de escavações.

— Entemoch! — Belwar chamou de novo. — Nosso chamado, você atendeu. Devemos entender isso como um sinal de que tudo está bem com Segojan, que estamos sob seu favor?

A criatura levou sua enorme mão ao chão, palma para cima, diante de Belwar. O mestre de escavações olhou para o sumo sacerdote parado à sua direita.

O sacerdote assentiu.

— Confiar em Segojan é nosso dever — disse ele, e ele e Belwar pisaram na mão juntos.

Ambos foram levantados, parando diante do rosto do gigante. E eles relaxaram e ficaram felizes, pois viram compaixão lá, e amizade. Este

sem dúvidas era Entemoch, ambos sabiam em seus corações, e não Ogremoch, e Segojan estava com eles.

O príncipe elemental levantou a mão acima da cabeça e derreteu de volta no chão, deixando Belwar e o sumo sacerdote no centro do círculo perfeitamente reformado.

Os aplausos ressoaram através da câmara, e mais de um rosto de svirfneblin durão foi marcado com lágrimas. Os sacerdotes deram tapinhas nas costas, parabenizaram a si mesmos e a todos os gnomos de Gruta das Pedras Preciosas. Eles cantaram louvores ao rei Schnicktick, cuja orientação os levou a este pináculo de conquista dos svirfneblin.

Para pelo menos um deles, Belwar, a celebração foi de curta duração. Seu deus estava de volta com eles, parecia, e suas magias estavam voltando, “mas o que isso significava para os drow de Menzoberranzan?” o honorável mestre de escavações se perguntou. “A Rainha Aranha também voltou? E os poderes dos magos drow também?”

Antes de tudo isso começar, os gnomos passaram a acreditar, e não sem razão, que os drow estavam se preparando para uma guerra. Com o início desse tempo caótico, essa guerra não havia chegado, mas isso era compreensível, Belwar sabia, já que os drow eram mais dependentes da magia do que os gnomos. Se as coisas estivessem mesmo corretas mais uma vez, como a chegada de Entemoch parecia indicar, então Gruta das Pedras Preciosas poderia em breve ser ameaçada.

Ao redor do honorável mestre de escavações, sacerdotes gnomos e guerreiros dançavam e gritavam de alegria. Em quanto tempo, ele se perguntou, esses gritos poderiam ser de dor ou de tristeza?

Capítulo 13

Reparação dos danos

— DELICADAMENTE! — Fret sussurrou áspero, observando as mãos de Drizzt enquanto o drow raspava e removia a pomada seca ao redor do pescoço da estatueta da pantera. — Oh, tenha cuidado!

Claro que Drizzt estava sendo cuidadoso! Mais cuidadoso que o drow jamais havia sido em qualquer tarefa. Por mais importante que a estatueta parecesse ser para Fret, era cem vezes mais importante para Drizzt, que valorizava e amava sua companheira pantera. Nunca o drow assumiu uma tarefa tão crítica, não com sua inteligência ou suas armas. Agora ele usava a ferramenta delicada que Fret lhe dera, uma haste de prata delgada com uma extremidade achatada e com um pequeno gancho.

Outro pedaço de pomada caiu — pouco mais de um centímetro ao longo da lateral do pescoço da pantera estava livre daquilo. E sem qualquer rachadura, Drizzt observou esperançoso. A pomada unira a estatueta de ônix com tanta perfeição que nenhuma linha podia ser vista onde havia sido quebrada.

Drizzt sublimou sua empolgação, entendendo que isso inevitavelmente o levaria a se apressar em seu trabalho. Ele tinha que remover a pomada com calma. A circunferência do pescoço da estatueta não tinha mais do que alguns centímetros, mas Drizzt esperava, e Fret concordou com a estimativa, que ele passaria a manhã inteira em seu trabalho.

O drow ranger se afastou da estatueta para que Fret pudesse ver a área limpa. O anão engomadinho assentiu para Drizzt depois de vê-la, até sorriu esperançoso. Fret confiava na magia de Lady Alustriel e em sua capacidade de consertar uma tragédia.

Com um tapinha no ombro de Drizzt, o anão se afastou e Drizzt voltou ao trabalho, lenta e delicadamente, uma pequena parte de cada vez.

Ao meio-dia, o pescoço estava livre da pomada. Drizzt virou a

estatueta em suas mãos, estudando a área onde a peça havia quebrado, não vendo nenhuma indicação, nem uma rachadura nem qualquer resíduo da pomada, de que a estatueta havia sido danificada. Ele apertou o item pela cabeça e, depois de uma respiração profunda e firme, ousou segurá-lo no alto, com toda a pressão de seu peso centrada na área do corte.

Ela se manteve firme. Drizzt apertou a mão, desafiando-a a se separar, mas ela não se separou.

— A ligação será tão forte quanto em qualquer outra área do item — assegurou Fret ao drow. — Acredite, a estatueta está inteira mais uma vez.

— Concordo — respondeu Drizzt —, mas e sua magia? — Fret não tinha resposta.

— O verdadeiro desafio será enviar Guenhwyvar para casa no Plano Astral — continuou o drow.

— Ou chamar a pantera de volta — acrescentou Fret.

Essa ideia feriu Drizzt. O anão engomadinho estava certo, ele sabia. Ele poderia ser capaz de abrir um túnel para permitir que Guenhwyvar voltasse para casa, apenas para ter a pantera perdida para ele para sempre. Ainda assim, Drizzt não pensou em manter a gata ao lado dele. A condição de Guenhwyvar havia estabilizado — ao que parecia a pantera poderia de fato permanecer no Plano Material por tempo indefinido — mas a grande gata não estava de boa saúde ou bom humor. Enquanto ela não parecia mais em perigo de morrer, Guenhwyvar vagava em um estado de exaustão perpétua, com os músculos relaxados ao longo de seu flanco outrora torneado, os olhos muitas vezes fechados enquanto a pantera tentava encontrar o sono desesperadamente necessário.

— É melhor levar Guenhwyvar para casa — disse Drizzt determinado. — Sei que minha vida será menos feliz se eu não puder chamar Guenhwyvar de volta, mas será melhor do que a vida que Guenhwyvar está suportando no momento.

Eles foram juntos, com a estatueta na mão, para o quarto de Drizzt. Como de costume, Guenhwyvar estava deitada no tapete em frente à lareira, absorvendo o calor das brasas brilhantes. Drizzt não hesitou. Ele marchou bem diante da pantera — que levantou a cabeça devagar para observá-lo — e colocou a estatueta no chão diante dela.

— Lady Alustriel e o bom Fret aqui vieram em nosso auxílio, Guenhwyvar — anunciou Drizzt. Sua voz estremeceu um pouco enquanto ele tentava continuar, quando com a percepção de que esta poderia ser a última vez que ele via a pantera.

Guenhwyvar sentiu esse desconforto e, com grande esforço, conseguiu se sentar, colocando a cabeça alinhada com o rosto de Drizzt, que estava ajoelhado.

— Vá para casa, minha amiga — Drizzt sussurrou —, vá para casa.

A pantera hesitou, olhando atenta para o drow, como se tentasse discernir a fonte do óbvio desconforto de Drizzt. Guenhwyvar também teve a sensação — vinda de Drizzt e não da estatueta, que parecia inteira para a pantera mais uma vez — de que essa poderia ser uma despedida final de queridos amigos.

Mas a gata não tinha controle sobre isso. Em seu estado exausto, Guenhwyvar não poderia ignorar o chamado da magia mesmo se ela tentasse. Tremendo, a gata se levantou e caminhou ao redor da estatueta.

Drizzt ficou emocionado e assustado quando a forma de Guenhwyvar começou a derreter em névoa cinza, depois em nada.

Quando a gata se foi, Drizzt pegou a estatueta, aliviado por não sentir calor vindo dela, por aparentemente o que quer que tenha dado errado na última vez em que ele tentou enviar Guenhwyvar para casa não estava se repetindo. Ele percebeu de repente o quão tolo tinha sido, e olhou para Fret, com seus olhos violetas imensos de choque.

— O que foi? — perguntou o anão engomadinho.

— Eu não estou com a espada de Cattibrie! — Drizzt sussurrou, firme.

— Se o caminho não estiver livre para o Plano Astral...

— A magia voltou ao normal — respondeu Fret de imediato, dando um tapinha suave no ar — para a estatueta e para todo o mundo ao nosso redor. A magia está certa mais uma vez.

Drizzt segurou a estatueta perto de si. Ele não tinha ideia de onde Cattibrie poderia estar e sabia que ela estava com a espada. Tudo o que ele podia fazer, então, era sentar, esperar e ter esperança.



Bruenor estava sentado em seu trono, com Regis ao lado dele, e o halfling parecia muito mais animado do que o rei anão. Regis já tinha visto os convidados que logo seriam anunciados a Bruenor, e o curioso Regis estava sempre feliz em ver os extraordinários Harpells de Sela Longa. Quatro deles haviam chegado ao Salão de Mitral, quatro magos que poderiam desempenhar um papel importante na defesa do complexo anão — se não derrubassem o lugar por acidente.

Tais eram os riscos de lidar com os Harpells.

Os quatro tropeçaram na sala do trono, quase atropelando o pobre anão que havia entrado antes para anunciá-los. Lá estava Harkle, é claro, usando um curativo em volta do rosto, pois seus olhos já estavam no Salão de Mitral. Guiando-o estava o gordo Regweld, que tinha chegado ao salão exterior em uma montaria curiosa, cuja frente se assemelhava a um cavalo e a parte de trás tinha patas e uma extremidade traseira mais semelhante a de um sapo. Regweld tinha dado à coisa o apropriado nome de Pula-poça.

Bruenor e Regis não conheciam o terceiro Harpell, e o mago não disse seu nome. Ele apenas rosnou baixo e assentiu na direção deles.

— Eu sou Bella don DelRoy Harpell — anunciou a quarta, uma jovem baixa e muito bonita, exceto que seus olhos não olhavam na mesma direção. Ambos eram verdes, mas um brilhava com uma luz interior feroz, enquanto o outro estava apagado e acinzentado. Com Bella, no entanto, isso parecia apenas aprimorar sua aparência, para dar a seus traços delicados um ar um pouco exótico.

Bruenor reconheceu um dos nomes e entendeu que Bella provavelmente era a líder desse grupo.

— Filha de DelRoy, líder de Sela Longa? — perguntou o anão, ao que a mulher pequena mergulhou em uma reverência, tão baixa que sua cabeleira loira brilhante quase varreu o chão.

— Saudações de Sela Longa, Oitavo Rei do Salão de Mitral — disse Bella, educada. — Seu chamado não foi ignorado.

“Uma pena”, pensou Bruenor, mas ele permaneceu em silêncio educado.

— Comigo estão...

— Harkle e Regweld — interrompeu Regis, reconhecendo os dois muito bem de uma estadia anterior em Sela Longa. — Saudações! E é bom ver que seus experimentos em cruzar um cavalo e um sapo se tornaram realidade.

— Pula-poça!! — o normalmente desanimado Regweld respondeu com alegria.

Esse nome prometeu uma visão que Regis gostaria de ver!

— Eu sou a filha de DelRoy — disse Bella de forma firme, olhando direto para o halfling. — Por favor, não interrompa outra vez, ou terei que transformá-lo em algo que Pula-poça gostaria de comer.

O brilho em seu olho verde bom enquanto ela olhava para Regis, e o brilho semelhante nos olhos cinzentos do halfling, disseram a Regis que a ameaça era vazia. Ele prestou atenção de qualquer maneira, de repente ansioso para ter a estima de Bella. Ela não tinha um metro e meio de altura, percebeu o halfling, e era um pouquinho gorda, sem dúvidas curvilínea, um pouco parecida com uma versão um pouco maior do próprio Regis — exceto que não havia como confundir seus atributos femininos. Pelo menos, não para Regis.

— Meu terceiro companheiro é Bidderdoo — continuou Bella.

O nome soou curiosamente familiar para Bruenor e Regis, e ficou muitíssimo claro quando Bidderdoo respondeu à apresentação com um latido.

Bruenor gemeu; Regis bateu palmas e riu alto. Quando eles passaram por Sela Longa, a caminho de encontrar o Salão de Mitral, Bidderdoo, graças a uma escolha ruim de poções, havia se tornado o cão da família Harpell.

— A transformação ainda não está completa — Bella se desculpou, e ela deu a Bidderdoo um tapa rápido no ombro, lembrando-o de colocar sua língua de volta em sua boca.

Harkle limpou a garganta em voz alta e se inquietou.

— Claro — disse Bruenor de imediato, pegando a deixa. O anão deu um assvio agudo, e um de seus atendentes saiu de uma sala lateral, carregando os olhos desencarnados, um em cada mão. Para seu

crédito, o anão tentou mantê-los o mais firmes possível e apontou os dois na direção de Harkle.

— Ah, é tão bom me ver de novo! — exclamou o mago, e ele se virou. Seguindo o que podia ver, ele começou a andar até si, ou até seus olhos, ou até parede dos fundos, na verdade, e a porta pela qual ele e seus companheiros já haviam entrado. Ele gritou — Não, não! — e deu uma volta completa, tentando se orientar, o que não era uma coisa fácil enquanto se via do outro lado da sala.

Bruenor gemeu de novo.

— É tão confuso! — Harkle, ansioso, comentou enquanto Regweld o agarrava e tentava virá-lo para a direita.

— Ah, sim — disse o mago, e se virou para o lado errado mais uma vez, indo em direção à porta.

— O outro lado! — gritou o frustrado Regweld.

Bruenor agarrou o criado anão e pegou os olhos, virando-os para olhar direto para seu próprio rosto carrancudo.

Harkle gritou.

— Ei! — rugiu Bruenor. — Vire-se.

Harkle se acalmou e fez o que foi instruído, fazendo seu corpo voltar-se para Bruenor mais uma vez.

Bruenor olhou para Regis, riu e jogou um dos olhos na direção de Harkle, depois o seguiu uma fração de segundo depois com o outro, virando o pulso para que ele girasse enquanto voava pelo ar.

Harkle gritou novamente e desmaiou.

Regweld pegou um dos olhos; Bidderdoo foi até o outro com a boca. Felizmente, Bella o interceptou. Ela errou, porém, e o olho bateu em seu braço, caiu no chão e rolou.

— Isso foi muito impertinente, Rei Anão! — a filha de DelRoy repreendeu. — Isso foi... — Ela não conseguiu manter a fachada e logo riu, assim como seus companheiros, embora as risadas de Bidderdoo soassem mais como um rosnado. Regis se juntou a ele, e Bruenor também, mas apenas por um segundo. O rei anão não podia

esquecer o fato de que esses magos desajeitados poderiam ser sua única defesa mágica contra um exército de elfos negros.

Não era um pensamento agradável.



Drizzt estava fora do Salão de Mitral durante o amanhecer seguinte. Ele tinha visto uma fogueira ao lado da montanha na noite anterior e sabia que era de Cattibrie. Ele ainda não tinha tentado chamar Guenhwyvar e resistia ao impulso agora, lembrando-se de enfrentar um problema de cada vez.

O problema agora era Cattibrie, ou, mais especificamente, sua espada.

Ele encontrou a jovem enquanto contornava uma curva no caminho, cruzando a sombra entre duas grandes pedras. Ela estava quase direto abaixo dele, em uma pequena clareira plana com vista para o amplo terreno ondulado a leste do Salão de Mitral. Com o sol nascente quebrando o horizonte bem diante dela, Drizzt podia distinguir apenas sua silhueta. Seus movimentos eram graciosos enquanto ela caminhava por uma dança de treino com sua espada, balançando-a em ondas lentas e longas adiante e acima dela. Drizzt descansou e observou com aprovação a graça e a perfeição da dança da mulher. Ele ensinara isso a ela e, como sempre, Cattibrie aprendera bem. Ela poderia ter sido sua própria sombra, Drizzt percebeu, tão perfeita e síncrona era em seus movimentos.

Ele a deixou continuar, tanto pela importância dessa prática quanto porque gostava de observá-la.

Por fim, depois de quase vinte minutos, Cattibrie respirou fundo e estendeu os braços acima de sua cabeça, deleitando-se com o sol nascente.

— Muito bem — Drizzt parabenizou, caminhando até ela.

Cattibrie quase pulou com o som, e ela se virou, um pouco envergonhada e irritada, ao ver o drow.

— Você deveria avisar uma garota — disse ela.

— Eu me deparei com você por acidente — mentiu Drizzt —, mas, por um bom acaso, parece.

— Eu vi os Harpells entrarem no Salão de Mitral ontem — respondeu Cattibrie. — Você já falou com eles?

Drizzt balançou a cabeça.

— Eles não são importantes agora — explicou ele. — Tenho que falar com você.

Parecia sério. Cattibrie se moveu para deslizar sua espada em sua bainha, mas Drizzt ergueu a mão, pedindo que ela parasse.

— Eu vim pela espada — explicou ele.

— Khazid’hea? — Cattibrie perguntou, surpresa.

— O quê? — perguntou o drow ainda mais surpreso.

— Esse é o nome — explicou Cattibrie, segurando a lâmina fina diante dela, sua borda afiada brilhando vermelha mais uma vez. — Khazid’hea.

Drizzt conhecia a palavra, uma palavra drow! Significava “cortar”, “cortadora” ou “mutiladora”, e parecia um nome apropriado para uma lâmina que poderia cortar pedra sólida. Mas como Cattibrie poderia saber disso? o drow se perguntou, e seu rosto fez a pergunta tão claramente quanto as palavras podiam.

— A espada me disse! — respondeu Cattibrie.

Drizzt assentiu e se acalmou. Ele não deveria ter ficado tão surpreso — ele sabia que a espada era senciente, afinal.

— Khazid’hea — concordou o drow. Ele tirou Fulgor de sua bainha, virou-a em sua mão e apresentou-a, com o punho à frente, a Cattibrie.

Ela olhou para a oferta com um olhar vazio, sem entender.

— Uma troca justa — explicou Drizzt —, Fulgor por Khazid’hea.

— Você prefere a cimitarra — disse Cattibrie.

— Vou aprender a usar uma cimitarra e uma espada em harmonia — respondeu Drizzt. — Aceite a troca. Khazid’hea implorou que eu fosse

seu portador, e eu vou obedecer. É certo que a lâmina e eu estejamos unidos.

O olhar de Cattibrie passou de surpresa para incredulidade. Ela não podia acreditar que Drizzt exigiria isso dela! Ela passou dias — semanas! — sozinha nas montanhas, praticando com a espada, conectando-se com sua inteligência antinatural, tentando estabelecer um vínculo.

— Você se esqueceu do nosso encontro? — Drizzt perguntou, um pouco cruel. Cattibrie corou em um vermelho profundo. Na verdade, ela não havia esquecido, e nunca esqueceria, e que tola ela se sentia quando percebeu como ela, ou pelo menos como sua espada, usando seu corpo, se jogara em Drizzt.

— Dê-me a espada — disse Drizzt firme, acenando com o punho de Fulgor diante da jovem atordoada. — É certo que estejamos unidos. — Cattibrie agarrou Khazid'hea defensivamente. Ela fechou os olhos então, e pareceu balançar, e Drizzt teve a impressão de que ela estava comungando com a lâmina, ouvindo seus sentimentos.

Quando ela abriu os olhos mais uma vez, a mão livre de Drizzt se moveu para a espada, e para surpresa e satisfação do drow, a ponta da espada apareceu de repente, cortando sua mão e forçando-o a voltar.

— A espada não te quer! — Cattibrie quase rosnou.

— Você me atacaria? — Drizzt perguntou, e sua pergunta acalmou a jovem.

— Apenas uma reação — ela gaguejou, tentando se desculpar.

Apenas uma reação, Drizzt ecoou em silêncio, mas era a exata reação que ele esperava ver. A espada estava disposta a defender seu direito de empunhá-la; a espada o havia rejeitado à luz de sua legítima proprietária. Em um piscar de olhos, Drizzt virou Fulgor e a recolocou em seu cinto. Seu sorriso levou Cattibrie à verdade do encontro.

— Um teste — disse ela. — Você acabou de me testar!

— Era preciso.

— Você nunca quis pegar Khazid'hea — a mulher continuou, seu volume subindo com sua ira. — Mesmo se eu tivesse aceitado sua oferta...

— Eu teria pegado a espada — respondeu Drizzt, sincero. E eu a teria colocado em exposição em um lugar seguro no Salão de Dumathoin.

— E você teria pego de volta Fulgor — Cattibrie bufou. — Seu drow mentiroso!

Drizzt considerou as palavras, depois deu de ombros e assentiu concordando com o raciocínio.

Cattibrie fez um beicinho impertinente e jogou a cabeça, o que a fez sua cabeleira arruivada voar por cima do ombro.

— A espada apenas sabe agora que eu sou a melhor guerreira — disse ela, soando sincera.

Drizzt riu em voz alta.

— Saque suas lâminas, então! — bufou Cattibrie, movendo-se de volta para uma postura pronta. — Deixe-me mostrar o que eu e minha espada podemos fazer!

O sorriso de Drizzt era largo quando suas cimitarras chegaram em suas mãos. Estes seriam os últimos e mais cruciais testes, ele sabia, para ver se Cattibrie havia de fato assumido o controle da espada.

O metal soou no ar puro da manhã, os dois amigos se aproximando para se posicionar, sua respiração soprando nuvens no ar frio. Logo depois que a luta começou, a guarda de Drizzt escorregou, apresentando a Cattibrie espaço para um golpe perfeito.

Logo veio Khazid'hea, mas parou bem perto, e a jovem pulou para trás.

— Você fez isso de propósito! — ela acusou, e estava certa, e ao não ir para um golpe cruel, ela e sua espada passaram no segundo teste.

Só faltava um teste.

Drizzt não disse nada enquanto voltava para seu agachamento. Ele não estava usando as braçadeiras, Cattibrie notou, então era provável que não estaria desequilibrado. Ela veio de qualquer maneira, alegre e feroz, e deu bastante trabalho na luta quando o sol se afastou do horizonte e começou sua lenta subida pelo céu.

Ela não conseguia se igualar ao drow, e na verdade, não via Drizzt

lutar com tanto vigor há muito tempo. Quando a luta terminou, Cattibrie estava sentada no chão, com uma cimitarra descansando acomodada sobre cada um de seus ombros e sua própria espada deitada no chão a vários metros de distância.

Drizzt temia que a espada senciente ficasse indignada que sua portadora tivesse sido derrotada de forma tão clara. Ele se afastou de Cattibrie e foi até Khazid'hea primeiro, curvando-se para pegá-la. O drow fez uma pausa, porém, com sua mão a apenas um centímetro do punho.

Seu punho não tinha mais a forma de um unicórnio, nem mesmo o rosto diabólico que havia assumido quando estava nas mãos de Dantrag Baenre. Aquele punho parecia um corpo felino elegante agora, algo como Guenhwyvar correndo para fora, as pernas estendidas para frente e para trás. Mais importante para Drizzt, porém, havia uma runa inscrita ao lado daquele felino, as montanhas gêmeas, símbolo de Dumathoin, o deus anão, o deus de Cattibrie, o Guardião dos Segredos Sob a Montanha.

Drizzt pegou Khazid'hea e não sentiu nenhuma inimizade ou qualquer desejo que a espada lhe mostrara antes. Cattibrie estava ao lado dele, então, sorrindo em relação à aprovação óbvia de sua escolha de punho.

Drizzt entregou Khazid'hea de volta à sua legítima dona.

Capítulo 14

A Ira de Lolth

BAENRE SE SENTIU FORTE OUTRA VEZ. Lolth estava de volta, e Lolth estava com ela, e K'yorl Odran, aquela miserável K'yorl, havia errado muito. Antes, a Rainha Aranha manteve a Casa Oblodra sob seu favor, embora as chamadas “sacerdotisas” da Casa não fossem tão devotas e às vezes expressassem seu desdém por Lolth sem discrição nenhuma. Esses poderes estranhos dos Oblodra, essa força psiônica, intrigavam Lolth tanto quanto assustavam as outras Casas em Menzoberranzan. Nenhuma dessas Casas queria uma guerra contra K'yorl e seu clã, e Lolth não exigiu uma. Se Menzoberranzan fosse atacada de fora, em particular pelos illithids, cujo covil não estava tão longe, K'yorl e os Oblodra seriam de grande ajuda.

Mas não mais. K'yorl havia cruzado uma linha muito perigosa. Ela havia assassinado uma matriarca-mãe e, embora isso não fosse incomum, ela pretendia usurpar o poder das sacerdotisas de Lolth, e não em nome da Rainha Aranha.

Matriarca Baenre sabia de tudo isso, sentia a vontade e a força de Lolth dentro dela.

— O Tempo das Perturbações passou — ela anunciou à família, a todos reunidos em sua casa, na capela quase consertada.

Mez'Barris Armgo também estava lá, em uma cadeira de honra no estrado central, a convite pessoal da Matriarca Baenre.

A Matriarca Baenre sentou-se ao lado da Matriarca-Mãe da Segunda Casa quando a multidão reunida explodiu em aplausos, e liderada por Triel, em canção para a Rainha Aranha.

“Passou?” Mez'Barris perguntou a Baenre, usando a língua de sinais, uma vez que não teria conseguido ser ouvida sob o rugido de dois mil soldados Baenre.

“O Tempo das Perturbações passou”, os dedos delicados de Baenre

responderam.

“Exceto pela Casa Oblodra”, Mez’Barris raciocinou, e, em resposta, Baenre apenas riu perversamente. Não era segredo em Menzoberranzan que a Casa Oblodra estava com sérios problemas. Não era segredo mesmo, porque os tanar’ri e outros demônios continuavam a circular o complexo Oblodra, arrancando kobolds das bordas ao longo do Fosso das Garras, até mesmo atacando com tudo que tinham qualquer Oblodra que se mostrasse.

“K’yorl será perdoada?” Mez’Barris perguntou, erguendo o polegar esquerdo no final do código para indicar uma pergunta.

Matriarca Baenre balançou a cabeça rápido uma vez, depois desviou o olhar para Triel, que estava liderando a reunião em orações crescentes para a Rainha Aranha.

Mez’Barris bateu uma unha longa e curva contra os dentes, nervosa, imaginando como Baenre poderia estar tão segura dessa decisão. Baenre planejava ir atrás da Casa Oblodra sozinha, ou ela pretendia chamar Barrison del’Armgo para outra aliança? Mez’Barris não duvidava que sua Casa e a Casa Baenre pudessem esmagar a Casa Oblodra, mas ela não estava exatamente empolgada com a perspectiva de se engalfinhar com K’yorl e esses poderes inexplorados.

Methil, invisível e de pé ao lado do estrado, leu os pensamentos da Matriarca-Mãe visitante com facilidade e, por sua vez, os transmitiu à Matriarca Baenre.

— É a vontade de Lolth — disse Matriarca Baenre, brusca, voltando-se para encarar Mez’Barris. — K’yorl censurou a Rainha Aranha e, assim, ela será punida.

— Pela Academia, como é costume? — Mez’Barris perguntou e esperou.

Um brilho ardente irrompeu por trás dos olhos vermelhos brilhantes da Matriarca Baenre.

— Por mim — ela respondeu sem rodeios e se virou de novo, indicando que Mez’Barris não obteria mais informações.

Mez’Barris era inteligente o suficiente para não insistir. Ela recostou-se na cadeira, tentando lidar com essa informação surpreendente e perturbadora. Matriarca Baenre não havia declarado que uma aliança

de Casas atacaria Oblodra; ela havia declarado uma guerra pessoal. Ela realmente acreditava que poderia derrotar K'yorl? Ou aqueles demônios, mesmo o grande tanar'ri, estavam mais sob seu controle do que Mez'Barris tinha sido levada a acreditar? Essa noção assustava bastante a matriarca-mãe de Barrison del'Armgo, pois, se fosse verdade, que outras “punições” poderia a matriarca Baenre irada e ambiciosa distribuir?

Mez'Barris deu um suspiro fundo e deixou os pensamentos passarem. Havia pouco que ela pudesse fazer agora, sentada na capela da Casa Baenre, cercada por dois mil soldados da casa. Ela tinha que confiar em Baenre, ela sabia.

Não, ela se corrigiu silenciosamente, não confiança, nunca. Mez'Barris tinha que esperar que a Matriarca Baenre acreditasse que ela era mais valiosa viva do que morta para a causa — seja lá qual fosse.



Sentada no topo de um disco azul brilhante, a própria Matriarca Baenre liderou a procissão da Casa Baenre, descendo de Qu'ellarz'orl e atravessando a cidade, com seu exército cantando os louvores a Lolth a cada passo. Os cavaleiros de lagarto Baenre, com Berg'inyon no comando, flanqueavam o corpo principal, varrendo os outros complexos da Casa para garantir que nenhuma surpresa bloqueasse a trilha.

Era uma precaução necessária sempre que a primeira matriarca-mãe saía, mas a Matriarca Baenre não temia nenhuma emboscada, não agora. Com exceção de Mez'Barris Armgo, mais ninguém havia sido informado da marcha Baenre, e certamente as Casas menores, sozinhas ou em uníssono, não ousariam atacar a Primeira Casa a menos que o ataque tivesse sido coordenado com perfeição.

Do extremo oposto da grande caverna vinha outra procissão, também liderada por um Baenre. Triel, Gromph e as outras senhoras e mestres da Academia Drow vinham de suas estruturas, liderando seus alunos, cada um deles. Em situações normais, era essa mesma força, a poderosa Academia, que punia uma Casa individual por crimes contra Menzoberranzan, mas desta vez Triel havia informado suas tropas de que eles viriam apenas para assistir, para ver a glória de Lolth

revelada.

No momento em que os dois grupos se juntaram à reunião, já no lugar no Fosso das Garras, seus números aumentaram cinco vezes. Nobres e soldados de todas as Casas da cidade acabaram indo assistir ao espetáculo assim que entenderam que a Casa Baenre e a Casa Oblodra terminariam essa luta de uma vez por todas.

Quando chegaram diante dos portões da frente da Casa Oblodra, os soldados Baenre formaram um semicírculo defensivo atrás de Matriarca Baenre, protegendo-a, não de K'yorl e da família Odran, mas do resto do grupo reunido. Houve muitos sussurros, mãos drow sinalizavam frenéticas em conversas acaloradas, e os demônios, entendendo que alguma calamidade estava prestes a vir, entraram em frenesi, atravessando o complexo Oblodra, até mesmo usando sua recém-recuperada magia em um raio azul e branco ocasional ou uma bola de fogo.

Matriarca Baenre deixou a exibição continuar por vários minutos, percebendo o terror que causava dentro do complexo condenado. Ela queria saborear este momento acima de todos os outros, queria aproveitar o cheiro de terror que emanava do complexo daquela família muitíssimo odiada.

Então era hora de começar — ou terminar, na verdade. Baenre sabia o que deveria fazer. Ela tinha visto isso em uma visão durante a cerimônia anterior à guerra, e apesar das dúvidas de Mez'Barris quando ela compartilhou dessa visão, Baenre tinha fé na Rainha Aranha, tinha fé de que era a vontade de Lolth que a Casa Oblodra fosse devorada.

Ela estendeu a mão sob suas vestes e puxou um pedaço de enxofre, o mesmo pedaço amarelo que o avatar lhe dera para permitir que os sacerdotes abrissem o portal para o Abismo na pequena sala na parte de trás do Qu'ellarz'orl. Baenre levantou uma das mãos e flutuou. Houve uma grande explosão crepitante, um estrondo de trovão.

Tudo ficou em silêncio de repente, com todos os olhos voltados para o espectro da Matriarca Baenre, pairando a seis metros do chão da caverna.

Berg'inyon, responsável pela segurança de sua mãe, olhou para Sos'Unptu com uma expressão azeda. Ele achava que a mãe dele estava terrivelmente vulnerável lá em cima.

Sos'Unptu riu dele. Ele não era uma sacerdotisa; ele não conseguia entender que a Matriarca Baenre estava mais protegida naquele momento do que em qualquer outro momento de sua longa vida.

— K'yorl Odran! — gritou Baenre, e sua voz parecia ampliada, como a voz de um gigante.



Trancada em uma sala no nível mais alto do monte de estalagmite mais alto dentro do complexo de Oblodra, K'yorl Odran ouviu o chamado de Baenre, ouviu alto e claro. Suas mãos agarraram com firmeza os braços de mármore esculpidos de seu trono. Ela fechou os olhos com força, enquanto se ordenava a se concentrar.

Agora, mais do que em qualquer outro momento, K'yorl precisava de seus poderes, e agora, pela primeira vez, ela não conseguia acessá-los! Algo estava terrivelmente errado, ela sabia, e embora acreditasse que Lolth deveria de alguma forma estar por trás disso, ela sentiu, como muitas das sacerdotisas da Rainha Aranha haviam percebido quando o Tempo das Perturbações começou, que esse problema estava além de Lolth.

Os problemas começaram logo depois que K'yorl foi perseguida de volta para sua casa pelos tanar'ri soltos. Ela e suas filhas se reuniram para formular um plano de ataque para expulsar os demônios. Como sempre com as reuniões eficientes dos Oblodra, o grupo compartilhava seus pensamentos por telepatia, o equivalente a manter várias conversas compreensíveis ao mesmo tempo.

O plano de defesa estava se formando bem, K'yorl estava confiante de que os tanar'ri seriam enviados de volta ao seu próprio plano de existência, e quando isso acontecesse, ela e sua família poderiam ir e punir a Matriarca Baenre e os outros de forma adequada. Então algo terrível aconteceu. Um dos tanar'ri havia lançado uma explosão de relâmpagos, um raio abrasador e ofuscante que criou uma rachadura ao longo da parede externa do complexo Oblodra. Isso por si só não era tão ruim; o complexo, como todas as Casas de Menzoberranzan, poderia sofrer uma tremenda quantidade de dano, mas o que a explosão, o que o retorno dos poderes mágicos, significava, era desastroso para os Oblodra.

Naquele mesmo momento, a conversa telepática havia terminado de forma abrupta, e por mais que tentassem, os nobres da Casa condenada não poderiam começar de novo.

K'yorl era mais inteligente que qualquer drow em Menzoberranzan. Seus poderes de concentração eram incomparáveis. Ela sentiu a força psiônica dentro de sua mente, os poderes que permitiam que atravessasse paredes ou arrancar o coração ainda batendo do peito de um inimigo. Eles estavam lá, no fundo de sua mente, mas ela não podia acessá-los. Ela continuou a culpar a si mesma, a sua falta de concentração diante do desastre. Ela até se deu um soco na lateral da cabeça, como se aquele choque físico derrubasse alguma manifestação mágica.

Seus esforços foram inúteis. Quando o Tempo das Perturbações chegou ao fim, como a tapeçaria da magia nos Reinos havia sido retecida, muitos efeitos colaterais ocorreram. Em todos os Reinos, zonas mágicas mortas apareceram, áreas onde nenhum feitiço funcionaria, ou, pior ainda, onde nenhum feitiço funcionaria como pretendido. Outro desses efeitos colaterais envolvia os poderes psiônicos, os poderes mágicos da mente. A força ainda estava lá, como K'yorl sentia, mas trazer essa força exigia uma rota mental diferente da exigida antes.

Os illithids, como Methil havia informado à Matriarca Baenre, já haviam percebido essa rota, e seus poderes estavam funcionando quase tão plenos quanto antes. Mas eles eram uma raça inteira de psionicistas, e uma raça dotada de inteligência comunitária. Os illithids já haviam feito os ajustes necessários para acessar seus poderes psiônicos, mas K'yorl Odran e sua outrora poderosa família não.

Então, a matriarca da Terceira Casa sentou-se na escuridão, com os olhos apertados bem fechados, concentrados. Ela ouvira o chamado de Baenre, sabia que se ela não fosse até Baenre, Baenre logo viria até ela.

Com o tempo, K'yorl teria resolvido o quebra-cabeça mental. Dado um mês, talvez, ela teria começado a retomar seus poderes.

K'yorl não tinha um mês; K'yorl não tinha sequer uma hora.



Matriarca Baenre sentiu a magia pulsante dentro do pedaço de enxofre, um calor interno, aumentando em intensidade bastante rápido. Ela ficou espantada quando sua mão se mexeu, enquanto o enxofre implorava que ela mudasse o ângulo.

Baenre assentiu. Ela entendeu então que alguma força além do Plano Material, alguma criatura do Abismo, e até mesmo a própria Lolth, estava guiando o movimento. Sua mão então subiu, alinhando o pedaço pulsante de enxofre na direção do nível superior da torre mais alta do complexo Oblodra.

— Quem é você? — ela perguntou.

“Eu sou Errtu”, veio uma resposta em sua mente. Baenre conhecia o nome, sabia que a criatura era um balor, o mais terrível e poderoso de todos os tanar’ri. Lolth a havia armado bem!

Ela sentiu a malícia pura da criatura conectada se acumulando dentro do enxofre, sentiu a energia crescer a ponto de ela pensar que o pedaço iria explodir, provavelmente trazendo Errtu para seu lado.

Isso não poderia acontecer, é claro, embora ela não soubesse disso. Era o poder do próprio artefato que ela sentia, aquele pedaço aparentemente inócuo de enxofre, imbuído da magia de Lolth, empunhado pela mais alta sacerdotisa da Rainha Aranha em toda a Menzoberranzan.

Por puro instinto, Baenre abriu a mão, e o enxofre lançou uma linha de luz amarela brilhante e crepitante. Ele atingiu o muro no alto da torre Oblodra, o muro entre K’yorl e Baenre. Linhas de luz e energia cercavam o monte de estalagmite, crepitando, quebrando a pedra, roubando a integridade do lugar. O enxofre ficou quieto outra vez, seu raio de energia aparentemente viva liberado, mas Baenre não abaixou a mão e não tirou seu olhar espantado da parede da torre.

Nem os dez mil elfos negros que estavam atrás dela. Nem K’yorl Odran, que de repente podia ver as linhas amarelas de destruição enquanto elas abriam seu caminho através da pedra.

Todos na cidade arfaram em uníssono quando o topo da torre explodiu em pó e foi soprado para longe.

Lá estava K’yorl, ainda no topo de seu trono de mármore preto, de

repente ao ar livre, olhando para a tremenda reunião.

Muitos tanar'ri alados rondavam a matriarca-mãe vulnerável, mas não se aproximaram muito, tendo o bom senso de temer a ira de Errtu caso roubassem um momento de sua diversão.

K'yorl, sempre orgulhosa e forte, levantou-se de seu trono e caminhou até a borda da torre. Ela examinou a multidão, e muitos drow, até mesmo matriarcas-mães, respeitavam tanto seus poderes estranhos, que se afastaram quando sentiram seu olhar perspicaz sobre eles, como se ela, do alto, estivesse decidindo quem ela puniria por esse ataque.

Enfim, o olhar de K'yorl se fixou na Matriarca Baenre, que não se encolheu e não se afastou.

— Como ousam? — K'yorl rugiu para baixo, mas sua voz parecia pequena.

— Como você ousa? — Matriarca Baenre gritou de volta, fazendo o poder de sua voz ecoar pelas paredes da caverna. — Você abandonou a Rainha Aranha.

— Para o Abismo com Lolth, é o que ela merece! — respondeu a teimosa K'yorl, foram as últimas palavras que ela falou.

Baenre forçou a mão para mais alto e sentiu a próxima manifestação de poder, a abertura de um portal interplanar. Nenhuma luz amarela apareceu, nenhuma força visível, mas K'yorl a sentiu intensamente.

Ela tentou gritar em protesto, mas não conseguiu dizer nada além de um gemido e um gorgolejo enquanto suas feições de repente se torciam, alongadas. Ela tentou resistir, forçou seus calcanhares contra o chão e se concentrou mais uma vez em trazer seus poderes.

K'yorl sentiu sua pele sendo puxada para fora de seus ossos, sentiu toda a sua forma sendo esticada de modo disforme, alongada, enquanto o enxofre a puxava com força inegável. Obstinada, ela aguentou a incrível agonia, a terrível percepção de sua desgraça.

la abrir a boca, querendo proferir mais uma maldição condenatória, mas tudo o que saiu foi sua língua, puxada até seu comprimento e além.

K'yorl sentiu todo o seu corpo se esticando além da torre, alcançando

o enxofre e o portal. Ela já deveria estar morta.

Matriarca Baenre manteve sua mão firme, mas não pôde deixar de fechar os olhos, pois a forma estranha e alongada de K'yorl voou de repente do topo da torre quebrada, indo pelo ar direto até ela.

Vários drow, incluindo Berg'inyon, gritaram, outros ofegaram outra vez, e ainda outros clamavam a glória de Lolth, enquanto K'yorl, se esticava e se estreitava para que ela se parecesse com uma lança viva, até entrar no enxofre, o portal que a levaria ao Abismo, até Errtu, o carrasco nomeado por Lolth.

Atrás de K'yorl vieram os demônios, com uma tremenda fanfarra, rugindo e soltando raios contra o complexo Oblodra, acendendo bolas de fogo explosivo e outras exibições ofuscantes de seu poder. Compelidos por Errtu, eles se esticaram e afinaram e voaram para o enxofre, e Matriarca Baenre se manteve firme contra seu terror, transformando-o em uma sensação de puro poder.

Em alguns momentos, todos os demônios, até mesmo o maior tanar'ri, desapareceram. Matriarca Baenre sentiu sua presença ainda, transformada de alguma forma dentro do enxofre.

De repente, tudo ficou quieto mais uma vez. Muitos elfos negros se entreolharam, se perguntando se a punição estava completa, se perguntando se a Casa Oblodra poderia sobreviver sob uma nova líder. Nobres de várias Casas diferentes emitiram sinais uns para os outros expressando a preocupação de que Baenre agora colocaria uma de suas próprias filhas no comando da Terceira Casa, selando ainda mais sua posição final dentro da cidade.

Mas Baenre não tinha isso em mente. Este era um castigo exigido por Lolth, um castigo completo, mais terrível que qualquer outra coisa que já havia sido exigida sobre uma casa em Menzoberranzan. Atendendo mais uma vez às instruções telepáticas de Errtu, a Matriarca Baenre lançou o pedaço latejante de enxofre no Fosso das Garras, e quando os gritos de comemoração surgiram ao seu redor, com os elfos negros pensando que a cerimônia estava completa, ela ergueu os braços e ordenou que todos testemunhassem a ira de Lolth.

Eles sentiram os primeiros sons dentro do Fosso das Garras sob seus pés. Alguns momentos ansiosos se passaram, quietos demais, silenciosos demais.

Uma das filhas de K'yorl apareceu na plataforma aberta no topo da

torre quebrada. Ela correu para o limite, chamando, suplicando, para Matriarca Baenre. Um momento depois, quando Baenre não deu resposta, ela olhou para o lado, para um dos abismos semelhantes a dedos do grande Fosso das Garras.

Seus olhos se arregalaram, e seu grito foi o mais aterrorizado que qualquer drow já tinha ouvido. Do ponto de vista mais alto oferecido por seu feitiço de levitação, a Matriarca Baenre seguiu o olhar e foi a próxima a reagir, estendendo os braços no alto e gritando para sua deusa em êxtase. Um momento depois, o grupo ali reunido entendeu.

Um enorme tentáculo preto serpenteou sobre a borda do Fosso das Garras, abrindo caminho atrás do complexo Oblodra. Como uma onda, os elfos negros caíram para trás, tropeçando uns sobre os outros, quando a monstruosidade de seis metros de espessura veio pela parte de trás, ao longo da lateral e da parede frontal, de volta ao abismo.

— Baenre! — implorou a desesperada e condenada Oblodra.

— Você negou Lolth — respondeu a primeira matriarca-mãe com calma. — Sinta a ira dela!

O chão sob a caverna tremeu ligeiramente quando o tentáculo, a mão furiosa de Lolth, apertou sua pegada no complexo dos Oblodra. A parede dobrou e desmoronou quando a coisa começou sua varredura firme.

A filha de K'yorl saltou da torre quando ela também começou a desmoronar. Ela passou pelo tentáculo, e ainda estava viva, embora quebrada, no chão, quando um grupo de elfos negros a alcançou. Uthegental Armgo estava entre esse grupo, e o poderoso mestre de armas afastou os outros, impedindo-os de acabar com a criatura lamentável. Ele ergueu a Odran em seus braços poderosos e, através de olhos turvos, a mulher maltratada o olhou, até conseguiu um leve sorriso, como se ela esperasse que ele tivesse surgido para salvá-la.

Uthegental riu dela, levantou-a acima da cabeça e correu para a frente, erguendo-a sobre o lado do tentáculo, de volta para os escombros que haviam sido sua casa.

Os aplausos, os gritos, eram ensurdecadores, assim como o estrondo quando o tentáculo varreu tudo o que havia sido a Casa Oblodra, todas as estruturas e todos os drow, para o abismo.

Capítulo 15

Ganância

O MERCENÁRIO BALANÇOU A CABEÇA CARECA, no ato mais desafiador que já havia feito contra a Matriarca Baenre. Neste momento, logo após a incrível demonstração de poder da primeira Matriarca-Mãe, e dado o fato de que ela estava obviamente sob o favor da Rainha Aranha, o questionamento de Jarlaxle sobre seus planos parecia ainda mais perigoso.

Triel Baenre zombou de Jarlaxle, e Berg'inyon fechou os olhos. Nenhum deles queria mesmo ver o homem útil espancado até a morte. A cruel Bladen'Kerst, no entanto, lambeu os lábios ansiosa e agarrou o chicote de tentáculo de cinco cabeças amarrado em seu quadril, esperando que sua mãe lhe permitisse o prazer.

— Temo que não seja a hora — disse Jarlaxle sem rodeios.

— Lolth me deu instruções diferentes — respondeu Baenre, e ela parecia bastante fria e calma, dado o desafio de um mero macho.

— Não podemos ter certeza de que nossa magia continuará a funcionar como esperamos — argumentou Jarlaxle.

Baenre assentiu, e os outros então perceberam, para sua absoluta surpresa, que sua mãe estava feliz que o mercenário estava assumindo um papel negativo. As perguntas de Jarlaxle eram pertinentes, e ele estava, de fato, ajudando Baenre a organizar os detalhes de sua nova aliança proposta e a marcha para o Salão de Mitral.

Triel Baenre olhou para sua mãe com desconfiança enquanto tomava ciência de tudo isso. Se Matriarca Baenre tivesse recebido suas instruções direto da Rainha Aranha, como ela havia declarado a todos, então por que ela iria querer, ou mesmo tolerar, desafios ou questionamentos? Por que Matriarca Baenre precisaria ter essas perguntas mais básicas sobre a sabedoria da marcha respondidas?

— A magia está segura — respondeu Baenre.

Jarlaxle admitiu o argumento. Tudo o que ele tinha ouvido, tanto dentro quanto fora da cidade drow, parecia apoiar essa afirmação.

— Você não terá problemas em formar uma aliança após o espetáculo da queda da Casa Oblodra. Matriarca Mez'Barris Armgo tem sido solidária o tempo todo, e nenhuma matriarca-mãe ousaria sequer sugerir que teme seguir sua liderança.

— O Fosso das Garras é grande o suficiente para conter os escombros de muitas casas — disse Baenre seca.

Jarlaxle riu.

— De fato — disse ele. — E, de fato, este é o momento para uma aliança, qualquer que seja o propósito para essa aliança ser formada.

— É hora de marchar para o Salão de Mitral — interrompeu Baenre, em um tom conclusivo — é hora de se reerguer do desespero e trazer glórias maiores para a Rainha Aranha.

— Nós sofremos muitas perdas — Jarlaxle ousou pressionar. — A Casa Oblodra e seus escravos kobold deveriam liderar o ataque, morrendo nas armadilhas dos anões preparadas para os drow.

— Os kobolds serão trazidos de seus buracos no Fosso das Garras — assegurou Baenre.

Jarlaxle não discordou, mas conhecia os túneis abaixo da borda do abismo melhor do que ninguém, agora que toda a Casa Oblodra estava morta. Baenre conseguiria alguns kobolds, várias centenas, talvez, mas a Casa Oblodra poderia ter fornecido muitos milhares.

— A hierarquia da cidade está em questão — continuou o mercenário. — A Terceira Casa não existe mais, e a quarta está sem sua Matriarca-Mãe. Sua própria família ainda não se recuperou da fuga do renegado e da perda de Dantrag e Vendes.

Baenre de repente sentou-se à frente em seu trono. Jarlaxle não recuou, mas muitos dos filhos Baenre o fizeram, temendo que sua mãe entendesse a verdade da última declaração do mercenário, e que Baenre simplesmente não tolerasse nenhuma briga entre seus filhos sobreviventes enquanto eles resolviam as responsabilidades e oportunidades deixadas em aberto pela perda de seu irmão e irmã.

Baenre parou tão rápido quanto começou, de pé diante do trono. Ela

deixou seu olhar perigoso permanecer sobre cada um de seus filhos reunidos e, em seguida, o concentrou sobre o mercenário impertinente.

— Venha comigo — ela ordenou.

Jarlaxle se afastou para deixá-la passar, e teve o bom senso de obedientemente seguir logo atrás dela. Triel se moveu para seguir, mas Baenre se virou, parando a filha.

— Apenas ele — ela rosnou.

Uma coluna preta ocupava o centro da sala do trono, e uma rachadura apareceu ao longo de seu lado aparentemente perfeito e imaculado quando Baenre e o mercenário se aproximaram. A rachadura se alargou quando a porta secreta se abriu, permitindo que os dois entrassem na câmara cilíndrica.

Jarlaxle esperava que Baenre gritasse com ele, ou falasse com ele, até mesmo o ameaçasse, uma vez que a porta se fechasse novamente, separando-os de sua família. Mas a matriarca-mãe não disse nada, apenas caminhou sem pressa até um buraco no chão. Ela entrou no buraco, mas não caiu, em vez disso, flutuou até o próximo nível inferior, o terceiro nível do grande monte Baenre, em correntes de energia mágica. Jarlaxle seguiu assim que o caminho ficou livre, mas ainda assim, quando ele chegou ao terceiro nível, ele teve que se apressar para acompanhar a matriarca-mãe, deslizando pelo chão repetidas vezes, até que ela chegou às masmorras sob o grande monte.

Ainda assim, ela não ofereceu explicação, e Jarlaxle começou a se perguntar se ele deveria ser preso ali. Muitos drow, mesmo nobres drow, encontraram esse destino sombrio. Havia rumores de que vários haviam sido mantidos como prisioneiros Baenre por mais de um século, torturados infinitas vezes, depois curados pelas sacerdotisas, para que pudessem ser torturados de novo.

Um sacudir da mão de Baenre fez os dois guardas parados ao lado da porta de uma cela correrem em busca de cobertura.

Jarlaxle ficou tão aliviado quanto curioso quando entrou na cela atrás de Baenre para encontrar um curioso anão de peito largo acorrentado à parede oposta. O mercenário olhou para Baenre e só então percebeu que ela não estava usando um de seus colares habituais, o feito de dente de anão.

— Uma captura recente? — Jarlaxle perguntou, embora suspeitasse de algo diferente.

— Dois mil anos — respondeu Baenre. — Eu apresento a você Gandalug Martelo de Batalha, patrono do Clã Martelo de Batalha, fundador do Salão de Mitral.

Jarlaxle recuou um passo. Ele tinha ouvido os rumores, é claro, de que o pingente de dente de Baenre continha a alma de um antigo rei anão, mas nunca suspeitou de tal conexão. Ele percebeu então, de repente, que toda essa incursão ao Salão de Mitral não era sobre Drizzt Do'Urden, que o renegado era apenas uma conexão, uma desculpa, para algo que Baenre desejava há muito tempo.

Jarlaxle olhou para Baenre de repente, curioso.

— Dois mil anos? — ele ecoou em voz alta, enquanto se perguntava em silêncio quantos anos essa drow decrépita tinha de fato.

— Eu guardei sua alma através dos séculos — continuou Baenre, olhando direto para o velho anão. — Durante o tempo em que Lolth não pôde ouvir nosso chamado, o item foi destruído e Gandalug saiu, vivo outra vez. — Ela chegou mais perto, aproximando seu rosto preso em um rosnado do nariz longo e pontudo do anão nu e maltratado, e colocou uma mão em seu ombro redondo e sólido. — Vivo, mas não mais livre do que antes.

Gandalug pigarreou como se quisesse cuspir em Baenre. Ele parou, no entanto, quando percebeu que uma aranha havia rastejado para fora do anel na mão dela até o ombro dele, e agora estava seguindo seu caminho ao longo de seu pescoço.

Gandalug entendeu que Baenre não o mataria, que ela precisava dele para sua proposta de conquista. Ele não temia a morte, mas teria preferido a este tormento e pesou contra a percepção de que ele poderia ajudar involuntariamente na queda de seu próprio povo. O horrível devorador de mentes de Baenre já havia vasculhado os pensamentos de Gandalug mais de uma vez, conseguindo informações que nenhuma surra poderia ter extraído do velho anão teimoso.

Racionalmente, Gandalug não tinha nada a temer, mas isso pouco o confortava agora. Gandalug odiava aranhas acima de tudo, odiava e temia. Assim que sentiu a coisa peluda e rastejante em seu pescoço, ele congelou, com os olhos sem piscar, o suor escorrendo em sua testa.

Baenre se afastou, deixando sua aranha de estimação no pescoço do anão. Ela se virou para Jarlaxle novamente, com um olhar supremo em seu rosto, como se a presença de Gandalug fizesse toda a diferença no mundo para o mercenário duvidoso.

Não fazia. Jarlaxle nunca duvidou que Menzoberranzan pudesse derrotar o Salão de Mitral, nunca duvidou que a conquista seria bem-sucedida. Mas e as consequências dessa conquista? A cidade drow estava em tumulto. Logo haveria uma luta feroz, talvez até mesmo uma guerra aberta, para preencher a vaga deixada pela queda da Casa Oblodra e pela morte de Ghenni'tiroth Tlabbar. Vivendo há séculos à beira do desastre com seu bando secreto, o mercenário entendia os perigos de estender demais sua busca por poder, entendia que se alguém esticasse suas forças demais, elas poderiam acabar em colapso.

Mas Jarlaxle sabia, também, que ele não iria convencer Matriarca Baenre. Que assim seja, ele decidiu. Deixe Baenre marchar para o Salão de Mitral sem mais perguntas. Ele até a encorajaria. Se as coisas saíssem como ela planejou, então tudo seria melhor para ela.

Se não...

Jarlaxle não se preocupou em entreter essas possibilidades. Ele sabia onde Gromph estava, conhecia a frustração do mago e as frustrações de Bregan D'aerthe, um bando composto quase exclusivamente por machos. Deixe Baenre ir para o Salão de Mitral e, se ela falhasse, Jarlaxle seguiria o próprio conselho de Baenre e “se reergueria do desespero”.

De fato.

Capítulo 16

Corações abertos

DRIZZT A ENCONTROU NO MESMO PLATÔ voltado para o leste onde ela havia praticado todas aquelas semanas, o mesmo lugar onde ela finalmente havia ganhado o controle de sua espada de vontade forte. Sombras longas se lançavam das montanhas, e o sol estava baixo no céu atrás deles. As primeiras estrelas brilhavam forte, luzindo acima de Lua Argêntea, e Sundabar ao leste além.

Cattibrie estava sentada imóvel, com as pernas dobradas e os joelhos puxados firmes contra o peito. Se ouviu a aproximação do drow quase silencioso, ela não deu nenhuma indicação, apenas balançava suavemente para frente e para trás, olhando para a escuridão profunda.

— A noite está linda — disse Drizzt, e quando Cattibrie não pulou ao som de sua voz, ele percebeu que ela havia notado sua aproximação. — Mas o vento está frio.

— O inverno está chegando ao fim — Cattibrie respondeu suavemente, sem tirar o olhar do céu escurecido a leste.

Drizzt procurou uma resposta, queria continuar conversando. Ele se sentiu constrangido ali, o que era estranho, pois nunca nos anos que ele conhecia Cattibrie houvera tanta tensão entre eles. O drow se aproximou e se agachou ao lado de Cattibrie, mas não olhou para ela, pois ela não olhou para ele.

— Vou chamar Guenhwyvar esta noite — observou Drizzt. Cattibrie assentiu.

Seu silêncio contínuo pegou o drow desprevenido. Seu chamado da pantera, pela primeira vez desde que a estatueta foi reparada, não era uma coisa pequena. Será que a magia da estatueta funcionaria da forma correta, permitindo que Guenhwyvar voltasse para o seu lado? Fret havia garantido que sim, mas Drizzt não podia ter certeza, não podia descansar tranquilo, não até que a tarefa fosse concluída e a

pantera, a pantera curada, estivesse de volta ao lado dele.

Deveria ser importante para Cattibrie também. Ela deveria ter se importado tanto quanto Drizzt, porque ela e Guenhwyvar eram muito próximas. No entanto, ela não respondeu, e seu silêncio fez Drizzt, com a raiva brotando dentro dele, se virar para olhá-la mais de perto.

Ele viu lágrimas escorrendo de seus olhos azuis, lágrimas que lavaram a raiva de Drizzt, que lhe disseram que o que havia acontecido entre ele e Cattibrie parecia não ter sido tão enterrado tão fundo. A última vez que se encontraram, neste mesmo local, eles esconderam as perguntas que ambos queriam fazer por trás da energia de uma luta amigável. A concentração de Cattibrie tinha que estar completa naquela ocasião, e também nos dias anteriores, enquanto ela lutava para dominar sua espada, mas agora essa tarefa estava concluída. Agora, como Drizzt, ela teve tempo para pensar, e naquele tempo, Cattibrie se lembrou.

— Você sabe que foi a espada? — ela perguntou, quase implorando.

Drizzt sorriu, tentando confortá-la. É claro que foi a espada senciente que a inspirou a se jogar nele. Totalmente a espada, só a espada. Mas uma grande parte de Drizzt — e talvez até de Cattibrie, ele pensou ao olhar para ela — desejava de forma diferente. Havia uma tensão inegável entre eles há algum tempo, uma situação complicada, e ainda mais agora, após o incidente da possessão por Khazid'hea.

— Você fez bem em me afastar — disse Cattibrie, e ela bufou e limpou a garganta, escondendo uma fungada.

Drizzt parou por um longo momento, percebendo o peso potencial de sua resposta.

— Eu a afastei apenas porque vi o punho — disse ele, e isso chamou a atenção de Cattibrie do céu, fez com que ela encarasse o drow, fazendo seus profundos olhos azuis travarem em suas esferas violetas.

— Foi a espada — disse Drizzt com calma —, apenas a espada.

Cattibrie não piscou, mal respirou. Ela estava pensando em como esse drow era nobre. Tantos outros homens não teriam feito perguntas, teriam se aproveitado da situação. “E isso teria sido uma coisa tão ruim?” a jovem tinha que se perguntar agora. Seus sentimentos por Drizzt eram profundos e reais, um vínculo de amizade e amor. Teria sido uma coisa tão ruim se ele tivesse feito amor com ela naquele

quarto?

Sim, ela decidiu, para ambos, porque, embora fosse seu corpo que tivesse sido oferecido, era Khazid'hea que estava no controle. As coisas estavam estranhas o suficiente entre eles agora, mas se Drizzt tivesse cedido aos sentimentos que Cattibrie sabia que ele tinha por ela, se ele não tivesse sido tão nobre naquela situação estranha e tivesse cedido à tentação oferecida, provavelmente nenhum deles teria sido capaz de olhar o outro nos olhos depois.

Como eles estavam fazendo agora, em um planalto silencioso no alto das montanhas, com um frio e uma brisa fresca e as estrelas brilhando com intensidade cada vez maior acima deles.

— Você é um bom homem, Drizzt Do'Urden — disse a mulher agradecida com um sorriso sincero.

— Dificilmente um homem — respondeu Drizzt, rindo e feliz pelo alívio da tensão.

Apenas um alívio temporário, porém. A risada e o sorriso morreram quase de imediato, os deixando no mesmo lugar, o mesmo momento constrangedor, em algum lugar entre romance e medo.

Cattibrie olhou de volta para o céu, e Drizzt fez o mesmo.

— Você sabe que eu o amava — disse a jovem.

— Você ainda ama — respondeu Drizzt, e seu sorriso era genuíno quando Cattibrie se virou outra vez para ele.

Ela se afastou quase de uma vez, olhou para as estrelas brilhantes e pensou em Wulfgar.

— Você teria se casado com ele — continuou Drizzt.

Cattibrie não tinha tanta certeza disso. Apesar de todo o verdadeiro amor que ela teve por Wulfgar, o bárbaro carregava o peso de sua herança e uma sociedade que valorizava as mulheres não como parceiras, mas como servas. Wulfgar havia passado por cima de muitos dos vícios do pensamento estreito de seu povo, mas quando seu casamento com Cattibrie estava se aproximando, ele se tornou mais protetor dela, a ponto de ser insultante. Aquilo, acima de tudo, a orgulhosa e capaz Cattibrie não podia tolerar.

Suas dúvidas estavam claras em seu rosto, e Drizzt, que a conhecia melhor do que ninguém, as leu com facilidade.

— Você teria se casado com ele — repetiu ele, seu tom firme forçando Cattibrie a olhar para ele.

— Wulfgar não era tolo — continuou Drizzt.

— Não ponha toda a culpa em Entreri e na joia do halfling — advertiu Cattibrie. Após a ameaça do grupo de caça drow ser desfeita, após a morte de Wulfgar, Drizzt explicou a ela e a Bruenor, que talvez mais do que qualquer outra pessoa precisasse ouvir a justificativa, que Entreri, se passando por Regis, havia usado os poderes hipnóticos do pingente de rubi em Wulfgar. No entanto, essa teoria não conseguia explicar completamente o comportamento ultrajante do bárbaro, porque Wulfgar havia começado a trilhar esse caminho muito antes de Entreri chegar ao Salão de Mitral.

— Com certeza a joia forçou Wulfgar ainda mais além — Drizzt rebateu.

— Forçou-o para onde ele queria ir.

— Não. — A resposta simples, falada com absoluta certeza, quase pegou Cattibrie desprevenida. Ela inclinou a cabeça para o lado, fazendo seus grossos cabelos castanhos arruivados cascadearem por cima de um ombro, esperando que o drow elaborasse.

— Ele estava com medo — continuou Drizzt. — Nada no mundo assustava o poderoso Wulfgar mais do que a ideia de perder sua Cattibrie.

— Sua Cattibrie? — ela ecoou.

Drizzt riu de sua hipersensibilidade.

— Sua Cattibrie, como ele era seu Wulfgar — disse ele, e o sorriso de Cattibrie findou tanto quanto sua armadilha de palavras.

— Ele te amava — continuou Drizzt — com todo o coração — ele fez uma pausa, mas Cattibrie não tinha nada a dizer, apenas ficou muito parada, muito quieta, ouvindo cada palavra dele. — Ele te amava, e esse amor o fez se sentir vulnerável e o assustou. Nada que alguém pudesse fazer a Wulfgar, nem em tortura, nem em batalha, nem mesmo a morte, o assustava, mas o menor arranhão em Cattibrie

queimaria como uma adaga quente em seu coração. Então ele agiu como um tolo por um curto período antes de vocês se casarem — disse Drizzt. — Da próxima vez que você visse a batalha, sua própria força e independência teria segurado um espelho para Wulfgar, teria mostrado a ele seu erro. Ao contrário de tantos de seu povo orgulhoso, ao contrário de Berkthgar, Wulfgar admitia seus erros e nunca mais os cometia.

Enquanto ouvia as palavras de seu sábio amigo, Cattibrie se lembrou daquele exato incidente, a batalha em que Wulfgar havia sido morto. Esses mesmos medos por Cattibrie desempenharam um grande papel na morte do bárbaro, mas antes que ele fosse tirado dela, ele olhou nos olhos dela e se deu conta do que sua tolice havia lhe custado, havia custado a ambos.

Cattibrie tinha que acreditar nisso agora, lembrando-se da cena à luz das palavras do drow. Ela tinha que acreditar que seu amor por Wulfgar tinha sido real, muito real, e não deslocado, que ele era tudo o que ela pensava que ele era.

Agora ela podia. Pela primeira vez desde a morte de Wulfgar, Cattibrie conseguia se lembrar dele sem as dores da culpa, sem os medos de que, se ele vivesse, ela não teria se casado com ele. Porque Drizzt estava certo; Wulfgar teria admitido o erro, apesar de seu orgulho, e ele teria crescido, como sempre. Essa era a melhor qualidade do homem, uma qualidade quase infantil, que via o mundo e sua própria vida como ficando melhores, como se movendo em direção a uma maneira melhor em um lugar melhor.

O que se seguiu foi o sorriso mais sincero no rosto de Cattibrie em muitos, muitos meses. Ela se sentiu de repente livre e completa com seu passado, reconciliada e capaz de seguir em frente com sua vida.

Ela olhou para o drow, de olhos arregalados, com uma curiosidade que parecia surpreender Drizzt. Ela podia continuar, mas o que isso significava?

Lentamente, Cattibrie começou a balançar a cabeça, e Drizzt começou a entender que o movimento tinha algo a ver com ele. Ele levantou uma mão esbelta e afastou alguns cabelos perdidos de sua bochecha, com sua pele de ébano contrastando fortemente com sua pele clara, mesmo na luz tranquila da noite.

— Eu te amo — admitiu o drow. A declaração contundente não pegou Cattibrie de surpresa, nem um pouco. — Como você me ama — Drizzt

continuou, confiante de que suas palavras estavam certas. — E eu, também, devo olhar para frente agora, devo encontrar meu lugar entre meus amigos, ao seu lado, sem Wulfgar.

— Talvez no futuro — disse Cattibrie, sua voz mal acima de um sussurro.

— Talvez — concordou Drizzt. — Mas, por enquanto...

— Amigos — terminou Cattibrie.

Drizzt afastou a mão da bochecha, segurou-a no ar diante do rosto, e ela estendeu a mão e a apertou com firmeza.

— Amigos.

O momento permaneceu, com os dois se olhando, sem falar, e teria continuado por muito, muito mais tempo, exceto que veio uma comoção da trilha atrás deles, e o som de vozes que ambos reconheceram.

— Aquele elfo estúpido não podia fazer isso lá dentro? — reclamou Bruenor.

— As estrelas são mais adequadas para Guenhwyvar — bufou Regis sem fôlego. Juntos, eles bateram em um arbusto não muito atrás do platô e tropeçaram e derraparam para se juntar a seus dois amigos.

— Elfo estúpido? — Cattibrie perguntou ao pai.

— Bah! — riu Bruenor. — Não estava dizendo...

— Bem, na verdade — Regis começou a corrigir, mas mudou de ideia quando Bruenor virou o rosto cicatrizado na direção do halfling e rosou para ele.

— Então você está certo e eu disse elfo estúpido! — Bruenor admitiu, falando principalmente com Drizzt, o mais próximo de um pedido de desculpas que ele jamais deu. — Mas eu tenho trabalho a fazer — ele olhou de volta para a trilha, na direção da porta leste do Salão de Mitral. — Lá dentro! — ele terminou.

Drizzt pegou a estatueta de ônix e a colocou no chão, de propósito, bem diante das botas pesadas do anão.

— Quando Guenhwyvar voltar para nós, explicarei o quão inconveniente foi para que viesse e testemunhasse seu retorno — disse Drizzt com um sorriso malicioso.

— Elfo estúpido — Bruenor murmurou baixinho, e ele esperava que Drizzt fizesse a gata dormir em cima dele de novo, ou algo pior.

Cattibrie e Regis riram, mas sua alegria estava tensa e nervosa, enquanto Drizzt chamava baixinho pela pantera. A dor que eles teriam que suportar se a magia da estatueta não tivesse sido recuperada, se Guenhwyvar não voltasse para eles, não seria menor para os companheiros do que a dor de perder Wulfgar.

Todos sabiam disso, mesmo o mal-humorado e barulhento Bruenor, que negaria seu afeto pela pantera mágica até o túmulo. O silêncio cresceu ao redor da estatueta quando a fumaça cinzenta saiu, girou e se solidificou.

Guenhwyvar parecia quase confusa enquanto olhava para os quatro companheiros ao seu redor, nenhum deles ousando respirar.

O sorriso de Drizzt foi o primeiro e o mais largo, pois viu que sua companheira de confiança estava inteira novamente e curada, com seu pelo negro brilhando à luz das estrelas, os músculos elegantes, tensos e fortes.

Ele trouxera Bruenor e Regis para testemunhar esse momento. Era apropriado que todos os quatro estivessem ali quando Guenhwyvar retornasse.

Seria mais apropriado se o sexto companheiro, Wulfgar, filho de Beornegar, se juntasse a eles naquele platô, na noite tranquila, sob as estrelas, nas últimas horas de paz do Salão de Mitral.



Parte 4

A marcha drow

Notei algo verdadeiramente surpreendente e reconfortante, à medida que nós, todos os defensores do Salão de Mitral e da região imediata, nos aproximávamos do fim dos preparativos e se aproximava o momento em que os drow viriam.

Eu sou um drow. Minha pele prova que sou diferente. O tom de ébano mostra minha herança de forma clara e inegável. E, no entanto, nem um olhar de preocupação dos Harpells e dos Longinetes, nem uma palavra irritada do volátil Berkthgar e seu povo guerreiro. E nenhum anão, nem mesmo o General Dagna, que não gostava de ninguém que não fosse um anão, apontou um dedo acusador para mim.

Não sabíamos por que os drow tinham vindo, seja em busca de mim ou da promessa de tesouros do rico complexo de anões. Seja qual fosse a causa, para os defensores, eu não tinha culpa. Como era maravilhoso para mim, que havia usado o fardo da culpa autoimposta por muitos meses: culpa pelo ataque anterior, culpa por Wulfgar, culpa por Cattibrie ter sido forçada pela amizade a me seguir até Menzoberranzan.

Eu tinha carregado esse fardo pesado, e ainda assim aqueles ao meu redor que tinham tanto a perder quanto eu não me sobrecarregaram.

Você não pode entender o quão especial essa percepção era para alguém com o meu passado. Foi um gesto de amizade sincera, e o que o tornou ainda mais importante é que foi um gesto não intencional, oferecido sem pensamento ou propósito. Muitas vezes, no passado, meus “amigos” faziam gestos como para provar algo, mais para si mesmos do que para mim. Eles podiam se sentir melhor sobre si mesmos porque podiam olhar além das diferenças óbvias, como a cor da minha pele.

Guenhwyvar nunca fez isso. Bruenor nunca fez isso. Nem Cattibrie ou Regis. Wulfgar a princípio me desprezou, às claras e sem desculpa, apenas porque eu era um drow. Eles eram honestos, e assim, eles sempre foram meus amigos. Mas nos dias de preparação para a guerra, vi aquela esfera

de amizade se expandir muitas vezes. Eu descobri que os anões do Salão de Mitral, os homens e mulheres de Pedra do Veredito, e muitos, muitos mais, realmente me aceitavam.

Essa é a natureza honesta da amizade. É quando se torna sincera, e não egoísta. Então, naqueles dias, Drizzt Do'Urden passou a entender, de uma vez por todas, que ele não era de Menzoberranzan.

Eu me livreí do fardo da culpa. Eu sorri.

— Drizzt Do'Urden

Capítulo 17

Gruta das pedras preciosas

ERAM SOMBRAS ENTRE AS SOMBRAS, movimentos fugazes que desapareciam antes que os olhos pudessem registrá-los. E não havia som. Embora trezentos elfos negros se movessem em formação, flanco direito, flanco esquerdo, centro, não havia som.

Eles vieram ao oeste de Menzoberranzan, procurando túneis mais fáceis e amplos que os levariam de volta ao leste e até a superfície, até o Salão de Mitral. Gruta das Pedras Preciosas, a cidade dos svirfneblin, a quem os drow odiavam acima de tudo, não estava tão longe, outro benefício desse curso.

Uthegental Armgo fez uma pausa em um pequeno cubículo abrigado. Os túneis eram largos — largos até demais. Svirfneblin eram estrategistas e construtores e, em uma luta, dependeriam de formações, até mesmo de máquinas de guerra, para competir com os drow mais furtivos e de mente individualista. O alargamento destes túneis particulares não era um acidente, Uthegental sabia, e nenhum resultado da natureza. Este campo de batalha havia sido preparado por seus inimigos há muito tempo.

Então, onde eles estavam? Uthegental entrou em seu domínio com trezentos drow, com seu grupo liderando um exército de oito mil elfos negros e milhares de escravos humanoides. E, no entanto, embora Gruta das Pedras Preciosas em si não pudesse estar a mais de vinte minutos de sua posição — e seus batedores estavam ainda mais perto — não havia sinal de svirfneblin.

O patrono selvagem de Barrison del'Armgo não estava feliz. Uthegental gostava de coisas previsíveis, pelo menos no que dizia respeito aos inimigos, e esperava que ele e seus guerreiros já tivessem visto alguma ação contra os gnomos a essa altura. Não fora por acaso que seu grupo, que ele, estava na vanguarda do exército drow. Essa tinha sido uma concessão de Baenre a Mez'Barris, uma afirmação da importância da Segunda Casa. Mas com essa concessão vinha a responsabilidade, que Matriarca Mez'Barris tinha deixado cair de

imediatos nos ombros resistentes de Uthegental. A Casa Barrison del'Armgo precisava sair desta guerra cheia de glória, em particular à luz da incrível exibição da Matriarca Baenre na destruição da Casa Oblodra. Quando essa questão com o Salão de Mitral estivesse resolvida, a reorganização da hierarquia em Menzoberranzan provavelmente começaria. As guerras internas pareciam inevitáveis, com os maiores buracos a serem preenchidos nessas fileiras logo atrás de Barrison del'Armgo. Assim a Matriarca Mez'Barris havia prometido fidelidade total a Baenre em troca de ser pessoalmente dispensada da expedição. Ela permaneceu em Menzoberranzan, solidificando a posição de sua Casa e trabalhando em estreita colaboração com Triel Baenre na formação de uma teia de mentiras e aliados para isolar a Casa Baenre de novas acusações. Baenre concordou com a oferta de Mez'Barris, sabendo que ela também ficaria vulnerável se nem tudo corresse bem no Salão de Mitral.

Com a Matriarca-Mãe de sua Casa de volta a Menzoberranzan, a glória da Casa Barrison del'Armgo estava nas mãos de Uthegental. O guerreiro feroz estava feliz com a tarefa, mas ele também estava ansioso, cheio de energia nervosa, querendo uma batalha, qualquer batalha, para que ele pudesse abrir o seu apetite para o que havia de vir, e molhar o fim do seu ímpio tridente com o sangue de um inimigo.

“Mas onde estava o feios e pequenos svirfneblin?” ele se perguntou. O plano de marcha não exigia nenhum ataque a Gruta das Pedras Preciosas propriamente dita — não na jornada inicial, pelo menos. Se houvesse um ataque à cidade dos gnomos, ele viria no retorno do Salão de Mitral, depois que o objetivo principal fosse realizado. Uthegental recebeu permissão para testar as defesas dos svirfneblin, no entanto, e para lutar contra quaisquer gnomos que ele e seus guerreiros encontrassem nos túneis abertos.

Uthegental ansiava por isso e já havia determinado que, se encontrasse e testasse as defesas dos gnomos e descobrisse buracos suficientes nelas, daria o passo extra, na esperança de retornar ao lado de Baenre com a cabeça do rei svirfnebli no final de seu tridente.

Toda a glória para Barrison del'Armgo.

Uma dos batedores passou pelos guardas e foi direto até o guerreiro feroz. Os dedos dela se moveram na língua de sinais drow, explicando a seu líder que ela havia se aproximado, muito, até mesmo visto a escada que levava ao nível dos enormes portões da frente de Gruta das Pedras Preciosas. Mas que não tinha visto nenhum sinal dos

svirfneblin.

Tinha que ser uma emboscada. Cada instinto dentro do mestre de armas experiente dizia a Uthegental que os svirfneblin estavam à espreita, com força total. Quase qualquer outro elfo negro, uma raça conhecida por cautela ao lidar com os outros — em especial porque os drow sabiam que eles sempre poderiam vencer esses encontros se atacassem no momento apropriado — teria cedido. Na verdade, a missão de Uthegental, uma expedição de reconhecimento, estava agora completa, e ele poderia retornar à Matriarca Baenre com um relatório completo que ela ficaria feliz em ouvir.

Mas o feroz Uthegental não era como os outros drow. Ele estava menos do que aliviado; estava, na verdade, fervendo de raiva.

“Leve-me para lá”, seus dedos sinalizaram, para a surpresa da batedora.

“Você é valioso demais”, as mãos da drow responderam.

— Todos nós! — Uthegental rugiu em voz alta, seu volume surpreendendo cada um dos muitos elfos negros ao seu redor. Mas Uthegental não se assustou, e não cedeu. — Envie a palavra ao longo de cada coluna — continuou ele — para seguir minha liderança até os próprios portões de Gruta das Pedras Preciosas!

Vários soldados drow lançaram olhares nervosos uns para os outros. Eles somavam trezentos, uma força formidável, mas Gruta das Pedras Preciosas continha muitas vezes esse número, e os svirfneblin, cheio de truques com a pedra e muitas vezes se aliando a monstros poderosos do Plano da Terra, não eram inimigos fáceis. Ainda assim, nenhum dos elfos negros discutiria com Uthegental Armgo, em especial porque apenas ele sabia o que Matriarca Baenre esperava desse grupo.

E então eles chegaram de vez até a escada e subiram até os portões de Gruta das Pedras Preciosas — portões que um engenheiro drow notou estar diabolicamente coberto de armadilhas, com todo o teto acima deles preparado para cair se fossem abertos. Uthegental chamou uma sacerdotisa que tinha sido atribuída ao seu grupo.

“Consegue fazer um de nós passar pela barreira?”, os dedos dele perguntaram a ela, e ela assentiu.

O fluxo de surpresas de Uthegental continuou quando ele indicou que

entraria em pessoa na cidade dos svirfneblin. Era um pedido inédito. Nenhum líder drow entrava primeiro. É para isso que serviam os plebeus.

Mas, novamente, quem discutiria com Uthegental? Na verdade, a sacerdotisa não se importava de verdade se esse macho arrogante fosse despedaçado. Ela começou a conjurar de uma vez um feitiço que tornaria Uthegental tão insubstancial quanto um espectro, que faria sua forma derreter em algo que poderia escapar pelas menores rachaduras. Quando foi feito, o bravo Uthegental partiu sem hesitar, sem se preocupar em deixar instruções no caso de não retornar.

Orgulhoso e muitíssimo confiante, Uthegental simplesmente não pensava dessa forma.

Alguns minutos depois, após passar pelas câmaras de guarda vazias, cruzadas com trincheiras e fortificações habilmente construídas, Uthegental tornou-se apenas o segundo drow, depois de Drizzt Do'Urden, a olhar para as casas arredondadas e naturais dos svirfneblin e os caminhos sinuosos e comuns que compunham sua cidade. Quão diferente Gruta das Pedras Preciosas era de Menzoberranzan, construída de acordo com o que os gnomos haviam encontrado nas cavernas naturais, em vez de esculpida e reformada em uma imagem que um elfo negro consideraria mais agradável.

Uthegental, que exigia o controle de tudo ao seu redor, achou o lugar repulsivo. Ele também achou esta cidade, a mais antiga e sagrada das cidades svirfneblin, deserta.

Belwar Dissengulp olhou para fora da câmara profunda, longe a oeste de Gruta das Pedras Preciosas, e se perguntou se ele havia feito o certo em convencer o rei Schnicktick a abandonar a cidade gnômica. O honorável mestre de escavações havia argumentado que, com a magia retornada, os drow com certeza marchariam para o Salão de Mithral, e esse curso, Belwar sabia, os levaria perigosamente para perto de Gruta das Pedras Preciosas.

Embora ele tivesse pouca dificuldade em convencer seus companheiros de que os elfos negros marchariam, o pensamento de

deixar Gruta das Pedras Preciosas, de simplesmente arrumar seus pertences e abandonar seu antigo lar, não caíra bem. Por mais de dois mil anos, os gnomos viveram sob a sombra sinistra de Menzoberranzan, e mais de uma vez acreditaram que os drow entrariam em guerra total contra eles.

Desta vez foi diferente, Belwar raciocinou, e disse isso a ele, com seu discurso cheio de paixão e carregando o peso de sua relação com o drow renegado daquela cidade terrível. Ainda assim, Belwar estava longe de convencer Schnicktick e os outros até que o Conselheiro Firble tomasse o lado do mestre de escavações.

De fato, era diferente desta vez, Firble disse a eles com toda a sinceridade. Desta vez, toda a Menzoberranzan se uniria, e qualquer ataque não seria a tentativa ambiciosa de uma única Casa. Desta vez, os gnomos, e qualquer outra pessoa azarada o bastante para estar no caminho da marcha drow não poderia depender de rivalidades entre as casas para salvá-los. Firble soube da queda da Casa Oblodra por meio de Jarlaxle. Um elemental da terra enviado em segredo sob Menzoberranzan e para o Fosso das Garras por sacerdotes svirfneblin confirmou isso além da destruição total da Terceira Casa. Assim, quando, em sua última reunião, Jarlaxle sugeriu que “não seria sábio abrigar Drizzt Do’Urden”, Firble, com sua compreensão dos caminhos drow, entendeu que os elfos negros realmente marchariam para o Salão de Mitral, em uma força unificada pelo medo daquela que havia esmagado a Terceira Casa por completo.

E assim, com aquela conclusão sinistra, os svirfneblin tinham deixado Gruta das Pedras Preciosas e Belwar teve um papel crítico na partida. Essa responsabilidade pesava muito sobre o mestre de escavações agora, o fez ter dúvidas do raciocínio que parecia tão sólido quando ele pensou no perigo iminente. Aqui, a oeste, os túneis estavam silenciosos, e não daquela forma assustadora, como se os elfos negros inimigos estivessem saltando de sombra em sombra. Os túneis estavam silenciosos com a paz; a guerra que Belwar havia antecipado parecia a mil quilômetros ou mil anos de distância.

Os outros gnomos também sentiram isso, e Belwar ouviu mais de um reclamando que a decisão de deixar Gruta das Pedras Preciosas tinha sido, na melhor das hipóteses, tola.

Somente quando o último dos svirfneblin deixou a cidade, quando a longa caravana começou sua marcha para o oeste, Belwar tinha percebido a gravidade da partida, tinha percebido o fardo emocional. Ao partir, os gnomos estavam admitindo para si mesmos que não eram

páreo para os drow, que não podiam se proteger ou proteger suas casas dos elfos negros. Muitos svirfneblin, Belwar talvez mais que todos eles, estavam enojados desse fato. Suas ilusões de segurança, da força de seus xamãs, de sua figura divina, haviam sido abaladas, sem uma única gota de sangue svirfneblin derramado.

Belwar se sentiu um covarde.

O honorável mestre de escavações sentiu algum conforto no fato de que ainda havia olhos em Gruta das Pedras Preciosas. Um elemental amigável, tornado um com a pedra, fora ordenado a esperar e observar, e relatar de volta aos xamãs svirfneblin que o haviam convocado. Se os elfos negros entrassem, como Belwar esperava, os gnomos saberiam disso.

Mas e se não viessem? Belwar se perguntou. E se ele e Firble estivessem errados e a marcha não chegasse, então que perda os svirfneblin teriam sofrido pela precaução?

Alguns deles poderia se sentir seguro em Gruta das Pedras Preciosas novamente?

Matriarca Baenre não ficou satisfeita com o relato de Uthegental de que a cidade dos gnomos estava deserta. Por mais amarga que sua expressão fosse, no entanto, não poderia corresponder à clara ira que se mostrava no rosto de Berg'inyon, ao seu lado. Seus olhos se estreitaram perigosamente quando ele observou o poderoso patrono da Segunda Casa, e Uthegental, vendo um desafio, mais do que igualou aquele olhar sinistro.

Baenre entendeu a fonte da raiva de Berg'inyon, e ela também não ficou satisfeita com o fato de que Uthegental havia assumido a responsabilidade de entrar em Gruta das Pedras Preciosas. Esse ato refletia claramente o desespero de Mez'Barris. Era óbvio que Mez'Barris sentia-se vulnerável à sombra da exibição de Matriarca Baenre contra Oblodra, e assim ela colocou um grande peso sobre os ombros largos de Uthegental.

Uthegental marchava para a glória de Barrison del'Armgo, Matriarca

Baenre sabia, marchava fanático, junto com sua força de mais de trezentos guerreiros drow.

Para Berg'inyon, isso não era uma coisa boa, pois ele, e não Matriarca Baenre, estava em competição direta contra o poderoso mestre de armas.

Matriarca Baenre considerou todas as notícias à luz da expressão de seu filho e, no final, ela pensou que a ousadia de Uthegental era uma coisa boa. A competição forçaria Berg'inyon rumo à excelência. E se ele falhasse, se fosse Uthegental a matar Drizzt Do'Urden — pois esse era o óbvio o prêmio que ambos buscavam — mesmo que Berg'inyon fosse morto por Uthegental, então que assim fosse. Esta marcha era maior do que a Casa Baenre, maior do que os objetivos pessoais de qualquer pessoa — exceto, é claro, os da Matriarca Baenre.

Quando o Salão de Mitral fosse conquistado, qualquer que fosse o custo para seu filho, ela estaria na maior glória da Rainha Aranha, e sua Casa estaria acima dos esquemas das outras, mesmo se todas as outras combinassem suas forças contra ela!

— Você está dispensado — disse Baenre a Uthegental. — De volta à vanguarda.

O mestre de armas de cabelos espetados deu um sorriso perverso e se curvou, nunca tirando os olhos de Berg'inyon. Então ele girou para sair, mas se voltou para ela de novo quando Baenre se dirigiu a ele mais uma vez.

— E se você tiver a chance de encontrar os rastros dos svirfneblin em fuga — disse Baenre, e ela fez uma pausa, olhando de Uthegental para Berg'inyon —, envie um emissário para me informar da perseguição.

Os ombros de Berg'inyon caíram quando o sorriso de Uthegental, mostrando aqueles dentes pontiagudos, se abriu ao ponto de quase chegar às orelhas. Ele se curvou novamente e saiu.

— Os svirfneblin são inimigos poderosos — disse Baenre casualmente, fazendo a observação para Berg'inyon. — Eles vão matá-lo e a todo o seu grupo. — Ela na verdade não acreditava na afirmação, tinha dito isso apenas para acalmar Berg'inyon. Ao olhar para seu filho sábio, no entanto, ela percebeu que ele também não acreditava.

— E se não — disse Baenre, olhando para o outro lado, para Quenthel, que estava impassível, parecendo bastante entediada, e para Methil,

que sempre parecia bastante entediado —, os gnomos não são um prêmio tão grande — o olhar da Matriarca Mãe voltou para Berg'inyon. — Nós sabemos o prêmio desta marcha — disse ela, com sua voz em um rosnado feroz. Ela não se preocupou em mencionar que seu objetivo final e o objetivo de Berg'inyon não eram os mesmos.

O efeito no jovem mestre de armas foi instantâneo. Ele voltou à atenção rígida e partiu em seu lagarto assim que sua mãe acenou com a mão para dispensá-lo.

Baenre virou-se para Quenthel. “Certifique-se de que espiões sejam colocados entre os soldados de Uthegental”, seus dedos sinalizaram sutilmente. Baenre parou por um momento para analisar o feroz mestre de armas e refletir sobre o que ele faria se tais espiões fossem descobertos. “Machos”, Baenre acrescentou à filha, e Quentel concordou.

Machos eram descartáveis.

Sentada sozinha enquanto seu disco flutuava no meio do exército, Matriarca Baenre voltou seus pensamentos para questões mais importantes. A rivalidade de Berg'inyon e Uthegental era de pouca importância, assim como o aparente desrespeito de Uthegental pelo comando adequado. Mais perturbadora era a ausência dos svirfneblin. Poderiam aqueles gnomos malditos estar planejando um ataque a Menzoberranzan enquanto Baenre e sua força marchavam para longe?

Foi um pensamento bobo, um que Matriarca Baenre logo afastou. Mais da metade dos elfos negros permanecia em Menzoberranzan, sob os olhos atentos de Mez'Barris Armgo, Triel e Gromph. Se os gnomos atacassem, eles seriam todos destruídos, mais para a glória da Rainha Aranha.

Mas, mesmo considerando essas defesas da cidade, o pensamento de uma conspiração contra ela incomodava os limites da consciência de Baenre.

“Triel é leal e está no controle”, veio uma garantia telepática de Methil, que não estava tão longe e lia todos os pensamentos de Baenre.

Baenre se consolou com isso. Antes de deixar Menzoberranzan, pediu a Methil que vasculhasse as reações de sua filha aos seus planos, e o illithid voltou com um relatório totalmente positivo. Triel não estava satisfeita com a decisão de ir ao Salão de Mitral. Ela temia que sua

mãe estivesse ultrapassando seus limites, mas estava convencida, como provavelmente todos os outros, de que, diante da destruição da Casa Oblodra, Lolth sancionara essa guerra. Logo, Triel não lideraria um golpe pelo controle da Casa Baenre na ausência de sua mãe, não iria, de forma alguma, contra sua mãe neste momento.

Baenre relaxou. Tudo estava indo de acordo com o plano, e não era importante que os gnomos covardes tivessem fugido.

Tudo estava indo ainda melhor do que o plano, Baenre decidiu, pois a rivalidade entre Uthegental e Berg'inyon proporcionaria muito entretenimento. As possibilidades eram intrigantes. Talvez se Uthegental matasse Drizzt, e matasse Berg'inyon no processo, Matriarca Baenre forçaria o selvagem de cabelos espetados a entrar na Casa Baenre para servir como seu próprio mestre de armas. Mez'Barris não ousaria reclamar, não depois que o Salão de Mitral fosse conquistado.

Capítulo 18

Encontros inquietos

— NESSE INSTANTE REGWELD, que nos guiará, se encontra com Bruenor, que é rei — disse um cavaleiro vestindo a mais incomum das armaduras. Não havia um ponto suave na cota de malha; estava estriada e dobrada, com ornamentos apontando para vários ângulos, com o propósito de atrapalhar quaisquer golpes, de desviar em vez de absorver.

Os cinquenta camaradas do homem — um grupo de aparência estranha, de fato — estavam igualmente equipados, o que poderia ser explicado apenas olhando para sua flâmula incomum. Ela retratava um boneco de palito, com seu cabelo ereto e os braços erguidos, em pé no topo de uma casa e lançando raios para o céu, ou talvez ele estivesse pegando um raio lançado sobre ele das nuvens, não se podia ter certeza. Esta era a bandeira de Sela Longa e estes eram os Longinetes, os soldados de Sela Longa, um grupo capaz, ainda que excêntrico. Eles haviam chegado a Pedra do Veredito neste dia frio e sombrio, perseguindo os primeiros flocos da primeira neve.

— Regweld os guiará — respondeu outro cavaleiro, alto e seguro em sua sela, exibindo as cicatrizes de inúmeras batalhas. Ele vestia uma armadura mais convencional, assim como seus quarenta companheiros, cavalgando sob a bandeira do cavalo e da lança de Nesmé, a orgulhosa cidade que fazia fronteira com a temida Charneca dos Trolls. — Mas não a nós. Somos os Cavaleiros de Nesmé, e não seguimos nenhuma liderança além da nossa!

— Só porque você chegou aqui primeiro não significa que você escolhe as regras! — choramingou o Longinete.

— Não esqueçamos nosso propósito — interveio um terceiro cavaleiro, com seu cavalo trotando, junto com dois companheiros, para cumprimentar os recém-chegados. Quando ele se aproximou, os outros viram por suas feições angulares, cabelos dourados brilhantes e olhos quase da mesma cor que ele não era um homem, mas um elfo, embora alto para alguém de sua herança. — Eu sou Besnell de Lua Argêntea,

venho com cem soldados de Lady Alustriel. Cada um de nós encontrará seu lugar quando a batalha se juntar, embora se houver algum líder entre nós, serei eu, que falo em nome de Alustriel.

O homem de Nesmé e o homem de Sela Longa se olharam impotentes. Suas respectivas cidades, em particular Nesmé, com certeza estavam sob a sombra de Lua Argêntea, e seus respectivos governantes não desafiariam a autoridade de Alustriel.

— Mas você não está em Lua Argêntea — veio uma resposta ruidosa de Berkthgar, que estava de pé nas sombras de uma porta próxima, ouvindo a discussão, quase esperando que ela se tornasse algo mais divertido do que palavras trocadas. — Vocês estão em Pedra do Veredito, onde Berkthgar governa, e em Pedra do Veredito, vocês são governados por Berkthgar!

Todos ficaram tensos, em particular os dois soldados de Lua Argêntea que flanqueavam Besnell. O guerreiro élfico sentou-se em silêncio por um momento, olhando para o enorme bárbaro enquanto Berkthgar, com sua espada gigantesca amarrada em suas costas, que se aproximou calmo e firme. Besnell não era excessivamente orgulhoso, e sua própria posição no destacamento da Lua Argêntea provava que ele nunca havia deixado o orgulho turvar o bom senso.

— Bem falado, Berkthgar, o Audaz — ele respondeu, educado. — E é verdade. — Ele se virou para os outros dois líderes montados. — Viemos de Lua Argêntea, e você de Nesmé, e você de Sela Longa, para servir na causa de Berkthgar, e na causa de Bruenor Martelo de Batalha.

— Respondemos ao chamado de Bruenor — resmungou o Longinete —, não ao de Berkthgar.

— Então você levaria seu cavalo para os túneis escuros sob o Salão de Mitral? — argumentou Besnell, que entendeu de seus encontros com Berkthgar e Cattibrie que os anões lidariam com os problemas subterrâneos, enquanto os cavaleiros se juntariam aos guerreiros de Pedra do Veredito para proteger as áreas periféricas.

— Seu cavalo e ele podem estar sob a terra mais cedo do que ele espera — Berkthgar interviu, uma ameaça aberta que abalou bastante o Longinete.

— Chega — Besnell foi rápido em intervir. — Todos nos reunimos como aliados, e aliados seremos, unidos em uma causa comum.

— Unidos pelo medo — respondeu o soldado de Nesmé. — Nós, em Nesmé, uma vez encontramos... — ele fez uma pausa, olhando para os rostos dos outros líderes, depois para seus próprios homens sombrios em busca de apoio, enquanto procurava as palavras adequadas. — Encontramos o amigo de pele escura do rei Bruenor — disse ele por fim, com seu tom em zombaria evidente. — Que bem pode vir da associação com drow malignos?

As palavras mal haviam saído de sua boca quando Berkthgar partiu para cima dele, estendendo a mão para agarrá-lo por um vinco em sua armadura e puxá-lo para baixo na sela, para que ele pudesse olhar direto para o rosto do bárbaro, que rosnava. Os soldados de Nesmé próximos estavam com suas armas prontas, mas também estava o povo de Berkthgar, saindo de cada casa de pedra e em cada esquina.

Besnell gemeu e os Longinetes todos balançaram a cabeça, chateados.

— Se alguma vez você falar mal de Drizzt Do'Urden — rosnou Berkthgar, não se importando com as espadas e lanças posicionadas não tão longe —, você me oferecerá uma escolha interessante. Eu o corto ao meio e o deixo morto no campo, ou o levo para Drizzt, para que ele possa ter a honra de cortar sua cabeça?

Besnell caminhou com seu cavalo até o bárbaro e usou seu tamanho para forçar Berkthgar a recuar do soldado Nesmé atordado.

— Drizzt Do'Urden não mataria um homem por suas palavras — disse Besnell com toda a confiança, pois ele havia encontrado Drizzt em muitas ocasiões durante as visitas frequentes do elfo negro a Lua Argêntea.

Berkthgar sabia que o elfo falava a verdade, então o líder bárbaro cedeu, recuando alguns passos.

— Bruenor o mataria — disse Berkthgar, por fim.

— Concordo — respondeu Besnell. — E muitos outros pegariam em armas em defesa do elfo negro, mas como eu disse, chega. Todos unidos, somos cento e noventa de cavalaria, viemos para ajudar a causa. — Ele olhou ao redor enquanto falava e parecia mais alto e mais imponente do que sua estrutura élfica normalmente permitiria. — Cento e noventa vêm se juntar a Berkthgar e seus orgulhosos guerreiros. Raras vezes esses quatro grupos convergiram como aliados. Os Longinetes, os Cavaleiros de Nesmé, os Cavaleiros de Prata e os guerreiros de Pedra do Veredito, todos unidos em uma causa comum.

Se a guerra vier, e olhando para os aliados que descobri hoje, espero que sim, nossas ações ecoarão por todos os Reinos! E que o exército drow tome cuidado!

Ele usou à perfeição o orgulho de todos eles, e então eles gritaram juntos, e os momentos de tensão passaram. Besnell sorriu e assentiu enquanto os gritos continuavam, mas ele entendia que as coisas não eram tão sólidas e amigáveis quanto deveriam ser. Sela Longa enviou cinquenta soldados, mais um punhado de magos, um grande sacrifício da cidade que, na verdade, tinha pouco a perder caso algo acontecesse a Bruenor. Os Harpells olhavam mais para o oeste, para Waterdeep, em busca de comércio e aliança, do que para o leste, e ainda assim eles atenderam ao chamado de Bruenor, incluindo a própria filha de seu líder. Lua Argêntea estava comprometida da mesma forma, tanto pela amizade com Bruenor e Drizzt quanto porque Alustriel era sábia o suficiente para entender que, se o exército drow marchasse para a superfície, todo o mundo seria um lugar mais triste. Alustriel havia despachado cem cavaleiros para Berkthgar, e outros cem cavalgavam independente, contornando o sopé oriental abaixo do Salão de Mitral, cobrindo as trilhas mais acidentadas que levavam à face norte do Quarto Cimo, até o Vale do Guardião, a oeste. Ao todo, havia duzentos guerreiros montados, totalizando dois quintos dos famosos Cavaleiros de Prata, um grande contingente e um grande sacrifício, em especial com os primeiros ventos do inverno chegando.

O sacrifício de Nesmé foi menor, Besnell entendia, e era provável que o compromisso dos Cavaleiros de Nesmé também fosse. Esta era a cidade com mais a perder, exceto, é claro, por Pedra do Veredito, e ainda assim Nesmé oferecera apenas um décimo de sua guarnição experiente. As relações tensas entre o Salão de Mitral e Nesmé não eram segredo, uma rixa crescente que havia começado antes de Bruenor ter encontrado sua terra natal, quando o anão e seus companheiros passaram perto de Nesmé. Bruenor e seus amigos salvaram vários cavaleiros de criaturas do pântano, apenas para que os cavaleiros se virassem contra eles quando a batalha havia terminado. Por causa da cor da pele de Drizzt e da reputação de sua herança, o grupo de Bruenor havia sido afastado, e embora a indignação do anão tivesse sido mais tarde temperada um pouco pelo fato de que os soldados de Nesmé se juntaram à retomada do Salão de Mitral, as relações permaneceram um pouco tensas.

Desta vez, os oponentes esperados eram elfos negros e, sem dúvida, esse fato sozinho lembrou os homens cautelosos de Nesmé de sua desconfiança do amigo mais próximo de Bruenor. Mas pelo menos eles

tinham vindo, e quarenta era melhor do que nenhum, Besnell disse a si mesmo. O elfo havia proclamado Berkthgar o líder de todos os quatro grupos, e assim seria — embora, se e quando se unissem em batalha, cada contingente provavelmente adotaria suas próprias táticas, torcendo para que se complementassem — mas Besnell viu um papel para si mesmo, menos óbvio, mas não menos importante. Ele seria o pacificador. Ele manteria as facções na linha e em harmonia.

Se os drow de fato viessem, seu trabalho seria muito mais fácil, ele sabia, pois diante de um inimigo tão mortal, queixas mesquinhas seriam esquecidas depressa.



Belwar não sabia se sentia alívio ou medo quando a notícia veio do elemental espião de que o drow, um único drow, de fato havia entrado em Gruta das Pedras Preciosas, e que um exército drow havia passado pela cidade deserta, encontrando os túneis de volta ao leste, a rota para o Salão de Mithral.

O honorável mestre de escavações sentou-se de novo em seu poleiro agora comum, olhando para os túneis vazios. Ele pensou em Drizzt, um amigo querido, e no lugar que o elfo negro agora chamava de lar. Drizzt falou com Belwar sobre o Salão de Mithral quando ele passou por Gruta das Pedras Preciosas a caminho de Menzoberranzan vários meses antes. Como Drizzt estava feliz quando falou de seus amigos, esse anão chamado Bruenor, e a mulher humana, Cattibrie, que atravessou Gruta das Pedras Preciosas atrás de Drizzt e, de acordo com relatórios posteriores, ajudou na fuga agitada de Drizzt da cidade drow.

Essa mesma fuga facilitou essa marcha, Belwar sabia, e ainda assim o gnomo permaneceu satisfeito por seu amigo ter se livrado das garras da Matriarca Baenre. Agora Drizzt estava em casa, mas os drow iriam encontrá-lo.

Belwar lembrou a verdadeira tristeza nos olhos cor de lavanda de Drizzt quando o drow contou a perda de um de seus amigos encontrados na superfície.

Que lágrimas Drizzt poderia derramar em breve, o gnomo se

perguntou, com um exército drow marchando para destruir sua nova casa?

— Decisões que temos que tomar — veio uma voz por trás do gnomo robusto. Belwar bateu suas “mãos” de mitral, mais para limpar seus pensamentos do que qualquer outra coisa, e se virou para encarar Firble.

Uma das coisas boas que vieram de toda essa confusão foi a amizade que brotou entre Firble e Belwar. Como dois dos svirfneblin mais velhos de Pedra Preciosa, eles se conheciam há muito tempo, mas apenas quando os olhos de Belwar — por causa de sua amizade com Drizzt — se voltaram para o mundo fora da cidade gnômica, Firble de verdade entrou em sua vida. A princípio, os dois pareciam uma incompatibilidade completa, mas ambos haviam encontrado força no que o outro oferecia, e um vínculo havia crescido entre eles — embora nenhum deles ainda o tivesse admitido abertamente.

— Decisões?

— Os drow passaram — disse Firble. — É provável que voltem.

Firble assentiu.

— É óbvio — concordou o conselheiro —, o rei Schnicktick deve decidir se devemos retornar a Gruta das Pedras Preciosas.

A ideia atingiu Belwar como o tapa de uma toalha fria e molhada. Retornar para Gruta das Pedras Preciosas? É claro que eles deveriam voltar para suas casas! Os pensamentos do honorável mestre de escavações gritaram com ele. Qualquer outra opção era ridícula demais para se pensar. Mas enquanto ele se acalmava e observava o comportamento sombrio de Firble, Belwar começou a entender a verdade. Os drow voltariam, e se eles tivessem feito uma conquista próxima ou na superfície, uma conquista do Salão de Mitral, como a maioria acreditava ser sua intenção, então provavelmente haveria uma rota aberta entre Menzoberranzan e aquele lugar distante, uma rota que passava perto demais de Gruta das Pedras Preciosas.

— Palavras, há, e de muitos com influência, que devemos ir mais para o oeste, para encontrar uma nova caverna, uma nova Gruta das Pedras Preciosas — disse Firble. Pelo seu tom, era óbvio que o pequeno conselheiro não estava entusiasmado com essa perspectiva.

— Nunca — disse Belwar de forma pouco convincente.

— O rei Schnicktick pedirá sua opinião sobre este assunto de suma importância — disse Firble. — Pense bem nele, Belwar Dissengulp. A vida de todos nós pode depender de sua resposta.

Um longo e silencioso momento se passou, e Firble deu um breve aceno de cabeça e se virou para sair.

— O que Firble diz? — Belwar perguntou antes que ele saísse de vez.

O conselheiro se virou devagar, determinado, encarando Belwar nos olhos.

— Firble diz que há apenas uma Gruta das Pedras Preciosas — ele respondeu com mais coragem do que Belwar já tinha ouvido, ou já esperava ouvir, dele. — Sair enquanto os drow passam é uma coisa, uma coisa boa. Ficar fora não é tão bom.

— Vale a pena lutar por algumas coisas — acrescentou Belwar.

— Vale a pena morrer? — Firble foi rápido em colocar, e o conselheiro se virou e saiu.

Belwar sentou-se sozinho com seus pensamentos em sua casa e em seu amigo.

Capítulo 19

Improvizando

CATTBRIE SOUBE ASSIM QUE VIU o rosto do mensageiro anão, com uma expressão em uma mistura de ansiedade e sede de batalha. Ela sabia, e então correu à frente do mensageiro, pelos caminhos sinuosos do Salão de Mitral, através da Cidade Subterrânea, parecendo quase deserta agora, as fornalhas queimando baixo. Muitos olhos a olharam, estudaram a urgência em seu passo e entenderam seu propósito. Ela sabia, e então todos eles sabiam.

Os drow haviam chegado.

Os anões que guardavam a pesada porta que saía do Salão de Mitral acenaram com a cabeça enquanto ela passava.

— Direto em frente, minha garota! — um deles gritou por detrás ela, e embora ela estivesse muitíssimo assustada, embora parecesse que seu pior pesadelo estava prestes a se tornar realidade, isso a fez sorrir.

Ela encontrou Bruenor, com Regis ao seu lado, em uma ampla caverna, a mesma câmara onde os anões haviam derrotado uma tribo de goblins há não muito tempo. Agora o lugar tinha sido preparado como o posto de comando do rei anão, o cérebro central para a defesa dos túneis externos e inferiores. Quase todos os túneis que levavam a esta câmara a partir dos ermos do Subterrâneo haviam sido completamente derrubados ou cobertos de armadilhas, ou agora estavam muito bem protegidos, tornando a câmara o local mais seguro que poderia ser encontrado fora do Salão de Mitral propriamente dito.

— Drizzt? — perguntou Cattibrie.

Bruenor olhou através da caverna, para um grande túnel saindo para as regiões mais profundas.

— Lá fora com a gata — disse ele.

Cattibrie olhou em volta. Os preparativos haviam sido feitos; tudo

havia sido organizado o melhor possível no tempo permitido. Não muito longe, Metriz Rasgagarra e seus colegas clérigos se agachavam e se ajoelhavam no chão, alinhando e separando dezenas de pequenas garrafas de poção e preparando curativos, cobertores e pomadas de ervas para os feridos. Cattibrie estremeceu, pois sabia que todos aqueles curativos e mais seriam necessários antes que isso terminasse.

Ao lado dos clérigos, três dos Harpells — Harkle, Bidderdoo e Bella don DelRoy — conversavam ao redor de uma pequena mesa redonda coberta com dezenas de mapas e outros pergaminhos.

Bella olhou para cima e acenou para Bruenor, e o rei anão correu para o seu lado.

— Vamos sentar e esperar? — Cattibrie perguntou a Regis.

— Por enquanto — respondeu o halfling. — Mas em breve Bruenor e eu lideraremos um grupo, junto com um dos Harpells, para se encontrar com Drizzt e Pwent na Caverna de Tunult. Tenho certeza de que Bruenor quer que você venha conosco.

— Como se ele fosse conseguir me impedir — Cattibrie murmurou baixinho. Ela analisou a reunião em silêncio. A Caverna de Tunult era a maior câmara fora do Salão de Mitral, e se eles encontrassem Drizzt lá, em vez de algum lugar fora do caminho, e se os elfos negros estivessem mesmo nos túneis perto do Salão de Mitral, então a batalha esperada viria em breve.

Cattibrie respirou fundo e pegou Taulmaril, seu arco mágico. Ela testou sua corda, depois verificou sua aljava para se certificar de que estava cheia, mesmo que o encantamento da aljava garantisse que estivesse sempre assim.

“Estamos prontas”, veio um pensamento em sua mente, um pensamento transmitido por Khazid’hea, ela sabia. Cattibrie se confortava com sua nova companheira. Ela confiava na espada agora, sabia que elas pensavam de forma parecida. E elas estavam realmente prontas. Todos estavam.

Ainda assim, quando Bruenor e Bidderdoo se afastaram dos outros Harpells, o anão acenando para seus acompanhantes pessoais e Regis e Cattibrie, o coração da jovem bateu de forma mais descompassada.



A Brigada Esmaga-tripas andava se empurrando, quicando nas paredes e uns nos outros. Drow nos túneis! Eles avistaram drow nos túneis, e agora precisavam capturar ou matar algum.

Para os poucos drow que estavam de fato tão perto do Salão de Mitral, batedores avançados para a onda que se seguiria, o trovão dos asseclas de Pwent parecia quase ensurdecedor. Os drow eram uma raça silenciosa, tão silenciosa quanto o próprio Subterrâneo, e a agitação dos anões da superfície os fez pensar que mil guerreiros ferozes os estavam perseguindo. Então os elfos negros recuaram, esticaram suas linhas, com as fêmeas mais importantes assumindo a liderança na retirada e os machos, forçados a manter a formação, e atrasar o inimigo. O primeiro contato foi feito em um túnel estreito, mas alto. Os Esmaga-tripas vieram com tudo do leste, e três drow, levitando entre as estalactites, dispararam bestas de mão, lançando dardos com pontas venenosas em Pwent e os outros dois flanqueando-os na fileira da frente.

— O quê?! — rugiu o furioso de batalha, assim como seus companheiros, surpreso com a picada repentina. O sempre desconfiado Pwent, astuto e compreendendo a situação, olhou em volta, então ele e os outros dois caíram no chão.

Com um grito de surpresa, o resto dos Esmaga-tripas se virou e fugiu, nem mesmo pensando em recuperar seus companheiros caídos.

“Mate dois. Leve um de volta para interrogatório”, o mais importante dos três drow sinalizou quando ele e seus companheiros começaram a flutuar de volta para o chão.

Eles tocaram o chão com suavidade e sacaram belas espadas.

Logo se ergueram os três combatentes, suas pequenas pernas se contraindo sob eles em uma onda selvagem. Nenhum veneno, nem mesmo o famoso veneno do sono dos drow, poderia passar pelas misturas perversas que esse grupo havia bebido pouco antes. Esmaga-tripas era uma bebida, não apenas uma brigada, e se um anão pudesse sobreviver à bebida em si, ele não teria que se preocupar muito em ser envenenado — ou sentir frio — por algum tempo.

Mais próximo dos elfos negros, Pwent abaixou a cabeça, com o longo

espigão em seu capacete, e empalou um elfo através do peito, explodindo através da malha de armadura drow de forma fácil e brutal.

O segundo drow conseguiu desviar a investida do próximo furioso de batalha, virando o espigão do capacete para o lado com as duas espadas. Mas um punho armadurado, com os nós dos dedos diabolicamente cravados com pontas farpadas, pegou o drow sob o queixo e abriram um buraco em sua garganta. Lutando para respirar, o drow conseguiu marcar dois golpes desagradáveis nas costas de seu oponente, mas esses dois golpes fizeram pouco diante da enxurrada de golpes do anão de olhos selvagens.

Apenas o terceiro drow sobreviveu ao ataque inicial. Ele saltou alto no ar, realizando seu feitiço de levitação mais uma vez, e passou logo acima da investida selvagem do anão remanescente — principalmente porque o anão escorregou no sangue da vítima de Thibbledorf Pwent.

Então o drow subiu, em meio ao emaranhado de estalactites, desaparecendo de vista.

Pwent se endireitou, se livrando do drow morto.

— Para lá! — ele rugiu, apontando para mais longe ao longo do corredor. — Encontre uma área aberta no teto e assuma um local de vigia! Não devemos deixar aquele lá escapar!

Em torno da curva a leste veio o resto dos Esmaga-tripas, gritando e berrando, com sua armadura se batendo, os muitos vincos e pontas em cada uma delas se arranhando e guinchando como unhas na ardósia.

— Comecem a procurar! — berrou Pwent, indicando o teto, e todos os anões se agitaram ansiosos.

Um deles gritou, recebendo um virote de besta de mão no rosto, mas aquele grito de dor se tornou um grito de alegria, pois o anão só precisava recuar o ângulo para ver o drow flutuante. No mesmo instante um globo de escuridão engoliu aquela área das estalactites, mas os anões agora sabiam onde encontrá-lo.

— Laço! — gritou Pwent, e outro anão puxou uma corda do cinto e correu para o furioso de batalha. A extremidade da corda estava enrolada e amarrada com firmeza em um nó de correr, e então o anão, entendendo mal a intenção de Pwent, fez o laço girar sobre sua cabeça e olhou para a área escura, tentando discernir seu melhor tiro.

Pwent o agarrou pelo pulso e segurou firme, fazendo a corda cair frouxa no chão.

— Laço de Furioso de Batalha — explicou Pwent.

Outros anões se aglomeraram, sem saber o que seu líder tinha em mente. Os sorrisos se alargaram em todos os rostos quando Pwent deslizou o laço sobre o pé, apertou-o em torno do tornozelo e informou aos outros que precisaria de mais de um deles para fazer esse apanhador de drow voar.

Cada anão ansioso agarrou a corda e começou a puxar sem controle, não fazendo mais do que derrubar Pwent. Gradualmente, sóbrios pelas ameaças do violento comandante furioso de batalha, eles conseguiram encontrar um ritmo e logo fizeram Pwent saltar do chão.

Então eles o lançaram no ar, voando descontrolado, girando. Mas muita folga foi dada à corda, e Pwent raspou com força contra uma das paredes do corredor, seu espigão de capacete lançando uma linha de faíscas brilhantes.

Esse grupo aprendeu rápido, considerando que eles eram anões que passaram seus dias correndo de cabeça para dentro de portas forçadas com aço — e logo tiveram a sincronia da rotação e o comprimento da corda perfeitos.

Duas voltas, cinco voltas, e logo voou o furioso de batalha, para o ar, para bater entre as estalactites. Pwent agarrou uma por um momento, mas ele se afastou do teto e logo anão e pedra caíram.

Pwent caiu forte, depois se levantou.

— Uma barreira a menos para o nosso inimigo! — um anão rugiu, e antes que o atordoado Pwent pudesse reclamar, os outros aplaudiram e puxaram, botando o laço de furioso de batalha em ação mais uma vez.

Pwent voou para obter um resultado semelhante e doloroso, depois uma terceira vez, depois uma quarta, que se provou frutífera, pois o pobre drow, cego para a cena, finalmente se atreveu a sair ao ar livre, abrindo caminho para o oeste.

Ele sentiu o projétil vivo chegando e conseguiu correr para trás de uma estalactite longa e fina, mas isso pouco importava, pois Pwent se chocou direto contra a pedra, envolveu os braços em torno dela e em

torno do drow atrás dela, e drow, anão e pedra caíram juntos, batendo com força no chão. Antes que o drow pudesse se recuperar, metade da brigada caiu sobre ele, deixando-o inconsciente.

Demoraram mais cinco minutos para fazer o semiconsciente Pwent soltar a vítima.

Eles estavam em pé e em movimento, Pwent incluso, logo depois, tendo amarrado o drow, tornozelos e pulsos, a um longo poste, apoiado nos ombros de dois do grupo. Eles nem haviam terminado de cruzar o corredor, no entanto, quando os anões mais a oeste, os dois que Pwent tinha enviado para vigiar, deram um grito de “Drow!” e giraram em prontidão.

Na passagem vinha um elfo negro solitário, trotando, e antes que Pwent pudesse gritar: “Esse aí não!”, os dois anões abaixaram a cabeça e investiram.

Em uma fração de segundo, o elfo negro cortou para a esquerda, de volta para a direita, girou um círculo completo para a direita, depois deu a volta no final, e os dois Esmaga-tripas tropeçaram e bateram com força na parede. Eles perceberam sua tolice quando a grande pantera apareceu um instante depois, seguindo seu companheiro drow.

Drizzt estava de volta ao lado dos anões, ajudando-os a se levantarem.

— Corram — ele sussurrou, e eles pararam após o aviso por tempo suficiente para ouvir o estrondo de uma investida não tão distante.

Sem entender direito, os Esmaga-tripas deram um sorriso largo e se prepararam para continuar seu próprio ataque para o oeste, avançando até a força que se aproximava, mas Drizzt os segurou com firmeza.

— Nossos inimigos estão em grande número — disse ele. — Vocês terão sua luta, mais até do que desejam, mas não aqui.

Quando Drizzt, os dois anões e a pantera alcançaram Pwent, o barulho do exército que se aproximava era bastante evidente.

— Eu pensei que você disse que os malditos drow se moviam em silêncio — comentou Pwent, dando dois passos para cada um do ranger ágil.

— Não são drow — respondeu Drizzt. — Kobolds e goblins.

Pwent derrapou para uma parada abrupta.

— Estamos fugindo de kobolds fedorentos? — ele perguntou.

— Milhares de kobolds fedorentos — respondeu Drizzt categórico —, e monstros maiores, provavelmente com milhares de drow atrás deles.

— Oh — respondeu o furioso de batalha, tendo de repente perdido sua bravata.

Nos túneis familiares, Drizzt e os Esmaga-tripas não tiveram problemas para se manter à frente do exército apressado. Drizzt não tomou nenhum desvio desta vez, mas correu direto para o leste, passando pelos túneis que os anões haviam preparado para cair.

— Corram — o drow ordenou aos armadilheiros designados, um punhado de anões prontos ao lado de manivelas que liberariam as cordas que sustentam a estrutura do túnel. Cada um deles, por sua vez, olhou perdido ante a ordem surpreendente.

— Eles estão vindo — comentou um, e era exatamente por isso que esses anões estavam nos túneis.

— Tudo o que vão pegar são kobolds — Drizzt, entendendo as táticas drow, informou-os. — Corram, e vamos ver se não conseguimos pegar alguns drow também.

— Mas ninguém estará aqui para ativar as armadilhas! — mais de um anão, Pwent entre eles, afirmou.

O sorriso travesso de Drizzt foi convincente, então os anões, que aprenderam muitas vezes a confiar no ranger, deram de ombros e se alinharam com os Esmaga-tripas em retirada.

— Para onde estamos correndo? — Pwent queria saber.

— Mais cem passos — Drizzt o informou. — Caverna de Tunult, onde você terá sua luta.

— Promessas, promessas — murmurou o feroz Pwent.

A Caverna de Tunult, a área mais aberta deste lado do Salão de Mítral, era na verdade uma série de sete cavernas conectadas por túneis

largos e arqueados. Em nenhum lugar o chão era plano; algumas câmaras eram mais altas do que outras, e mais de uma fissura profunda corria pelo chão.

Lá esperavam Bruenor e seus acompanhantes, junto com quase mil dos melhores lutadores do Salão de Mitral. O plano original pedira que a Caverna de Tunult fosse montada como um posto de comando externo, usado como um ponto de envio para os túneis restantes, embora menos diretos, depois que o avanço drow fosse interrompido pelo desmonoramento.

Drizzt havia alterado esse plano, e ele correu para o lado de Bruenor, conversando com o rei anão, e com Bidderdoo Harpell, um mago que o drow certamente ficou aliviado ao encontrar.

— Você desfez as posições de armar as armadilhas! — Bruenor gritou para o ranger assim que ele entendeu que os túneis além ainda estavam intactos.

— Não exatamente — respondeu Drizzt cheio de confiança. Mesmo quando seu olhar levou Bruenor em direção ao túnel oriental, a primeira das fileiras kobold correu para dentro, escorrendo como água atrás de uma barragem quebrada até os anões à espera. — Eu apenas tirei a bucha do caminho.

Capítulo 20

A batalha da caverna de Tunult

A CONFUSÃO FOI IMEDIATA E COMPLETA, kobolds invadindo às dezenas, e anões resistentes entrando em formações de batalha apertada e correndo para encontrá-los.

Cattibrie ergueu o arco mágico e disparou flecha após flecha, apontando para a entrada principal. Relâmpagos brilhavam a cada tiro enquanto o raio encantado acelerava, crepitando e faiscando toda vez que acertava uma parede. Os kobolds vinham em linha, uma flecha muitas vezes matando vários, mas pouco parecia importar, tão grande era a multidão invasora.

Guenhwyvar saltou para longe, com Drizzt logo atrás. Uma dezena de kobolds de alguma forma passaram pelas lutas iniciais e estavam se aproximando da posição de Bruenor. Um tiro de Cattibrie derrubou um; um salto de Guenhwyvar espalhou o resto; e Drizzt, movendo-se mais rápido do que nunca, deslizou, esfaqueou um, girou no próprio eixo e se virou para a esquerda, lançando o brilho azul de Fulgor contra a tentativa de bloqueio de outro. Se Fulgor fosse uma lâmina reta, a pequena espada do kobold a teria desviado, mas Drizzt, habilidoso, virou a arma curva em sua mão e alterou ligeiramente o ângulo de seu ataque. Fulgor passou por sobre a espada do kobold e mergulhou em seu peito.

O drow sem parar sua corrida, recuou para a direita e deslizou sobre um joelho. Do outro lado veio Fulgor, batendo em uma lâmina de kobold, levando-a com força a acertar um segundo. Mais forte do que as duas criaturas combinadas, e com um ângulo melhor, Drizzt forçou suas espadas e sua defesa para o alto, e sua segunda cimitarra atravessou o outro no caminho, estripando um e tirando as pernas de debaixo do outro.

— Maldito drow! Está roubando toda a diversão — Bruenor murmurou, correndo para alcançar a briga. Entre Drizzt, a pantera e a barragem contínua de Cattibrie, poucos dos vinte kobolds ainda estavam de pé quando ele chegou lá, e aqueles poucos haviam se

virado em fuga.

— Há muito mais para matar — disse Drizzt ante a carranca de Bruenor, reconhecendo o olhar azedo.

Uma linha de flecha prateada cortou entre eles assim que as palavras deixaram a boca do drow. Quando as manchas clarearam diante de seus olhos, os dois se viraram e consideraram os kobolds queimados e mortos derrubados pelo último tiro de Cattibrie.

Então ela também estava ao lado deles, com Khazid'hea na mão, e Regis, segurando a pequena maça que Bruenor havia forjado há muito tempo para ele, estava ao lado dela. Cattibrie deu de ombros enquanto seus amigos ponderavam sobre a mudança de arma e, olhando em volta, entenderam suas táticas. Com mais kobolds entrando e mais anões saindo das outras câmaras para enfrentar a carga, o local estava confuso e congestionado demais para ela continuar a usar com segurança seu arco.

— Corra — disse Cattibrie, com um sorriso melancólico cruzando seus belos traços.

Drizzt devolveu o olhar, e Bruenor, até Regis, tinha um brilho nos olhos. De repente, parecia como nos velhos tempos.

Guenhwyvar liderou seu ataque, com Bruenor se esforçando para ficar perto da cauda da pantera. Cattibrie e Regis flanqueavam o anão, e Drizzt, correndo e girando, flanqueou o grupo, primeiro à esquerda, depois à direita, parecendo estar onde quer que a batalha fosse iniciada, correndo rápido demais para ser real.



Bidderdoo Harpell sabia que ele havia errado. Drizzt pediu-lhe para chegar à porta, para esperar que o primeiro drow se mostrasse dentro da caverna e lançasse uma bola de fogo de volta pelo túnel, onde as chamas queimariam as cordas de suporte e deixariam as pedras caírem.

— Não é uma tarefa difícil — garantiu Bidderdoo a Drizzt, e por isso não deveria ter sido. O mago havia memorizado um feitiço que

poderia colocá-lo em posição e conhecia outros para mantê-lo escondido com segurança até que a explosão estivesse completa. Então, quando todos ao seu redor correram para se juntar às lutas, eles o fizeram seguros de que as armadilhas seriam lançadas, que os túneis seriam derrubados e que a maré de inimigos seria interrompida.

Algo deu errado. Bidderdoo começou a lançar o feitiço para levá-lo à entrada do túnel, até delineou o portal extradimensional que reabriria no local desejado, mas então o mago viu um grupo de kobolds e eles o viram. Isso não foi difícil de fazer, pois Bidderdoo, um humano e não abençoado com a visão que poderia se estender até o espectro infravermelho, carregava uma pedra preciosa brilhante. Kobolds não eram criaturas estúpidas, não quando se tratava de batalha, e eles reconheceram esse humano que parecia fora do lugar pelo que ele era. Mesmo o mais inexperiente dos lutadores kobolds entendia o valor de chegar a um mago, de forçar um conjurador perigoso a entrar em combate corpo a corpo, mantendo suas mãos presas a armas em vez de componentes muitas vezes explosivos.

Ainda assim, Bidderdoo poderia ter vencido essa luta, poderia ter atravessado as dimensões para chegar à sua posição nomeada.

Durante sete anos, até o Tempo das Perturbações, Bidderdoo Harpell tinha vivido com os efeitos de uma poção que deu errado, tinha vivido como o cão da família Harpell. Quando a magia enlouqueceu, Bidderdoo voltou à sua forma humana — tempo suficiente, pelo menos, para reunir os ingredientes necessários para neutralizar a poção. Logo depois, Bidderdoo voltou ao seu eu pulguento, mas ele ajudou sua família a encontrar os meios para tirá-lo do encantamento. Um grande debate se seguiu na Mansão de Hera sobre se eles deveriam “curar” Bidderdoo ou não. Parecia que muitos dos Harpells haviam se afeiçoado bastante ao cão, mais do que jamais amaram Bidderdoo como humano.

Bidderdoo até serviu como o cão-guia de Harkle em um longo trecho da jornada para o Salão de Mithral, quando Harkle não tinha olhos.

Mas então a magia se endireitou, e o debate se tornou discutível, pois o encantamento simplesmente se foi.

Ou será que não? Bidderdoo não tinha dúvidas sobre a integridade de sua cura até este momento, até que viu os kobolds se aproximando. Seu lábio superior se curvou para trás em um rosnado aberto. Ele sentiu o cabelo na parte de trás do pescoço eriçar e sentiu seu cóccix apertar — se ele ainda tivesse uma cauda, estaria logo atrás dele!

Ele começou a se agachar e percebeu apenas então que não tinha patas, mas mãos, mãos que não continham armas. Ele gemeu, pois os kobolds estavam a apenas três metros de distância.

O feiticeiro tentou um feitiço em vez disso. Ele juntou as pontas dos polegares, as mãos afastadas de cada lado e entoou freneticamente.

Os kobolds chegaram, em frente e flanqueando, e o mais próximo deles tinha uma espada erguida para um ataque.

As mãos de Bidderdoo irromperam em chamas, com jatos de chamas abrasadoras, saindo em um semicírculo.

Meia dúzia de kobolds estavam mortos, e vários outros piscaram com espanto através de pestanas chamuscadas.

— Hah! — Bidderdoo gritou e estalou os dedos.

Os kobolds piscaram de novo e atacaram, e Bidderdoo não tinha feitiços rápidos o suficiente para detê-los.



A princípio, os kobolds e goblins pareciam uma massa confusa e cheia, e assim permaneceu para muitos dos brigões indisciplinados. Mas vários grupos haviam treinado por muito tempo para a guerra nas cavernas sob o complexo da Casa Oblodra. Um destes grupos, formados por cinquenta dos fortes, formou uma cunha apertada, três grandes kobolds na ponta e uma linha apertada correndo para trás que se alargava para cada lado.

Eles entraram na câmara principal, evitaram o combate o suficiente para se formar e foram direto para a esquerda, em direção à entrada iminente de uma das cavernas laterais. A maioria dos anões os evitava, com tantas outras mortes mais fáceis disponíveis, e o grupo kobold quase chegou à câmara lateral ileso.

Saindo daquela câmara, no entanto, havia um grupo de pouco mais de uma dezena de anões. Os guerreiros barbudos gritaram, rugiram e investiram com ferocidade, mas a formação kobold não vacilou, trabalhou com perfeição enquanto dividia a linha dos anões quase

exatamente ao meio, depois ampliou a lacuna com os kobolds principais pressionando a própria entrada da câmara lateral. Alguns kobolds caíram nessa carga, e um anão morreu, mas as fileiras de kobolds se apertaram outra vez no mesmo instante, e esses anões pegos ao longo da linha interna, presos entre os kobolds e a parede baixa e inclinada da caverna principal, de fato se encontravam em uma situação terrível.

Do outro lado do caminho, a metade “livre” do grupo anão percebeu seu erro, que eles haviam subestimado demais os kobolds e não esperavam táticas tão intrincadas. Seus parentes estariam perdidos, e não havia nada que pudessem fazer para passar por essa formação surpreendentemente apertada e disciplinada — feita ainda mais apertada pelo fato de que, ao se aproximar da parede, os kobolds passaram por algumas estalactites baixas.

Os anões atacaram com violência de qualquer maneira, estimulados pelos gritos de seus companheiros que pareciam condenados.

Guenhwyvar estava abaixada no chão, baixo o suficiente para pular sob qualquer estalactite. A pantera atingiu a parte de trás da formação de kobolds a todo vapor, lançando dois kobolds para longe e correndo sobre um terceiro, com suas garras se cravando para estabilizá-la melhor enquanto a gata atravessava.

Drizzt entrou por trás, deslizando sobre um joelho e matando dois kobolds na primeira rotina de ataque. Ao lado dele avançou Regis, não mais alto do que um kobold e lutando direto e em pé de igualdade contra um. Com seu grande e arrebatador estilo de luta com machados, Bruenor achou os aposentos apertados desconfortáveis, na melhor das hipóteses. Era pior ainda para Cattibrie, não tão ágil ou rápida quanto Drizzt. Se ela ficasse sobre um joelho, como o drow havia feito, estaria em uma enorme desvantagem.

Mas em pé, com uma estalactite em seu rosto, ela não estava muito melhor.

Khazid'hea lhe deu a resposta.

Isso ia contra todos os instintos que a mulher tinha, era contrário a tudo o que Bruenor — que passara grande parte de sua vida consertando armas danificadas — a ensinara a fazer em uma luta. Mas, mal pensando, Cattibrie agarrou seu punho de espada com as duas mãos e fez a magnífica arma se mover de forma transversal, no alto.

A linha vermelha de Khazid'hea brilhou com raiva quando a espada se conectou na pedra pendurada. O impulso de Cattibrie diminuiu, mas apenas um pouco, pois Mutiladora fez jus ao seu nome, cortando a rocha. Cattibrie se virou para o lado quando a espada saiu da estalactite, e ela teria ficado vulnerável naquele instante — exceto que os dois kobolds em formação logo antes dela de repente ficaram mais preocupados com o fato de que o céu parecia estar caindo.

Um foi esmagado sob a estalactite, e a morte do outro foi igualmente rápida quando Bruenor, vendo a abertura, correu com um corte sobre a cabeça que quase rasgou a coisa miserável ao meio.

Aqueles anões que haviam sido separados na fileira externa se animaram com a chegada de um grupo tão poderoso, e pressionaram ferozes a linha kobold, gritando para seus companheiros presos “segurem firme!” e prometendo que a ajuda chegaria em breve.

Regis odiava lutar, pelo menos quando seu oponente podia vê-lo chegando. Ele era necessário agora, porém. Ele sabia disso e não se esquivaria de suas responsabilidades. Ao lado dele, Drizzt lutava de joelhos. Como o halfling, que teria que se levantar na ponta dos pés para bater a cabeça em uma estalactite, justificaria ficar atrás de seu amigo drow desta vez?

Com as duas mãos no cabo de sua maça, Regis investiu feroz e sorriu quando acertou em cheio, a arma bem forjada esmagando um braço kobold.

Mesmo quando aquele oponente se afastou, outro se apertou e bateu, sua espada pegando Regis sob seu braço erguido. Apenas uma bela armadura anã o salvou — ele fez uma nota mental para comprar algumas canecas grandes de hidromel para Buster Bracer se ele sáísse disso vivo.

A armadura dos anões era dura, mas a cabeça do kobold não era tão dura, como a maça do halfling provou um momento depois.

— Muito bem — Drizzt parabenizou, sua batalha diminuindo o suficiente para ele testemunhar o ataque do halfling.

Regis tentou sorrir, mas estremeceu com a dor de suas costelas machucadas.

Drizzt notou o olhar e saltou na frente de Regis, encontrando a carga quando a formação de kobold mudou para compensar a brecha

crescente. As cimitarras do drow entraram em uma dança selvagem, cortando e rasgando, muitas vezes batendo contra as estalactites baixas, lançando faíscas, mas com mais frequência acertando kobolds.

Ao lado, Cattibrie e Bruenor se formaram em uma aliança improvisada, Bruenor segurando o inimigo, enquanto Cattibrie e Mutiladora continuavam a abrir um caminho mais alto, derrubando as pedras penduradas uma de cada vez.

Do outro lado do caminho, porém, os anões permaneciam muito pressionados, com dois caídos e os outros cinco levando muitos golpes. Nenhum dos amigos conseguiria alcançá-los a tempo, eles sabiam, nenhum conseguiria atravessar a formação apertada.

Nenhum, exceto Guenhwyvar.

Voando como uma flecha negra, a pantera continuava, correndo atrás de cada kobold, ignorando muitos ataques perversos. O sangue corria dos flancos da pantera, mas Guenhwyvar não seria dissuadida. Ela chegou aos anões e reforçou sua linha, e seu grito ante sua aparição foi de puro prazer e salvação.

Com uma canção em seus lábios, os anões lutaram, a pantera lutou e os kobolds não conseguiram terminar a tarefa. Sendo pressionados do outro lado, a formação logo desmoronou, e o grupo anão se reuniu, para que os feridos pudessem ser retirados da caverna.

A preocupação de Drizzt e Cattibrie por Guenhwyvar foi roubada pelo rugido da pantera e seu salto, enquanto Guenhwyvar levava os cinco amigos para o próximo lugar onde eles seriam mais necessários.



Bidderdoo fechou os olhos, imaginando que mistérios a morte revelaria.

Ele esperava que houvesse algum, pelo menos.

Ele ouviu um rosnado, depois um choque de aço na frente dele. Então veio um grunhido, e o baque repugnante de um corpo rasgado batendo no chão duro.

“Eles estão brigando por quem vai me matar”, pensou o mago.

Mais rosnados — rosnados anões! — e mais grunhidos; mais corpos rasgados caindo na pedra.

Bidderdoo abriu os olhos para ver as fileiras de kobold dizimadas, para ver um punhado dos anões mais sujos e malcheirosos que se poderia imaginar pulando para cima e para baixo ao seu redor, apontando para cá e para lá, enquanto aqueles da Brigada Esmaga-tripas tentavam descobrir onde poderiam causar mais estragos.

Bidderdoo levou um momento para considerar os kobolds, uma dúzia de cadáveres que haviam sido mais do que mortos.

— Moídos — ele sussurrou, e assentiu, decidindo que era uma palavra melhor.

— Você está bem agora — disse um dos anões. Bidderdoo acreditava que esse se chamava Thibbledorf Pwent ou algo assim, não que alguém chamado Bidderdoo pudesse zombar de nomes. — E eu e os meus estamos fora! — o furioso de batalha selvagem bufou.

Bidderdoo assentiu, depois percebeu que ainda tinha um problema sério. Ele só havia se preparado para um feitiço que pudesse abrir uma porta dimensional, e esse foi desperdiçado, o encantamento expirou enquanto lutava com os kobolds.

— Espere! — ele gritou para Pwent, e ele surpreendeu a si mesmo e ao anão, pois junto com suas palavras saiu um ganido.

Pwent olhou para o Harpell com curiosidade. Ele pulou bem diante de Bidderdoo e inclinou a cabeça para o lado, um movimento exagerado pela ponta do capacete inclinada.

— Espere. Por favor, não vá, bom e nobre anão — disse Bidderdoo com suavidade, precisando de ajuda.

Pwent olhou em volta e atrás, como se tentasse descobrir com quem esse mago estava falando. Os outros Esmaga-tripas estavam da mesma forma confusos, alguns de pé e olhando fixo, coçando suas cabeças.

Pwent enfiou um dedo atarracado e sujo em seu próprio peito, com sua expressão mostrando que ele mesmo não se considerava “bom e nobre”.

— Não me deixem — implorou Bidderdoo.

— Você ainda está vivo — rebateu Pwent. — E não há muito para matar aqui. — Como se isso fosse explicação suficiente, o furioso de batalha girou e deu um passo para longe.

— Mas eu falhei! — Bidderdoo lamentou, e um uivo escapou de seus lábios no final da frase.

— Você falhou? — perguntou Pwent.

— Oh, todos nós estamos perdiduuius! — o mago uivante continuou dramaticamente. — Está muuuuuito longe.

Todos os combatentes estavam ao redor de Bidderdoo a essa altura, intrigados com o sotaque estranho, ou o que quer que fosse. Os inimigos mais próximos, um bando de goblins, poderiam ter atacado, mas nenhum queria chegar perto dessa trupe selvagem, a razão sendo bastante clara com o último grupo de kobolds deitado em pedaços sanguinolentos ao redor da área.

— É melhor você ser rápido e direto ao ponto — Pwent, ansioso para voltar a matar, berrou para Bidderdoo.

— Auuuuu!

— E pare com esse maldito uivo! — exigiu o furioso de batalha.

Na verdade, o pobre Bidderdoo não estava uivando de propósito. No estresse da situação, o mago que viveu tanto tempo como um cão estava lembrando a experiência sem querer, descobrindo mais uma vez aqueles instintos caninos primitivos. Ele respirou fundo e lembrou-se de que era um homem, não um cão.

— Eu devo chegar à entrada do túnel — disse ele sem uivar, gritar ou ganir. — O ranger drow me pediu para lançar uma magia pelo corredor.

— Eu não gosto de coisas de mago — interrompeu Pwent e se virou mais uma vez.

— Você gosta de derrubar o túnel fedorento nas cabeças dos drow fedorentos? — Bidderdoo perguntou em sua melhor imitação de furioso de batalha.

— Bah! — bufou Pwent, e todas as cabeças dos anões estavam balançando ansiosas ao redor dele. — Eu e os meus vamos te levar lá!

Bidderdoo teve o cuidado de manter seu rosto severo, mas em segredo se achou bastante inteligente por apelar para a fome dos anões selvagens por carnificina.

Em um piscar de olhos caninos, Bidderdoo foi arrastado pela maré de Esmaga-tripas. O mago sugeriu uma rota mais longa, contornando o lado esquerdo ou norte da caverna, onde a luta se tornara menos intensa.

Mago tolo.

A Brigada Esmaga-tripas correu direto, atropelou kobolds e os goblins maiores que haviam entrado atrás das fileiras dos kobolds. Eles quase enterraram um par de anões que não foram rápidos o suficiente para mergulhar de lado; eles saltaram de estalagmites, ricocheteando e rolando. Antes que Bidderdoo pudesse começar a protestar contra a tática, ele se viu perto do local designado, a entrada para o túnel.

Ele passou um breve momento se perguntando o que era mais rápido, um feitiço abrindo uma porta dimensional ou um punhado de furiosos de batalha sedentos por sangue. Ele até entretive a criação de um novo feitiço, Escolta de Furiosos de Batalha, mas afastou esse pensamento, porque um problema mais imediato, um par de enormes minotauros e um elfo negro atrás deles, entravam na caverna.

— Postura defensiva! — gritou Bidderdoo. — Vocês devem segurá-los! Postura defensiva!

Mago tolo.

Os dois Esmaga-tripas mais próximos voaram de cabeça, mergulhando nos pés dos monstros altos de dois metros e meio. Antes mesmo de perceberem o que os atingiu, os minotauros estavam caindo para frente. Nenhum dos dois caiu direto no chão, no entanto, uma vez que Pwent e outro anão de olhos selvagens rugiram, cabeceando os minotauros de frente.

Um globo de escuridão apareceu por trás da queda, e o drow não estava em lugar nenhum.

Bidderdoo sabiamente começou sua conjuração. Os drow estavam aqui!

Assim como Drizzt havia imaginado, os drow estavam vindo atrás dos descartáveis kobolds. Se ele pudesse lançar a bola de fogo agora, se ele pudesse derrubar o túnel...

Ele teve que forçar as palavras através de um grunhido gutural e instintivo vindo de algum lugar no fundo de sua garganta. Ele teve o desejo de se juntar aos Esmaga-tripas, que estavam todos clamando sobre os minotauros caídos, desmontando os brutos de forma impiedosa. Ele teve o desejo de participar do banquete.

— O banquete? — ele perguntou em voz alta.

Bidderdoo balançou a cabeça e recomeçou, concentrando-se no feitiço. Aparentemente, ouvindo a cadência rítmica do mago, o drow saiu da escuridão, com a besta de mão em prontidão.

Bidderdoo fechou os olhos, forçou as palavras a fluir o mais rápido possível. Ele sentiu a dor do dardo, bem na barriga, mas sua concentração estava completa e ele não se encolheu, não interrompeu o feitiço.

Suas pernas ficaram fracas debaixo dele. Ele ouviu o drow chegando, imaginou uma espada brilhante pronta para um ataque mortal.

A concentração de Bidderdoo se manteve. Ele completou a magia, e uma pequena e brilhante bola de fogo saltou de sua mão, subindo pela escuridão além, pelo túnel.

Bidderdoo oscilou de fraqueza. Ele abriu os olhos, mas a caverna ao seu redor estava embaçada e vacilante. Então ele caiu para trás, sentiu como se o chão estivesse correndo para engoli-lo.

Em algum lugar no fundo de sua mente, ele esperava acertar a pedra com força, mas então a bola de fogo disparou.

E o túnel caiu.

Capítulo 21

Ponto para os heróis

UM FARDO PESAVA SOBRE OS OMBROS fortes do honorável mestre de escavações, mas Belwar não se inclinava enquanto marchava pelos longos e sinuosos túneis. Ele havia tomado a decisão com uma mente clara e um propósito definido, e simplesmente se recusava a duvidar de si mesmo no caminho até o Salão de Mitral.

Seus oponentes no debate argumentaram que Belwar era motivado pela amizade pessoal, não pelos melhores interesses dos svirfneblin. Firble havia descoberto que Drizzt Do'Urden, amigo drow de Belwar, havia escapado de Menzoberranzan, e a marcha drow, por todas as indicações, era em direção ao Salão de Mitral, sem dúvida motivada em parte pelo ódio proclamado de Lolth ao renegado.

Será que Belwar levaria Gruta das Pedras Preciosa à guerra, então, pelo bem de um único drow?

No final, essa discussão acalorada fora resolvida não por Belwar, mas por Firble, outro dos svirfneblin mais antigos, outro dos que sentiram a dor de forma mais intensa quando Gruta das Pedras Preciosas foi deixada para trás.

— Uma escolha clara nós temos — disse Firble. — Ir agora e ver se podemos ajudar os inimigos dos drow, ou um novo lar devemos encontrar, pois os drow por certo retornarão, e se ficarmos, ficaremos sozinhos.

Foi uma decisão terrível e difícil para o conselho e para o Rei Schnicktick. Se eles seguissem os elfos negros e encontrassem suas suspeitas confirmadas, encontrassem uma guerra na superfície, poderiam contar com a aliança dos anões da superfície e dos humanos, povos que os gnomos das profundezas não conheciam?

Belwar garantiu a eles que poderiam. Com todo o seu coração, o honorável mestre de escavações acreditava que Drizzt, e quaisquer amigos que Drizzt fizesse, não o decepcionariam. E Firble, que

conhecia o mundo exterior tão bem — mas era, ele próprio admitia, um pouco ignorante da superfície — concordou com Belwar, apenas porque por lógica, qualquer raça, mesmo os goblins, que não eram tão inteligentes, receberia aliados contra os elfos negros.

Então Schnicktick e o conselho por fim concordaram, mas como todas as outras decisões dos essencialmente conservadores svirfneblin, eles iriam apenas até certo ponto. Belwar poderia marchar em busca dos drow, e Firble com ele, junto com quaisquer gnomos que se voluntariassem. Eles eram batedores, Schnicktick enfatizou, e não um exército em marcha. O rei svirfneblin e todos aqueles que se opuseram ao raciocínio de Belwar ficaram surpresos ao descobrir quantos se voluntariaram para a longa e perigosa marcha. Tantos, na verdade, que Schnicktick, para o simples bem da operação da cidade, teve que limitar o número a trezentos.

Belwar sabia por que os outros svirfneblin tinham vindo, e sabia a verdade por trás de sua própria decisão. Se os elfos negros fossem para a superfície e derrubassem o Salão de Mitral, eles não permitiriam que os gnomos voltassem para Gruta das Pedras Preciosas. Menzoberranzan não conquistava e depois deixava em paz. Não, eles escravizariam os anões e trabalhariam as minas como se fossem suas, então ai de Gruta das Pedras Preciosas, pois a cidade dos svirfneblin estaria muito perto das rotas mais fáceis para a terra conquistada.

Então, embora todos esses svirfneblin, Belwar e Firble incluídos, estivessem marchando para mais longe de Gruta das Pedras Preciosas do que nunca, eles sabiam que estavam, de fato, lutando por sua terra natal.

Belwar não duvidaria dessa decisão, e tendo isso em mente, seu fardo foi diminuído.



Bidderdoo lançou a bola de fogo bem abaixo do túnel, mas os caminhos estreitos não podiam conter o volume da explosão. Uma linha de fogo correu para fora do túnel, de volta para a caverna, como o sopro de um dragão vermelho furioso, e as próprias roupas de Bidderdoo se queimaram. O mago gritou — como todos os anões e kobolds perto dele, assim como a próxima linha de minotauros,

correndo para a caverna, assim como os elfos negros atrás deles.

No momento da bola de fogo do mago, todos eles gritaram e, com a mesma rapidez, os gritos desapareceram, extintos, oprimidos, por centenas de toneladas de pedra caindo.

Mais uma vez, uma onda de choque varreu a caverna, uma explosão tão forte que a rajada dela soprou as chamas que queimavam as vestes de Bidderdoo. Ele estava voando de repente, como todos os que estavam perto dele, voando e atordoado, se chocando com a pedra e tendo muita sorte, pois nenhuma das estalactites que caíram ou a pedra pesada deslocada na caverna o esmagou.

O chão tremeu e se ergueu. Uma das paredes da caverna dobrou e uma das câmaras laterais desmoronou. Então acabou, e o túnel se foi, simplesmente se foi, como se nunca tivesse estado lá, e a câmara que recebera o nome do anão Tunult parecia muito menor.

Bidderdoo levantou-se da poeira empilhada e detritos trêmulo e limpou a sujeira de sua pedra preciosa brilhante. Com toda a poeira no ar, a luz da pedra encantada parecia mesmo escassa. O mago olhou para si mesmo, vendo mais pele do que roupas, vendo dezenas de contusões e vermelho brilhante em um braço, sob a poeira apegada, onde o fogo havia chegado à sua pele.

Um pico de capacete, meio inclinado para o lado, se projetava de uma pilha não muito longe. Bidderdoo estava prestes a falar um lamento pelo furioso de batalha que o levava ao local, mas Pwent de repente surgiu do meio da poeira, cuspidando pedrinhas e sorrindo feito louco.

— Muito bem! — rugiu o furioso de batalha. — Faz de novo!

Bidderdoo começou a responder, mas então ele desmaiou, o veneno drow em seu sangue derrotando o solavanco momentâneo da adrenalina. A próxima coisa que o infeliz mago notou foi que Pwent estava segurando-o e ele estava engasgando com a mistura mais desagradável já fabricada. Nojenta, mas eficaz, pois a moleza de Bidderdoo já não existia mais.

— Esmaga-tripas! — rugiu Pwent, dando um tapinha no frasco de confiança em seu cinto largo.

Quando a poeira baixou, os corpos se agitaram, um por um. Sendo anões, a Brigada Esmaga-tripas, mais durona que pedra, permaneceu, e os poucos kobolds que sobreviveram foram cortados antes que

pudessem implorar por piedade.

A maneira como a caverna havia desmoronado, com a câmara lateral mais próxima desaparecida, e a parede oposta àquela, esse pequeno grupo se viu separado da força principal. Eles não estavam presos, no entanto, pois uma passagem estreita levava à esquerda, de volta ao coração da Caverna de Tunult. A luta lá dentro havia recomeçado, era o que parecia pelo retinir de metal e dos gritos de anões e kobolds.

Inesperadamente, Thibbledorf Pwent não liderou seus comandados para ir com tudo até a luta. A passagem era estreita neste pedaço, e parecia se estreitar ainda mais logo à frente, tanto que Pwent nem pensou que eles poderiam se espremer por lá. Além disso, o furioso de batalha avistou algo sobre o ombro de Bidderdoo, uma rachadura profunda na parede ao lado do túnel caído. Quando ele se aproximou do local, Pwent sentiu a brisa forte saindo da rachadura, enquanto a pressão do ar nos túneis se ajustava à catástrofe.

Pwent gritou e bateu na parede abaixo da rachadura com toda a sua força. A pedra solta cedeu e caiu, revelando uma passagem inclinada para os corredores mais profundos além.

— Devemos voltar e reportar ao Rei Bruenor — argumentou Bidderdoo —, ou ir até onde o túnel nos levar, para que eles saibam que estamos aqui, para que eles possam nos desenterrar.

Pwent riu.

— Não seríamos batedores muito bons se deixássemos a passagem deste túnel — argumentou ele. — Se os drow o encontrarem, eles voltarão mais rápido do que Bruenor esperava. Agora esse é um relatório que vale a pena dar!

Na verdade, era difícil para o guerreiro anão ultrajante ignorar esses sons tentadores de batalha, mas Pwent encontrou seu coração buscando a promessa de inimigos maiores, de drow e minotauros, nos corredores abertos do outro lado.

— E se ficarmos presos naquele túnel lá — continuou Pwent, apontando de volta para o que restava da Caverna de Tunult — os malditos drow vão atacar direto nas nossas costas!

A Brigada Esmaga-tripas se formou atrás de seu líder, mas Bidderdoo balançou a cabeça e se espremeu na passagem. Seus piores medos foram logo percebidos, pois de fato se estreitava, e ele não conseguia

se aproximar da área aberta além, onde a luta continuava, não conseguia nem chegar perto o suficiente para esperar atrair a atenção acima do tumulto da batalha.

Talvez ele tivesse uma magia que o ajudasse, Bidderdoo pensou, e ele enfiou a mão em um bolso incrivelmente fundo para recuperar seu precioso grimório. Ele tirou um monte de páginas bagunçadas, manchadas e chamuscadas, muitas com a tinta manchada pelo calor intenso.

A cola e os pontos de amarração também derreteram, e quando Bidderdoo segurou a bagunça, ela se desfez.

O mago, respirando com força de repente, sentindo como se o mundo estivesse se fechando ao seu redor, reuniu o maior número possível de pergaminhos e saiu correndo da passagem, para encontrar, para sua surpresa e alívio, Pwent e os outros ainda esperando por ele.

— Imaginei que você mudaria de ideia — observou o furioso de batalha, e ele liderou a Brigada Esmaga-tripas, mais um, para longe.



“Cinquenta drow e um minotauro inteiro se agrupando”, as mãos de Quenthel Baenre sinalizaram e, pelos movimentos bruscos e diretos, sua mãe sabia que estava indignada.

“Tola”, pensou Matriarca Baenre. Ela se perguntou então sobre a capacidade de sua filha para esta expedição. Quenthel era uma sacerdotisa poderosa, não poderia negar isso, mas só então a velha matriarca-mãe decrepita percebeu que a jovem Quenthel nunca tinha de fato visto uma batalha. A Casa Baenre não havia guerreado em muitas centenas de anos, e por causa de sua educação acelerada através da Academia, Quenthel fora poupada dos deveres de escoltar patrulhas de batedores nos túneis dos ermos fora de Menzoberranzan.

Baenre então percebeu que sua filha nunca havia saído da cidade drow.

“O principal caminho para o Salão de Mitral não existe mais”, as mãos de Quentel continuaram. “E várias passagens paralelas também

caíram. E pior”, Quenthel parou de repente, teve que fazer uma pausa e respirar fundo para se estabilizar. Quando ela recomeçou, seu rosto estava preso em uma máscara de raiva. “Muitos dos drow mortos eram mulheres, várias sacerdotisas poderosas e uma alta sacerdotisa.”

Ainda assim, os movimentos eram exagerados, muito diretos e rápidos.

Quenthel acreditava mesmo que essa conquista seria fácil? Baenre se perguntou. Ela achou que nenhum drow seria morto?

Baenre se perguntou, e não pela primeira vez, se ela havia errado em trazer Quenthel. Talvez ela devesse ter trazido Triel, a mais capaz das sacerdotisas.

Quenthel estudou o olhar duro em sua direção e entendeu que sua mãe não estava satisfeita. Demorou um momento para perceber que estava irritando Baenre mais do que o relatório ruim justificaria.

— As linhas estão se movendo? — Baenre perguntou em voz alta.

Quentel pigarreou.

— Bregan D’aerthe descobriu muitas outras rotas — respondeu ela — até mesmo corredores que os anões não conhecem, que se aproximam de túneis que levam ao Salão de Mitral.

Matriarca Baenre fechou os olhos e assentiu, aprovando o otimismo repentinamente renovado de sua filha. Na verdade, havia túneis que os anões não conheciam, pequenas passagens abaixo dos níveis mais baixos do Salão de Mitral perdidas enquanto os anões continuavam a mudar suas operações de mineração para veios mais ricos. O velho Gandalug conhecia esses caminhos antigos e secretos, e com o interrogatório intrusivo de Methil, os drow também os conheciam. Esses túneis secretos não se conectavam ao complexo dos anões, mas os magos podiam abrir portas onde não havia nenhuma, e os illithids podiam atravessar pedras e levar guerreiros drow com eles em suas jornadas psiônicas.

Os olhos de Baenre se abriram.

— Notícias de Berg’yinon? — ela perguntou.

Quenthel balançou a cabeça.

— Ele saiu dos túneis, como ordenado, mas não sabemos dele desde então.

As feições de Baenre ficaram contrariadas. Ela sabia que Berg'inyon estava furioso por ser enviado para fora. Ele liderava a maior unidade coesa de todas, em termos numéricos, quase mil drow e cinco vezes isso em goblins e kobolds, com muitos dos drow montando lagartos enormes. Mas os deveres de Berg'inyon, embora vitais para a conquista do Salão de Mitral, o colocaram na encosta da montanha do lado de fora do complexo dos anões. Muito provavelmente, Drizzt Do'Urden estaria dentro, nos túneis mais baixos, trabalhando em um ambiente mais adequado para um elfo negro. Muito provavelmente, Uthegental Armgo, não Berg'inyon, seria o primeiro a tentar matar o renegado.

A carranca de Baenre se transformou em um sorriso enquanto pensava em seu filho e sua birra quando lhe dera sua tarefa. Claro que ele tinha que agir com raiva, até mesmo indignado. Claro que ele teve que reclamar que ele, não Uthegental, devia liderar o ataque através dos túneis. Mas Berg'inyon tinha sido colega de classe e principal rival de Drizzt em seus anos em Arena-Magthere, a escola drow para combatentes. Berg'inyon conhecia Drizzt talvez melhor do que qualquer drow vivo em Menzoberranzan. E Matriarca Baenre conhecia Berg'inyon.

A verdade é que Berg'inyon não queria ter nada a ver com o perigoso renegado.

— Procure seu irmão com sua magia — disse Baenre de repente, surpreendendo Quenthel. — Se ele continuar com sua obstinação, substitua-o.

Os olhos de Quenthel se arregalaram de horror. Ela tinha estado com Berg'inyon quando a força saiu dos túneis, atravessando uma borda em uma montanha com vista para uma ravina profunda. A visão a tinha sobrepujado, a tinha deixado tonta, e a muitos outros drow também. Ela se sentiu perdida lá fora, insignificante e vulnerável. Esta caverna que era o mundo da superfície, esta grande câmara cuja cúpula negra brilhava com pontos de luz desconhecida, era vasta demais para seus sentidos.

Matriarca Baenre não apreciou a expressão horrorizada:

— Vá! — ela retrucou, e Quenthel escapuliu silenciosamente.

Ela mal estava fora de vista antes que o próximo drow a fazer um relatório pisasse diante do disco flutuante azul brilhante de Baenre.

Seu relatório, sobre o progresso da força se movendo em segredo nos túneis inferiores, foi melhor, mas Baenre mal ouviu. Para ela, esses detalhes estavam se tornando tediosos depressa. Os anões eram bons e tiveram muitos meses para se preparar, mas no final, a Matriarca Baenre não duvidava do resultado, pois acreditava que a própria Lolth havia falado com ela. Os drow venceriam e o Salão de Mitral cairia. Ela ouviu o relatório, porém, e o próximo, e o próximo, e o seguinte depois disso, num fluxo que parecia interminável, e se forçou a parecer interessada.

Capítulo 22

Luz estelar, estrela brilhante

DE SUA POSIÇÃO ALTA, com sua visão aprimorada por magia, eles pareciam um exército de formigas, enxameando o lado oriental e mais íngreme da montanha, enchendo cada vale, escalando cada rocha. Logo atrás, vinha a escuridão mais profunda, as formações apertadas de guerreiros drow. Nunca a Senhora de Lua Argêntea tivera uma visão tão desconcertante, nunca ficara tão apreensiva, embora tivesse suportado muitas guerras e muitas aventuras perigosas. O rosto de Alustriel não refletia essas batalhas. Ela era mais bela que qualquer mulher viva, sua pele lisa e pálida, quase translúcida e seus cabelos longos e prateados — não cinzentos da idade, embora ela fosse de fato muito velha, mas brilhantes e ricos, a luz tranquila da noite e o brilho cintilante das estrelas todos misturados. Na verdade, a bela dama havia sofrido muitas guerras, e a tristeza desses conflitos se refletiu em seus olhos, assim como a sabedoria de desprezar a guerra.

Do outro lado do caminho em direção à face sul, ao redor da curva da montanha cônica, Alustriel podia ver as bandeiras das forças reunidas, mais proeminente entre elas a bandeira prateada de seus próprios cavaleiros. Eles estavam orgulhosos e ansiosos, Alustriel sabia, porque a maioria deles era jovem e não conhecia o luto.

A Senhora de Lua Argêntea afastou esses pensamentos desconcertantes e se concentrou no que provavelmente aconteceria, em qual seria seu papel.

A maior parte da força inimiga era formada por kobolds, e ela imaginou que os enormes bárbaros e cavaleiros blindados deveriam ter pouco problema em dispersá-los.

“Mas como eles se saíam contra os drow?” Alustriel se perguntou. Ela fez sua carruagem voadora dar uma volta ampla, observando e esperando.



Escaramuças irromperam ao longo da linha da ponta, quando os batedores humanos encontraram os kobolds avançando.

Ao som da batalha, e com os relatórios se filtrando de volta, Berkthgar estava ansioso para soltar suas forças, partir para a luta e morrer com uma canção para Tempus em seus lábios.

Besnell, que liderava os Cavaleiros de Prata, era um guerreiro já forjado, e mais estrategista.

— Mantenha seus homens sob controle — ele ordenou ao bárbaro ansioso. — Veremos mais lutas esta noite do que qualquer um de nós, mesmo Tempus, seu deus da batalha, gostaria. É melhor que lutemos contra eles no terreno de nossa escolha.

Na verdade, o cavaleiro tinha sido cuidadoso ao selecionar esse mesmo terreno e argumentou contra Berkthgar e o próprio Rei Bruenor para conquistar seu apoio ao seu plano. As forças foram divididas em quatro grupos, espaçados ao longo do lado sul da montanha Quarto Cimo, que continha ambas as entradas para o Salão de Mitral. A noroeste ao redor da montanha ficava o Vale do Guardião, um vale amplo, profundo, coberto de rochas e cheio de névoa, onde ficava a porta ocidental secreta para o complexo dos anões.

Das posições dos soldados ao nordeste ao redor da montanha, através de amplas extensões de rocha aberta e trilhas estreitas e cruzadas, estava o caminho mais longo e mais usado para a porta leste do Salão de Mitral.

Os emissários de Bruenor queriam que a força se separasse, os cavaleiros defenderiam o Vale do Guardião e os homens de Pedra do Veredito guardariam as trilhas orientais. Besnell manteve firme sua posição, no entanto, e conquistou o apoio de Berkthgar, voltando a situação contra os anões orgulhosos, insistindo que eles deveriam ser capazes de ocultar e defender suas próprias entradas.

— Se os drow souberem onde ficam as entradas — ele argumentou, — então é lá que eles esperam resistência.

Assim, o lado sul do Quarto Cimo foi escolhido. Abaixo das posições

dos defensores, as trilhas eram muitas, mas acima delas os penhascos ficavam muito mais íngremes, então eles não esperavam nenhum ataque daquela direção. Os grupos de defensores eram misturados de acordo com o terreno, uma posição de trilhas estreitas e quebradas apenas com bárbaros, duas tendo bárbaros e cavaleiros, e uma, um planalto acima de uma face de rocha larga, lisa e que se inclinava aos poucos, composta só pelos cavaleiros de Nesmé.

Besnell e Berkthgar observavam e esperavam agora da segunda posição. Eles sabiam que a batalha era iminente. Os homens ao redor deles podiam sentir o silêncio, o acercamento do exército que se aproximava. A área mais baixa da montanha, a leste, explodiu de repente em rajadas de luz brilhante quando uma chuva de bolotas encantadas, presentes de clérigos anões, desceu dos bárbaros da primeira defesa.

Como os Kobolds se espalharam! Assim como os poucos elfos negros nas fileiras da frente entre as criaturas diminutas. Aqueles monstros mais altos na beirada, perto da posição secreta, estavam sobrecarregados, com uma horda de poderosos bárbaros descendo sobre eles, dividindo-os ao meio com enormes espadas e machados de batalha, ou simplesmente levantando os kobolds acima da cabeça e arremessando-os pela encosta da montanha.

— Nós devemos sair e encontrá-los! — Berkthgar rugiu, vendo seu povo em batalha. Ele levantou a imensa Bankenfuere no ar. — Pela glória de Tempus! — ele rugiu, um grito repetido por todos aqueles bárbaros na segunda posição, e aqueles na terceira também.

— Lá se vai a emboscada — murmurou Regweld Harpell, sentado em seu cavalo-sapo, Pula-poça. Com um aceno de cabeça para Besnell, pois o tempo se esgotava, Regweld deu um leve puxão na rédea de Pula-poça e a criatura estranha coaxou um relincho gutural e saltou para o oeste, cobrindo a distância de nove metros em um salto.

— Ainda não — implorou Besnell a Berkthgar, a mão do bárbaro segurando uma dúzia ou mais das bolotas mágicas que davam luz. O cavaleiro apontou os movimentos da força inimiga abaixo, e explicou a Berkthgar que, enquanto muitos subiam para encontrar os defensores que mantinham a posição mais a leste, muitos, muitos mais continuaram a filtrar ao longo das trilhas mais baixas para o oeste. Além disso, a luz não era mais tão intensa, já que os elfos negros usavam suas habilidades inatas para combater os feitiços ardentes e brilhantes.

— O que você está esperando? — Berkthgar exigiu saber.

Besnell continuou a segurar a mão no ar, continuou a atrasar a investida.

Ao leste, um bárbaro gritou ao ver que sua forma foi delineada de repente por chamas azuis, um fogo mágico que não queimava. No entanto, ele não era de todo inofensivo, porque à noite, ele revelava claramente a posição do homem. O som de muitas bestas soou de algum lugar abaixo, e o infeliz bárbaro gritou várias vezes, então ficou em silêncio.

Isso foi mais do que suficiente para Berkthgar, e ele jogou as bolotas. Aqueles do seu povo que estavam próximos fizeram o mesmo, e esta segunda seção do rosto do sul se iluminou com magia. Logo atacaram os homens de Pedra do Veredito, para consternação contínua de Besnell. Os cavaleiros deveriam ter descido primeiro, mas não ainda, não até que a maior parte da força inimiga tivesse passado.

— Precisamos — sussurrou o cavaleiro atrás do líder élfico de Lua Argêntea, e Besnell silenciosamente assentiu. Ele examinou a cena apenas por um momento. Berkthgar e seus cem já estavam em combate, direto na face da montanha, sem esperança de se conectar com aqueles homens corajosos que mantinham o terreno alto a leste. Apesar de sua raiva do bárbaro impetuoso, Besnell ficou maravilhado com as façanhas de Berkthgar. A poderosa Bankenfuere derrubou três kobolds em um golpe, lançando-os, no todo ou em partes, alto no ar.

— A luz não vai durar — observou o cavaleiro por trás de Besnell.

— Entre as duas forças — respondeu Besnell, falando alto o suficiente para que todos os cavaleiros ao seu redor pudessem ouvir. — Devemos descer em um ângulo, entre as duas forças, para que os homens do leste possam escapar atrás de nós.

Nenhuma palavra de queixa voltou para ele, embora seu curso escolhido fosse traiçoeiro de fato. O plano original ditava que Cavaleiros de Prata cavalgassem direto para o inimigo, tanto desta posição quanto da próxima posição a oeste, enquanto Berkthgar e seus homens se ligavam atrás deles, toda a força defensora voltando aos poucos para o oeste. Agora Berkthgar, em sua sede de sangue, havia abandonado esse plano, e os Cavaleiros de Prata poderiam pagar caro pelo ato. Mas nem homem nem elfo reclamaram.

— Mantenham suas bolotas em posição — ordenou Besnell — até que

os drow contenham a luz que já está acesa!

Ele empinou seu cavalo uma vez, para efeito.

— Pela glória da Lua Argêntea! — ele gritou.

— E o bem de todos os povos bondosos! — veio a resposta unificada.

Seu trovejar sacudiu o lado do Quarto Cimo, ecoando fundo nos túneis anões abaixo da pedra. Ante o estrondo de chifres, eles atacaram, com cavaleiros, com suas lanças baixas, e quando essas longas lanças ficaram emaranhadas ou quebradas ao espetar o inimigo, saíram espadas brilhantes.

Mais mortais eram as montarias resistentes, esmagando kobolds sob seus cascos, espalhando e aterrorizando kobolds, goblins e drow, pois esses invasores do Subterrâneo mais profundo nunca tinham visto uma carga de cavalaria.

Em poucos minutos, o inimigo subiu a montanha e foi parado e revertido, com apenas alguns dos defensores derrubados. E enquanto os drow continuavam a combater as bolotas de luz, os homens de Besnell contra-atacaram seus feitiços com ainda mais bolotas de luz.

Mas a força sombria continuou a subida ao longo das trilhas mais baixas, evocadas pelo estrondo de chifres a oeste, os chamados para Tempus e para Sela Longa, e o ânimo renovado enquanto os Longinetes seguiam a liderança dos Cavaleiros de Prata.

O primeiro lançamento real de magia liderou a carga daquela terceira posição, um raio de Regweld que dividiu a escuridão, causando mais horror do que destruição.

Surpreendentemente, não houve resposta mágica dos drow, além de feitiços de escuridão menores ou defensores selecionados que eram contornados pelo fogo feérico.

A força bárbara restante fez o que o plano exigia, inclinando-se entre os Longinetes e a área logo abaixo da segunda posição, conectando-se, não com os Cavaleiros de Prata, como originalmente planejado, mas com Berkthgar e sua força.



Bem acima da batalha, Alustriel usou toda a sua disciplina e moderação para controlar-se. Os defensores estavam, como esperado, cortando as fileiras de kobold e goblins em pedaços, matando o inimigo em uma proporção muito superior a cinquenta para um.

Esse número teria dobrado com facilidade se Alustriel tivesse soltado sua magia, mas ela não podia. Os drow estavam esperando pacientemente, e ela respeitava os poderes daqueles elfos malignos o suficiente para saber que seu primeiro ataque poderia ser seu único.

Ela sussurrou para os cavalos encantados que puxavam a carruagem aérea e se moveu mais para baixo, balançando a cabeça sombriamente ao confirmar que a batalha ia como previsto. A matança no alto da face sul estava completa, mas a massa escura fluía abaixo da luta para o oeste.

Alustriel entendeu que muitos drow estavam entre as fileiras desse grupo inferior.

A carruagem voou para o leste, deixou a batalha para trás depressa, e a Senhora de Lua Argêntea sentiu algum conforto ao perceber que as linhas inimigas não eram tão longas, não muito além da extremidade leste das posições defensivas.

Ela veio a entender por que quando ouviu mais uma batalha, ao redor da montanha, ao leste. O inimigo havia encontrado a porta a leste do Salão de Mitral, entrado no complexo e estava lutando contra os anões lá dentro!

Relâmpagos e rajadas de fogo irromperam nas sombras daquela porta baixa, e as criaturas que entraram não eram kobolds diminutos ou goblins estúpidos. Eram drow, muitos, muitos drow.

Ela queria ir até lá, correr sobre o inimigo em uma fúria mágica e explosiva, mas Alustriel tinha que confiar no povo de Bruenor. Os túneis haviam sido preparados, ela sabia, e o ataque por fora da montanha era esperado.

Sua carruagem voou para o norte, e Alustriel decidiu completar o circuito e cortar o vale do Guardião no leste, onde os outros aliados, outros cem de seus Cavaleiros de Prata, esperavam.

O que ela viu não caiu bem, não a consolou.

A face norte do Quarto Cimo era um trecho traiçoeiro e estéril de faces de rocha praticamente impossíveis de escalar e ravinas quebradas que nenhum homem poderia passar.

Praticamente impossíveis de escalar, mas não para pés pegajosos de lagartos gigantes do subterrâneo.

Berg'inyon Baenre e sua força de elite, os quatrocentos famosos cavaleiros de lagarto da Casa Baenre, atravessavam aquela face norte, fazendo um rápido progresso para o oeste, em direção ao Vale do Guardião.

Os cavaleiros em espera haviam sido posicionados para reforçar as defesas finais contra a força que cruzava a face sul. Sua investida, se viesse, seria para abrir o último flanco, para permitir que Besnell, os Longinetes e os homens de Nesmé e Pedra do Veredito entrassem no vale, que era acessível através de apenas uma passagem estreita.

Os cavaleiros-lagarto chegariam lá primeiro, Alustriel sabia, e eles superavam em número os cavaleiros em espera — e eram drow.



A posição mais a leste foi rendida. Os bárbaros, ou o que restava de suas fileiras, recuaram depressa para o oeste, cruzando atrás dos Cavaleiros em Prata para se juntar a Berkthgar.

Depois que eles atravessaram, Besnell virou sua força para o oeste também, empurrando a força de Berkthgar, que inchou para incluir quase todos os guerreiros vivos de Pedra do Veredito, à frente.

O líder dos Cavaleiros de Prata começou a pensar que o erro de Berkthgar não seria tão devastador, que a retirada poderia prosseguir como planejado. Ele encontrou um planalto alto e examinou a área, balançando a cabeça severamente enquanto observava que a força inimiga abaixo havia se estendido ao redor das três primeiras posições.

Os olhos de Besnell se arregalaram, e ele ofegou alto quando percebeu a localização exata da borda principal daquela nuvem escura. Os Cavaleiros de Nesmé haviam perdido a deixa! Eles tiveram que descer

o lado da montanha apressados para segurar aquele flanco, e ainda, por algum motivo, eles hesitaram e a ponta da força inimiga parecia além da quarta e última posição.

Agora, os Cavaleiros de Nesmé vieram, e seu ataque completo pela pedra mais lisa da face sul foi devastador de fato, os quarenta cavaleiros pisoteando três vezes esse número de kobolds em meros momentos.

Mas o inimigo tinha muitos sobrando, Besnell sabia, e muitos mais além disso. O plano havia chamado para uma retirada organizada para o oeste, para o Vale do Guardião, através até mesmo da porta a oeste do Salão de Mitral, se necessário.

Era um bom plano, mas agora o flanco estava perdido e o caminho para o oeste estava fechado.

Besnell só podia assistir horrorizado.



Parte 5

Velhos reis e velhas rainhas

Eles vieram como um exército, mas não exatamente. Oito mil drow e um número maior de escravos humanoides, uma força poderosa e maciça, enxameava em direção ao Salão de Mitral.

As descrições se encaixam em termos de números e força, e ainda assim “exército” e “força” implicam algo mais, um senso de coesão e propósito coletivo. Com certeza os drow estão entre os melhores guerreiros dos Reinos, treinados para lutar desde a mais tenra idade, sozinhos ou em grupos, e sem dúvidas o propósito parece claro quando são drow lutando contra anões. No entanto, embora suas táticas sejam perfeitas, grupos trabalhando em uníssono para apoiar uns aos outros, essa coesão entre as fileiras drow permanece superficial.

Poucos, se algum, dos drow do exército de Lolth dariam a sua vida para salvar outro, a menos que estivesse confiante de que o sacrifício garantiria um lugar de honra na vida após a morte ao lado da Rainha Aranha. Apenas um fanático entre os elfos negros levaria um golpe, por menor que fosse, para poupar a vida de outro, e apenas porque esse fanático pensou no ato em seu próprio interesse. Os drow vinham gritando pela glória da Rainha Aranha, mas na realidade, cada um deles estava procurando um momento de sua própria glória.

Ganho pessoal sempre foi o preceito primário dos elfos negros.

Essa era a diferença entre os defensores do Salão de Mitral e aqueles que vieram para conquistar. Essa era a única esperança do nosso lado quando confrontado com probabilidades tão horríveis, em menor número por guerreiros drow habilidosos.

Se um único anão chegasse a uma batalha em que seus camaradas estivessem sendo vencidos, ele rugiria em desafio e atacaria de cabeça erguida, por mais terríveis que fossem as chances. No entanto, se pudéssemos pegar um grupo de drow, uma patrulha, talvez, em uma emboscada, aqueles grupos de apoio flanqueando seus infelizes camaradas

não se juntariam a menos que pudessem ter certeza da vitória. Nós, não eles, tínhamos um verdadeiro propósito coletivo. Nós, não eles, entendíamos a coesão, lutávamos por um princípio superior compartilhado, compreendíamos e aceitávamos que qualquer sacrifício que pudéssemos fazer seria em direção ao bem maior.

Há uma câmara — muitas câmaras, na verdade — no Salão de Mitral, onde os heróis de guerras e lutas passadas são honrados. O martelo de Wulfgar está lá; assim como estava o arco — o arco de um elfo — que Cattibrie colocou em ação mais uma vez. Embora ela tenha usado o arco por anos e feito acréscimos consideráveis à sua lenda, Cattibrie se refere a ele ainda como “o arco de Anariel”, aquele elfo há muito tempo morto. Se o arco for colocado em ação outra vez por um amigo do Clã Martelo de Batalha séculos depois, ele será chamado de “o arco de Cattibrie, passado de Anariel”.

Há no Salão de Mitral outro lugar, o Salão dos Reis, onde os bustos dos patronos do Clã Martelo de Batalha, os oito reis, foram esculpidos, gigantescos e eternos.

Os drow não têm tais monumentos. Minha mãe, Malícia, nunca falou da matriarca-mãe anterior da Casa Do’Urden, provavelmente porque Malícia desempenhou um papel na morte de sua mãe. Na Academia, não há placas de ex-senhoras e ex-mestres. De fato, pelo que considero agora, os únicos monumentos em Menzoberranzan são as estátuas daqueles punidos por Baenre, daqueles atingidos por Vendes e seu chicote perverso, com sua pele transformada em ébano, para que pudessem então ser colocados em exposição como testamentos de desobediência no planalto de Tier Breche do lado de fora da Academia.

Essa era a diferença entre os defensores do Salão de Mitral e aqueles que vieram para conquistar. Essa era a única esperança.

— Drizzt Do’Urden

Capítulo 23

Bolsos de poder

BIDDERDOO NUNCA TINHA VISTO NADA PARECIDO. Literalmente, estava chovendo kobolds e pedaços de kobolds ao redor do aterrorizado Harpell enquanto a Brigada Esmaga-tripas entrava em um completo frenesi de batalha. Eles entraram em uma câmara pequena e larga e encontraram uma força de kobolds muitas vezes maior que a deles. Antes que Bidderdoo pudesse sugerir uma retirada — ou uma “manobra de flanco tático”, como ele planejava chamá-la, porque ele sabia que a palavra “retirada” não estava no vocabulário de Thibbledorf Pwent...

Pwent liderou a carga direta.

O pobre Bidderdoo havia sido sugado pelo rastro da brigada, os sete anões frenéticos seguindo felizes e cegamente a liderança que mais parecia suicida de Pwent direto para o coração da caverna. Agora era um frenesi, um massacre do tipo que o estudioso Harpell, que viveu toda a sua vida na protegida Mansão de Hera — e uma boa parte disso como um cão da família — não podia acreditar.

Pwent passou em disparada por ele, um kobold morto empalado em seu espigão de capacete balançando um pouco. De braços abertos, o furioso de batalha saltou em um grupo de kobolds e puxou o maior número possível, abraçando-os com força. Então ele começou a se sacudir, a convulsionar de forma tão violenta que Bidderdoo se perguntou se algum veneno agonizante havia encontrado seu caminho nas veias do anão.

Não era o caso, pois isso era insanidade controlada. Pwent se sacudiu, e as rebarbas maldosas de sua armadura tiraram a pele de seus inimigos abraçados, rasgando e arrancando. Ele se afastou — e três kobolds caíram morrendo — com um gancho de esquerda que fez sua manopla cravar alguns centímetros na testa do próximo inimigo infeliz.

Bidderdoo chegou a entender que a carga não era suicida, que os

Esmaga-tripas venceriam com facilidade esmagando os números maiores com pura fúria. Ele também percebeu, de repente, que os kobolds aprenderam rápido a evitar os anões furiosos. Seis deles contornaram Pwent, dando ao furioso de batalha um espaço respeitavelmente largo. Seis deles se viraram e atacaram o único inimigo que poderiam esperar derrotar.

Bidderdoo se atrapalhou com os restos espalhados de seu livro de feitiços, virando para uma página onde a tinta não havia manchado tanto. Segurando o pergaminho com uma mão, a outra mão reta na frente dele, ele começou um entoar rápido, balançando os dedos.

Uma explosão de energia mágica irrompeu de cada uma de suas pontas dos dedos, raios verdes correndo, cada um disparando e tecendo para atacar um alvo sem erro.

Cinco dos kobolds caíram mortos, e o sexto veio com um grito, segurando sua pequena espada e correndo na direção da barriga de Bidderdoo.

O pergaminho caiu da mão aterrorizada do Harpell. Ele gritou, pensando que estava prestes a morrer, e reagiu por puro instinto, caindo para frente sobre a lâmina, inclinando o peito para baixo de modo que ele enterrou o kobold diminuto abaixo dele. Ele sentiu uma dor ardente quando a espada da pequena criatura cortou suas costelas, mas não havia força por trás do golpe e a espada não se cravou fundo.

Bidderdoo, tão desacostumado com o combate, gritou de terror. E a dor, a dor...

Os gritos de Bidderdoo se tornaram um uivo. Ele olhou para baixo e viu o kobold se debatendo, e viu mais claro ainda a garganta exposta do kobold que se debatia.

Então, ele provou o sangue quente e não sentiu repulsa.

Rosnando, Bidderdoo fechou os olhos e se segurou. O Kobold parou de se debater.

Depois de algum tempo, o pobre Harpell notou que os sons da batalha haviam terminado ao seu redor. Ele abriu os olhos devagar, virou um pouco a cabeça para olhar Thibbledorf Pwent, de pé sobre ele e acenando com a cabeça.

Só então Bidderdoo percebeu que havia matado o kobold, havia

arrancado a garganta da coisa na base da mordida.

— Boa técnica — ofereceu Pwent, e se virou para sair.



Embora as manobras da Brigada Esmaga-tripas fossem barulhentas e diretas, totalmente dependentes da selvageria, as de outro grupo eram uma dança de furtividade e emboscada. Drizzt e Guenhwyvar, Cattibrie, Regis e Bruenor se moviam silenciosos de um túnel para outro, o drow e a pantera liderando. Guenhwyvar era a primeira a detectar inimigos que se aproximavam, e Drizzt logo retransmitia os sinais quando as orelhas da pantera se achatavam.

Os cinco trabalhavam em uníssono, preparando-se para que Cattibrie, com seu arco mortal, atacasse primeiro, seguido pelo salto da pantera, a corrida de incrível rapidez do drow para a briga e a investida seguido de um típico rugido anão de Bruenor. Regis sempre encontrava uma maneira de entrar na luta, em geral se movendo para trás para bater nas costas de um drow ou na cabeça de um kobold com sua maça quando um de seus amigos ficava em dificuldades.

Desta vez, porém, Regis pensou em ficar fora da batalha por completo. O grupo estava em um corredor largo e alto quando Guenhwyvar, perto de uma curva, se agachou, com as orelhas achatadas. Drizzt deslizou para as sombras de uma alcova, assim como Regis, enquanto Bruenor caminhava de forma defensiva na frente de sua filha arqueira, para que Cattibrie pudesse usar os chifres de seu capacete para alinhar seu tiro.

Ao virar da esquina veio o inimigo, um grupo de minotauros e drow, cinco de cada, correndo em velocidade na direção geral do Salão de Mitral.

Cattibrie sabiamente atacou os drow. Veio um clarão de prata, e um caiu morto.

Guenhwyvar veio rápida e com força, enterrando outro drow, arranhando, mordendo e rolando imediatamente para derrubar um terceiro.

Um segundo clarão veio, e outro elfo caiu morto.

Mas os minotauros vieram com força, e Cattibrie não teria como dar um terceiro tiro. Ela pegou sua espada quando Bruenor rugiu e correu para encontrar o monstro mais próximo.

O minotauro abaixou a cabeça táurica, e Bruenor largou o machado de batalha riscado logo atrás dele sobre a cabeça, segurando a haste com força em ambas as mãos.

Veio o minotauro, e então veio o machado. O som parecia o estalar de uma árvore gigantesca.

Bruenor não sabia o que o atingiu. De repente, ele estava voando para trás, derrubado por quase trezentos quilos de minotauro.



Drizzt saiu girando e disparando. Ele atingiu o primeiro minotauro de lado, uma cimitarra cortando fundo a parte de trás da coxa da criatura, parando seu ataque. O ranger girou para longe e se abaixou em um joelho, espetando em frente com Fulgor, enganchando a ponta da cimitarra azul brilhante sobre a rótula do próximo monstro.

O minotauro uivou e meio que caiu, meio que mergulhou para Drizzt, mas os pés do drow já estavam sobre ele se movendo, e o bruto bateu com força na pedra.

Drizzt se virou para Cattibrie e Bruenor e os dois brutos restantes atacando seus amigos. Com uma velocidade incrível, ele os alcançou quase imediatamente e suas cimitarras foram trabalhar em um, mais uma vez atingindo as pernas, parando a carga.

Mas o último minotauro alcançou Cattibrie. Seu enorme tacape, feito de talo de cogumelo endurecido, veio voando, e Cattibrie se abaixou com rapidez, chicoteando sua espada acima de sua cabeça.

Khazid'hea cortou o tacape, e enquanto o minotauro olhava para a peça restante estupefato, Cattibrie contra-atacou com um golpe invertido.

O minotauro olhou para ela curioso. Ela não podia acreditar que errara.



Regis observava das sombras, sabendo que seria derrotado por qualquer inimigo nesta luta. Ele tentou avaliar seus companheiros, no entanto, querendo estar pronto caso fosse necessário. Ele observou Drizzt em especial, hipnotizado pela pura velocidade dos ataques e esquivas do drow. Drizzt sempre fora rápido, mas essa exibição era simplesmente incrível, os pés do ranger se movendo tão rápidos que Regis mal conseguia distingui-los. Mais de uma vez, Regis tentou antecipar o caminho de Drizzt, apenas para se encontrar olhando para onde o drow não estava.

Porque Drizzt havia cortado para o lado, ou invertido a direção por completo, mais rápido do que o halfling teria acreditado ser possível.

Por fim, Regis balançou a cabeça e guardou suas perguntas para outra hora, lembrando-se de que havia outras considerações mais importantes. Ele olhou em volta e notou o último drow inimigo deslizando para o lado, fora do caminho da pantera.



O último drow não queria lidar com Guenhwyvar, e estava bastante feliz que a mulher com o arco mortal estivesse envolvida em combate corpo a corpo. Dois de seus companheiros elfos negros estavam mortos por flechas, um terceiro se contorcia no chão, com metade do rosto arrancado pelas garras da pantera, e todos os cinco minotauros estavam caídos ou em batalha. O quarto drow havia fugido de volta à curva, mas a pantera estava apenas alguns passos atrás, e o elfo negro escondido sabia que seu companheiro cairia em questão de momentos.

Ainda assim, o drow mal se importava, pois viu Drizzt Do'Urden,

o renegado, o mais odiado. O ranger estava totalmente engajado e vulnerável, lutando furioso para finalizar os três minotauros que ele havia ferido. Se este drow pudesse aproveitar a oportunidade e abater Drizzt, então seu lugar de glória e a glória de sua Casa seriam garantidos. Mesmo que ele fosse morto pelos amigos de Drizzt, ele teria um assento de honra ao lado de Lolth, a Rainha Aranha.

Ele carregou seu dardo mais potente, um raio encantado com runas de fogo e relâmpagos, em sua pesada besta de duas mãos, uma arma realmente incomum para os drow, e mirou.

Algo atingiu a besta com força de lado. O drow puxou o gatilho por instinto, mas o raio, solto, não foi a lugar algum além de para baixo, explodindo a seus pés. O solavanco o fez voar, e o sopro da chama queimou seus cabelos e o cegou por um momento.

Ele rolou no chão e conseguiu sair de sua piwafwi em chamas. Atordoado, ele notou uma pequena maçã caída no chão, então viu uma mão pequena e gorda se abaixando para pegá-la. O drow tentou reagir quando os pés descalços, peludos em cima — algo que o drow do Subterrâneo nunca tinha visto antes — se aproximaram com firmeza.

Então tudo ficou escuro.



Cattibrie gritou e saltou para trás, mas o minotauro não atacou. Em vez disso, o bruto ficou perfeitamente imóvel, olhando-a com curiosidade.

— Eu não errei — disse Cattibrie, como se sua negação do que parecia óbvio mudasse sua situação. Para sua surpresa, ela descobriu que estava certa.

A perna esquerda do minotauro, cortada de forma limpa pela passagem de Khazid'hea, cedeu sob ele, e o bruto caiu de lado no chão, com seu sangue derramando sem controle.

Cattibrie olhou para o lado para ver Bruenor, resmungando e gemendo, rastejando de debaixo do minotauro que ele havia matado.

O anão se levantou, balançou a cabeça rapidamente para afastar as estrelas, depois olhou para o machado, com as mãos nos quadris, a cabeça tremendo de consternação. A poderosa arma estava enterrada a quase trinta centímetros de profundidade no crânio grosso do minotauro.

— Como nos nove infernos eu vou tirar essa maldita coisa? — Bruenor perguntou, olhando para a filha.

Drizzt havia acabado, assim como Regis, e Guenhwyvar voltou ao virar a esquina, arrastando o último dos elfos negros pela nuca com seu pescoço quebrado.

— Outra vitória para o nosso lado — observou Regis enquanto os amigos se reagrupavam.

Drizzt assentiu com a cabeça, mas não parecia muito satisfeito. Era uma coisa pequena que eles estavam fazendo, ele sabia, mal arranhando a superfície da força que havia chegado ao Salão de Mitral. E apesar da rapidez deste último encontro, e dos três antes dele, os amigos tinham tido, em última análise, sorte. O que teria acontecido se outro grupo de drow ou minotauros, ou mesmo kobolds, aparecesse na esquina enquanto a luta estava ocorrendo?

Eles haviam vencido de forma rápida e limpa, mas sua margem de vitória era uma linha mais fina e uma coisa mais hesitante do que a debandada indicaria.

— Você não está tão satisfeito — Cattibrie disse com calma ao ranger enquanto eles saíam mais uma vez.

— Em duas horas, matamos uma dúzia de drow, um punhado de minotauros e umas duas dezenas de bucha kobold — respondeu Drizzt.

— Com milhares mais restantes — acrescentou a mulher, entendendo o desânimo de Drizzt.

Drizzt não disse nada. Sua única esperança, a única esperança do Salão de Mitral, era que eles e outros grupos como eles matassem drow suficiente para roubar o ânimo de seu inimigo. Os drow eram um grupo caótico e extremamente desleal, e apenas se os defensores do Salão de Mitral pudessem derrotar o ânimo do exército drow para a guerra, eles teriam uma chance.

As orelhas de Guenhwyvar ficaram planas novamente, e a pantera escorregou silenciosa para a escuridão. Os amigos, de repente sentindo-se cansados de tudo, entraram em posição e ficaram aliviados quando o mais novo grupo apareceu. Não eram drow desta vez, nem kobolds ou minotauros. Uma coluna de anões, mais de vinte, os saudou e se aproximou. Este grupo, também, tinha visto a batalha desde a luta na Caverna de Tunult. Muitos exibiam ferimentos recentes, e todas as armas dos anões estavam manchadas com sangue inimigo.

— Como estamos? — Bruenor perguntou, indo para a frente.

O líder da coluna dos anões estremeceu, e Bruenor teve sua resposta.

— Eles estão lutando na Cidade Baixa, meu rei — disse o anão. — Como eles entraram no lugar, não sabemos! E lutando também, nos níveis superiores, de acordo com os relatórios. A porta leste foi violada.

Os ombros de Bruenor caíram visivelmente.

— Mas estamos esperando no Desfiladeiro de Garumn! — o anão disse com mais determinação.

— De onde você vem e para onde está indo? — Bruenor queria saber.

— Da última sala de guarda — explicou o anão. — Saí em busca de encontrá-lo, meu rei. Os túneis estão cheios da escória drow, e estamos felizes em vê-los de pé! — Ele apontou para trás de Bruenor, depois apontou o dedo para a esquerda. — Não estamos tão longe e o caminho ainda está livre para a última sala de guarda...

— Mas não por muito tempo — outro anão murmurou mal-humorado.

— E devemos limpar todo o caminho para a Cidade Baixa de lá — o líder terminou.

Drizzt puxou Bruenor para o lado e começou uma conversa sussurrada. Cattibrie e Regis esperaram pacientes, assim como os anões.

— ...continuar procurando — ouviram Drizzt dizer.

— Meu lugar é com meu povo! — Bruenor respondeu de forma rude. — E o seu é comigo!

Drizzt o interrompeu com um longo fluxo de palavras. Cattibrie e os outros ouviram trechos como “caçar a cabeça” e “contornar a rota”, e eles sabiam que Drizzt estava tentando convencer Bruenor a deixá-lo continuar sua caça pelos túneis externos mais baixos.

Cattibrie decidiu então que, se Drizzt e Guenhwyvar continuassem, ela, com seu diadema de Olhos de Gato, que Alustriel lhe dera para permitir que ela visse no escuro, iria com ele. Regis, sentindo-se incomumente corajoso e útil, chegou à mesma conclusão em silêncio.

Ainda assim, os dois ficaram surpresos quando Drizzt e Bruenor voltaram para o grupo.

— Vá para a última sala de guarda e vá até a Cidade Baixa, se necessário — Bruenor comandou o líder da coluna.

A mandíbula do anão caiu com espanto.

— Mas meu rei... — ele conseguiu dizer.

— Vá! — rosnou Bruenor.

— E te deixar sozinho aqui fora? — perguntou o anão atordoado.

O sorriso de Bruenor era largo e perverso enquanto olhava do anão para Drizzt, para Cattibrie, para Regis e para Guenhwyvar, então por fim, de volta para o anão.

— Sozinho? — respondeu Bruenor, e o outro anão, conhecendo a habilidade dos companheiros de seu rei, admitiu que ele estava certo.

— Volte e vença — disse Bruenor a ele. — Eu e meus amigos temos algumas caçadas a fazer.

Os dois grupos se separaram mais uma vez, ambos severamente determinados, mas nenhum otimista em excesso.

Drizzt sussurrou algo para a pantera, e Guenhwyvar assumiu a liderança como antes. Até este ponto, os companheiros estavam à espera de cada grupo inimigo que aparecia, mas agora, com as notícias sombrias da Cidade Baixa e da porta a leste, Drizzt mudou

essa tática. Se eles não pudessem evitar os pequenos grupos de drow e outros monstros, então eles lutariam, mas de outra forma, seu caminho agora era mais direto. Drizzt queria encontrar as sacerdotisas — e ele sabia que haveria sacerdotisas — que lideravam essa marcha. A única chance dos anões era decapitar a força inimiga.

E assim os companheiros estavam agora, como Drizzt discretamente disse a Bruenor, “caçando a cabeça”.

Regis, o último da fila, balançou a cabeça e olhou mais de uma vez para trás para onde a coluna dos anões havia marchado.

— Como eu sempre me meto nisso? — o halfling sussurrou. Então, olhando para as costas de seus amigos cordiais, às vezes imprudentes, ele sabia que tinha sua resposta.

Cattibrie ouviu o suspiro resignado do halfling, entendeu sua fonte e conseguiu esconder seu sorriso.

Capítulo 24

Fúria incandescente

ALUSTRIEL OBSERVOU DO ALTO enquanto a face sul do Quarto Cimo cintilava com a luz que parecia piscar como as estrelas acima. A troca de bolotas encantadas dos defensores e a contramágica sombria dos invasores estava furiosa. Enquanto ela levava sua carruagem ao redor dos penhascos do sudoeste, a Senhora da Lua Argêntea ficou terrivelmente assustada, pois os defensores haviam sido empurrados para uma formação em U, cercados por todos os lados por goblins, kobolds e guerreiros drow ferozes.

Ainda assim, as forças dos quatro exércitos lutavam bem, praticamente costas com costas, e sua linha era forte. Nenhum grande número poderia atingi-los a partir da lacuna no topo do U, o ponto fraco lógico, por causa dos penhascos quase verticais, e os defensores estavam apertados o suficiente ao longo de toda a linha para resistir a quaisquer agressões concentradas.

Mesmo enquanto Alustriel fomentava esse pensamento, suas esperanças foram postas à prova. Um grupo de goblins, liderados por enormes bugbears versões peludas de dois metros de altura dos goblins, fizeram uma formação apertada como diamante e avançou de ponta no flanco leste dos defensores.

A linha vacilou, e Alustriel quase se revelou com uma enxurrada de magia explosiva.

Mas em meio ao caos e à pressão levantou-se uma espada acima de todas as outras, uma canção acima de todas as outras.

Berkthgar, o Audaz, com seu cabelo desgrenhado voando, cantou para Tempus com todo o seu coração, e Bankenfuere zuniu enquanto varria o ar. Berkthgar ignorou os goblins menores e atacou direto os bugbears, e cada golpe poderoso cortou um deles. O líder de Pedra do Veredito levou um golpe violento, e outro, mas nenhum indício de dor cruzou sua face severa ou retardou sua marcha determinada.

Aqueles bugbears que escaparam dos primeiros momentos furiosos do ataque do homem imenso fugiram dele depois disso, e com seus líderes tão aterrorizados, os goblins logo perderam o ânimo para a batalha e a formação se desintegrou em uma multidão em fuga.

Muitas seriam as canções para celebrar Berkthgar, Alustriel sabia, mas só se os defensores vencessem. Se os elfos negros conseguissem sua conquista, então todos esses heróis seriam perdidos para as eras, todas as canções seriam enterradas sob um véu negro de opressão. Isso não poderia acontecer, decidiu a Senhora de Lua Argêntea. Mesmo que o Salão de Mitral caísse esta noite, ou na próxima, a guerra não estaria perdida. Toda Lua Argêntea se mobilizaria contra os drow, e ela iria para Sundabar, no leste, para a Cidadela Adbar, fortaleza do Rei Harbromme e seus anões, e todo o caminho para a Waterdeep, na Costa da Espada, para reunir as forças necessárias para forçar os drow de volta para Menzoberranzan!

Esta guerra não estava perdida, ela se lembrou, e olhou para os defensores determinados, segurando o enxame, lutando e morrendo.

Então veio a tragédia que ela esperava e temia o tempo todo: a barragem mágica, explosões de bolas de fogo e relâmpagos, linhas de energia mágica e raios de destruição.

O ataque concentrou-se no canto sudoeste do U, explodiu as fileiras dos Cavaleiros de Nesmé, consumindo cavalos e homens. Muitos escravos humanoides também caíram, mera bucha e longe de ser uma causa de preocupação para os feiticeiros drow perversos.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Alustriel enquanto ela observava aquela catástrofe, enquanto ouvia os gritos agonizantes de homens e criaturas e via aquele canto da montanha ficar carbonizado sob o poder absoluto da barragem. Ela se repreendeu por não prever essa guerra, por subestimar a intensidade da marcha drow, por não ter seu exército completo entrincheirado, guerreiros, magos e sacerdotes, em defesa do Salão de Mitral.

O massacre continuou por muitos segundos, parecendo horas para os defensores horrorizados. E assim por diante, as explosões e os gritos.

Alustriel reencontrou sua coragem e procurou a fonte, e quando ela viu, percebeu que os magos drow, em sua ignorância do mundo da superfície, haviam errado.

Eles estavam concentrados dentro de um bosque de árvores grossas,

sob cobertura e lançando sua mortal saraivada de feitiços.

As feições de Alustriel se iluminaram em um sorriso malicioso, um sorriso de vingança, e ela cortou o céu em sua carruagem em um ângulo acentuado, descendo a encosta da montanha do alto, voando como uma flecha para o coração de seus inimigos.

Os drow haviam errado; eles estavam nas árvores.

Ao atravessar a borda norte do campo de batalha, Alustriel gritou um comando, e sua carruagem, e os cavalos encantados que a puxavam, acenderam-se em chamas brilhantes.

Abaixo dela, ela ouviu os gritos de medo, de amigos e inimigos, e ouviu as trombetas dos Cavaleiros de Prata, que reconheceram a carruagem e entenderam que sua líder havia chegado.

Ela correu, como uma tremenda bola de fogo liderando o caminho, explodindo no coração do bosque. Alustriel acelerou até a borda das árvores, depois se inclinou de forma brusca e correu ao longo da linha grossa, as chamas de sua carruagem acendendo galhos por onde passava.

Os magos drow haviam errado!

Ela sabia que os drow provavelmente criaram proteções para contramágica — talvez até sobre si mesmos — que derrotaria até mesmo o fogo mais intenso, mas eles não entendiam a natureza inflamável das árvores. Mesmo que o fogo não os consumisse, as chamas os cegariam e acabariam por tirá-los da luta.

E a fumaça! O espesso bosque estava úmido de chuvas e geadas anteriores, e nuvens negras ondulantes engrossaram o ar. Pior ainda para os drow, os magos contra-atacaram como sempre contra-atacavam o fogo, com feitiços criando água. Tão grande foi a resposta deles, que as chamas teriam sido apagadas, exceto que Alustriel não cedeu, continuou a correr ao redor do bosque, cortando pelo bosque onde quer que encontrasse espaço. Nenhuma água, nem o próprio oceano, poderia extinguir o fogo de sua carruagem encantada. Enquanto ela continuava a abastecer as chamas, as magias de água feitas pelos magos adicionavam vapor à fumaça, engrossando o ar para que os elfos negros não pudessem ver e não pudessem respirar.

Alustriel confiava em seus cavalos, extensões de sua vontade, para entender sua intenção e manter a carruagem no curso, e ela

observava, com suas magias em prontidão, pois sabia que o inimigo não poderia permanecer dentro do bosque. Como ela esperava, um drow flutuou através das árvores, subindo acima do inferno, levitando no ar e tentando se orientar para o que acontecia além do bosque.

O relâmpago de Alustriel o atingiu na parte de trás da cabeça e o fez girar várias vezes, e ele ficou pendurado, de cabeça para baixo e morto, até que seu próprio feitiço expirou, jogando-o de volta nas árvores.

No momento em que ela matou aquele mago, uma bola de fogo soprou no ar logo diante da carruagem, e a coisa em alta velocidade, e Alustriel com ela, mergulhou direto. A Senhora de Lua Argêntea estava protegida das chamas de seu próprio feitiço, mas não da bola de fogo, e ela gritou e saiu dolorida, com seu rosto brilhante de queimaduras.



Mais acima na encosta da montanha, Besnell e seus soldados testemunharam o ataque contra Alustriel. O elfo arregalou os olhos dourados e seus homens gritaram de indignação. Se suas façanhas anteriores tivessem sido furiosas, elas eram selvageria pura agora, e os homens de Berkthgar, lutando ao lado deles, não precisavam de incentivos.

Goblins e kobolds, bugbears e orcs, até mesmo enormes minotauros e drow habilidosos, morreram às dezenas nos momentos seguintes da batalha. Não parecia importar. Sempre que um morria, dois tomavam seu lugar, e embora os cavaleiros e os bárbaros pudessem ter cortado através das linhas inimigas, não havia para onde ir.

Mais para o oeste, seus próprios Longinetes pressionados da mesma forma, Regweld entendia sua única esperança. Ele fez Pula-poça saltar para um lugar onde não havia inimigos e lançou um feitiço para enviar uma mensagem para Besnell.

— Para o oeste! — o mago implorou ao cavaleiro líder.

Então Regweld assumiu a nova liderança e virou seus homens e os bárbaros mais próximos deles para o oeste, em direção ao Vale do

Guardião, como o plano original havia exigido. Os magos drow foram silenciados, pelo menos por alguns momentos, e agora era a única chance que Regweld teria.

Um raio dividiu o ar que escurecia. Uma bola de fogo se seguiu, e Regweld a seguiu, por sua vez, saltando com Pula-poça sobre as fileiras de seus inimigos e lançando uma barragem de mísseis mágicos abaixo dele enquanto estava no ar.

A confusão atingiu as fileiras inimigas o suficiente para que os Longinetes, homens que lutaram ao lado dos Harpells por toda a vida e entendiam as táticas de Regweld, pudessem cortar, abrindo uma brecha.

Ao lado deles vieram muitos dos guerreiros de Pedra do Veredito e os poucos cavaleiros restantes de Nesmé. Atrás deles veio o resto da força bárbara e os Cavaleiros de Prata, o poderoso Berkthgar trazendo a retaguarda, quase sozinho mantendo os monstros perseguidores afastados.

Os defensores abriram caminho com rapidez, mas encontraram seu ímpeto parado quando outra força, formada principalmente por drow, cortou à frente, formando fileiras grossas.

Regweld continuou sua barragem mágica, avançando com Pula-poça, esperando morrer.

E ele teria, exceto que Alustriel, forçada para longe do bosque pelas salvaguardas cada vez mais eficazes dos magos inimigos, correu de volta para a encosta da montanha, bem ao longo da linha dos drow, baixa o suficiente para que os drow que não fugissem fossem pisoteados e queimados por sua passagem ardente.

Besnell e seus homens galoparam para a frente das forças em retirada, gritaram para Alustriel e para o bem de todos os povos bondosos, e mergulharam na confusão das fileiras drow, direto no rastro carbonizado da carruagem flamejante.

Muitos mais homens morreram nesses poucos momentos de luta infernal, muitos homens e muitos drow, mas os defensores se libertaram para o oeste, correram e seguiram em frente, e encontraram o caminho para o Vale do Guardião antes que o inimigo pudesse bloqueá-lo.

Acima da batalha mais uma vez, Alustriel caiu de exaustão. Ela não

havia lançado uma barragem de magia tão concentrada em muitos, muitos anos, e não havia se envolvido tão de perto em nenhum conflito desde os dias antes de vir a governar Lua Argêntea. Agora ela estava cansada e ferida, queimada e chamuscada, e tinha tomado vários golpes de espada e de virote enquanto corria ao longo das fileiras drow. Ela sabia da desaprovação que encontraria quando voltasse a Lua Argêntea, sabia que seus conselheiros, o conselho da cidade e colegas de outras cidades pensariam que ela era precipitada, até mesmo estúpida. O Salão de Mitral era um reino menor que não valia sua vida, diriam seus detratores. Assumir tais riscos contra um inimigo tão mortal era uma tolice.

Eles até diriam isso, mas Alustriel sabia mais, sabia que as liberdades e direitos que se aplicavam à Lua Argêntea não estavam lá apenas por causa do tamanho e da força de sua cidade. Eles se aplicavam a todos, à Lua Argêntea, à Waterdeep e ao menor dos reinos que assim os desejavam, porque, de outra forma, os valores que promoviam eram sem sentido e egoístas.

Agora ela estava ferida, quase tinha sido morta, e cancelou as chamadas de sua carruagem enquanto subia alto no céu. Mostrar a si mesma de forma tão aberta convidaria a um ataque mágico contínuo que provavelmente a destruiria. Suas feridas eram graves, ela sabia, mas Alustriel estava sorrindo. Mesmo que ela morresse esta noite, a Senhora de Lua Argêntea morreria sorrindo, porque ela estava seguindo seu coração. Ela estava lutando por algo maior do que sua vida, por valores que eram eternos e, em última análise, certos.

Ela observou com satisfação quando a força, liderada por Besnell e seus próprios cavaleiros, se libertou e correu para o Vale do Guardião, então ela subiu mais alto no céu frio, para a direção oeste.

O inimigo iria perseguir, e mais inimigos estavam vindo rápido ao redor do norte, e a batalha tinha acabado de começar.



A Cidade Baixa, onde dois mil anões muitas vezes trabalhavam duro em sua profissão mais amada, nunca tinha visto tanta agitação e tumulto como nesse dia. Nem mesmo quando o dragão das sombras, Prefulgor Soturno, e sua horda de anões cinzentos malignos

invadiram, nem quando o avô de Bruenor fora rei, a Cidade Baixa havia sido envolvida em tal batalha.

Goblins e minotauros, kobolds e monstros perversos que os anões não sabiam nomear inundavam os túneis inferiores e o próprio chão, áreas que haviam sido violadas pela magia dos illithids. E os drow, dezenas de drow, lutavam ao longo de cada degrau e através do piso largo, dançando em uma mistura macabra de sombras rodopiantes no brilho das muitas fornalhas de fogo baixo.

Ainda assim, os túneis principais para os níveis mais baixos não haviam sido rompidos, e a maior concentração de inimigos, em particular a força drow, permaneceu fora do Salão de Mitral propriamente dito. Agora, os drow que ganharam a Cidade Baixa pretendiam abrir aquele caminho, para se conectar com as forças de Uthegental e Matriarca Baenre.

E os anões pretendiam impedi-los, sabendo que, se essa união acontecesse, o Salão de Mitral estaria perdido.

Relâmpagos brilharam, verdes, vermelhos e negros vindos de baixo, dos drow, e foram respondidos de cima por Harkle e Bella don DelRoy.

Os níveis mais baixos começaram a ficar mais escuros quando os drow fizeram sua magia para ganhar um campo de batalha favorável.

A queda de bolotas de luz no chão soou como uma chuva suave quando Metriz Rasgagarra e seu exército de sacerdotes anões se opuseram à magia, iluminando a área, carregando magia após magia, roubando todas as sombras de cada canto. Os anões podiam lutar no escuro, mas também podiam lutar na luz, e os drow e as outras criaturas do Subterrâneo não gostavam tanto de tanta iluminação.

Um grupo de vinte anões fez uma formação apertada no piso largo e passou sobre um grupo de goblins fugitivos. Suas botas pareciam uma roda pesada, um tumulto geral, esmagando qualquer monstro que ousasse ficar em seu caminho.

Um punhado de drow disparou virotes de besta, mas os anões ignoraram os golpes — e, como seu sangue estava cheio de poções para combater qualquer veneno, eles ignoraram o infame veneno do sono dos drow também.

Vendo que seu ataque era ineficaz, os drow se espalharam e a cunha

anã rolou em direção ao próximo obstáculo, duas criaturas de aparência estranha que o povo barbudo não conhecia, duas criaturas feias com cabeças viscosas que acenavam com tentáculos onde as bocas deveriam estar e com olhos brancos leitosos que não mostravam pupilas.

A cunha dos anões parecia impossível de se parar, mas quando os illithids se viraram e soltaram sua devastadora barragem mental, a cunha oscilou e desmoronou, fazendo os anões atordoados cambalearem sem rumo.

— Oh, lá estão eles! — Harkle gritou do terceiro nível da Cidade Subterrânea, a mais de sessenta metros do chão.

O rosto de Bella don DelRoy se enrugou de nojo enquanto olhava para os devoradores de mentes pela primeira vez. Ela e Harkle esperavam as criaturas. Drizzt havia contado a eles sobre o “animal de estimação” da Matriarca Baenre. Apesar de seu nojo, Bella, como todos os Harpells, estava mais curiosa do que com medo. Os illithids eram esperados — ela só não esperava que fossem tão feios!

— Você tem certeza? — a mulher baixinha perguntou a Harkle, que havia planejado a estratégia para lutar contra as coisas de cabeça mole. Seu bom olho revelou suas verdadeiras esperanças, porém, porque enquanto ela falava com Harkle, ele permanecia fixado nos illithids feiosos.

— Eu teria tido todo o trabalho de aprender a conjurar caso contrário?
— Harkle respondeu, parecendo ferido por suas dúvidas.

— Claro — respondeu Bella. — Bem, aqueles anões precisam da nossa ajuda.

— De fato.

Um entoar rápido da filha de DelRoy trouxe um campo azul cintilante em forma de porta bem diante dos dois magos.

— Depois de você — disse Bella, educada.

— Oh, posto antes de beleza — respondeu Harkle, acenando com a mão em direção à porta, indicando que Bella deveria liderar.

— Não temos tempo a perder! — veio uma voz clara por detrás deles, e mãos surpreendentemente fortes pressionaram os quadris de Bella e

Harkle, empurrando os dois para a porta. Eles passaram juntos, e Fret, o anão engomadinho, entrou logo atrás deles.

A segunda porta apareceu no chão, entre os illithids e sua presa anã atordoada, e de lá saíram os três viajantes dimensionais. Fret derrapou para o lado, tentando reunir os anões vulneráveis, enquanto Harkle e Bella don DelRoy reuniram seus nervos e enfrentaram as criaturas com cabeça de polvo.

— Eu entendo sua raiva — começou Harkle, e ele e sua companheira estremeceram quando uma onda de energia mental rolou por seus peitos, ombros e cabeças, deixando um rastro de formigamentos.

— Se eu fosse tão feio quanto você... — Harkle continuou, e uma segunda onda o atacou.

— ...eu também seria maligno! — Harkle terminou, e uma terceira explosão de energia surgiu, seguida de perto pelos illithids. Bella gritou e Harkle quase desmaiou quando as coisas monstruosas se aproximaram, com os tentáculos agarrados às suas bochechas e queixos. Um foi direto para o nariz de Harkle, em busca de matéria cerebral para devorar.

— Você tem certeza? — gritou Bella.

Mas Harkle, nas profundezas de seu último feitiço, não a ouviu. Ele não lutou contra o illithid, pois não queria que a coisa o empurrasse demais. Era difícil o suficiente se concentrar com tentáculos se contorcendo escavando sob a pele de seu rosto!

Esses tentáculos inchavam agora, extraíndo seu prêmio.

Um inequívoco olhar azedo cruzou as características normalmente inexpressivas de ambas as criaturas.

As mãos de Harkle subiram devagar, com as palmas das mãos para baixo, seus polegares se tocando e os outros dedos se abrindo. Um clarão de fogo irrompeu de suas mãos, esturricando o illithid confuso, queimando suas vestes. Ele tentou se afastar, e a pele do rosto de Harkle inchou de uma forma estranha quando os tentáculos começaram a deslizar para fora.

Harkle já estava se movendo com sua próxima magia. Ele enfiou a mão em suas vestes e extraiu um dardo, uma folha que havia sido amassada em pó, e uma coisa pegajosa, viscosa, o intestino de uma

cobra, e esmagou todos eles enquanto completava o entoar.

Dessa mão saiu um pequeno virote, vencendo a pouca distância entre os dois para se prender na barriga do illithid ainda em chamas.

A criatura gorgolejou algo indecifrável e por fim caiu, tropeçando, agarrando-se à sua mais nova ferida, pois enquanto o fogo ainda a cercava em alguns lugares, esse novo ataque doía mais.

O virote encantado bombeava ácido em sua vítima.

Então caiu o illithid, ainda agarrado ao virote que vazava. Ele havia subestimado seu inimigo, e enviou essa mensagem por telepatia para seu companheiro imediato, que já entendia seu erro, e para Methil, nas profundezas das cavernas ao lado da Matriarca Baenre.

Bella não conseguia se concentrar. Embora seu feitiço de polimorfia tivesse sido perfeito, seu cérebro escondido com segurança onde o illithid não conseguia encontrá-lo, ela simplesmente não conseguia se concentrar com os tentáculos retorcidos sondando seu crânio. Ela se repreendeu, disse a si mesma que a filha de DelRoy deveria estar mais no controle.

Ela ouviu um som estrondoso, uma carroça se aproximando e abriu os olhos para ver Fret empurrar carroção bem atrás do illithid, com uma série de drow em perseguição. Controlando seu nervosismo, o asseado anão saltou sobre a carroça e puxou um pequeno martelo de prata.

— Solte-a! — gritou Fret, trazendo a pequena arma desagradável em prontidão. Para surpresa e nojo do anão, seu martelo afundou na cabeça bulbosa do illithid engajado e fluidos espirraram, borrifando o anão e manchando suas vestes brancas.

Fret sabia que os drow estavam chegando. Ele havia resolvido fazer um ataque ao illithid, depois se virar em defesa contra os elfos drow. Mas todos os planos voaram para longe em face daquela bagunça sangrenta, a única coisa que poderia fazer o anão arrumado entrar em plena fúria de batalha.

Nenhum pica-pau jamais bateu num tronco tão rápido. O martelo de Fret funcionou de modo a parecer um borrão, e cada golpe lançou mais da de matéria cerebral do illithid sobre suas vestes, o que apenas aumentou o frenesi do anão engomadinho.

Ainda assim, esse teria sido o fim de Fret, de todos eles, não tivesse

Harkle rapidamente conjurado sua próxima magia. Ele se concentrou na área em frente aos drow em investida, jogou um pouco de banha no ar e entoou sua próxima magia.

O chão ficou escorregadio com graxa, e a carga chegou a um fim entre tropeções, escorregões e quedas.

Com sua cabeça quebrada, o illithid caiu diante de Bella, com os tentáculos ainda presos a puxando. Ela agarrou desesperada aqueles tentáculos e os puxou para fora, depois ficou reta e estremeceu de pura repulsa.

— Eu disse que essa era a maneira de lutar contra os devoradores de mentes! — Harkle disse alegre, pois seu plano tinha dado certo.

— Cale a boca — disse Bella para ele, com seu estômago se revirando. Ela olhou ao redor, vendo inimigos se aproximando de muitas direções. — E nos tire daqui! — disse ela.

Harkle olhou para ela, confuso e um pouco ferido por seu desdém. Afinal, o plano havia funcionado!

Um momento depois, Harkle também ficou bastante assustado quando percebeu que havia esquecido aquele último pequeno detalhe e não tinha mais magias que os transportassem de volta para os níveis mais altos.

— Uhm... — ele gaguejou, tentando encontrar as palavras para melhor explicar seu dilema.

Ele ficou aliviado, e Bella também, quando a cunha anã se refez ao redor deles e Fret se juntou às fileiras.

— Nós vamos levar vocês de volta — prometeu o líder dos anões gratos, e eles seguiram, mais uma vez enterrando tudo em seu caminho.

Ainda mais destrutiva agora era sua marcha, pois de vez em quando uma rajada de raios ou uma linha de fogo ardente saía de suas fileiras quando Harkle e Bella se juntavam à diversão.

Ainda assim, Bella permaneceu desconfortável e queria que tudo isso terminasse para que ela pudesse retornar à sua fisiologia normal. Harkle havia estudado illithids com atenção e sabia mais sobre eles do que talvez qualquer mago em todos os Reinos. Suas explosões

mentalmente debilitantes eram cônicas, ele havia assegurado a ela, e assim, se ele e ela pudessem se aproximar, apenas a metade superior de seus corpos seria afetada.

Assim, eles haviam feito o encantamento de transformação física, em que Harkle e Bella pareciam os mesmos, mas haviam transfigurado duas áreas de seu corpo, seus cérebros e suas nádegas.

Harkle sorriu ante sua esperteza enquanto a cunha se movia. Tal transformação fora uma coisa delicada, exigindo muitas horas de estudo e preparação. Mas valia a pena o trabalho, a cada segundo, o Harpell acreditava, lembrando-se da expressão azeda nos feios rostos illithid!



Os estrondos do colapso das pontes e de todas as antecâmaras perto do Desfiladeiro de Garumn foram sentidos nos túneis mais baixos do Salão de Mithral, mesmo além, nas passagens superiores do próprio Subterrâneo selvagem. Quanto trabalho o povo de Bruenor teria se tentasse abrir a porta leste outra vez!

Mas o avanço drow havia sido interrompido e valia bem o preço. Por enquanto, o General Dagna e sua força de defensores estavam livres para avançar.

“Mas para onde?” O anão endurecido pela batalha se perguntou. Chegaram-lhe relatos de que a Cidade Baixa estava sob ataque total, mas ele também percebeu que a porta oeste, perto do Vale do Guardião, estava vulnerável, com apenas algumas centenas de anões guardando os muitos túneis sinuosos e sem provisões para medidas catastróficas como as tomadas aqui no leste. Os túneis no oeste não podiam ser derrubados por completo; não havia tempo para equipá-los.

Dagna olhou em volta para seus mil soldados, muitos deles feridos, mas todos ansiosos por mais batalha, ansiosos por defender sua pátria sagrada.

— À Cidade Baixa — anunciou o general um momento depois. Se a porta oeste fosse violada, os invasores teriam que encontrar o

caminho, não era uma tarefa fácil, considerando as inúmeras escolhas que enfrentariam. O combate já havia chegado à Cidade Baixa, então era lá que Dagna iria.

Em uma situação normal, levaria muitos minutos, meia hora ou mais, para os anões começarem a lutar, mesmo que seguissem todo o caminho em uma carga completa. Mas isso também havia sido previsto, então Dagna conduziu suas tropas para o local designado, novas portas que haviam sido cortadas nas paredes que se conectavam às chaminés e subiam das grandes fornalhas. Assim que essas portas foram abertas, Dagna e seus soldados ouviram a batalha, então eles foram sem demora, um após o outro, para as pesadas cordas que haviam sido colocadas no lugar.

Para baixo eles deslizaram, destemidos, cantando canções para Clangedon. Eles desceram, atingindo o chão em uma corrida completa, correndo para fora das fornalhas quentes e direto para a briga, fluindo sem parar, ao que parecia, assim como os drow que vinham dos túneis inferiores.

A luta na Cidade Baixa ficava cada vez mais furiosa.

Capítulo 25

O vale do guardião

A FORÇA DE BERG'INYON varreu o vale do Guardiã, com os lagartos de pés pegajosos fazendo trilhas onde não havia nenhuma. Eles vieram pela parede norte como uma queda d'água, no vale enevoadado, como sombras sinistras passando por altos pilares de pedra.

Embora estivesse mais quente aqui do que na face norte aberta, os drow estavam desconfortáveis. Não havia formações como esta no Subterrâneo, nem vales enevoados, exceto aqueles cheios de vapores tóxicos de vulcões invisíveis. Os relatórios de reconhecimento haviam sido completos, no entanto, e haviam delineado especificamente esse mesmo local, a entrada da porta a oeste do Salão de Mitral, como segura para passagem. Assim, os cavaleiros de lagarto Baenre entraram no vale sem questionar, temendo sua própria matriarca mãe volátil mais do que qualquer possível fumaça tóxica.

Quando entraram no vale, ouviram os combates no lado sul da montanha. Berg'inyon assentiu quando aproveitou o momento para notar que a batalha estava se aproximando — tudo estava indo como planejado. O inimigo estava em retirada, sem dúvida, sendo conduzido como rothé estúpidos até o vale, onde o massacre começaria por completo.

As sombras em movimento que eram a força de Berg'inyon deslizaram depressa pela névoa, passando pelas sentinelas de pedra, tentando obter uma visão do vale, tentando encontrar as áreas ideais para emboscadas.

Acima da névoa, uma linha de fogo quebrou a escuridão geral do céu noturno, correndo rápido e se inclinando para o vale. Berg'inyon assistiu, assim como muitos, sem saber o que poderia ser.

Enquanto ela cruzava acima da força, Alustriel soltou a última barragem de sua magia, uma rajada de relâmpagos, uma chuva de pulsos esverdeados de energia selante e uma chuva de bolas de fogo explosivas que liquefaziam a pedra. Os elfos negros em alerta

responderam antes que a carruagem cruzasse a borda norte do vale, atacando com virotes encantados de besta e magias semelhantes de destruição.

As chamas da carruagem se acenderam mais, pegas no meio de uma bola de fogo, e toda a carroça foi empurrada com violência para o lado enquanto uma linha de relâmpago disparava contra sua base.

A magia de Alustriel havia matado muitos e retirado as montarias de vários outros, mas o verdadeiro propósito da passagem da maga tinha sido a parte de chamariz, pois cada olho drow foi virado para o céu quando o segundo batalhão dos Cavaleiros de Prata se juntou à briga, investindo através do Vale do Guardião, com suas ferraduras batendo ensurdecedoramente na pedra dura.

Lanças baixaram, os cavaleiros percorreram as fileiras iniciais de drow, correndo com suas montarias maiores.

Mas esses eram os cavaleiros de lagarto Baenre, a força de maior elite em toda Menzoberranzan, um complemento de guerreiros e magos que não conheciam o medo.

Berg'inyon ordenou comandos silenciosos, feitos por sinais. Mesmo após a barragem surpresa do céu e a súbita carga da força que os drow não sabiam que estava no Vale do Guardião, suas fileiras superavam em número os Cavaleiros de Prata por mais de três para um. Se essas chances fossem um-para-um, os Cavaleiros de Prata ainda não teriam chance.

A maré virou rápido, com os cavaleiros, aqueles que não foram derrubados, inevitavelmente recuando e se reagrupando em forças apertadas. Apenas a névoa e o terreno desconhecido impediram que o massacre fosse generalizado; apenas o fato de que a força drow esmagadora não conseguia encontrar todos os alvos permitiu que os cavaleiros valentes continuassem a resistir.

Perto da parte de trás das fileiras de elfos negros, Berg'inyon ouviu o movimento quando um infeliz humano se separou e se confundiu, galopando sua montaria sem querer em direção ao norte, longe de seus camaradas.

O filho de Baenre sinalizou para que seus guardas pessoais o seguissem, mas para ficar para trás, e assumiu a perseguição, seu grande lagarto deslizando e se inclinando para interceptar o inimigo sozinho. Ele viu a figura sombria — e que coisa magnífica Berg'inyon

pensou que o cavaleiro fosse, tão alto e imponente em seu poderoso corcel.

Essa imagem não impediu o mestre de armas da Primeira Casa de Menzoberranzan. Ele contornou uma coluna de pedra, ao lado do cavaleiro, e chamou o homem.

O grande cavalo derrapou e parou, o cavaleiro girando-o para enfrentar Berg'inyon. Ele disse algo que Berg'inyon não conseguia entender, alguma proclamação de desafio, sem dúvida, então abaixou sua longa lança e esporeou seu cavalo em uma carga.

Berg'inyon nivelou sua própria lança manchada e enfiou os calcanhares nos flancos do lagarto, cutucando a criatura. Ele não conseguia igualar a velocidade do cavalo do cavaleiro, mas o cavalo não conseguia igualar a agilidade do lagarto. Quando os oponentes se aproximaram, Berg'inyon desviou, trazendo seu lagarto para o lado de um espesso pilar de pedra.

O cavaleiro, surpreso com a rapidez da evasão, não conseguiu trazer sua lança para fora rápido o suficiente para um ataque eficaz, mas, à medida que os dois passaram, Berg'inyon conseguiu atingir o cavalo de corrida no flanco. Não foi um golpe severo, apenas um arranhão, mas esta não era uma lança comum. O mastro de três metros que Berg'inyon carregava era uma lança mortal diabólica, entre as armas drow mais astutas e perversas. Enquanto a ponta da lança se conectava na carne de cavalo, cortando a armadura de metal que a criatura usava como se fosse mero pano, tentáculos escuros e contorcidos de luz negra rastejavam por seu comprimento.

O cavalo relinchou um lamento, chutou e pulou até derrapar e parar. De alguma forma, o cavaleiro conseguiu manter seu lugar.

— Em frente! — ele gritou para sua montaria trêmula, sem entender o que estava acontecendo. — Em frente!

O cavaleiro de repente sentiu como se o cavalo fosse de alguma forma menos substancial abaixo dele, sentiu as costelas da criatura contra suas panturrilhas.

O cavalo jogou a cabeça para trás e relinchou novamente, um grito sobrenatural morto-vivo, e o cavaleiro empalideceu quando olhou nos olhos da coisa, orbes que ardiam vermelhos com algum feitiço maligno.

A lança da morte havia roubado a força vital da criatura, transformado o garanhão orgulhoso e forte em uma coisa magra e esquelética, uma coisa maligna e morta-viva. Pensando depressa, o cavaleiro largou a lança, sacou sua enorme espada e cortou a cabeça do monstro com um único golpe. Ele rolou para o lado quando o cavalo desabou embaixo dele e se levantou, pulando, confuso.

Formas escuras o cercaram, e ele ouviu o assobio de lagartos próximos, sons de sucção enquanto os pés pegajosos se soltavam da pedra.

Berg'inyon Baenre se aproximou devagar. Ele também abaixou a lança. Um movimento de seu pulso o libertou de sua sela, e ele deslizou de sua montaria, determinado a testar um desses homens da superfície em combate, determinado a mostrar aos drow próximos a habilidade de seu líder.

Surgiram as espadas gêmeas do mestre de armas, afiadas e encantadas, dentre as melhores armas drow.

O cavaleiro, quase um metro mais alto do que esse adversário, mas conhecendo a reputação dos elfos negros, sentia medo legítimo. Ele engoliu esse medo, no entanto, e encontrou Berg'inyon de frente, espada contra espada.

O cavaleiro era bom, treinou duro por toda a sua vida adulta, mas se ele treinasse por todos os seus anos restantes também, eles não totalizariam as décadas que Berg'inyon passou com a espada.

O cavaleiro era bom. Ele viveu por quase cinco minutos.



Alustriel sentiu o frio, o ar úmido de uma nuvem baixa roçar seu rosto, e isso a trouxe de volta à consciência. Ela se moveu com rapidez, tentando endireitar a carruagem, e sentiu a força da dor no lado inteiro do seu corpo.

Ela havia sido atingida por feitiços e por armas, e suas vestes queimadas e rasgadas estavam molhadas com seu próprio sangue.

“O que o mundo pensaria se ela, a Senhora da Lua Argêntea, morresse aqui?” perguntou-se ela. Para seus colegas arrogantes, esta era uma guerra menor, uma batalha que não tinha nenhuma influência real sobre os eventos do mundo, uma batalha, aos olhos deles, que Alustriel de Lua Argêntea deveria ter evitado.

Alustriel afastou seu longo cabelo prateado — que também estava emaranhado com sangue — de seu belo rosto. A raiva brotou dentro dela enquanto ela pensava nas discussões que tivera pelo pedido de ajuda do rei Bruenor. Nenhum conselheiro em Lua Argêntea, com exceção de Fret, queria responder a esse chamado, e Alustriel teve que travar uma longa e cansativa batalha de palavras para obter até mesmo os duzentos Cavaleiros de Prata liberados para o Salão de Mitral.

“O que estava acontecendo com sua cidade?” a senhora se perguntou agora, flutuando bem acima do desastre do Quarto Cimo. Lua Argêntea tinha ganhado reputação como o mais generoso dos lugares, como defensora do oprimido, campeã da bondade. Os cavaleiros tinham ido para a guerra ansiosos, mas eles não eram o problema, e nunca foram.

O problema, a ferida, Alustriel percebeu, era a classe burocrática entrincheirada em conforto, os líderes políticos que se tornaram muito seguros na qualidade de suas próprias vidas. Isso parecia claro como água para Alustriel agora, ferida e fazendo um árduo esforço para controlar sua carruagem encantada no céu frio da noite acima da batalha.

Ela conhecia o coração de Bruenor e seu povo; conhecia a bondade de Drizst e o valor dos homens calorosos de Pedra do Veredito. Valia a pena defendê-los, acreditou Alustriel. Mesmo que Lua Argêntea fosse consumida por inteiro na guerra, essas pessoas valiam a pena defender, porque, no final, nos anais que os futuros historiadores escreveriam, essa seria a medida da Lua Argêntea. Essa generosidade seria a grandeza do lugar, seria o que diferenciaria a Lua Argêntea de tantos outros reinos mesquinhos.

Mas o que estava acontecendo com sua cidade? Alustriel se perguntou, e ela começou a entender o câncer que estava crescendo em meio a suas próprias fileiras. Ela voltaria para Lua Argêntea e purgaria aquela doença, ela determinou, mas não agora.

Agora ela precisava descansar. Ela fez sua parte, com o melhor de suas habilidades, e talvez ao preço de sua própria vida, ela percebeu no

momento que outra dor atravessou seu lado ferido.

Seus colegas lamentariam sua morte, chamariam de desperdício, considerando a pequena escala desta guerra pelo Salão de Mitral.

Alustriel sabia mais, sabia como ela, como sua cidade, seria, em última instância, julgada.

Ela conseguiu levar a carruagem desabando para uma borda larga, e ela caiu quando a magia ardente se dissipou no nada.

A Senhora de Lua Argêntea estava sentada contra a pedra, no frio, olhando para a confusão distante muito abaixo dela. Ela estava fora da luta, mas tinha feito a sua parte.

Ela sabia que poderia morrer sem culpa pesando em seu coração.



Berg'inyon Baenre cavalgou pelas fileiras de drow montados nos lagartos, segurando suas espadas gêmeas manchadas de sangue. Os elfos negros se reuniram atrás de seu líder, de obelisco a obelisco, cortando o campo de batalha ao meio e mais. A mobilidade e a velocidade dos cavalos maiores favoreciam os cavaleiros, mas as táticas astutas dos elfos negros foram rápidas em roubar essa vantagem.

Para seu crédito, os cavaleiros estavam matando drow em uma proporção de um para um, um feito notável considerando os números maiores de drow e a habilidade de seus inimigos. Mesmo assim, as fileiras de cavaleiros estavam sendo diminuídas.

A esperança veio na forma de um mago gordo montando uma criatura meio cavalo e meio sapo e liderando os remanescentes dos defensores da face sul, centenas de homens, cavalgando e correndo — da batalha e para a batalha.

A força de Berg'inyon foi rapidamente empurrada através da largura do Vale do Guardião, de volta para a parede norte, e os cavaleiros defensores cavalgaram livres mais uma vez.

Mas veio também a perseguição do sul, a vasta força de monstros drow e humanoides. Vieram aqueles magos elfos negros que sobreviveram à conflagração de Alustriel no espesso bosque.

As fileiras dos defensores se organizaram depressa, com os guerreiros corajosos de Berkthgar se reunindo atrás de seu poderoso líder e os cavaleiros de Besnell se ligando à força que havia permanecido firme no Vale do Guardião. Da mesma forma, os Longinetes se alinharam atrás de Regweld, e os Cavaleiros de Nesmé — ambos sobreviventes — juntaram-se a seus irmãos do oeste.

A magia brilhou, o metal ressoou e homem e fera gritaram em agonia. A névoa engrossou de suor, e o chão de pedra do vale escureceu de sangue.

Os defensores gostariam de formar uma linha sólida de defesa, mas fazê-lo os deixaria muito mais vulneráveis aos magos, então eles seguiram a liderança selvagem de Berkthgar, mergulharam na força inimiga de cabeça erguida, aceitando o caos absoluto.

Berg'inyon subiu a montanha até a metade da parede norte, bem acima do vale, para examinar a gloriosa carnificina. O mestre de armas não se importava com seus companheiros mortos, incluindo muitos elfos negros, cujos corpos quebrados se espalhavam pelo chão do vale.

Esta luta seria vencida com facilidade, pensou Berg'inyon, e a porta ocidental para o Salão de Mitral seria dele.

Toda a glória para a Casa Baenre.



Quando Metriz Rasgagarra veio da Cidade Subterrânea para a porta ocidental do Salão de Mithral, ela ficou consternada — não pelos relatos dos combates cruéis no Vale do Guardião, mas pelo fato de que os guardas anões não haviam saído para ajudar os defensores valentes. Suas ordens eram explícitas: eles deveriam permanecer dentro do complexo, para defender os túneis mais apertados, e se a porta secreta fosse encontrada pelo inimigo e os defensores fossem empurrados para trás, os anões estavam preparados para derrubar esses túneis perto da

porta. Essas ordens, dadas pelo General Dagna, o segundo em comando de Bruenor, não haviam previsto a batalha do Vale do Guardião.

Bruenor havia nomeado Metriz como Alta Clériga do Salão de Mitral, e o havia feito publicamente e com muito alarde, de modo que não haveria confusão quanto à hierarquia uma vez que a batalha fosse iniciada. Essa decisão, essa cerimônia pública, deu a Metriz o poder que ela precisava agora, permitiu que ela mudasse as ordens, e os quinhentos anões designados para guardar a porta ocidental, que assistiram com horror a carnificina de longe, ficaram muito felizes em ouvir o novo comando.

Houve um estrondo sob o chão em todo o Vale do Guardião, o raspar de pedra contra pedra. No lado norte do vale, Berg'inyon segurou firme sua montaria de pés pegajosos e esperava que a coisa não fosse sacudida da parede. Ele ouviu os ecos atento, discernindo o padrão, depois olhou para o canto sudeste do vale.

Uma luz gloriosa e ardente brilhou lá quando a porta ocidental do Salão de Mitral se abriu.

O coração de Berg'inyon parou por um segundo. Os anões abriram o caminho!

Eles saíram, centenas de pessoas barbudas, correndo em socorro de seus aliados, cantando e batendo seus machados e martelos contra seus escudos brilhantes, saindo da porta que não era mais secreta. Eles vieram até, e além, a linha de Berkthgar, seus grupos de batalha apertados abrindo buracos nas fileiras de goblins e kobold e drow, empurrando mais fundo na multidão.

— Tolos! — o mestre de armas de Baenre sussurrou, pois mesmo que mil ou dois mil anões entrassem no Vale do Guardião, o curso da batalha não seria alterado. Eles tinham saído porque sua moral exigia isso, Berg'inyon sabia. Eles abriram a porta e abandonaram suas melhores defesas porque seus ouvidos não podiam tolerar os gritos de homens morrendo em sua defesa.

“Quão fracos eram esses habitantes da superfície”, pensou o sinistro drow, pois em Menzoberranzan a coragem e a compaixão nunca foram confundidas.

Os anões furiosos entraram na batalha com força, passando através de drow e goblins com abandono. Metriz Rasgagarra, recém-saída de suas

façanhas na Cidade Subterrânea, liderou o ataque. Ela estava sem bolotas de luz, mas chamava seu deus agora, conjurando magias para iluminar o Vale do Guardião. Os elfos negros contra-atacaram cada magia com rapidez, como a anã esperava, mas Metriz imaginou que todos os drow concentrados em um globo de escuridão estavam fora da luta, pelo menos momentaneamente. A magia de Moradin, Dumathoin e Clanggedon fluía livre através da sacerdotisa. Ela sentiu como se fosse um conduíte puro, a conexão com a superfície para os deuses anões.

Os anões se reuniram em torno de suas orações altas enquanto ela gritava para seus deuses com todo o seu coração. Outros defensores se reuniram em torno dos anões e, de repente, eles estavam recuperando o terreno perdido. De repente, a ideia de uma única linha de defesa não era tão ridícula. No alto da parede do outro lado do caminho, Berg'inyon riu da futilidade de tudo. Este era um surto temporário, ele sabia, e os defensores da porta ocidental se reuniram em um empurrão final e fútil. Toda a defesa e todos os defensores, e a força de Berg'inyon ainda os superava em número várias vezes.

O mestre de armas persuadiu sua montaria a descer a parede, reuniu suas tropas de elite ao redor dele e determinou como recuar o impulso. Quando o Vale do Guardião caísse, a porta ocidental também cairia.

E o Vale do Guardião cairia, Berg'inyon assegurou a seus companheiros com toda a confiança, dentro de uma hora.

Capítulo 26

Rosnado contra rosnado

OS CORREDORES PRINCIPAIS QUE LEVAVAM à porta inferior do Salão de Mitral haviam sido derrubados e selados, mas isso era esperado pelo exército invasor. Mesmo com a maior concentração de drow desacelerada para um rastejar nos túneis além da porta, o complexo dos anões estava sendo pressionado. E embora nenhum relatório tenha chegado a Uthegental sobre os combates fora da montanha, o poderoso mestre de armas podia imaginar a carnificina nas encostas, com anões e humanos fracos morrendo às dezenas. Ambas as portas do Salão de Mitral provavelmente haviam sido invadidas, acreditava Uthegental, com os cavaleiros de lagarto de Berg'inyon inundando os túneis mais altos.

Essa ideia incomodou bastante o mestre de armas de Barrison del'Armgo. Se Berg'inyon estivesse no Salão de Mitral e Drizzt Do'Urden também estivesse por lá, o renegado poderia cair para o filho da Casa Baenre. Assim, Uthegental e o pequeno grupo de meia dúzia de guerreiros de elite que ele levava consigo agora procuravam os caminhos estreitos que os levariam ao portão mais baixo do Salão de Mitral propriamente dito. Esses túneis deveriam estar abertos, com os elfos negros saindo da Cidade Baixa para abrir caminho.

O mestre de armas e sua escolta entraram na caverna que antes servia como posto de comando de Bruenor. Estava deserta agora, com apenas alguns pergaminhos e restos de preparações clericais para mostrar que alguém havia estado no lugar. Após a queda dos túneis e o colapso de partes da Caverna de Tunult — e muitos túneis laterais, incluindo o principal que levava de volta a esta câmara — os grupos inferiores de Buenor pareciam ter sido espalhados, sem qualquer comando central.

Uthegental passou pelo lugar, quase sem pensar. O grupo de drow se moveu rápido pelos corredores, permanecendo em geral ao leste, seguindo em silêncio a liderança urgente do mestre de armas. Eles chegaram a uma bifurcação larga na trilha e notaram os ossos muito antigos de um gigante de duas cabeças deitado contra a parede — ironicamente, uma morte que Bruenor Martelo de Batalha havia

causado muito antes. Mais preocupante, porém, era a bifurcação no túnel.

Frustrado com mais um atraso, Uthegental enviou batedores para a esquerda e para a direita, então ele e o resto de seu grupo foram para a direita, o curso mais a leste.

Uthegental suspirou, aliviado por enfim terem encontrado a porta inferior, quando seu batedor e outra drow, uma sacerdotisa, o encontraram alguns momentos depois.

— Saudações, Mestre de Armas da Segunda Casa — cumprimentou a sacerdotisa, proporcionando ao poderoso Uthegental mais respeito do que o normal para meros machos.

— Por que você está nos túneis? — Uthegental queria saber. — Ainda estamos longe da Cidade Baixa.

— Mais longe do que você pensa — respondeu a sacerdotisa, olhando com desdém para o leste, pelo longo túnel que terminava na porta inferior. — O caminho não está aberto.

Uthegental emitiu um rosnado baixo. Aqueles drow deveriam ter tomado a Cidade Baixa a essa altura, e ter aberto as passagens. Ele passou pela mulher, com sua velocidade revelando sua raiva.

— Você não vai conseguir passar — a sacerdotisa assegurou a ele, e ele se virou, franzindo a testa como se ela tivesse dado um tapa na cara dele.

— Estamos atingindo a porta há uma hora — explicou a sacerdotisa. — Vai se passar uma semana antes de atravessarmos aquela barricada. Os anões a defendem bem.

— Ultrin Sargtlin! — rugiu Uthegental, seu título favorito, para lembrar a sacerdotisa de sua reputação. Ainda assim, apesar do fato de que Uthegental havia ganhado aquele título de “Guerreiro Supremo”, a mulher não parecia impressionada.

— Cem drow, cinco magos e dez sacerdotisas não romperam a porta — disse ela inexpressiva. — Os anões atacam nossa magia com grandes lanças e bolas de piche flamejante. E o túnel que leva à porta é estreito e cheio de armadilhas, tão bem montadas quanto as da própria Casa Baenre. Vinte minotauros foram até lá, e aquela dezena que sobreviveu às armadilhas encontraram anões saudáveis esperando

por eles, saindo da ocultação de pequenos cubículos secretos. Vinte minotauros foram mortos em poucos minutos.

— Você não vai passar — repetiu a sacerdotisa, seu tom de quem aponta um fato e de forma alguma insultante. — Nenhum de nós vai, a menos que aqueles que entraram no complexo dos anões ataquem os defensores da porta por trás.

Uthegental queria atacar a mulher, principalmente porque acreditava na alegação dela.

— Por que você gostaria de entrar no complexo? — a mulher fez a pergunta astuta, de repente.

Uthegental olhou para ela com suspeita, imaginando se ela estava questionando sua bravura. Por que ele não iria querer encontrar a luta, afinal?

— Sussurros dizem que sua presa pretendida é Drizzt Do'Urden — continuou a sacerdotisa.

A expressão de Uthegental mudou de suspeita para intriga.

— Outros sussurros dizem que o renegado está nos túneis do lado de fora do Salão de Mitral — explicou ela —, caçando com sua pantera e matando alguns drow.

Uthegental passou a mão pelos cabelos espetados e olhou de volta para o oeste, para o labirinto selvagem de túneis que ele havia deixado para trás. Ele sentiu uma onda de adrenalina percorrer seu corpo, um formigamento que apertou seus músculos e fixou suas feições em uma forma sombria. Ele sabia que muitos grupos de inimigos estavam operando nos túneis fora do complexo dos anões, bandos dispersos fugindo da caverna de sete câmaras onde a primeira batalha havia sido travada. Uthegental e seus companheiros encontraram e mataram um desses grupos de anões em sua jornada até ali.

Agora que ele pensou sobre isso, fazia sentido para Uthegental que Drizzt também estivesse por aqui. Era muito provável que o renegado estivesse na batalha na caverna de sete câmaras, e se isso fosse verdade, então por que Drizzt fugiria de volta para o Salão de Mitral?

Drizzt era um caçador, um ex-líder de patrulha, um guerreiro que sobreviveu a uma década sozinho com sua pantera mágica no

Subterrâneo selvagem — não era pouca coisa, e era algo que até mesmo Uthegental respeitava. Sim, agora que a sacerdotisa havia dito a ele o boato, fazia todo o sentido para Uthegental que Drizzt Do'Urden estivesse lá fora, em algum lugar nos túneis a oeste, vagando e matando.

O mestre de armas riu alto e começou a voltar pelo caminho de onde havia vindo, sem oferecer nenhuma explicação.

Nenhum era necessário, para a sacerdotisa ou para os companheiros de Uthegental, que se alinharam atrás dele.

O mestre de armas da Segunda Casa estava caçando.



— Estamos vencendo — declarou Matriarca Baenre.

Nenhum daqueles ao seu redor — nem Methil ou Jarlaxle, nem Matriarca Zeerith Q'Xorlarrin, da Quarta Casa, ou Auro'pol Dyrr, matriarca-mãe da Casa Agrach Dyrr, agora a Quinta Casa, nem Bladen'Kerst ou Quenthel Baenre — discutiu com a declaração direta.

Gandalug Martelo de Batalha, sujo e espancado, com seus pulsos presos com firmeza por algemas de boa qualidade e com encantamentos tão fortes que um gigante não poderia quebrá-las, limpou a garganta, um ruído que soava positivamente vangloriante. Havia mais bravata do que verdade na atitude do anão, pois Gandalug carregava consigo um fardo pesado. Mesmo que seu povo estivesse oferecendo uma tremenda resistência, os drow haviam entrado na Cidade Baixa. E eles tinham vindo para aquele lugar por causa de Gandalug, por causa de seu conhecimento dos caminhos secretos. O velho anão entendeu que ninguém poderia suportar as intrusões de um illithid, mas a culpa permanecia, a noção de que ele, de alguma forma, não tinha sido forte o suficiente.

Quenthel se moveu antes que Bladen'Kerst pudesse reagir, batendo com força nas costas do prisioneiro obstinado, suas unhas rasgando linhas de sangue.

Gandalug bufou de novo, e desta vez Bladen'Kerst o golpeou com seu

chicote de cinco cabeças de cobra, um golpe que deixou o anão robusto de joelhos.

— Basta! — Matriarca Baenre rosnou para as filhas, com uma pitada de sua frustração à mostra.

Todos sabiam — e parecia que Baenre também, apesar de sua proclamação — que a guerra não estava indo de acordo com o plano. Os batedores de Jarlaxle os informaram sobre o gargalo perto da porta mais baixa do Salão de Mitral, e que a porta leste da superfície havia sido bloqueada logo após ser violada, com o custo de muitas vidas drow. As comunicações mágicas de Quentel com seu irmão lhe disseram que a luta ainda estava furiosa nas encostas sul e oeste do Quarto Cimo, e que a porta oeste da superfície ainda não tinha sido alcançada. E Methil, que havia perdido seus dois companheiros illithid, havia telepaticamente assegurado à Matriarca Baenre que a luta pela Cidade Baixa ainda não havia sido vencida, de forma alguma.

Ainda assim, havia algo de verdade na previsão de vitória de Baenre, todos sabiam, e sua confiança não era completamente superficial. A batalha fora da montanha não estava terminada, mas Berg'inyon havia garantido a Quentel que logo estaria — e dado o poder da força que havia saído ao lado de Berg'inyon, Quentel não tinha motivos para duvidar de sua afirmação.

Muitos morreram nesses túneis inferiores, mas a maioria das perdas foram escravos humanoides, não drow. Agora, aqueles anões que haviam sido pegos fora de seu complexo após o colapso do túnel haviam sido forçados a táticas de caça e evasão, um tipo de tática de guerra que sem dúvidas favorecia os elfos furtivos.

— Todos os túneis inferiores logo estarão seguros — elaborou Matriarca Baenre, uma declaração tornada óbvia pelo simples fato de que esse grupo, que não arriscaria nenhum encontro, estava em movimento mais uma vez. A força de elite que cercava Baenre era responsável por guiar e guardar a primeira matriarca-mãe. Eles não permitiriam nenhum avanço a Baenre, a menos que a área à sua frente fosse declarada segura.

— A região acima do solo ao redor do Salão de Mitral também será garantida — acrescentou Baenre — com as duas portas da superfície do complexo rompidas.

— E provavelmente derrubadas — Jarlaxle se atreveu a adicionar.

— Selando os anões em seu buraco — Matriarca Baenre foi rápida em responder. — Lutaremos por esta porta inferior, e nossos magos e sacerdotisas encontrarão e abrirão novos caminhos para os túneis do complexo, para que possamos passar entre as fileiras de nosso inimigo.

Jarlaxle admitiu o argumento, assim como os outros, mas o que Baenre estava falando levaria um bom tempo, e um cerco prolongado não fazia parte do plano. O potencial da situação não caiu bem com nenhum daqueles ao redor da Matriarca Baenre, em particular as outras duas matriarcas-mães. Baenre as havia pressionado a sair, então elas o fizeram, embora suas Casas e toda a cidade estivessem em um fluxo crítico de poder. Em troca do comparecimento pessoal das matriarcas na longa marcha, a Casa Xorlarrin e a Casa Agrach Dyr foram autorizadas a manter a maioria de seus soldados em casa, enquanto as outras Casas, em especial as outras Casas governantes, enviaram até metade de todos os seus drow. Durante os poucos meses em que se esperava que o exército estivesse ausente, a quarta e a quinta Casas pareciam seguras.

Mas Zeerith e Auro'pol tinham outras preocupações, preocupações de lutas de poder dentro de suas famílias. A hierarquia de qualquer Casa drow, exceto talvez para Baenre, sempre foi hesitante, e as duas matriarcas-mães sabiam que, se estivessem longe por muito tempo, poderiam voltar para descobrir que haviam sido substituídas.

Elas trocaram olhares preocupados agora, com expressões de dúvida que o observador Jarlaxle não deixou passar.

O grupo de batalha de Baenre seguiu seu caminho lento e determinado, com as três matriarcas-mães no topo de seus discos flutuantes, ladeadas pelas duas filhas de Baenre — arrastando o anão — e o illithid, que parecia deslizar em vez de andar, com pés escondidos sob suas longas e pesadas vestes. Pouco tempo depois, a Matriarca Baenre informou que eles encontrariam uma caverna apropriada e montariam uma sala central do trono, a partir da qual ela poderia dirigir a luta contínua.

Era outra indicação de que a guerra seria longa, e mais uma vez Zeerith e Auro'pol trocaram olhares desconcertados.

Bladen'Kerst Baenre estreitou os olhos para as duas, de forma silenciosa e ameaçadora.

Jarlaxle captou tudo, cada conotação, cada indício de onde Matriarca Baenre poderia encontrar seus maiores problemas.

O líder mercenário curvou-se e desculpou-se, explicando que ele se juntaria à seu bando e tentaria reunir informações mais oportunas.

Baenre acenou com a mão, dispensando-o sem pensar duas vezes. Um de seus acompanhantes não era tão casual.

“Você e seus mercenários vão fugir”, veio uma mensagem inesperada na mente de Jarlaxle.

Os próprios pensamentos do mercenário giraram em confusão e, pego de surpresa, ele não pôde evitar de enviar a resposta telepática de que a noção de desertar da guerra de fato havia passado por sua mente. Mais perto do desespero do que nunca, Jarlaxle olhou por cima do ombro para o rosto inexpressivo do illithid intruso.

“Cuidado com Baenre caso ela volte”, Methil transmitiu de forma casual, e ele continuou seu caminho com Baenre e os outros.

Jarlaxle parou por um longo tempo quando o grupo saiu de vista, examinando a ênfase da última comunicação do illithid. Ele percebeu que Methil não informaria Baenre de sua lealdade vacilante. De alguma forma, pela maneira como a mensagem fora dada, Jarlaxle sabia disso.

O mercenário recostou-se em uma parede de pedra, pensando muito sobre qual deveria ser seu próximo movimento. Se o exército drow permanecesse unido, Baenre acabaria ganhando — disso ele não duvidava. As perdas seriam maiores do que o previsto — na verdade já eram —, mas isso seria de pouca preocupação uma vez que o Salão de Mitral fosse tomado, junto com todas as suas riquezas prometidas.

O que, então, Jarlaxle faria? A questão perturbadora ainda estava saltando em torno dos pensamentos do mercenário quando ele encontrou alguns de seus tenentes de Bregan D’aerthe, todos trazendo notícias do gargalo contínuo perto da porta inferior, e informações de que ainda mais drow e escravos estavam sendo mortos nos túneis externos, sendo vítimas de bandos de anões e seus aliados.

Os anões estavam defendendo, e lutando, bem.

Jarlaxle tomou sua decisão e a transmitiu em silêncio aos seus tenentes na intrincada língua de sinais. Bregan D’aerthe não desertaria, ainda não. Mas também não continuaria a liderar o ataque, arriscando seus batedores avançados.

“Evitem todas as lutas”, os dedos de Jarlaxle sinalizaram e os soldados reunidos assentiram. “Ficamos fora do caminho, e assistimos, nada mais”.

“Até que o Salão de Mithral seja invadido”, um dos tenentes respondeu.

Jarlaxle assentiu. “Ou até que a guerra se torne fútil”, seus dedos responderam, e, pela sua expressão, era óbvio que o líder mercenário não achava suas últimas palavras ridículas.



Pwent e seu bando perambularam túnel após túnel, ficando cada vez mais frustrados, pois não encontraram nenhum drow, ou mesmo kobolds, para bater.

— Onde nos Nove Infernos estamos? — o furioso de batalha exigiu saber. Nenhuma resposta veio, e quando ele pensou sobre isso, Pwent não podia de fato esperar uma. Ele conhecia esses túneis melhor do que qualquer um em seu grupo, e se não tinha ideia de onde eles estavam, então com certeza os outros estavam perdidos.

Isso não incomodou tanto Pwent. Ele e seu bando furioso realmente não se importavam onde estavam, desde que tivessem algo para lutar. A falta de inimigos era o verdadeiro problema.

— Comece a bater! — Pwent rugiu, e os Esmaga-tripas correram para as paredes no corredor estreito e começaram a bater martelos contra a pedra, causando tal comoção que todas as criaturas dentro de duzentos metros teriam facilidade em descobrir onde estavam.

O pobre Bidderdoo Harpell, arrastado pelo bando mais louco de anões suicidas, estava no meio do túnel, usando sua joia brilhante para tentar separar os poucos pergaminhos restantes de seu maldito livro de magias, procurando uma magia, qualquer magia — embora de preferência uma que o tirasse daquele lugar!

A batida continuou por vários minutos e, frustrado, Pwent ordenou que seus anões entrassem em formação e então saíram correndo. Eles passaram por um arco natural, em torno de algumas curvas na

passagem, depois encontraram um caminho mais largo e quadrado, um túnel com pedra trabalhada ao longo de suas paredes e um piso uniforme. Pwent estalou os dedos, percebendo que eles haviam saído para sudoeste do Salão de Mitral. Ele conhecia esse lugar e sabia que encontraria uma posição defensiva anã na próxima esquina. Ele se sacudiu à frente e passou por cima de uma barricada que chegava quase ao teto, na esperança de encontrar mais aliados para “alistar” em seu grupo. Quando ele subiu na parede, Pwent parou, com seu sorriso apagado.

Dez anos estavam mortos no chão de pedra, em meio a uma pilha de goblins e orcs rasgados.

Pwent caiu sobre o muro, com força, mas logo se levantou. Ele balançou a cabeça enquanto caminhava entre a carnificina. Esta posição era muitíssimo fortificada, com a parede alta atrás, e uma parede mais baixa na frente, onde o corredor virava uma curva fechada para a esquerda.

Montado contra aquela parede da esquerda, logo antes do túnel lateral, havia uma engenhoca curiosa, uma catapulta de estilingue lateral anã mortal, com um braço curto e forte que se inclinava para o lado, não por cima, como com as catapultas convencionais. O braço estava puxado para trás agora, pronto para disparar, mas Pwent percebeu de imediato que toda a munição havia desaparecido, que os anos valentes haviam aguentado até o fim.

Pwent podia sentir o cheiro dos restos dos mísseis daquela catapulta e podia ver sombras cintilantes dos pequenos focos de fogo. Ele sabia antes de espiar ao redor da curva que muitos, muitos inimigos mortos alinhariam o corredor além.

— Eles morreram bem — disse o furioso de batalha aos seus asseclas enquanto eles e Bidderdoo atravessavam a parede dos fundos e caminhavam entre os corpos.

A investida ao virar da esquina veio rápida e silenciosa, um punhado de elfos negros correndo para fora, com suas espadas desembainhadas.

Se Bidderdoo Harpell não estivesse em alerta — e se ele não tivesse encontrado a última página utilizável restante de seu livro de magias — esse teria sido o fim rápido da Brigada Esmaga-tripas, mas o mago tirou sua magia, conjurando um globo ofuscante — para os drow — de luz brilhante.

Os drow surpresos hesitaram apenas um instante, mas por tempo suficiente para que os Esmaga-tripas assumissem postura de batalha. De repente, eram sete anões contra cinco drow sem o elemento surpresa. Sete combatentes contra cinco elfos negros, e o que era pior para os drow, esses combatentes estavam entre os corpos daqueles de seu povo.

Eles socaram, chutaram, saltaram, gritaram e deram cabeçadas com abandono, ignorando quaisquer golpes, lutando para deixar seu líder mais selvagem orgulhoso. Eles passaram por dois dos drow, e um anão se soltou, rugindo enquanto avançava ao redor da curva.

Pwent empurrou um drow para o lado, pegou a espada do elfo negro com uma manopla de metal no meio do golpe e deu um soco direto com a outra antes que o drow pudesse usar sua segunda espada em apoio.

A cabeça do drow realmente explodiu sob o peso da manopla repleta de espigões, com Pwent, furioso, cravando o punho no crânio da criatura condenada.

Ele bateu no drow de novo, e então uma terceira vez, depois jogou o corpo quebrado ao lado dos outros quatro elfos negros mortos. Pwent olhou em volta para suas tropas recém-cobertas de sangue, notou no mesmo instante que um estava faltando e notou, também, que Bidderdoo estava tremendo descontrolado, com suas mandíbulas batendo ruidosamente. O furioso de batalha teria perguntado ao mago sobre isso, mas então o grito de agonia do corredor lateral gelou a medula até mesmo dos ossos do durão Thibbledorf Pwent. Ele saltou para o canto e olhou em volta.

A carnificina ao longo do corredor de quinze metros era ainda mais tremenda do que Pwent esperava. Dezenas de humanoides estavam mortos, e vários pequenos focos de incêndio ainda queimavam, tão espesso era o piche catapultado ao longo do chão e das paredes.

Pwent observou quando uma grande forma entrou no outro lado da passagem, uma forma sombria, mas o furioso de batalha sabia que era um drow, embora com certeza o maior que ele já vira. Ele carregava um grande tridente e, no final do tridente, ainda se contorcendo nos últimos momentos de sua vida, estava o Esmaga-tripas espetado. Outro drow saiu por trás do enorme mestre de armas, mas Pwent mal notou a segunda forma, e mal se importava se mais cem o seguissem. O furioso de batalha rugiu em protesto, mas não investiu. Em um momento raro em que a esperteza superava a raiva, Pwent pulou de

volta para o outro extremo da esquina.

— O que foi, Furioso de Batalha Mais Selvagem? — três dos Esmaga-tripas gritaram juntos.

Pwent não respondeu. Ele pulou na cesta do estilingue lateral e cortou com sua manopla cravada de espigões a corda do gatilho de forma limpa.

Uthegental Armgo acabara de libertar a vítima problemática quando o lançador lateral disparou, atirando o míssil Pwent pelo corredor. Os olhos do mestre de armas se arregalaram; ele gritou enquanto Pwent gritava. De repente, Uthegental desejou que ele ainda tivesse o anão morto à mão, para que ele pudesse usar o corpo como um escudo. Por puro instinto, o drow guerreiro fez a segunda melhor coisa. Ele agarrou seu companheiro drow pela gola de sua piwafwi e o puxou para a frente.

O espigão do capacete de Pwent, e metade de sua cabeça, explodiu o infeliz elfo negro, atravessou de forma limpa o suficiente para acertar Uthegental também.

O poderoso mestre de armas se livrou da queda enquanto Pwent se livrava do drow destruído. Eles se uniram em um ataque de fúria, raiva contra raiva, rosnar contra rosnar, Pwent marcando vários golpes, mas Uthegental, tão forte e habilidoso, contra-atacando com ferocidade.

O cabo do tridente bateu no rosto de Pwent, e seus olhos se reviraram. Ele cambaleou para trás e percebeu, para seu horror, que acabara de dar a esse poderoso inimigo espaço suficiente para espetá-lo.

Uma criatura prateada, um grande lobo correndo em suas patas traseiras, se chegou até Uthegental pela lateral, derrubando-o de volta ao chão.

Pwent balançou a cabeça vigorosamente, limpando a mente, e olhou para o mais novo monstro com bastante apreensão. Ele olhou de volta para o corredor para ver seus Esmaga-tripas se aproximando apressados, todos apontando para o lobo e uivando de alegria.

— Bidderdoo — murmurou Pwent, entendendo.

Uthegental jogou o lobisomem Harpell de lado e saltou, tornando a ficar de pé. Antes que ele tivesse recuperado por completo seu

equilíbrio, porém, Pwent saltou até ele.

Um segundo anão saltou sobre ele, seguido por um terceiro, um quarto, toda a Brigada Esmaga-tripas.

Uthegental rugiu com selvageria e, de repente, o drow possuía a força de um gigante. Ele ficou de pé, com os anões pendurados nele, e empurrou os braços para fora, arrancando anões e arremessando-os como se fossem meros roedores.

Pwent o acertou no peito, um golpe que teria matado uma vaca de tamanho considerável.

Uthegental rosnou e deu um tapa nas costas do furioso de batalha que lançou Pwent uns três metros e meio.

— Você é bom — admitiu um Pwent trêmulo, caindo sobre um joelho quando Uthegental se aproximava.

Pela primeira vez em sua vida insana — exceto, talvez, quando ele, sem pensar muito, lutou contra Drizzt — Thibbledorf Pwent sabia que estava em desvantagem — sabia que toda a sua brigada estava em desvantagem! — e acreditou que estaria morto. Os anões estavam gemendo no chão e nenhum seria capaz de interceptar o drow incrivelmente forte.

Em vez de tentar se levantar, Pwent gritou e se jogou para frente, se ajoelhando. Ele subiu no último segundo, jogando todo o seu peso em um gancho de direita.

Uthegental pegou a mão no meio do golpe e interrompeu todo o impulso de Pwent. A mão livre do poderoso drow se fechou sobre o rosto de Pwent, e Uthegental começou a dobrar o pobre furioso de batalha para trás. Pwent podia ver o rosto preso em um rosnado através dos dedos espalhados. Ele de alguma forma encontrou a força para atacar com sua mão esquerda livre, e acertou um golpe sólido no antebraço do drow.

Uthegental parecia não se importar. Pwent choramingou.

O mestre de armas jogou a cabeça para trás de repente.

Pwent pensou que o drow pretendia emitir um rugido de vitória, mas nenhum som veio da boca de Uthegental, nenhum ruído, até um momento depois, quando ele gorgolejou incoerente.

Pwent sentiu o aperto do drow relaxar, e o furioso de batalha se afastou depressa. Quando ele se endireitou, Pwent começou a entender. O lobisomem prateado havia chegado por trás de Uthegental e havia mordido o drow na parte de trás do pescoço. Bidderdoo se segurou, com toda a pressão de sua grande boca esmagando as vértebras e os nervos.

Os dois mantiveram a postura macabra por muitos segundos, e todos os Esmaga-tripas conscientes se reuniram em torno deles maravilhados com a força da boca de Bidderdoo, e com o fato de que esse tremendo guerreiro drow ainda estava de pé.

Houve um estalo alto, e Uthegental se sacudiu com violência de repente. Ele caiu, com o lobo em cima dele, segurando firme.

Pwent apontou para Bidderdoo:

— Eu preciso que ele me mostre como ele fez isso — observou o furioso de batalha impressionado.

Bidderdoo, apertado com força em sua vítima, não ouviu.

Capítulo 27

A noite mais longa

BELWAR OUVIU OS ECOS, vibrações sutis na pedra espessa que nenhum morador da superfície poderia ter notado. Os outros trezentos svirfneblin também os ouviram. Este era o caminho dos gnomos das profundezas — nos túneis mais profundos do Subterrâneo, eles frequentemente se comunicavam enviando vibrações silenciosas através da rocha. Eles ouviam os ecos agora, ecos constantes, não como a única enorme explosão que ouviram algumas horas antes, o estrondo de toda uma rede de túneis sendo derrubada. Os lutadores svirfneblin experientes analisavam o mais novo som, um ritmo peculiar, e sabiam o que significava. Uma batalha havia se iniciado, uma grande batalha, e não tão longe.

Belwar conversou com seus comandantes muitas vezes enquanto avançavam pelo terreno desconhecido, tentando seguir as vibrações mais fortes. Muitas vezes, um dos svirfneblin no perímetro, ou na ponta do grupo, batia de leve com o martelo na pedra, tentando sentir a densidade da rocha. A ecolocalização era complicada porque a densidade da pedra nunca era uniforme, e com frequência as vibrações eram distorcidas. Assim, os svirfneblin, sem sombra de dúvidas os melhores seguidores do eco em todo o mundo, encontraram-se mais de uma vez indo pelo caminho errado em uma bifurcação na trilha.

Um grupo determinado e paciente, no entanto, eles permaneceram naquele caminho, e depois de muitos minutos frustrantes, um sacerdote chamado Suntunavick se aproximou de Belwar e Firble e anunciou com toda a confiança que isso era o mais próximo do som que esses túneis permitiriam que eles chegassem.

Os dois seguiram o sacerdote até o ponto exato, se alternando para colocar as orelhas contra a pedra. De fato, o barulho além era alto, relativamente falando.

E constante, Belwar observou com alguma confusão, pois esse não era o eco de ataque e contra-ataque da batalha, não os ecos que ouviram

antes, ou pelo menos, havia mais no som do que isso.

Suntunavick assegurou ao mestre de escavações que este era o lugar correto. Misturado com esse som mais constante estava o ritmo familiar da batalha.

Belwar olhou para Firble, que assentiu, depois para Suntunavick. O mestre de escavações cutucou o local na parede, depois recuou, para que Suntunavick e os outros sacerdotes pudessem se aproximar.

Eles começaram seus cânticos, um som grave, estrondoso e que parecia sem palavras, e de vez em quando um dos sacerdotes jogava um punhado de alguma substância lamacenta contra a pedra.

O entoar atingiu um crescendo. Suntunavick correu para a parede, com as mãos erguidas na frente dele e as palmas das mãos juntas com força. Com um grito de êxtase, o pequeno gnomo enfiou os dedos direto na pedra. Então ele gemeu, com os músculos dos braços e ombros se flexionando enquanto puxava a parede, abria-na como se não fosse mais sólida do que uma cortina de tecido pesado.

O sacerdote saltou para trás, assim como todos os outros, à medida que o eco tornou-se um rugido e um borrito fino, e a névoa de uma cachoeira os atingiu.

— A superfície — Firble murmurou sem fôlego.

E de fato era, mas esse dilúvio de água não era nada como qualquer um dos gnomos havia imaginado o mundo da superfície, não era nada como as descrições nos muitos contos que ouviram sobre o lugar estranho. Muitos no grupo tinham pensamentos de recuar naquele instante, mas Belwar, que havia falado com Drizzt há não muito tempo, sabia que algo aqui estava fora do comum.

O mestre de escavações prendeu uma corda em seu cinto com a mão da picareta e estendeu-a para Firble, indicando que o conselheiro deveria amarrá-la em torno de sua cintura. Firble fez isso e pegou a outra ponta, preparando-se com segurança.

Com apenas a menor hesitação, o bravo Belwar se espremeu pela parede, através do véu de névoa. Ele encontrou a cachoeira e uma borda que o levava ao redor dela, e Belwar olhou para as estrelas.

Milhares de estrelas!

O coração do gnomo disparou. Ele estava encantado e assustado ao mesmo tempo. Este era o mundo da superfície, aquela maior das cavernas, sob uma cúpula que não podia ser alcançada.

O momento de ponderar, de espanto, foi de curta duração, derrotado pelos sons claros da batalha. Belwar não estava no Vale do Guardião, mas podia ver as luzes da luta, chamas de tochas e magias, e podia ouvir o retinir de metal contra metal e os gritos familiares dos moribundos.

Com Belwar à frente, os trezentos svirfneblin saíram das cavernas e começaram uma marcha silenciosa para o leste. Eles encontraram muitas áreas que pareciam intransitáveis, mas um elemental amigável, convocado por sacerdotes gnomos, abriu o caminho. Em apenas alguns minutos, a batalha estava à vista, a confusão dentro do vale enevoadado, de cavaleiros vestidos de armadura e drow montados em lagarto, de goblins miseráveis e kobolds e humanos enormes de mais do que o dobro da altura do svirfneblin mais alto.

Agora Belwar hesitava, tendo a plena percepção que sua força de trezentos mergulharia em uma batalha de milhares, uma batalha a qual os gnomos não tinham como discernir quem estava vencendo.

— É por isso que viemos — Firble sussurrou no ouvido do mestre de escavações.

Belwar olhou firme para seu companheiro estranhamente corajoso.

— Pela Gruta das Pedras Preciosas — disse Firble. Belwar liderou o caminho.



Drizzt prendeu a respiração, todos eles, e até Guenhwyvar foi sábia o suficiente para sufocar um rosnado instintivo.

Os cinco companheiros se amontoaram em uma borda estreita em um corredor alto e largo, enquanto uma coluna de drow, muitos drow, passava, uma linha que continuava e parecia nunca terminar.

Dois Mil? Drizzt se perguntou. Cinco mil? Ele não tinha como estimar.

Havia muitos, e ele não conseguia colocar a cabeça para fora e começar uma contagem. O que Drizzt entendeu foi que a maior parte da força drow havia se unido e estava marchando com um único propósito. Isso poderia significar apenas que o caminho havia sido aberto, pelo menos para a porta inferior do Salão de Mitral. Drizzt encontrou algum ânimo quando pensou naquela porta, nas muitas defesas astutas que haviam sido montadas naquela região. Mesmo essa força poderosa teria dificuldades em passar pelo portal; os túneis perto da porta inferior se acumulariam com corpos, drow e anão.

Drizzt ousou mover a cabeça devagar, olhar além de Guenhwyvar, apertada contra a parede ao lado dele, para Bruenor, preso desconfortável entre a extremidade traseira da pantera e a parede. Drizzt quase conseguiu sorrir com a visão, e com o pensamento de que era melhor ele se mover bem rápido uma vez que a coluna drow passasse, pois Bruenor provavelmente jogaria a pantera sobre a extremidade da borda, levando Drizzt com ela.

Mas esse sorriso não surgiu em seu rosto, não diante de suas dúvidas. “Será que ele havia feito bem em trazer Bruenor até aqui?” se perguntou, não pela primeira vez. Eles poderiam ter voltado para a porta inferior com os anões que haviam encontrado horas antes; o rei do Salão de Mitral poderia estar em posição entre seu exército. Drizzt não subestimou o quanto a presença ardente de Bruenor reforçaria a defesa daquela porta inferior e a defesa da Cidade Subterrânea. Cada anão do Salão de Mitral cantaria um pouco mais alto e lutaria com um pouco mais de paixão sabendo que o Rei Bruenor Martelo de Batalha estava por perto, unindo-se à causa, com seu poderoso machado liderando o caminho.

O raciocínio de Drizzt manteve Bruenor de fora, e agora o drow se perguntou se sua ação tinha sido egoísta. Eles poderiam ao menos encontrar as líderes inimigas? Provavelmente as sacerdotisas que lideravam este exército estariam bem escondidas, usando magia de longe, dirigindo suas forças com não mais compaixão do que se os soldados fossem peões em um gigantesco tabuleiro de xadrez.

A matriarca-mãe, ou quem quer que estivesse liderando essa força, não assumiria riscos pessoais, porque esse era o caminho drow.

De repente, lá em cima e agachado naquela borda, Drizzt Do’Urden se sentiu muito tolo. Eles estavam caçando a cabeça, como ele havia explicado a Bruenor, mas essa cabeça não seria fácil de encontrar, e dado o tamanho da força que estava marchando abaixo deles, em direção ao Salão de Mitral, era provável que Drizzt e Bruenor e seus

outros companheiros não se aproximariam do complexo dos anões tão cedo.

O ranger abaixou a cabeça e soltou um suspiro profundo e silencioso, recompondo-se, lembrando-se de que havia tomado o único caminho possível para ganhar o dia, que, embora essa porta inferior não fosse facilmente violada, acabaria por cair, independente de Bruenor Martelo de Batalha estar ou não entre os defensores. Mas aqui, agora, com tantos drow e tantos túneis, Drizzt começou a apreciar a enormidade da tarefa diante dele. Como ele poderia esperar encontrar os líderes do exército drow?

O que Drizzt não sabia era que ele não era o único em uma caça com propósito.



— Nenhuma palavra de Bregan D'aerthe.

Matriarca Baenre estava sentada no topo de seu disco flutuante, digerindo as palavras e o significado por trás delas. Quenthel começou a repeti-las, mas uma carranca ameaçadora de sua mãe a impediu.

Ainda assim, a frase ecoava na mente de Matriarca Baenre. “Nenhuma palavra de Bregan D'aerthe.”

Jarlaxle estava escondido, Baenre percebeu. Apesar de toda a sua bravata, o líder mercenário era, de fato, conservador, muito cauteloso com quaisquer riscos para o bando que passara séculos reunindo. Jarlaxle não estava muito ansioso para marchar para o Salão de Mitral e, na verdade, veio apenas porque realmente não lhe tinha sido dada uma escolha no assunto.

Como Triel, filha de Baenre e conselheira mais próxima, o mercenário esperava uma conquista rápida e fácil e um rápido retorno a Menzoberranzan, onde tantas perguntas ainda não haviam sido respondidas. O fato de que nenhuma palavra havia chegado ultimamente dos batedores de Bregan D'aerthe poderia ser coincidência, mas Baenre suspeitou de algo diferente. Jarlaxle estava escondido, e isso poderia significar apenas que ele, com os relatórios que recebia de forma constante dos olheiros astutos de sua rede,

acreditava que o impulso havia parado, que ele, como a própria Baenre, havia chegado à conclusão de que o Salão de Mitral não seria conquistado com facilidade.

A velha e decrépita matriarca-mãe aceitou a notícia estoica, confiando que Jarlaxle estaria de volta ao rebanho assim que a maré voltasse a favor dos drow. Ela teria que criar uma punição criativa para o líder mercenário, é claro, uma que deixasse Jarlaxle saber a profundidade de seu consternamento sem custar a ela um valioso aliado.

Pouco tempo depois, o ar na pequena câmara Baenre passou a ser usado quando sua sala do trono começou a formigar com a energia crescente de um encantamento. Todos na sala olharam nervosos ao redor e respiraram tranquilos quando Methil saiu do nada para o meio das sacerdotisas drow.

Sua expressão não revelou nada, apenas o mesmo olhar passivo e observador que sempre vinha da raça alienígena de Methil. Baenre considerava aquela expressão sempre ilegível a parte mais frustrante de lidar com os illithids. Eles nunca davam a menor pista de suas verdadeiras intenções.

“Uthegental Armgo está morto”, veio um pensamento na mente de Baenre, um relatório contundente de Methil.

Agora era a vez de Baenre colocar uma fachada estoica e inexpressiva. Methil tinha enviado o pensamento perturbador para ela e para ela apenas, ela sabia. Os outros, em particular Zeerith e Auro'pol, que estavam se tornando cada vez mais nervosas, não precisavam saber que a notícia era ruim, muito ruim.

“A marcha para o Salão de Mitral vai bem”, veio a próxima mensagem telepática de Methil. O illithid compartilhou com todos na sala, o que Matriarca Baenre percebeu pelas expressões repentinamente animadas. “Os túneis estão limpos até a porta inferior, onde o exército se reúne e se prepara”.

Muitos acenos de cabeça e sorrisos voltaram para o illithid, e Matriarca Baenre não teve mais dificuldade do que Methil em ler os pensamentos por trás dessas expressões. O illithid estava trabalhando duro para reforçar a moral — sempre uma coisa hesitante de se fazer ao lidar com elfos negros, mas como o relatório de Quenthel, ou falta de relatório, de Bregan D'aerthe, a primeira mensagem que o illithid havia dado ecoou nos pensamentos de Baenre de forma desconcertante. Uthegental Armgo estava morto! O que os soldados de

Barrison del'Armgo, uma força importante vital para a causa, fariam quando descobrissem que seu líder havia sido morto?

E quanto a Jarlaxle? Baenre se perguntou. Se ele soubesse da queda brutal do mestre de armas, isso com certeza explicaria o silêncio de Bregan D'aerthe. Jarlaxle pode estar temendo a perda da guarnição de Barrison del'Armgo, uma deserção que abalaria as fileiras do exército até o centro.

“Jarlaxle não sabe, nem os soldados da Segunda Casa”, Methil respondeu por telepatia, obviamente lendo seus pensamentos.

Ainda assim, Baenre conseguiu manter a fachada alegre e relativamente falante, parecendo animada com a notícia da aproximação do exército à porta inferior. Ela viu com clareza um problema em potencial crescendo dentro de suas fileiras, uma série de eventos que poderiam destruir a integridade já instável de seu exército e suas alianças, e poderiam custar-lhe tudo. Ela sentiu como se estivesse recuando para aquele momento de caos final em Menzoberranzan logo antes da marcha, quando K'yorl parecia ter a vantagem.

A destruição da Casa Oblodra havia solidificado a situação na época, e a Matriarca Baenre sentiu que precisava de algo semelhante a isso agora, alguma vitória dramática que não deixaria dúvidas nas mentes das fileiras. Promover a lealdade com medo. Ela pensou na Casa Oblodra outra vez e brincou com a ideia de uma exibição semelhante contra a porta inferior do Salão de Mitral. Baenre logo a descartou, percebendo que o que havia acontecido em Menzoberranzan havia sido um evento único. Nunca antes — e provavelmente nunca mais — e com certeza não tão cedo no futuro! — Lolth veio tão gloriosa e plena ao Plano Material. Por ocasião da queda da Casa Oblodra, Matriarca Baenre tinha sido o canal puro do poder divino da Rainha Aranha.

Isso não aconteceria de novo.

Os pensamentos de Baenre giraram em uma direção diferente, uma trilha mais fácil de seguir. “Quem matou Uthegental?” ela pensou, sabendo que Methil a “ouviria”.

O illithid não tinha resposta, mas entendia o que Baenre estava insinuando. Baenre sabia o que Uthegental havia procurado, sabia o único prêmio que de fato importava para o poderoso mestre de armas. Talvez ele tivesse encontrado Drizzt Do'Urden.

Se sim, isso significaria que Drizzt Do'Urden estava nos túneis inferiores, não atrás das barricadas do Salão de Mithral.

“Você segue um curso perigoso”, Methil advertiu em particular, antes que Baenre pudesse começar a planejar os feitiços que a fariam encontrar o renegado.

Matriarca Baenre rejeitou essa noção sem se importar muito. Ela era a primeira matriarca-mãe de Menzoberranzan, o conduíte de Lolth, possuía poderes que poderiam extinguir a vida de qualquer drow na cidade, qualquer matriarca-mãe, qualquer mago, qualquer mestre de armas, com pouco esforço. O curso de Baenre agora era mesmo perigoso, ela concordou — perigoso para Drizzt Do'Urden.



O mais devastador era a força anã e o centro da linha de bloqueio, uma grande massa de guerreiros cantando e golpeando, goblins e orcs debaixo de seus pesados martelos e machados, saltando em bandos no topo de minotauros imponentes, seu peso absoluto de números derrubando os brutos.

Mas ao longo do extremo leste do Vale do Guardião, a pressão era grande demais de todos os lados. Cavaleiros montados corriam para frente e para trás através da linha bárbara, reforçando as fileiras de onde quer que o inimigo parecia estar irrompendo, e com seu apoio oportuno, a linha se manteve. Mesmo assim, o povo de Berkthgar se viu inevitavelmente forçado para trás.

Os corpos de kobolds e goblins se empilhavam no Vale do Guardião; cerca de vinte morrendo para cada defensor. Mas os drow podiam arcar com essas perdas, já as esperavam, e Berg'inyon, montado em seu lagarto, observando com calma a batalha contínua de longe junto com o resto dos cavaleiros de Baenre, sabia que o tempo para o abate se aproximava. Os defensores estavam ficando cansados, ele percebeu. Os minutos se transformaram em uma hora, e então em duas, e o ataque não diminuiu.

De volta à linha de defesa, as imponentes paredes orientais do Vale do Guardião não estavam tão atrás deles. Quando essas paredes parassem a retirada, os magos drow atacariam com força. Então Berg'inyon

lideraria o ataque, e o Vale do Guardião seria banhado com o sangue dos humanos.



Besnell sabia que eles estavam perdendo, sabia que uma dúzia de goblins mortos não valiam o preço de um centímetro de terra. Uma resignação começou a crescer dentro do elfo, temperada apenas pelo fato de que ele nunca tinha visto seus cavaleiros em melhor forma. Seus grupos de batalha concentrados corriam de um lado para o outro, pisoteando os inimigos, e embora cada homem estivesse respirando com tanta força que mal conseguia cantar uma canção de guerra, e cada cavalo estivesse coberto de suor espesso, eles não cederam, não pararam.

Sombriamente satisfeito, e ainda muitíssimo preocupado — e não apenas com seus próprios homens, pois Alustriel não havia aparecido mais no campo — o elfo voltou sua atenção para Berkthgar, então ele ficou surpreso de verdade. A enorme tarasca, Bankenfuere, zumbia enquanto varria o ar, cada corte obliterando quaisquer inimigos tolos o suficiente para ficar perto do homem enorme. Sangue, grande parte dele próprio, cobria o bárbaro da cabeça aos pés, mas se Berkthgar sentia alguma dor, ele não demonstrava. Sua canção e sua dança eram para Tempus, o deus da batalha, e assim ele cantava, e assim ele dançava, e assim seus inimigos morriam. Na mente de Besnell, se os drow vencessem aqui e conquistassem o Salão de Mítral, uma das consequências mais trágicas seria que a história das façanhas do poderoso Berkthgar, o Audaz não deixaria o Vale do Guardião.

Um tremendo lampejo ao lado arrancou o elfo de seus pensamentos. Ele olhou para baixo da linha para ver Regweld Harpell cercado por uma dúzia de goblins mortos ou morrendo, em chamas. Regweld e Pula-poça também foram engolidos pelas chamas mágicas, luzes dançantes em verde e vermelho, mas o mago e sua montaria extraordinária não pareciam incomodados e continuaram a lutar sem ligar para o fogo colorido. De fato, aquele fogo envolvendo a dupla se tornou uma arma, uma extensão da fúria de Regweld quando o mago saltou quase dez metros para pousar aos pés de dois enormes minotauros. As chamas vermelhas e verdes tornaram-se brancas e saltaram do torso do mago, engolfando os brutos imponentes. Pula-poça saltou alto, deixando Regweld nivelado com os rostos feios dos

minotauros, que gritavam. Puxou uma varinha, e explosões verdes de energia rasgaram os monstros.

Então Regweld se foi, pulando para a próxima luta, deixando os minotauros cambaleando, com as chamas consumindo-os.

— Para o bem de todos os povos bondosos! — gritou Besnell, erguendo a espada. Seu grupo de batalha se formou ao lado dele, e o trovão da carga recomeçou, desta vez correndo a passos largos por uma massa de kobolds. Eles espalharam as criaturas e entraram em uma multidão mais densa de inimigos maiores, onde a carga foi interrompida. Ainda no topo de suas montarias, os Cavaleiros de Prata cortaram o pântano, com suas espadas brilhantes massacrando inimigos.

Besnell estava feliz. Ele sentiu uma satisfação percorrendo seu corpo, uma sensação de realização e justiça. O elfo acreditava em Lua Argêntea com todo o seu coração, acreditava no preceito que ele gritava em todas as oportunidades.

Ele não ficou triste quando uma lança goblin encontrou um vinco ao lado de seu peitoral, correu através de suas costelas e colapsou um pulmão. Ele balançou na sela e de alguma forma conseguiu derrubar a lança de seu lado.

— Para o bem de todos os povos bondosos! — ele disse com toda a força que podia reunir. Um goblin estava ao lado de sua montaria, a espada entrando.

Besnell estremeceu de dor ao trazer sua própria espada para bloquear. Ele se sentiu fraco e de repente com frio. Ele mal registrou a perda quando sua espada escorregou de sua mão para cair no chão.

O próximo ataque do goblin cortou com firmeza a coxa do cavaleiro, a arma feita pelos drow rasgando a armadura de Besnell e arrancando uma linha de sangue brilhante.

O goblin gritou, depois voou para longe, quebrado pela poderosa varredura de Bankenfuere.

Berkthgar pegou Besnell em sua mão livre quando o cavaleiro deslizou de sua montaria. O bárbaro sentiu-se de alguma forma afastado da batalha naquele momento, como se ele e o nobre elfo estivessem sozinhos, em seu próprio lugar particular. Ao redor deles, não muito longe, os cavaleiros continuavam a matança e nenhum monstro se

aproximou.

Berkthgar baixou Besnell ao chão com gentileza. O elfo olhou para cima, com seus olhos dourados parecendo vazios.

— Para o bem de todo os povos bondosos — disse Besnell, sua voz mal acima de um sussurro, mas pela graça de Tempus, ou seja lá qual Deus estivesse olhando a batalha do Vale do Guardião, Berkthgar ouviu todas as sílabas.

O bárbaro assentiu e silenciosamente deitou a cabeça do elfo morto na pedra.

Então Berkthgar se levantou de volta, sua raiva se multiplicou e ele avançou de cabeça para as fileiras inimigas, sua grande espada cortando uma ampla faixa.



Regweld Harpell nunca tinha conhecido tanta emoção. Ainda em chamas que não o prejudicavam ou ao seu cavalo-sapo, mas atacavam qualquer um que se aproximasse, o mago sozinho reforçou o extremo sul da linha de defesa. Ele estava rapidamente ficando sem feitiços, mas Regweld não se importava, sabia que encontraria alguma maneira de se tornar útil, alguma maneira de destruir os desgraçados que vieram para conquistar o Salão de Mitral.

Um grupo de minotauros convergiu para ele, suas grandes lanças bem na frente para evitar que o fogo chegassem até eles.

Regweld sorriu e persuadiu Pula-poça a outro salto voador, direto entre os monstros em círculo, mais alto do que até mesmo os minotauros e suas longas lanças poderiam alcançar.

O Harpell soltou um grito de vitória, então um raio o silenciou.

De repente, Regweld estava voando livre, girando no ar, e Pula-poça estava girando para o outro lado logo abaixo dele.

Um segundo raio trovejante veio de um ângulo diferente, e um terceiro, bifurcando de modo que atingiu tanto o mago quanto sua

estranha montaria.

Cada um deles foi atingido de novo, e de novo depois disso enquanto caíam, imóveis, sobre a pedra.

Os magos drow se juntaram à batalha.

Os invasores rugiram e avançaram, e mesmo Berkthgar, enfurecido pela morte do valente elfo, não conseguiu reunir seus homens para manter a formação. Cavaleiros de lagarto drow se infiltravam através das fileiras humanoides, com suas longas lanças forçando os cavaleiros inevitavelmente para trás, de volta para a parede de bloqueio.



Berg'inyon foi um dos primeiros a ver a próxima virada da batalha. Ele ordenou que um cavaleiro subisse pelo lado de um pilar de rocha, para ganhar um ponto de fuga melhor, depois voltou sua atenção para um grupo nas proximidades, apontando para a parede norte do vale.

“Suba bem alto”, os dedos do mestre de armas sinalizaram para eles. “No alto e ao redor das fileiras inimigas, para chover a morte sobre eles de cima enquanto eles são empurrados contra a parede.”

Sorrisos malignos acompanharam os acenos de cabeça concordantes, mas um grito do outro lado, de um soldado de Berg'inyon, bem alto, roubou o momento.

O pilar de rocha havia ganhado vida como um grande monstro elemental. Berg'inyon e os outros olharam impotentes enquanto o monstro de pedra batia palmas em grandes braços de pedra, espalhando os drow e seus lagartos.

Houve um grande clamor por trás das linhas drow, do oeste, e acima do trovão da carga svirfneblin ouviu-se um grito de “Bivrip!” a palavra que Belwar Dissengulp usava para ativar a magia em suas mãos trabalhadas.



Passou muito tempo até Berkthgar e os outros defensores no extremo leste do Vale do Guardião entenderem que os aliados haviam vindo do oeste. Esses rumores acabaram se filtraram através do tumulto da batalha, no entanto, encorajando os defensores e causando medo nos invasores. Os goblins e os drow se engajaram perto daquela parede leste e começaram a olhar para trás, imaginando se o desastre se aproximava.

Agora Berkthgar reunia o que restava dos defensores não anões: dois terços de seus bárbaros, menos de cem Cavaleiros de Prata, uma dezena de Longinetes e apenas dois dos homens de Nesmé. Suas fileiras estavam esgotadas, mas seu espírito havia retornado, e a linha se firmou mais uma vez, até fez progresso em seguir a massa anã de volta para o meio do Vale do Guardião.

Logo depois, toda a aparência de ordem foi perdida no vale. As linhas de soldados já não definiam inimigos. No oeste, os sacerdotes svirfneblin lutavam contra magos drow, e os guerreiros de Belwar atacavam com força as fileiras drow. Eles eram os mais amargos e mais antigos inimigos, os drow e os svirfneblin. Nada menos poderia ser dito no lado leste do vale, onde anões e goblins cortavam uns aos outros com abandono.

Isso se desenrolou durante toda a noite, uma noite selvagem e horrível. Berg'inyon Baenre se envolveu em pouco combate e manteve a maior parte de seus cavaleiros de lagarto de elite, usando sua monstruosa bucha para cansar a defesa. Mesmo com a chegada inesperada da pequena, mas poderosa força svirfneblin, os drow logo viraram a maré de volta.

— Nós venceremos — o jovem Baenre prometeu aos soldados mais próximos a ele. — E que defesa poderia ter sobrado além da porta oeste do complexo dos anões?

Capítulo 28

Adivinhação

QUENTHEL BAENRE ESTAVA SENTADA de frente para um cubículo na parede da pequena câmara, olhando para uma piscina de água calma. Ela apertou os olhos quando a piscina, uma piscina de vidência, se iluminou, quando o amanhecer surgiu do lado de fora, não tão longe a leste de Quarto Cimo.

Quenthel prendeu a respiração, embora quisesse gritar de desespero.

Do outro lado da pequena câmara, Matriarca Baenre também estava usando poderes de adivinhação. Ela usou suas magias para criar um mapa aproximado da área e para encantar uma única pena minúscula. Entoando outra vez, Baenre jogou a pena no ar acima do pergaminho e soprou suavemente.

— Drizzt Do’Urden — ela sussurrou naquele sopro, e tornou a soprar quando a pena caiu e voou para o mapa. Um sorriso largo e maligno se espalhou pelo rosto de Baenre quando a pena, o ponteiro mágico, pousou, com sua ponta indicando um grupo de túneis não muito longe.

Era verdade, Baenre sabia então. Drizzt Do’Urden de fato estava nos túneis fora do Salão de Mitral.

— Sairemos — disse a matriarca mãe de repente, assustando a todos na câmara silenciosa.

Quenthel olhou nervosa para trás por cima do ombro, com medo de que sua mãe tivesse de alguma forma visto o que estava em sua piscina. A filha Baenre descobriu que ela não podia ver do outro lado da sala, no entanto, pois a vista estava bloqueada por uma Bladen’Kerst carrancuda, olhando para ela e passando por ela, até o espetáculo que se aproximava.

— Para onde vamos? — Zeerith, perto do meio da sala, perguntou em voz alta, e pelo seu tom, era óbvio que ela estava esperando que a

vidência de Matriarca Baenre tivesse encontrado uma quebra do aparente impasse.

Matriarca Baenre analisou esse tom e a expressão azeda no rosto da outra matriarca-mãe. Ela não tinha certeza se Zeerith, e Auro'pol, que também estava carrancuda, teriam preferido ouvir que o caminho estava livre para o Salão de Mithral, ou que o ataque havia sido cancelado. Olhando para as duas, dentre as comandantes de alto escalão do exército drow, Baenre não sabia dizer se preferiam a vitória ou a retirada.

Aquela óbvia lembrança de como sua aliança era hesitante enfureceu Baenre. Ela teria gostado de dispensar as duas, ou, melhor, executá-las naquele momento. Mas Baenre não podia, ela percebeu. A moral de seu exército nunca sobreviveria a isso. Além disso, ela queria que elas, ou pelo menos uma delas, testemunhassem sua glória, vissem Drizzt Do'Urden dado a Lolth.

— Você deve ir até a porta inferior, para coordenar e fortalecer o ataque — disse Baenre de forma brusca a Zeerith, decidindo que as duas juntas estavam se tornando muito perigosas. — E Auro'pol virá comigo.

Auro'pol não se atreveu a fazer a pergunta óbvia, mas Baenre viu claramente de qualquer maneira por sua expressão.

— Temos negócios nos túneis externos — foi só o que Matriarca Baenre disse.

“Berg'inyon logo verá o amanhecer”, os dedos de Quenthel sinalizaram para sua irmã.

Bladen'Kerst, sempre zangada, mas agora fervendo de raiva, afastou-se de Quenthel e das imagens indesejadas na piscina e olhou para a mãe.

Antes que ela pudesse falar, porém, uma intrusão telepática entrou em sua mente e na de Quenthel. “Não falem mal de outras batalhas”, Methil transmitiu a ambas. “Zeerith e Auro'pol consideram desertar”.

Bladen'Kerst parou para pensar na mensagem e em suas implicações e sabiamente guardou suas informações.

O grupo de comando se separou, então, com Zeerith e um contingente de soldados de elite indo para o leste, em direção ao Salão de Mitral, e Matriarca Baenre liderando Quenthel, Bladen'Kerst, Methil, meia

dúzia de guerreiras Baenre qualificadas e Gandalug acorrentado ao sul, na direção do local indicado por sua pena de adivinhação.



Em outro plano, entre as névoas cinzentas, o lodo e o terrível fedor do Abismo, Errtu observou os procedimentos no espelho vítreo que Lolth havia criado ao lado do cogumelo em frente ao seu trono.

O grande balor não estava satisfeito. Matriarca Baenre estava caçando Drizzt Do'Urden, Errtu sabia, e ele sabia, também, que Baenre provavelmente encontraria o renegado e o destruiria com facilidade.

Mil maldições irromperam da boca canina do tanar'ri, todas voltadas para Lolth, que lhe havia prometido liberdade — liberdade que apenas um Drizzt Do'Urden vivo poderia conceder.

Para piorar as coisas, alguns momentos depois, Matriarca Baenre estava lançando mais um feitiço, abrindo um portal planar para o Abismo, invocando um poderoso glabrezu para ajudar em sua caça. Em sua mente retorcida e sempre desconfiada, Errtu passou a acreditar que essa convocação foi executada apenas para atormentá-lo, para pegar um dos seus e usar a criatura para facilitar o fim do pacto. Era assim que funcionava com tanar'ri, e com todos os miseráveis do Abismo, incluindo Lolth. Essas criaturas não tinham confiança umas nas outras, já que elas mesmas não mereciam a confiança de ninguém além de um tolo. E eles eram um grupo egoísta ao extremo, cada um deles. Aos olhos de Errtu, cada ação girava em torno dele, porque nada mais importava, e assim, Baenre convocar um glabrezu agora não era coincidência, mas uma adaga cravada por Lolth no coração frio de Errtu.

Errtu foi o primeiro a chegar no portal aberto. Mesmo que ele não estivesse preso ao Abismo pelo banimento, não poderia ter passado, porque Baenre, tão hábil nesse tipo de invocação, teve o cuidado de dizer o encantamento apenas para um tanar'ri específico. Mas Errtu estava esperando quando o glabrezu apareceu através das névoas turbulentas, indo para o portal aberto e em chamas.

O balor saltou e atacou com o chicote, pegando o glabrezu pelo braço. Não sendo um demônio menor, o glabrezu se moveu para revidar, mas

parou, vendo que Errtu não pretendia continuar o ataque.

— É uma farsa! — rugiu Errtu.

O glabrezu, com sua estrutura de três metros e meio curvada para baixo, grandes pinças ansiosas mordendo o ar, parou para ouvir.

— Eu deveria sair de volta ao Plano Material — continuou Errtu.

— Você está banido — disse o glabrezu com naturalidade.

— Lolth prometeu um fim! — Errtu retrucou, e o glabrezu se agachou mais, como se esperasse que o demônio volátil saltasse sobre ele.

Mas Errtu logo se acalmou.

— Um fim, para que eu possa voltar, e levar comigo um exército de tanar’ri. — Errtu fez outra pausa. Ele estava improvisando agora, mas um plano estava começando a se formar em sua mente perversa.

O chamado de Baenre se repetiu, e foi necessária toda a força de vontade considerável do glabrezu para evitar que ele pulasse pelo portal em chamas.

— Ela permitirá que você mate apenas uma vez — disse Errtu com pressa, vendo a hesitação do glabrezu.

— Um é melhor do que nenhum — respondeu o glabrezu.

— Mesmo que isso impeça minha liberdade no Plano Material? — Errtu perguntou. — Mesmo que isso me impeça de sair, como meu general, para que possamos causar carnificina sobre as raças fracas?

Baenre chamou mais uma vez, e desta vez não foi tão difícil para o glabrezu ignorá-la.

Errtu ergueu as grandes mãos, indicando que o glabrezu deveria esperar alguns instantes mais, então o balor acelerou, no redemoinho, para recuperar algo que um demônio menor lhe dera não muito tempo atrás, um remanescente do Tempo de Perturbações. Ele voltou logo com uma caixa de metal e a abriu com cuidado, revelando uma safira negra brilhante. Assim que Errtu a ergueu, as chamas do portal mágico diminuíram e quase se apagaram por completo. Errtu foi rápido em colocar a coisa de volta em seu estojo.

— Quando chegar a hora certa, revele isso — instruiu o balor —, meu general.

Ele jogou o cofre para o glabrezu, incerto, assim como o outro demônio, de como tudo isso iria se desenrolar. Os grandes ombros de Errtu se encolheram, pois não havia mais nada que pudesse fazer. Ele poderia impedir que esse demônio fosse em auxílio de Baenre, mas para que fim? Baenre mal precisava de um glabrezu para lidar com Drizzt Do'Urden, um mero guerreiro.

O chamado do Plano Material veio mais uma vez, e desta vez o glabrezu respondeu, atravessando o portal para se juntar ao grupo de caça da Matriarca Baenre.



Errtu observou com frustração enquanto o portal se fechava, outro portal perdido para o Plano Material, outro portal pelo qual ele não podia passar. Agora, o balor tinha feito tudo o que podia, embora ele não tivesse como saber se seria suficiente, e ele tinha muito dependendo do resultado. Ele voltou para seu trono de cogumelos, então, para observar e esperar.

E criar expectativas.



Bruenor se lembrou. Nos caminhos silenciosos dos túneis, sem inimigos à vista, o oitavo rei do Salão de Mitral fez uma pausa e refletiu. Provavelmente o amanhecer logo viria do lado de fora, outro dia fresco e frio. Mas seria o último dia do Clã Martelo de Batalha?

Bruenor olhou para seus quatro amigos enquanto eles faziam uma refeição rápida e um breve descanso. Nenhum deles era um anão, nenhum deles.

E, no entanto, Bruenor Martelo de Batalha não poderia nomear

nenhum outro amigo acima desses quatro: Drizzt, Cattibrie, Regis e até Guenhwyvar. Pela primeira vez, essa verdade pareceu curiosa ao rei anão. Os anões, embora não fossem xenofóbicos, em geral ficavam com sua própria espécie. Veja o General Dagna, que, se tivesse essa liberdade, expulsaria Drizzt do Salão de Mitral e levaria Taulmaril para longe de Cattibrie, para pendurar o arco mais uma vez no Salão de Dumathoin. Dagna não confiava em ninguém que não fosse um anão.

Mas aqui estavam eles, Bruenor e seus quatro companheiros não anões, talvez na luta mais crítica e perigosa de todas para a defesa do Salão de Mitral.

Certamente sua amizade aqueceu o coração do velho rei anão, mas refletir sobre isso agora também fez outra coisa.

Isso fez Bruenor pensar em Wulfgar, o bárbaro que tinha sido como seu próprio filho, e que teria se casado com Cattibrie e tornaria-se seu genro, o improvável príncipe de dois metros do Salão de Mitral. Bruenor nunca conheceu tanta tristeza como aquela que curvou seus ombros fortes após a queda de Wulfgar. Embora ele devesse viver por mais outro século, Bruenor se sentiu perto da morte naquelas semanas de luto, e sentiu como se a morte fosse uma coisa bem-vinda.

Agora não mais. Ele ainda sentia falta de Wulfgar — para sempre seu olho cinzento ficaria cheio de água com a lembrança do nobre guerreiro —, mas ele era o oitavo rei, o líder de seu clã forte e orgulhoso. A tristeza de Bruenor havia passado do ponto de resignação e mudara para o reino da raiva. Os drow estavam de volta, os mesmos drow que mataram Wulfgar. Eles eram os seguidores de Lolth, a maligna Lolth, e agora pretendiam matar Drizzt e destruir todo o Salão de Mitral, ao que parecia.

Bruenor molhou o machado em sangue drow muitas vezes durante a noite, mas sua raiva estava longe de ser saciada. Na verdade, estava crescendo, uma fervura lenta, mas determinada. Drizzt havia prometido que caçaria a cabeça de seu inimigo, encontraria o líder, a sacerdotisa por trás desse ataque. Era uma promessa que Bruenor precisava ver o ranger drow cumprir.

Ele ficou quieto durante grande parte da luta, mesmo na preparação para a guerra. Bruenor também estava quieto agora, deixando Drizzt e a pantera liderarem, encontrando seu lugar entre os amigos sempre que a batalha se iniciava.

Nos poucos momentos de paz e descanso, Bruenor viu um olhar cauteloso aparecer na sua direção mais de uma vez e sabia que seus amigos temiam que ele estivesse deprimido outra vez, que seu coração não estava na luta. Nada poderia estar mais longe da verdade. Aquelas pequenas batalhas não importavam muito para Bruenor. Ele poderia matar cem — mil! — soldados drow, e sua dor e sua raiva não cederiam. Se ele pudesse chegar à sacerdotisa por trás de tudo, porém, cortá-la e decapitar a força invasora drow...

Bruenor poderia conhecer a paz.

O oitavo rei do Salão de Mitral não estava deprimido. Ele estava economizando seu tempo e sua energia, fervendo em fogo baixo. Ele estava esperando o momento em que a vingança seria mais doce.



O grupo de Baenre, com o gigante glabrezu vindo junto, acabara de começar voltar a se mover, com a matriarca-mãe os guiando na direção que sua sondagem indicara, quando Methil a informou por telepatia que as matriarcas Auro'pol e Zeerith estavam alimentando pensamentos constantes sobre sua morte. Se Zeerith não conseguisse encontrar um caminho pela porta inferior do Salão de Mitral, ela simplesmente organizaria uma retirada. Mesmo agora, Auro'pol estava considerando o potencial de reunir todo o exército e deixar Matriarca Baenre morta atrás deles, de acordo com Methil.

“Elas conspiram contra mim?” Baenre queria saber.

“Não”, Methil respondeu com honestidade, “mas se você for morta, elas ficarão felizes em voltar para Menzoberranzan sem você, para que uma nova hierarquia possa surgir”.

Na verdade, as informações de Methil não eram inesperadas. Não era preciso ler mentes para ver o desconforto e a raiva silenciosa nos rostos das matriarcas das quarta e quinta casas de Menzoberranzan. Além disso, Baenre sofrera deste ódio de seus inferiores, mesmo de supostos aliados, como Mez'Barris Armgo, mesmo de suas próprias filhas, por toda a sua longa vida. Esse era um preço esperado de ser a primeira matriarca-mãe da caótica e invejosa Menzoberranzan, uma cidade em constante guerra consigo mesma.

Os pensamentos de Auro'pol eram esperados, mas a confirmação do illithid indignou a já nervosa Matriarca Baenre. Em sua mente distorcida, essa não era uma guerra comum, afinal. Esta era a vontade de Lolth, já que Baenre era a agente da Rainha Aranha. Esse era o pináculo do poder de Matriarca Baenre, a altura da glória dada por Lolth. Como se atrevem Auro'pol e Zeerith ter tais pensamentos blasfemos? A primeira matriarca-mãe ficou furiosa.

Ela lançou um olhar zangado sobre Auro'pol, que apenas bufou e desviou o olhar — talvez a pior coisa que ela poderia ter feito.

Baenre emitiu ordens telepáticas para Methil, que por sua vez as transmitiu ao glabrezu. Os discos flutuantes, lado a lado, estavam apenas seguindo as filhas de Baenre em torno de uma curva no túnel quando grandes pinças se fecharam em torno da cintura fina de Auro'pol e a puxaram de seu disco flutuante, com o poderoso glabrezu a segurando no ar sem esforço.

— O que é isso? — Auro'pol exigiu saber, contorcendo-se sem sucesso.

— Você me deseja morta — respondeu Baenre.

Quenthel e Bladen'Kerst correram de volta para o lado da mãe, e ambas ficaram atordoadas por Baenre ter se movido às claras contra Auro'pol.

— Ela me deseja morta — informou Baenre às filhas. — Ela e Zeerith acreditam que Menzoberranzan seria um lugar melhor sem Matriarca Baenre.

Auro'pol olhou para o illithid, obviamente aquele que a traía. As filhas de Baenre, que haviam tido pensamentos traiçoeiros semelhantes em mais de uma ocasião durante essa longa e problemática marcha, também olharam para Methil.

— Matriarca Auro'pol dá testemunho de sua glória — acrescentou Quenthel. — Ela testemunhará a morte do renegado e saberá que Lolth está conosco.

As feições de Auro'pol se acalmaram com essa declaração, e ela se contorceu outra vez, tentando afrouxar o aperto visível do tanar'ri.

Baenre olhou perigosamente para sua adversária, e Auro'pol, arrogante até o fim, igualou a intensidade de seu olhar. Quentel estava certa, acreditava Auro'pol. Baenre precisava que ela testemunhasse.

Colocá-la na linha por trás da guerra solidificaria a lealdade de Zeerith também, para que o exército drow fosse muito mais forte. Baenre era uma criatura velha e perversa, mas sempre fora calculista, nada pronta para sacrificar um pinga de poder por uma questão de satisfação emocional. Um exemplo era Gandalug Martelo de Batalha, ainda vivo, embora fosse certo que Baenre teria gostado de arrancar o coração de seu peito muitas vezes durante sua prisão.

— Matriarca Zeerith ficará feliz em saber da morte de Drizzt Do'Urden — disse Auro'pol, e então baixou os olhos com respeito. O gesto de submissão seria suficiente, ela acreditava.

— A cabeça de Drizzt Do'Urden será toda a prova que Matriarca Zeerith precisará — respondeu Baenre.

O olhar de Auro'pol disparou, e as filhas de Baenre também olharam para sua mãe imprevisível.

Baenre ignorou a todas. Ela enviou uma mensagem para Methil, que novamente a transmitiu para o glabrezu, e as grandes pinças começaram a espremer em torno da cintura de Auro'pol.

— Você não pode fazer isso! — Auro'pol se opôs, ofegante a cada palavra. — Lolth está comigo! Você enfraquece sua própria campanha!

Quentel concordou de todo o coração, mas ficou em silêncio, percebendo que o glabrezu ainda tinha uma pinça vazia.

— Você não pode fazer isso! — gritou Auro'pol. — Zeerith vai... — suas palavras foram suprimidas pela dor.

— Drizzt Do'Urden matou você antes de eu matar Drizzt Do'Urden — explicou Matriarca Baenre a Auro'pol. — Algo perfeitamente crível, e que torna a morte do renegado ainda mais doce — Baenre assentiu para o glabrezu, e as pinças se fecharam, rasgando carne e osso.

Quentel desviou o olhar, mas a perversa Bladen'Kerst observou o espetáculo com um sorriso largo.

Auro'pol tentou gritar mais uma vez, tentou lançar uma maldição moribunda no caminho de Baenre, mas sua espinha dorsal estalou e toda a sua força foi embora. As pinças se fecharam e o corpo de Auro'pol Dyrr caiu no chão.

Bladen'Kerst gritou de alegria, emocionada com a exibição de controle

e poder de sua mãe. Quenthel, no entanto, ficou indignada. Baenre ultrapassara uma linha perigosa. Ela havia matado uma matriarca-mãe e o havia feito em detrimento da marcha para o Salão de Mitral, por puro ganho pessoal. Inteiramente devotada a Lolth, Quenthel não podia tolerar tal estupidez, e seus pensamentos eram muito semelhantes àqueles que tinham feito Auro'pol Dyrr ser cortada ao meio.

Quenthel lançou um olhar perigoso para Methil, percebendo que o illithid estava lendo seus pensamentos. Será que Methil a trairia em seguida?

Ela manteve seus pensamentos em um foco estreito. “Não era a vontade de Lolth!” sua mente gritou para Methil. “A Rainha Aranha não está mais por trás das ações da minha mãe”.

Essa noção teve mais implicações para Methil, o emissário illithid em Menzoberranzan, não para Matriarca Baenre, do que Quenthel poderia imaginar, e seu alívio foi grande, de fato, quando Methil não a traiu.



As orelhas de Guenhwyvar se achataram, e Drizzt, também, pensou ter ouvido um tênue grito distante. Eles não tinham visto ninguém, inimigos ou amigos, por várias horas, e o ranger acreditava que qualquer grupo de drow que agora encontrassem provavelmente incluiria a alta sacerdotisa liderando o exército.

Ele fez sinal para que os outros se movessem com toda a cautela, e o pequeno bando seguiu em frente, com Guenhwyvar liderando o caminho. Drizzt se focou em seus instintos do Subterrâneo agora. Ele era o caçador outra vez, o sobrevivente que viveu sozinho por uma década no Subterrâneo selvagem. Ele olhava para Bruenor, Regis e Cattibrie com frequência, pois, embora estivessem se movendo com toda a discrição que conseguissem, pareciam um exército marcial de soldados blindados para os ouvidos aguçados de Drizzt. Isso preocupava o drow, pois ele sabia que seus inimigos seriam muito mais silenciosos. Ele considerou seguir um longo caminho à frente com Guenhwyvar, assumindo a caça sozinho.

Foi um pensamento passageiro. Estes eram seus amigos, e ninguém

jamais poderia pedir aliados melhores.

Eles escorregaram por um túnel estreito e entraram em uma câmara que se abria para a esquerda e para a direita, embora a parede lisa bem em frente ao túnel não estivesse longe. O teto aqui era mais alto do que no túnel, mas as estalactites pendiam em várias áreas, quase chegando ao chão em muitos lugares.

As orelhas de Guenhwyvar voltaram a se achatar, e a pantera parou na entrada. Drizzt parou ao lado dela e sentiu a mesma sensação de formigamento.

O inimigo estava perto, muito perto. Esse instinto guerreiro, além dos sentidos normais, disse ao ranger drow que o inimigo estava praticamente sobre eles. Ele sinalizou de volta para os três, então ele e a pantera se moveram devagar e com cautela para a câmara, ao longo da parede à direita.

Cattibrie chegou à entrada em seguida e se apoiou de joelhos, puxando a corda de seu arco. Seus olhos, auxiliados pelo diadema Olho de Gato, que fazia até os túneis mais escuros parecerem banhados pela luz das estrelas, examinaram a câmara, procurando entre os aglomerados de estalactites.

Bruenor logo estava ao lado dela, e Regis passou por ela à esquerda. O halfling avistou um cubículo a alguns metros ao longo da parede. Ele apontou para si mesmo, depois para o cubículo, e avançou em direção ao local.

Uma luz verde apareceu na parede em frente à porta, roubando a escuridão. Ela saiu em espiral, abrindo um buraco na parede, e Matriarca Baenre flutuou, suas filhas e seu prisioneiro entrando atrás dela, junto com o illithid.

Drizzt reconheceu a velha drow decrépita e percebeu seus piores medos, soube de imediato que ele e seus amigos estavam em muita desvantagem. Ele pensou em ir direto até Baenre, mas percebeu que ele e Guenhwyvar não estavam sozinhos deste lado da câmara. Do canto de seu olho cauteloso, Drizzt percebeu um movimento entre as estalactites.

Cattibrie disparou uma flecha prateada, praticamente à queima-roupa. A flecha explodiu em uma chuva de faíscas multicoloridas e inofensivas, incapazes de penetrar nos escudos mágicos da primeira matriarca-mãe.

Regis entrou no cubículo e gritou de dor repentina quando uma seção explodiu. A eletricidade acendeu ao redor do halfling, lançando e sacudindo-o para um lado e para o outro, depois o deixando cair no chão, com seus cabelos castanhos antes encaracolados agora retos e de pé.

Guenhwyvar saltou para a direita, enterrando uma soldado drow enquanto ela flutuava vinda das estalactites. Drizzt reconsiderou ir direto para Baenre, mas se viu de repente ocupado quando mais três guardas de elite Baenre correram para fora do esconderijo para cercá-lo. Drizzt balançou a cabeça em negação. A surpresa agora funcionava contra ele e seus amigos, não a favor deles. O inimigo esperava que eles, ele sabia, os caçassem, assim como eles caçaram o inimigo. E esta era a própria Matriarca Baenre!

— Corram! — Drizzt gritou para seus amigos. — Fugam deste lugar!

Capítulo 29

Rei contra rainha

A LONGA NOITE SE TORNOU MANHÃ, com os drow mais uma vez ganhando vantagem na batalha pelo Vale do Guardião. A avaliação de Berg'inyon sobre a futilidade da defesa, mesmo com os reforços dos anões e svirfneblin, pareciam corretas quando as fileiras drow aos poucos engolfaram os svirfneblin, depois empurraram a linha no leste de volta para a parede mais uma vez.

Então aconteceu.

Depois de uma noite inteira de luta, depois de horas moldando a batalha, segurando os magos, usando os cavaleiros de lagarto em momentos precisos e nunca os comprometendo por completo com o conflito, todos os melhores planos estabelecidos da poderosa força drow desmoronaram.

A beirada das montanhas a leste do Vale do Guardião se iluminou, uma borda prateada que sinalizava o amanhecer que se aproximava. Para os drow e os outros monstros do Subterrâneo, esse não era um evento pequeno.

Um mago drow, que conjurava um raio que derrotaria os inimigos mais próximos, interrompeu seu feitiço e lançou um globo de escuridão, apontando-a para a ponta do sol enquanto espiava pelo horizonte, pensando em apagar a luz. O feitiço disparou e não fez nada mais do que colocar um ponto preto no ar muito longe, e enquanto o mago apertava os olhos contra o brilho, imaginando o que ele poderia tentar a seguir, os defensores mais próximos atacaram e o derrubaram.

Outro drow lutando contra um anão tinha quase derrotado seu oponente. Ele tinha tanta intenção de matar que mal notou o amanhecer que se aproximava — até que a ponta do sol quebrou o horizonte, enviando uma linha de luz, uma linha de agonia, para os sensíveis olhos drow. Cego e horrorizado, o elfo negro sacudiu suas armas em um frenesi, mas nunca chegou perto de acertar o alvo.

Então ele sentiu uma explosão quente em suas costelas.

Todos esses elfos negros já tinham visto coisas no espectro normal da luz antes, mas não com tanta claridade, não com uma luz tão intensa, não com cores tão ricas e vivas. Eles ouviram falar da terrível luz do sol — Berg'inyon havia testemunhado um amanhecer muitos anos antes, olhando para trás enquanto ele e seu grupo de ataque drow fugiam de volta para a escuridão segura dos túneis inferiores. Agora, o mestre de armas e sua força não sabiam o que esperar. Será que o sol infernal os queimaria enquanto os cegava? Eles haviam sido informados por seus anciãos de que não, mas foram avisados de que seriam mais vulneráveis à luz do sol, que seus inimigos seriam apoiados pelo brilho.

Berg'inyon chamou suas forças em formações de batalha apertadas e tentou se reagrupar. Eles ainda podiam vencer, o mestre de armas sabia, embora esse último desenvolvimento custasse muitas vidas drow. Os elfos negros podiam lutar às cegas, mas o que Berg'inyon temia aqui era mais do que uma perda de visão. Era uma perda de ânimo. Os raios que se inclinavam das montanhas estavam além da experiência dele e de suas tropas. E, por mais assustador que fosse caminhar sob o dossel de estrelas inalcançáveis, esse evento, esse nascer do sol, era puro terror.

Apressado, Berg'inyon conversou com seus magos, tentou ver se havia alguma maneira de neutralizar o amanhecer. O que ele descobriu em vez disso o afligiu tanto quanto a luz infernal. Os magos drow no Vale do Guardião também tinham olhos em outros lugares, e daqueles magos de longe vieram os sussurros iniciais de que os elfos negros estavam desertando nos túneis inferiores, que aqueles drow que haviam sido parados nos túneis perto da porta oriental haviam se retirado do Salão de Mitral e fugido para as passagens mais profundas do lado leste do Quarto Cimo. Berg'inyon entendeu essa informação de imediato; aqueles drow já estavam nas trilhas que levavam de volta a Menzoberranzan.

Berg'inyon não podia ignorar as implicações dos relatórios. Qualquer aliança entre elfos negros era provisória, e o mestre de armas só podia imaginar o quão generalizada a deserção poderia ser. Apesar do amanhecer, Berg'inyon acreditava que sua força venceria no Vale do Guardião e romperia a porta ocidental, mas de repente ele teve que se perguntar o que eles encontrariam no Salão de Mitral quando chegassem lá.

Matriarca Baenre e seus aliados? O Rei Bruenor e o renegado, Drizzt, e

uma série de anões prontos para lutar? O pensamento não acalmava o mestre de armas preocupado.

Logo, não foram números maiores que ganharam o dia no Vale do Guardião. Não foi a coragem de Berkthgar ou Besnell, ou a ferocidade de Belwar e seus gnomos, ou a sabedoria de Metriz Rasgagarra. Foi o amanhecer e a desconfiança entre as fileiras inimigas, a falta de coesão e o medo muito real de que as forças de apoio não chegassem, pois cada soldado drow, de Berg'inyon ao comandante mais baixo, entendiam que seus aliados não pensariam muito antes de abandoná-los para serem abatidos.

Berg'inyon Baenre não foi questionado por nenhum de seus soldados quando deu a ordem de deixar o Vale do Guardião. Os cavaleiros de lagarto, ainda mais de trezentos em boas condições, subiram para o terreno acidentado do norte, com suas montarias de pés pegajosos deixando inimigos e aliados para trás.

O próprio ar do Vale do Guardião formigava com a tragédia e a emoção, mas os sons da batalha desapareceram em uma quietude estranha, quebrada por ocasionais gritos de agonia. Berkthgar, o Audaz, estava alto e firme, com Metriz Rasgagarra e Terrien Doucard, o novo líder dos Cavaleiros de Prata, flanqueando-o, e seus soldados vitoriosos esperando, tensos, atrás deles.

A três metros de distância, Belwar Dissengulp apontou para as fileiras esgotadas de svirfneblin. O honorável mestre de escavações estendeu os braços fortes diante dele, embalando o corpo do nobre Firble, um dos muitos svirfneblin que morreram neste dia, tão longe, mas em defesa, de seu lar.

Eles não sabiam o que fazer um com o outro, esse bárbaro de quase dois metros e meio, e o gnomo que mal tinha metade de sua altura. Eles não podiam conversar um com o outro e não tinham sinais compreensíveis de amizade para oferecer.

Eles encontraram seu único terreno comum entre os corpos de inimigos odiados e amigos amados, empilhados no Vale do Guardião.



O fogo feérico irrompeu ao longo dos braços e pernas de Drizzt, delineando-o como um alvo melhor. Ele contra-atacou jogando um globo de escuridão sobre si mesmo, uma tentativa de roubar a vantagem do inimigo de número em três para um.

Saíram então as cimitarras do ranger, e ele sentiu um desejo estranho de uma, não de Fulgor, mas da outra lâmina, a que Drizzt encontrou no covil do dragão Dracos Morte Gélida, a lâmina que havia sido forjada como uma maldição para criaturas de fogo.

A cimitarra estava com fome. Drizzt não sentia um impulso desses desde...

Ele interrompeu o primeiro ataque e gemeu, lembrando-se da outra vez que sua cimitarra revelou sua fome, quando ele havia lutado contra o balor Errtu. Drizzt sabia o que isso significava.

Baenre trouxera amigos.



Cattibrie disparou outra flecha, direto no rosto risonho da velha matriarca-mãe. Outra vez, a flecha encantada apenas entrou em erupção em uma bela exibição de faíscas inúteis. A jovem se virou para fugir, como Drizzt havia ordenado. Ela agarrou o pai, com a intenção de puxá-lo.

Bruenor não se mexeu. Ele olhou para Baenre e sabia que ela era a fonte. Ele olhou para Baenre e se convenceu de que ela em pessoa havia matado seu filho. Então Bruenor olhou além de Baenre, para o velho anão. De alguma forma Bruenor conhecia aquele anão. Em seu coração, o oitavo rei do Salão de Mitral reconheceu o patrono de seu clã, embora ele não pudesse fazer a conexão de forma consciente.

— Corra! — Cattibrie gritou com ele, tirando-o de seus pensamentos por uns instantes. Bruenor olhou para ela, depois olhou para trás, de volta para o túnel.

Ele ouviu lutas à distância, de algum lugar atrás deles.

O feitiço de Quenthel explodiu então, e uma parede de fogo surgiu no

túnel estreito, interrompendo a retirada. Isso não incomodou muito Bruenor, não agora. Ele se livrou do aperto de Cattibrie e se virou para encarar Baenre — em sua mente, para enfrentar a drow maligna que havia matado seu filho.

Ele deu um passo à frente. Baenre riu dele.



Drizzt parou e atacou, então, usando a cobertura do globo de escuridão, e deu um passo rápido para o lado, rápido demais para que a elfa negra vindo por trás dele percebesse a mudança. Ela se aproximou e golpeou com força, atingindo a mesma drow que Drizzt acabara de ferir, acabando com ela.

Ouvindo o movimento, Drizzt voltou logo, com suas duas lâminas girando. Para o crédito da soldado, ela registrou o movimento de contra-ataque a tempo de impedir o primeiro ataque, o segundo e o terceiro, até mesmo o quarto.

Mas Drizzt não cedeu. Ele sabia que sua fúria era uma coisa perigosa. Mais um inimigo permanecia no globo de escuridão, e para Drizzt pressionar contra uma única oponente com tanta força o deixava vulnerável ao outro. Mas o ranger sabia, também, que seus amigos precisavam muito dele, que cada momento que passava envolvido com esses guerreiros dava às poderosas sacerdotisas tempo para destruí-los a todos.

O quinto ataque do ranger, um amplo arco à esquerda, foi limpo, assim como o sexto, um impulso direto pela direita. Drizzt pressionou com força, não desistiria da ofensiva. Ele sabia, e ela também sabia, que sua única esperança estaria em seu único aliado remanescente.

Um grito sufocado, seguido pelo rosnado de uma pantera, acabou com essa esperança.

A fúria de Drizzt aumentou, e a soldado continuou a recuar, tropeçando agora na escuridão, de repente com medo. E naquele momento de medo, ela bateu a cabeça com força contra uma estalactite baixa, um obstáculo que seus sentidos afiados de drow deveriam ter detectado. Ela sacudiu o golpe e conseguiu endireitar sua

postura, jogando uma espada na frente para bloquear outra das investidas furiosas do ranger.

Ela errou.

Drizzt não, e Fulgor cortou a bela armadura drow e mergulhou fundo no pulmão de sua adversária.

Drizzt soltou a lâmina e girou.

Seu globo das trevas sumiu de repente, dissipado pela magia do tanar'ri que o esperava.



Bruenor deu mais um passo, depois começou a correr. Cattibrie gritou, pensando que ele estava morto, quando uma linha de fogo caiu sobre ele. Furiosa, frustrada, a jovem disparou seu arco de novo, e mais faíscas inofensivas explodiram no ar. Através das lágrimas de indignação que brotaram em seus olhos azuis, ela mal percebeu que Bruenor havia ignorado o golpe ardente e iniciado outra investida.

Bladen'Kerst parou o anão, lançando uma magia que envolveu Bruenor em um enorme bloco de gosma mágica e translúcida. Bruenor continuou a se mover, mas se moveu com tanta lentidão que mal se podia perceber seus movimentos, enquanto as três sacerdotisas drow riam dele.

Cattibrie tornou a disparar, e desta vez sua flecha atingiu o bloco de gosma, mergulhando a vários metros antes de parar e ficar pendurada sem utilidade, presa acima da cabeça de seu pai.

Cattibrie olhou para Bruenor, para Drizzt e para o horrendo demônio de três metros e meio que aparecera à direita, e para Regis, gemendo e tentando rastejar para a esquerda. Ela sentiu o calor quando fogos se acenderam no túnel atrás dela, ouviu a contínua batalha lá atrás, de uma forma que ela não entendeu.

Eles precisavam de uma pausa, uma virada na maré, e Cattibrie pensou ter visto então, e um momento de esperança veio até ela. Terminada a matança, Guenhwyvar rosnou e se agachou, pronta para

saltar sobre o tanar'ri.

Aquele momento de esperança para Cattibrie durou pouco, pois quando a pantera saltou, uma das sacerdotisas casualmente jogou algo no ar, na direção de Guenhwyvar. A pantera se dissipou em névoa cinzenta no meio do salto e se foi, enviada de volta ao Plano Astral.

— E assim morremos — Cattibrie sussurrou, pois esse inimigo era muito forte. Ela deixou Taulmaril cair no chão e puxou Khazid'hea. Uma respiração profunda a estabilizou, lembrando-a de que ela havia corrido para perto da porta da morte durante a maior parte de sua vida adulta. Ela olhou para o pai e se preparou para atacar, pronta para morrer.

Uma forma vacilou na frente do bloco de gosma, entre Cattibrie e Bruenor, e o olhar de determinação no rosto da jovem se transformou em um de nojo quando um monstro horrível com cabeça de polvo se materializou deste lado do bloco mágico, caminhando com calma — não, flutuando — em direção a ela.

Cattibrie ergueu a espada, depois parou, de súbito oprimida por uma explosão psiônica, do tipo que ela não conhecia.

Methil se aproximou.



A força de Berg'inyon parou e se reagrupou quando eles escaparam de vez do Vale do Guardião, deixaram o barulho da batalha para trás e estavam perto da última corrida para os túneis de volta ao Subterrâneo. Portas dimensionais se abriram perto dos cavaleiros-lagarto e magos drow — e aqueles outros elfos negros sortudos o suficiente para estarem perto dos magos quando as magias foram lançadas — atravessaram. Retardatários, drow de infantaria e uma dispersão de aliados humanoides lutavam para alcançá-los, mas não conseguiam navegar pelo terreno impossível deste pedaço da montanha. E eles não eram motivo de preocupação para o mestre de armas Baenre.

Todos aqueles que haviam escapado do Vale do Guardião olharam para Berg'inyon em busca de orientação enquanto o dia se iluminava

ao seu redor.

— Minha mãe estava errada — disse Berg'inyon sem rodeios, um ato de blasfêmia na sociedade drow, onde a palavra de qualquer matriarca-mãe era a lei dada por Lolth.

Nenhum drow apontou isso, no entanto, ou levantou uma palavra de discordância. Berg'inyon apontou para o leste, e a força avançou na direção do sol nascente, miserável e derrotada.

— A superfície é para os habitantes da superfície — Berg'inyon comentou com uma conselheira quando ela levou sua montaria para o lado da dele. — Eu nunca voltarei.

— E quanto a Drizzt Do'Urden? — a soldado perguntou, pois não era segredo que Matriarca Baenre queria que seu filho matasse o renegado.

Berg'inyon riu dela, pois nem uma única vez desde que testemunhou as façanhas de Drizzt na Academia, ele teve qualquer pensamento sério de lutar contra o renegado.



Drizzt podia ver pouco além do gigantesco glabrezu, e esse espetáculo era suficiente, pois o ranger sabia que ele não estava preparado para tal inimigo, sabia que a poderosa criatura provavelmente o destruiria.

Mesmo que não o derrotasse, o glabrezu com certeza o seguraria por tempo suficiente para Matriarca Baenre matar todos eles!

Drizzt sentiu a fome selvagem de sua cimitarra, uma lâmina forjada para matar tais criaturas, mas ele lutou contra o desejo de atacar, sabia que tinha que encontrar uma maneira de contornar aquelas pinças diabólicas.

Ele notou o salto fútil e o desaparecimento de Guenhwyvar. Outra aliada perdida.

A luta terminou antes de começar, Drizzt percebeu. Eles mataram alguns guardas de elite e nada mais. Eles caminharam de cabeça para

o pináculo do poder de Menzoberranzan, as mais altas sacerdotisas da Rainha Aranha, e perderam. Ondas de culpa tomaram conta de Drizzt, mas ele as dispensou, recusou-se a aceitá-las. Ele saiu, e seus amigos vieram ao lado dele, porque essa era a única chance do Salão de Mitral. Mesmo se Drizzt soubesse que a própria Matriarca Baenre estava liderando essa marcha, ele teria vindo aqui e não teria negado a Bruenor, Regis e Cattibrie a oportunidade de acompanhá-lo.

Eles haviam perdido, mas Drizzt pretendia ferir seus inimigos.

— Lute, criatura demoníaca — ele rosnou para o glabrezu, e ele se agachou, balançando suas lâminas, ansioso para dar a sua cimitarra a refeição que tanto desejava.

O tanar’ri se endireitou e estendeu uma curiosa caixa de metal. Drizzt não esperou por uma explicação, e quase sem intenção destruiu a única chance que ele e seus amigos tinham, pois enquanto o tanar’ri se movia para abrir o cofre, Drizzt, com as braçadeiras encantadas nos tornozelos o tornando mais rápido, gritou e atacou, passando pelas pinças baixas, empurrando sua cimitarra na barriga do demônio.

Ele sentiu a onda de poder enquanto a cimitarra se alimentava.



Cattibrie estava confusa demais para atacar, sobrecarregada demais para gritar em protesto quando Methil veio até ela e os miseráveis tentáculos lamberam seu rosto. Então, através da confusão, uma única voz, a voz de Khazid’hea, sua espada, gritou em sua cabeça.

— Ataque!

Ela o fez, e embora sua mira não fosse perfeita, a ponta perversa de Khazid’hea atingiu Methil no ombro, quase cortando fora o braço do illithid.

Fora de seu atordoamento, Cattibrie tirou os tentáculos de seu rosto com a mão livre.

Outra onda psiônica a atingiu, incapacitando-a mais uma vez, roubando suas forças e dobrando suas pernas. Antes de cair, ela viu o

illithid se sacudir de forma estranha, depois cair e viu Regis, cambaleando, com seu cabelo ainda dançando descontrolado. A maça do halfling estava coberta de sangue, e ele caiu de lado, sobre Methil, que tropeçava. Esse teria sido o fim do illithid, em especial quando Cattibrie recuperou seus sentidos o suficiente para lutar, exceto que Methil havia antecipado tal desastre e armazenado energia psiônica suficiente para sair da luta. Regis ergueu a maça para outro ataque, mas sentiu-se afundando quando o illithid se dissipou abaixo dele. O halfling gritou de confusão, de terror, e fez o movimento de qualquer forma, mas sua maça tilintou alto quando atingiu apenas o chão vazio de pedra abaixo dele.



Tudo aconteceu em um mero instante, um lampejo de tempo em que o pobre Bruenor não havia ganhado um centímetro em direção a seus inimigos provocadores.

O glabrezu, sentindo a maior dor em sua existência, poderia ter matado Drizzt então. Cada instinto dentro da criatura perversa insistia que ela partisse esse drow impertinente ao meio. Todos os instintos, exceto um: o medo da represália de Errtu assim que o tanar'ri voltasse ao Abismo — e com aquela vil cimitarra comendo sua barriga, o tanar'ri sabia que logo faria essa viagem.

Ele queria tanto quebrar Drizzt ao meio, mas o demônio havia sido enviado para cá por uma razão diferente, e o maligno Errtu não aceitaria explicações para o fracasso. Rosnando para o renegado Do'Urden, tendo prazer apenas no conhecimento de que Errtu logo voltaria em pessoa para puni-lo, o glabrezu estendeu a mão e abriu o cofre, exibindo a safira negra brilhante.

A fome desapareceu da cimitarra de Drizzt. De repente, os pés do ranger não estavam se movendo tão rápido.

Em todos os Reinos, o lembrete mais pungente do Tempo das Perturbações eram as áreas conhecidas como zonas mortas, onde toda a magia deixava de existir. Esta safira continha dentro dela a energia negativa de uma zona assim, possuía a antimagia para roubar energia mágica, e nem as cimitarras de Drizzt ou suas braçadeiras, nem Khazid'hea ou a magia das sacerdotisas drow, poderiam superar essa

força negativa.

Aconteceu por apenas um instante, uma vez que uma consequência de revelar a safira era a liberação do tanar'ri convocado do Plano Material, e o glabrezu que partia levava consigo o objeto.

Por apenas um instante, o fogo sumiu do túnel atrás de Cattibrie. Por apenas um instante, as algemas que prendiam Gandalug perderam seu encantamento. Por apenas um instante, o bloco de gosma que cercava Bruenor não existia mais.

Por apenas um instante, mas isso foi tempo suficiente para Gandalug, repleto de séculos de raiva, arrebentar suas algemas de repente fracas, e para Bruenor avançar, de modo que, quando o bloco de gosma reapareceu, ele estava além de sua influência, atacando com intensidade e gritando com todas as suas forças.

Matriarca Baenre havia caído sem cerimônia no chão, e seu disco flutuante reapareceu quando a magia voltou, pairando acima de sua cabeça.

Gandalug lançou um soco com as costas da mão para a esquerda, acertando o rosto de Quenthel e fazendo suas costas baterem contra a parede. Então ele pulou para a direita e pegou o chicote de cinco cabeças de cobra de Bladen'Kerst em sua mão, recebendo mais de uma mordida entorpecente.

O velho anão ignorou a dor e continuou, debatendo-se sobre a filha Baenre surpresa. Ele estendeu a mão ao redor do outro ombro dela e pegou o cabo do chicote dela com a mão livre, depois puxou a coisa com força contra o pescoço dela, estrangulando-a com sua própria arma perversa.

Eles caíram em um aperto.



Em todos os Reinos, não havia criatura mais protegida pela magia do que Matriarca Baenre, nenhuma criatura protegida de golpes mais eficazes, nem mesmo um dragão antigo de escama espessa. Mas a maioria dessas proteções tinham desaparecido agora, tiradas dela no

momento da antimagia. E em todos os Reinos não havia criatura mais consumida pela raiva do que Bruenor Martelo de Batalha, enfurecido com a visão do velho e atormentado anão que ele sabia que deveria reconhecer. Enfurecido com a percepção de que seus amigos, que sua querida filha, estavam mortos, ou logo estariam. Enfurecido com a sacerdotisa drow decrépita, em sua mente a personificação do mal que havia levado seu filho.

Ele levou o machado acima da cabeça, a lâmina de muitos entalhes mergulhando, quebrando a luz azul do disco flutuante, levando o encantamento para o nada. Bruenor sentiu a queimadura quando a lâmina atingiu um dos poucos escudos mágicos restantes, a energia subindo instantaneamente pela cabeça e o cabo da arma, até o rei furioso.

O machado passou de verde para laranja para azul enquanto rasgava defesa mágica após a defesa mágica, tendo sua raiva lançada contra as magias poderosas. Bruenor sentiu agonia, mas não admitiria nenhuma.

O machado atravessou o braço fraco que Baenre levantou para bloquear, através do crânio de Baenre, através de sua mandíbula e pescoço, se afundando em seu peito frágil.



Quenthel sacudiu o forte golpe de Gandalug e por instinto se moveu até sua irmã. Então, de repente, sua mãe estava morta e a sacerdotisa correu de volta para a parede em vez disso, através do portal de borda verde, de volta para o corredor além. Ela deixou cair um pouco de poeira prateada enquanto passava, poeira encantada que dissiparia o portal e tornaria a parede lisa e sólida mais uma vez.

A pedra entrou em espiral, transformando-se rapidamente de volta em uma barreira sólida.

Apenas Drizzt Do'Urden, movendo-se com a velocidade das tornoeleiras encantadas, passou por aquela abertura antes de se fechar.



Jarlaxle e seus tenentes não estavam longe. Eles sabiam que um grupo de anões selvagens e um lobisomem haviam encontrado os outros guardas de elite de Baenre nos túneis do outro lado do caminho, e que os anões e seu aliado haviam dominado os elfos negros e estavam avançando depressa sobre a câmara.

De um ponto de vista alto, olhando de um cubículo no túnel atrás daquela câmara, Jarlaxle sabia que o grupo de anões furiosos que se aproximava já havia perdido a ação. A aparição de Quenthel, e Drizzt logo atrás dela, disse ao líder mercenário observador que a conquista do Salão de Mitral havia chegado a um fim abrupto.

O tenente ao lado de Jarlaxle ergueu uma besta em direção a Drizzt e parecia ter uma oportunidade perfeita, pois o foco de Drizzt estava apenas na filha Baenre em fuga. O ranger nunca saberia o que o atingiu.

Jarlaxle agarrou o pulso do tenente e forçou o braço para baixo. Jarlaxle apontou para os túneis atrás, e ele e seu bando um pouco confuso, mas sempre leal, se afastaram em silêncio.

Quando eles partiram, Jarlaxle ouviu o grito moribundo de Quenthel, um grito de “Sacrilégio!” Ela estava gritando uma negação, é claro, no rosto de Drizzt Do’Urden, seu assassino, mas Jarlaxle percebeu que ela poderia facilmente, e com a mesma precisão, estar se referindo a ele.

Que assim seja.



O amanhecer era brilhante, mas frio, e ficou ainda mais frio quando Metriz e Terrien Doucard, dos Cavaleiros de Prata, subiram pelo lado difícil do Vale do Guardião, subindo de mão em mão ao longo da parede quase vertical.

— Você tem certeza? — Metriz perguntou a Terrien, um meio-elfo com cabelos castanhos brilhantes e um rosto belo demais para ser

ofuscado até mesmo pela tragédia da última noite.

O cavaleiro não se preocupou em responder, exceto com um aceno rápido, pois Metriz havia feito a pergunta mais de uma dezena de vezes nos últimos vinte minutos.

— Esta é a parede certa? — Metriz perguntou, mais uma de suas perguntas redundantes.

Terrien assentiu.

— Perto — assegurou ele à anã.

Metriz subiu em uma pequena borda e deslizou, colocando-a de volta contra a parede, com os pés pendurados sobre a queda de sessenta metros no chão do vale. Ela sentiu que deveria estar lá no vale, ajudando a cuidar dos muitos, muitos feridos, mas se o que o cavaleiro lhe dissera fosse verdade, se Lady Alustriel de Lua Argêntea houvesse caído aqui, então essa viagem poderia ser a tarefa mais importante que Metriz Rasgagarra já havia completado em sua vida.

Ela ouviu Terrien se esforçando abaixo dela e se inclinou, abaixando-se para enganchar o meio-elfo sob o ombro. Os músculos poderosos de Metriz se firmaram, e sem esforço ela içou o cavaleiro esbelto sobre a borda, guiando-o para a posição ao lado dela contra a parede. Tanto o meio-elfo quanto a anã respiraram fundo, sopros de vapor enchendo o ar diante deles.

— Nós defendemos o vale — disse Metriz alegre, tentando persuadir a expressão agonizada do rosto do meio-elfo.

— A vitória teria valido a pena se você tivesse visto Bruenor Martelo de Batalha morrer? — o meio-elfo respondeu, seus dentes batendo um pouco com o ar gelado.

— Você não sabe se Alustriel está morta! — rebateu Metriz, e ela puxou a mochila de suas costas, se atrapalhando ao mexer dentro dela. Ela queria esperar um pouco antes de fazer isso, para se aproximar do local onde a carruagem de Alustriel teria caído.

Ela pegou uma pequena tigela em forma de mitral prateado e puxou um cantil saliente sobre a cabeça.

— Provavelmente está congelada — observou o meio-elfo desanimado, indicando o cantil.

Metriz bufou. A água benta dos anões não congelava, pelo menos não do tipo que Metriz havia fabricado, pingando uma solução de 45% de teor alcoólico para adoçar a mistura. Ela tirou a rolha do cantil e começou um entoar rítmico enquanto despejava o líquido dourado na tigela de mitral. Ela teve sorte — sabia disso —, pois embora a imagem que sua magia trouxe fosse confusa e breve, uma área a alguma distância, ela conhecia essa região e sabia onde encontrar a borda indicada.

Eles saíram de imediato em um ritmo furioso e imprudente, com Metriz nem se preocupando em pegar sua tigela e cantil. O meio-elfo escorregou mais de uma vez, apenas para ser pego pelo aperto firme do pulso forte de Metriz, e mais de uma vez Metriz se viu caindo, e apenas as mãos rápidas de Terrien Doucard, habilmente plantando pitões para prender a corda entre eles, a salvaram.

Enfim, eles chegaram à borda e encontraram Alustriel deitada, imóvel e fria. A única indicação de que sua carruagem mágica já havia estado lá era uma marca de queimadura onde a coisa havia caído, no chão da borda e contra a parede da montanha. Nem mesmo detritos permaneceram, pois a carruagem tinha sido inteiramente uma criação de magia.

O meio-elfo correu para sua líder caída e embalou a cabeça de Alustriel em um braço com gentileza. Metriz tirou um pequeno espelho da bolsa do cinto e o enfiou na frente da boca da senhora.

— Ela está viva! — anunciou a anã, jogando sua mochila para Terrien. As palavras pareceram inflamar o meio-elfo. Ele colocou a cabeça de Alustriel na borda com cuidado, depois revirou a mochila, arrancando vários cobertores grossos e envolveu sua senhora calorosamente, depois começou a esfregar rápido as mãos frias e nuas de Alustriel. O tempo todo, Metriz invocou seus deuses por feitiços de cura e calor, e deu cada grama de sua própria energia a esta maravilhosa líder de Lua Argêntea. Cinco minutos depois, Lady Alustriel abriu seus lindos olhos.

Ela respirou fundo e estremeceu, depois sussurrou algo que nem Metriz nem o cavaleiro podiam ouvir, então o meio-elfo se inclinou mais perto, colocou a orelha bem na boca dela.

— Nós aguentamos?

Terrien Doucard se endireitou e abriu um sorriso largo.

— O Vale do Guardião é nosso! — ele anunciou, e os olhos de Alustriel brilharam. Então ela dormiu, em paz, confiante de que esta sacerdotisa anã trabalhando com vigor iria mantê-la quente e bem, e ela estava confiante de que, qualquer que fosse o seu próprio destino, o bem maior tinha sido servido.

Para o bem de todos os povos bondosos!

Epílogo

Berg'inyon Baenre não ficou surpreso ao encontrar Jarlaxle e os soldados de Bregan D'aerthe esperando por ele muito abaixo da superfície, longe do Salão de Mitral. Assim que ouviu relatos de deserção, Berg'inyon percebeu que o mercenário pragmático estava provavelmente entre aquelas fileiras de drow que fugiam da guerra.

Methil havia informado Jarlaxle da abordagem de Berg'inyon, e o líder mercenário ficou realmente surpreso ao descobrir que Berg'inyon, o filho da Matriarca Baenre, o mestre de armas da Primeira Casa, também havia fugido em deserção. O mercenário imaginou que Berg'inyon lutaria para entrar no Salão de Mitral e morreria como sua mãe havia morrido.

De maneira estúpida.

— A guerra está perdida — observou Berg'inyon. Inseguro de si mesmo, ele olhou para Methil, pois não havia antecipado que o illithid estaria aqui, longe da matriarca. As feridas óbvias do illithid, um braço pendendo frouxo e um grande buraco na lateral de sua cabeça de polvo, com matéria cerebral grotesca escorrendo para fora, pegou Berg'inyon desprevenido também, pois ele nunca esperaria que alguém pudesse alcançar Methil e machucá-lo.

— Sua mãe está morta — respondeu Jarlaxle sem rodeios, arrancando a atenção do jovem Baenre do illithid ferido. — Assim como suas duas irmãs e Auro'pol Dyrr.

Berg'inyon assentiu, parecendo pouco surpreso.

Jarlaxle se perguntou se ele deveria mencionar que foi Matriarca Baenre quem assassinou a última. Ele guardou o pensamento, imaginando que poderia ser capaz de usar esse pouco de informação contra Berg'inyon mais tarde.

— Matriarca Zeerith Q'Xorlarrin liderou a retirada da porta inferior do Salão de Mitral — continuou o mercenário.

— E minha própria força alcançou aqueles drow que tentaram e falharam em entrar na porta leste — acrescentou Berg'inyon.

— E você os puniu? — Jarlaxle queria saber, pois ele ainda não tinha certeza dos sentimentos de Berg'inyon sobre tudo isso, ainda não tinha certeza se ele e seu bando estavam prestes a lutar outra batalha aqui nos túneis.

Berg'inyon zombou da ideia de punição, e Jarlaxle respirou um pouco mais leve.

Juntos, eles marcharam de volta para os caminhos sombrios e mais confortáveis de Menzoberranzan. Eles se ligaram a Zeerith e sua força logo depois, e muitos outros grupos de drow e humanoides se alinharam com o passar dos dias. Ao todo, mais de dois mil drow, um quarto deles soldados Baenre, morreram no ataque ao Salão de Mítral, e o dobro desse número de escravos humanoides foi morto, a maioria fora da montanha, nas encostas sul do Quarto Cimo e no Vale do Guardião. E um número semelhante de humanoides fugiu após as batalhas, fugindo para a superfície ou por outros corredores, arriscando-se no mundo desconhecido acima ou no Subterrâneo selvagem, em vez de voltar à vida torturada como escravos dos drow.

As coisas não tinham ido como Matriarca Baenre havia planejado. Berg'inyon entrou na linha enquanto a força silenciosa se afastava, deixando Zeerith controlar a procissão.

— Menzoberranzan levará muitos anos para se curar da loucura da Matriarca Baenre — comentou Jarlaxle a Berg'inyon mais tarde naquele dia, quando ele encontrou o jovem mestre de armas sozinho em uma câmara lateral enquanto o exército acampava em uma região de cavernas quebradas e túneis curtos e conectados.

Berg'inyon não discordou da declaração e não mostrou nenhuma raiva. Ele entendia a verdade nas palavras de Jarlaxle e sabia que muitos problemas chegariam à Casa Baenre nos próximos dias. Matriarca Zeerith estava indignada, e Mez'Barris Armgo e todas as outras matriarcas também ficariam, quando soubessem do desastre.

— A oferta permanece — disse Jarlaxle, e ele saiu da câmara, deixando Berg'inyon sozinho com seus pensamentos.

A Casa Baenre provavelmente sobreviveria, acreditava Berg'inyon. Triel assumiria seu governo e, embora tivessem perdido quinhentos soldados qualificados, quase dois mil permaneciam, incluindo mais de

trezentos dos famosos cavaleiros de lagarto. Matriarca Baenre também havia construído uma enorme rede de aliados fora da Casa, e mesmo esse desastre e a morte de Baenre tinham poucas chances de derrubar a Primeira Casa.

Haveria problemas de fato, porém. Matriarca Baenre era a força solidificadora. O que a Casa Baenre podia esperar do problemático Gromph sem ela?

E quanto a Triel? Berg'inyon se perguntou. Onde ele se encaixaria nos projetos da irmã? Agora ela seria livre para ter seus próprios filhos e trazê-los ao poder. O primeiro filho nascido dela seria preparado como o mago da Casa ou como candidato à posição de Berg'inyon como mestre de armas.

Quanto tempo, então, Berg'inyon tinha? Cinquenta anos? Cem?

Não muito tempo na vida de um elfo negro.

Berg'inyon olhou para o arco, para as costas do mercenário que partia, e considerou com cuidado a oferta de Jarlaxle para que ele se juntasse a Bregan D'aerthe.



O Salão de Mitral era um lugar de emoções mistas: lágrimas pelos mortos e vivas pela vitória. Todos choravam por Besnell e Firble, Regweld Harpell e tantos outros que morreram com bravura. E todos aplaudiam o Rei Bruenor e seus poderosos amigos, Berkthgar, o Audaz, Lady Alustriel, ainda cuidando de suas feridas doloridas, e Metriz Rasgagarra, heroína da Cidade Baixa e do Vale do Guardião.

E todos aplaudiam acima de tudo o fato de Gandalug Martelo de Batalha, o patrono do Clã Martelo de Batalha, ter, ao que parecia, retornado do túmulo. Como era estranho para Bruenor encarar seu próprio antepassado, ver o primeiro busto no Salão dos Reis ganhar vida!

Os dois anões sentaram-se lado a lado na sala do trono nos níveis superiores do complexo dos anões, flanqueados por Alustriel — com Metriz ajoelhada ao lado da cadeira da Senhora da Lua Argêntea,

mandando-a descansar! — à direita e Berkthgar à esquerda.

A celebração era geral em todo o complexo dos anões, da Cidade Baixa à sala do trono, um momento de reunião e de separação, um momento em que Belwar Dissengulp e Bruenor Martelo de Batalha enfim se encontraram. Através da magia de Alustriel, um encantamento que resolveu os problemas de linguagem, os dois foram capazes de forjar uma aliança entre Gruta das Pedras Preciosas e o Salão de Mitral que viveria por séculos, e foram capazes de trocar histórias sobre o drow, seu amigo em comum, em particular quando Drizzt estava vagando, um pouco longe demais para perceber que estavam falando sobre ele.

— É a maldita gata que me incomoda — Bruenor bufou em uma ocasião, alto o suficiente para que Drizzt ouvisse.

O drow caminhou, colocou um pé no estrado levantado que exibia os tronos e se inclinou para frente em seu joelho, muito perto de Belwar.

— Guenhwyvar humilha Bruenor — disse Drizzt na língua drow, uma língua que Belwar entendia um pouco, mas que não fora traduzida pelo feitiço de Alustriel para Bruenor. — Ela costuma usar o anão como cama.

Bruenor, sabendo que estavam falando sobre ele, mas incapaz de entender uma palavra, gritou em protesto — e protestou mais alto quando Gandalug, que também conhecia um pouco da língua drow, se juntou à conversa e à brincadeira.

— Mas com certeza a gata não usa a cabeça do filho do filho do filho do filho do filho do filho do filho de meu filho como travesseiro! — o velho anão uivou. — Dura demais para isso. Muito, muito!

— Por Moradin, eu deveria ter ido embora com os malditos drow — um Bruenor derrotado resmungou.

Essa ideia deixou o velho Gandalug sóbrio, tirou a alegria de seu rosto em um piscar de olhos.

Tal foi a celebração no Salão de Mitral, um momento de fortes emoções, boas e ruins.

Cattibrie observou tudo de lado, sentindo-se afastada e deslocada de uma forma estranha. Sem dúvidas ela ficou emocionada com a vitória,

intrigada com os svirfneblin, que ela havia encontrado uma vez antes, e ainda mais intrigada que o patrono do clã de seu pai havia sido milagrosamente devolvido ao complexo anão que ele havia fundado. Junto com esses sentimentos empolgantes, no entanto, a jovem sentiu uma sensação de conclusão. A ameaça drow ao Salão de Mitral terminou desta vez, e novas e mais fortes alianças seriam forjadas entre o Salão de Mitral e todos os seus vizinhos, até mesmo Nesmé. Bruenor e Berkthgar pareciam velhos amigos agora — Bruenor até sugeriu em várias ocasiões que ele poderia estar disposto a deixar o bárbaro empunhar Presa de Égide.

Cattibrie esperava que isso não acontecesse, e não achava que aconteceria. Bruenor havia insinuado a oferta generosa principalmente porque sabia que na verdade não lhe custaria nada, Cattibrie suspeitava. Após as façanhas de Berkthgar no Vale do Guardião, sua própria arma, Bankenfuere, estava bem a caminho como uma lenda entre os guerreiros de Pedra do Veredito.

Não importa quais sejam as façanhas de Berkthgar, Bankenfuere nunca rivalizaria com Presa de Égide, na mente de Cattibrie.

Embora ela estivesse quieta e reflexiva, Cattibrie não estava sombria, nem chorosa. Como todos no Salão de Mitral, ela havia perdido alguns amigos na guerra. Mas, como todos os outros, ela era endurecida pela batalha, aceitava os caminhos do mundo e era capaz de ver o bem maior que havia surgido da batalha. Ela riu quando um grupo de svirfneblin praticamente arrancou o pouco cabelo que tinha, tão frustrado estava ao tentar ensinar um grupo de anões bêbados a ouvir vibrações na pedra. Ela riu mais alto quando Regis entrou na sala do trono, com quilos de comida enfiados sob cada braço e já tão cheio que os botões em seu colete estavam quase explodindo.

E ela riu mais alto ainda quando Bidderdoo Harpell passou por ela, com Thibbledorf Pwent se ajoelhando atrás do mago, implorando a Bidderdoo para mordê-lo!

Mas permanecia uma solidão reflexiva por trás daquele riso, aquela sensação irritante de conclusão que não caía bem nos ombros de uma mulher que acabara de começar a abrir os olhos para o mundo inteiro.



Na sujeira esfumaçada do Abismo, o balor Errtu prendeu a respiração quando a drow bem torneada, o desastre delicado, se aproximou de seu trono de cogumelo.

Errtu não sabia o que esperar de Lolth; ambos testemunharam o desastre.

O balor observou enquanto a drow atravessava a névoa, o prisioneiro, o presente prometido, levado consigo. Ela estava sorrindo, mas no rosto da Senhora do Caos, nunca se podia adivinhar o que isso significava. Errtu sentou-se alto e orgulhoso, confiante de ter feito o que lhe foi instruído. Se Lolth tentasse culpá-lo pelo desastre, ele argumentaria, ele determinou, embora se ela de alguma forma tivesse descoberto sobre a pedra antimagia que ele havia enviado junto com o glabrezu...

— Você trouxe meu pagamento? — explodiu o balor, tentando soar imponente.

— Claro, Errtu — respondeu a Rainha Aranha.

Errtu inclinou sua tremenda cabeça com chifres. Não parecia haver engano em seu tom ou em seus movimentos enquanto ela empurrava o prisioneiro em direção ao balor gigantesco ali sentado.

— Você parece satisfeita — Errtu ousou comentar.

O sorriso de Lolth quase chegou a suas orelhas, e Errtu entendeu. Ela estava satisfeita! A velha infeliz, a mais perversa dos ímpios, estava feliz com o resultado. Matriarca Baenre se fora, assim como toda a ordem em Menzoberranzan. A cidade drow conheceria seu maior caos agora, uma emocionante guerra interna e uma verdadeira teia de aranha de intriga, camadas sobre camadas de mentiras e traição, através de cada uma das Casas governantes.

— Você sabia que isso aconteceria desde o início! — acusou o Balor.

Lolth riu alto.

— Eu não previ o resultado — assegurou ela a Errtu. — Eu não sabia que Errtu seria tão engenhoso em proteger aquele que poderia acabar com seu banimento.

Os olhos do balor se arregalaram e suas grandes asas de couro se dobraram ao seu redor, um movimento simbólico, se ineficaz, de

defesa.

— Não tema, meu aliado diabólico — murmurou Lolth. — Eu vou te dar uma chance de se redimir aos meus olhos.

Errtu rosnou baixo. Que favor a Rainha Aranha queria dele agora?

— Estarei ocupada nas próximas décadas, temo — continuou Lolth —, ao tentar acabar com a confusão em Menzoberranzan.

Errtu zombou.

— Você nunca desejaria uma coisa dessas — respondeu ele.

— Estarei ocupada assistindo a confusão então — Lolth estava disposta a admitir. Quase como uma reflexão tardia, ela acrescentou —, e observando o que você deve fazer por mim.

Mais uma vez emitiu aquele rosnado demoníaco.

— Quando você estiver livre, Errtu — disse Lolth sem parar —, quando você tiver Drizzt Do'Urden enredado em seu chicote impiedoso, mate-o devagar, dolorosamente, para que eu possa ouvir todos os seus gritos! — A Rainha Aranha ergueu os braços e desapareceu com uma onda de energia negra crepitante.

Os lábios de Errtu se curvaram em um sorriso maligno. Ele olhou para o prisioneiro lamentável, a chave para quebrar a vontade e o coração de Drizzt Do'Urden. Às vezes, parecia que a Rainha Aranha não pedia muito.



Fazia duas semanas desde a vitória, e no Salão de Mitral a celebração continuava. Muitos haviam partido — primeiro os dois homens remanescentes de Nesmé e os Longinetes, junto com Harkle e Bella don DelRoy — embora Pwent enfim tenha convencido Bidderdoo a ficar por lá por um tempo. Então Alustriel e seus Cavaleiros de Prata restantes, setenta e cinco guerreiros, começaram sua jornada de volta a Lua Argêntea com as cabeças erguidas, a senhora pronta para enfrentar os desafios de seus rivais políticos de frente, confiante de

que ela havia feito o certo ao vir em auxílio do rei Bruenor.

Os svirfneblin não estavam com pressa de sair, no entanto, apreciando a companhia do Clã Martelo de Batalha, e os homens de Pedra do Veredito juraram ficar até que o último hidromel do Salão de Mitral fosse drenado.

Longe da montanha do complexo dos anões, em uma planície fria e varrida pelo vento, Cattibrie estava sentada no topo de um belo ruão — um dos cavalos que pertenceram a um dos cavaleiros mortos de Lua Argêntea. Ela sentou-se em silêncio e confiante, mas a dor em seu coração enquanto olhava para o Salão de Mitral não era menos intensa. Seus olhos examinaram as trilhas para a saída rochosa das montanhas, e ela sorriu, nem um pouco surpresa, ao ver um cavaleiro descendo.

— Eu sabia que você me seguiria até aqui — disse ela a Drizzt Do'Urden quando o ranger se aproximou.

— Todos nós temos nosso lugar — respondeu Drizzt.

— E o meu não está agora no Salão de Mitral — disse Cattibrie severa.
— Você não vai me fazer mudar de ideia!

Drizzt fez uma pausa por um longo tempo, estudando a jovem determinada.

— Você falou com Bruenor? — ele perguntou.

— Claro — respondeu Cattibrie. — Você acha que eu deixaria a casa do meu pai sem bênçãos?

— Bênçãos que ele deu de má vontade, sem dúvida — observou Drizzt. Cattibrie se endireitou na sela e firmou sua mandíbula.

— Bruenor tem muito o que fazer — disse ela. — E ele tem Regis e você... — ela fez uma pausa e segurou esse pensamento, notando a pesada mochila amarrada atrás da sela de Drizzt — e Gandalug e Berkthgar ao lado dele — ela terminou. — Eles nem sequer descobriram o que é governar e o que é assistir, embora eu ache que Gandalug deixará Bruenor continuar como rei.

— Esse seria o caminho mais sábio — concordou Drizzt. Um longo momento de silêncio se passou entre eles.

— Berkthgar fala sobre partir — disse Drizzt de repente. — Em voltar para Vale do Vento Gélido e os caminhos antigos de seu povo.

Cattibrie assentiu. Ela tinha ouvido tais rumores.

Outra vez aquele silêncio desconfortável. Cattibrie por fim desviou os olhos do drow, pensando que ele a estava julgando, pensando, em seu momento de dúvida, que ela estava sendo uma filha terrível para Bruenor, terrível e egoísta.

— Meu pai não tentou me impedir — ela deixou escapar com um tom de finalidade —, e você também não pode!

— Eu nunca disse que saí para tentar impedi-la — respondeu Drizzt com calma.

Cattibrie fez uma pausa, não muito surpresa. Quando ela disse pela primeira vez a Bruenor que estava indo embora, que ela tinha que sair do Salão de Mitral por um tempo e testemunhar as maravilhas do mundo, o anão rude havia berrado tão alto que Cattibrie pensou que as paredes de pedra cairiam em ambos.

Eles se reencontraram dois dias depois, quando Bruenor não estava tão cheio da água benta dos anões, e para surpresa e alívio de Cattibrie, seu pai estava muito mais razoável. Ele entendia o coração dela, ele garantia, embora sua voz áspera quebrasse enquanto pronunciava as palavras, e ele percebeu que ela tinha que ir, tinha que sair e aprender quem ela era e onde se encaixava no mundo. Cattibrie pensou nas palavras estranhamente compreensivas e filosóficas de Bruenor, e agora, de frente para Drizzt, ela tinha certeza de sua fonte. Agora ela sabia com quem Bruenor havia conversado entre as reuniões.

— Ele te enviou — ela acusou Drizzt.

— Você estava indo embora e eu também — respondeu Drizzt casualmente.

— Eu simplesmente não podia passar o resto dos meus dias nos túneis — disse Cattibrie, de repente sentindo-se como se tivesse que se explicar, revelando a culpa que pesava muito sobre ela desde sua decisão de sair de casa. Ela olhou ao redor, com seus olhos examinando o horizonte distante. — Há muito mais para mim. Eu sei disso em meu coração. Eu soube desde que Wulfgar...

Ela fez uma pausa e suspirou e olhou para Drizzt impotente.

— E mais para mim — disse o drow com um sorriso travesso —, muito mais.

Cattibrie olhou por cima do ombro, de volta para o oeste, onde o sol já estava começando a descer.

— Os dias são curtos — observou ela — e a estrada é longa.

— Tão longa quanto você a considerar — disse Drizzt para ela, chamando seu olhar de volta para ele. — E os dias são tão curtos quanto você permitir que eles sejam.

Cattibrie olhou para ele com curiosidade, não entendendo essa última declaração.

Drizzt estava com um sorriso largo enquanto explicava, tão cheio de antecipação quanto Cattibrie.

— Um amigo meu, um velho ranger cego, uma vez me disse que se você cavalgar forte e rápido o suficiente para o oeste, o sol nunca se porá para você.

No momento em que ele terminou a declaração, Cattibrie havia conduzido seu ruão e estava a galope pela planície congelada em direção ao oeste, em direção a Nesmé e Sela Longa além disso, em direção à poderosa Waterdeep e à Costa da Espada. Ela se inclinou na sela, com sua montaria correndo rápido, sua capa ondulando e estalando no vento atrás dela e seu cabelo arruivado grosso voando descontrolado.

Drizzt abriu uma bolsa de seu cinto e olhou para a estatueta de ônix. Ninguém poderia pedir melhores companheiros, ele pensou, e com um olhar final para as montanhas, para o Salão de Mitral, onde seu amigo era rei, o ranger instigou seu garanhão em um galope e foi atrás de Cattibrie.

Para o oeste e as aventuras do mundo.

DEMÔNIOS!

Para piorar as coisas, alguns momentos depois, Matriarca Baenre estava lançando mais um feitiço, abrindo um portal planar para o Abismo, invocando um poderoso glabrezu para ajudar em sua caça. Em sua mente reitorida e sempre desconfiada, Errtu passou a acreditar que essa convocação foi promulgada apenas para atormentá-lo, para pegar um dos seus e usar a criatura para facilitar o fim do pacto. Era assim que funcionava com Tanar'ri, e com todos os miseráveis do Abismo, incluindo Lolth. Essas criaturas não tinham confiança umas nas outras, já que elas mesmas não a mereciam de ninguém além de um tolo. E eles eram um grupo extremamente egoísta, cada um deles. Aos olhos de Errtu, cada ação girava em torno dele, porque nada mais importava, e assim, Baenre convocar um glabrezu agora não era coincidência, mas uma adaga cravada por Lolth no coração frio de Errtu.



Table of Contents

Orelhas

Créditos

Mapa

Prólogo

Parte 1

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Parte 2

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Parte 3

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Parte 4

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Parte 5

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Epílogo

4ª Capa